



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
ESTUDOS LITERÁRIOS

BEATRIZ AZEVEDO DA SILVA

JACINTA PASSOS:
poesia, política e devoção

BEATRIZ AZEVEDO DA SILVA

JACINTA PASSOS:
poesia, política e devoção

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, com ênfase em Estudos Literários, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora Prof.^a Dra. Constância Lima Duarte.

Belo Horizonte
2022

P289.Ys- Silva, Beatriz Azevedo da.
Jacinta Passos [manuscrito] : poesia, política e devoção /
Beatriz Azevedo da Silva. – 2022.
252 f., enc. : il., fots., (color.)

Orientadora: Constância Lima Duarte..

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 210-220.

Anexos: 221-233.

Apêndices: 190-209.

1. Passos, Jacinta, 1914-1973 – Crítica e interpretação –
Teses. 2. Mendes, Murilo, 1901-1975. – Crítica e interpretação –
Teses. 3. Schmidt, Augusto Frederico, 1906-1965. – Crítica e
interpretação – Teses. 4. Lima, Jorge de, 1895-1953. – Crítica e
interpretação – Teses. 5. Política e literatura – Teses. 6. Poesia
brasileira – História e crítica – Teses. 7. Mulheres na literatura –
Teses. 8. Religião e literatura–Teses. 9. Feminismo e literatura –
Teses. I. Duarte, Constância Lima. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.13



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada *Jacinta Passos: poesia, política e devoção*, de autoria da Doutoranda BEATRIZ AZEVEDO DA SILVA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Profa. Dra. Constância Lima Duarte - FALE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury - FALE/UFMG

Profa. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila - FALE/UFMG

Profa. Dra. Aline Alves Arruda - IFMG

Profa. Dra. Mariana Fernandes dos Santos - IFBA

Belo Horizonte, 27 de abril de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Zilda Ferreira Cury, Professora do Magistério Superior**, em 27/04/2022, às 19:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Fernandes dos Santos, Usuário Externo**, em 28/04/2022, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Alves Arruda, Usuário Externo**, em 28/04/2022, às 08:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Myriam Correa de Araujo Avila, Chefe**, em 28/04/2022, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Constancia Lima Duarte, Professora do Magistério Superior**, em 02/05/2022, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Coordenador(a)**, em 02/05/2022, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Agradecimentos

A Tico por todo o apoio e torcida em mais um momento de grande desafio. Obrigada pela generosidade, pela partilha, pelas leituras e por todo o apoio nesta longa jornada. Obrigada por seu companheirismo e bom humor que me ajudaram a transformar o peso de alguns dias em boas risadas. A você toda minha gratidão e amor.

À minha mãe, Maria, igualmente pelo apoio em todos os momentos de minha vida e em especial no ano de 2018, quando da minha estadia em Belo Horizonte. Obrigada por tudo, minha, a senhora é meu maior exemplo de mulher: feminista, corajosa, amorosa e generosa. Amo-te.

À minha orientadora Constância Lima Duarte, professora, pesquisadora e mulher por quem sempre tive e tenho muita admiração e respeito. Sou grata pelo seu profissionalismo na condução do trabalho em seu aspecto técnico e por sua generosidade e verdadeira sororidade. Agradeço também pela forma tranquila e humanizada com que conduziu a nossa jornada até aqui. A você todo o meu carinho e minha eterna gratidão. Foi para mim uma honra ter sido orientada por você e mais do que isto, um sonho realizado.

Ao Poslit pela oportunidade que me foi concedida de estar em uma Universidade de excelência como a UFMG. Agradeço aos coordenadores e servidores da Secretaria pelo atendimento cordial e pela paciência quando de nossas demandas mais difíceis.

Ao corpo docente em especial nas pessoas dos estimados professores Marcus Vinícius Freitas, pela inequívoca contribuição para o trabalho e por seu acolhimento e generosidade, minha eterna gratidão e respeito.

Às amigas que coloriram o caminho e que tornaram incrível essa difícil e também poética jornada, em especial a Joyce Rodrigues, Suelen Trevisan, Bruna Kalil Othero e Mariana Magalhães pela generosidade, partilha e inestimáveis momentos de companheirismo que passei com vocês. Guardarei em um lugar bonito essas memórias.

Resumo: Esta tese visa analisar a obra da escritora Jacinta Passos de modo a identificar em sua poesia a relação devocional com o sagrado, a partir da identificação com os símbolos Cristãos e verificar como essa devoção se desloca para a relação que a mesma estabelece com um partido político, o PCB. Buscamos também estabelecer um estudo comparativo entre sua poesia católica e a dos poetas Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima. Revisitamos a cobertura do trabalho feminino que a escritora fez durante a Segunda Guerra Mundial através da *Página Feminina*, no Jornal *O Imparcial*. Para proceder à análise, utilizamos como principal aporte teórico o campo dos Estudos Historiográficos, dos Estudos Culturais e da Crítica Feminista e da Filosofia.

Palavras-chave: Poesia; política; religiosidade; devoção; ativismo; trabalho feminino.

Abstract: This thesis aims to analyze the work of the writer Jacinta Passos in order to identify in her poetry the devotional relationship with the sacred, from the identification with Christian symbols and to verify how this devotion moves to the relationship that she establishes with a political party, the PCB. We seek to establish a comparative study between his catholic poetry and that of the poets Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt and Jorge de Lima. We also revisited the coverage of women's work during the Second World War through the Women's Page, in the newspaper *O Imparcial*. To proceed with the analysis, we used the field of Historiographic Studies, Cultural Studies and Feminist Criticism as the main theoretical contribution.

Keywords: poetry; politics; religiosity; devotion; activism; women's work.

SUMÁRIO

Palavras iniciais	10
1. Primeira devoção: a poesia e a fé católica	
1.1 Primeira fase poética: o bucólico, a fé e a crítica social	22
1.2 Poesia religiosa: Jacinta Passos, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt	39
1.2.1 Murilo Mendes: aproximações poéticas	45
1.2.2 Jorge de Lima: o ofício do poeta guiado por Deus	49
1.2.3 Augusto Frederico Schmidt: Deus como força totalizadora.....	55
1.3 Impressões: Jacinta Passos na transição da fé	59
2. Segunda fase: poesia em transformação	
2.1 Poesia no mundo, ativismo humanista.....	60
2.2 A escrita de Jacinta e o contexto histórico brasileiro.....	63
2.3 Vozes assonantes: Jacinta, outros poetas e a guerra	70
2. A Coluna: outra devoção, outro deus	
3.1 Um novo receptáculo para a fé	78
3.2 Coluna Prestes (1924-1927): antecedentes históricos.....	81
3.3 A Construção literária do herói	88
3.4 A Coluna nos versos de Jacinta: a Marcha e seus símbolos.....	91
4. Mulher, escritora e feminista	
4.1 A vivência pessoal e a sororidade como “arma” poética	115
4.2 Contraponto ao patriarcado: o desvencilhar das amarras.....	126
4.3 Jacinta jornalista: a valorosa contribuição às leitoras da <i>Página</i> <i>Feminina</i>	133
5. O “eu-mulher” no mundo através do eu lírico	
5.1 O fio da navalha que corta a alma: o liame e o limite entre a “loucura” e a lucidez	160
5.2 Tempo partido: rupturas, fundas dores.	171

5.3: <i>Comprimidos poéticos</i> : escrever para não morrer, <u>escreviver</u>	176
Palavras nunca finais	187
Apêndice	190
Referências	
Anexos	

Palavras iniciais

A escolha de um objeto de estudo para um trabalho acadêmico diz muito de nossa relação com o mundo, da forma como este objeto/sujeito reverbera em nossa vida. O interessante, na verdade, é que não se trata apenas de uma escolha individual, como se estivéssemos acima daquele objeto, mas também, por força de nossa trajetória, que invariavelmente nos leva até questões que desejamos compreender melhor.

Conheci a obra de Jacinta Passos através de um dos raros programas de literatura na televisão, o *Leituras*, da TV Senado. Nesse contexto, assisti a uma entrevista com uma de suas biógrafas, que explicava como havia sido a experiência da escrita de seu livro. Escolhi pesquisar sua obra e sua vida não somente por seus sonetos ou versos livres que me tocaram profundamente devido à força e ao lirismo que imprimem, mas também porque essa autora ainda fala conosco, mulheres de agora, sobre a coragem que precisou ter para ser mulher em seu tempo. Jacinta foi uma mulher que buscou se manter lúcida, por meio da literatura, em uma sociedade que enclausura e alija ao esquecimento aquelas que, de alguma forma, foram impossibilitadas de decidir sobre seu destino em um dado momento de suas vidas.

Retomar parte da vida e da obra de Jacinta Passos é necessário em função do quase total desconhecimento de sua existência enquanto intelectual das Letras. Sua figura é de importância, primeiramente, por conta de sua relevância como escritora para o contexto político e histórico em que viveu, além do fato de ter sido uma relevante voz feminina em sua época, já que fez questão de discutir sobre a atuação das mulheres durante a Segunda Guerra Mundial.

Jacinta destacou o trabalho de mulheres na retaguarda de guerra, além de lhes dar visibilidade em seus poemas, especialmente quando retoma aquelas que também foram importantes na luta que a esquerda travava no Brasil durante o Estado Novo, como Olga Benário, Vera de Magalhães, dentre outras, sem deixar de mencionar as anônimas, como as que aderiram à marcha d'A Coluna em 1924.

Rememorar essa trajetória pessoal é fundamental para compreendermos como sua literatura se transforma com o desenrolar dos acontecimentos. Essa aproximação entre a vida e a obra não é para todos os escritores, mas para a escritora em questão sua interação com a política, em sua forma institucionalizada, reverberou significativamente na produção poética.

Como uma poesia que enaltecia as imagens de Jesus, Maria e outros símbolos sagrados católicos evolui para uma poesia que, com a mesma intensidade, enaltece um partido político, sua ideologia e seus principais representantes? Apesar da total oposição entre religiosidade e a ideologia comunista, percebe-se que a escritora constrói, de fato, outra devoção.

Duas pesquisadoras retomaram a obra e vida de Jacinta nas últimas décadas. Dalila Machado publicou, em 2000, *A história esquecida de Jacinta Passos*, em que lança luz sobre a existência da poetisa¹ desde a tenra infância, em Cruz das Almas, Bahia, até seus últimos dias, em uma clínica psiquiátrica, em Aracaju. Ademais, há Janaína Amado, historiadora e filha de Jacinta que revisitou, dez anos depois, a biografia da escritora, bem como faz o resgate de toda sua obra em *Jacinta Passos: coração militante* (2010). Esse esforço em publicar Jacinta foi fundamental para retirar a escritora da total invisibilidade em que ela estava posta.

O que buscamos com a presente tese é contribuir para manter vivas a memória e a obra da autora, levando-se em consideração que muitas escritoras brasileiras estiveram historicamente sob o véu do esquecimento, o qual buscamos desnudar em um exercício de “escovar a história a contrapelo”, de maneira a promover “a demolição da história universal, a eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor” (BENJAMIN *apud* LÖWY, 2011, p. 21).

Outro dado importante a ser observado é que Jacinta enfrentou o estigma do adoecimento psíquico tendo como companheira a escrita, que certamente a salvou num contexto em que o tratamento para as doenças mentais era desumanizado. Dalila Machado faz uma importante observação sobre este fato, a qual poderá nortear a discussão que pretendemos elaborar neste trabalho:

Como uma jovem, oriunda de família da aristocracia rural do interior da Bahia, evolui católica, intimamente ligada ao clero baiano, para comunista filiada ao PCB, torna-se escritora e, finalmente, deixa-se confinar em um sanatório para doentes mentais com o diagnóstico de esquizofrenia paranoide? (MACHADO, 2000, p.15)

O questionamento feito pela pesquisadora diz muito a respeito de outras indagações que mantemos sobre a trajetória da escritora: teria sido ela uma mulher

¹ Apesar da polêmica em torno dos termos poeta/poetisa, fomentada na literatura brasileira nas décadas de 1930 e 1940 por diversos críticos, em especial por Otto Maria Carpeaux, que afirmou que “A sra. Cecília Meireles não era poetisa, mas poeta e grande poeta”, tornando, assim, o sufixo “isa”, antes definidor da flexão de gênero, para designar as autoras que eles decidiam considerar “menor” e “inferior”, optamos por utilizar para Jacinta Passos, e para as demais escritoras citadas no trabalho, a forma poetisas. Foi o receio de não serem valorizadas em seu trabalho poético que levou muitas mulheres a se autodenominarem no masculino, como, aliás, a própria Cecília Meireles: “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa./ Não sou alegre nem sou triste/ sou poeta” (*Viagem*, 1939).

desprovida de sanidade mental ou estaria Jacinta fadada a um destino que tantas mulheres tiveram ao longo da história por “apresentarem” “distúrbios” ou, em alguns casos, comportamentos inaceitáveis para o seu grupo familiar e social?

A relação entre o feminino e os comportamentos “desviantes”, como a expressão do desejo e o livre exercício da sexualidade – que também historicamente esteve associada a doenças psíquicas nas mulheres –, favoreceram a ideia de que esses impulsos deveriam ser controlados no corpo feminino, e esse controle, pensando no contexto cristão desde a Idade Média, era exercido através do envio de mulheres, inclusive daquelas que não eram vocacionadas, aos conventos. No caso do Brasil, tem-se:

A prática do confinamento nos conventos e recolhimentos femininos coloniais, bem como em instituições congêneres em outros países fundamentava-se no princípio de que apenas o isolamento tornaria possível o distanciamento das coisas terrestres [...] bem como para o fortalecimento do considerado frágil caráter feminino. (FERREIRA, 2011, p. 25)

Com a necessidade de domesticar o corpo feminino e seus impulsos, outras instituições também irão desempenhar esse espaço de vigilância e controle, tal como veremos mais ao fim desta seção. Haveria, no caso de Jacinta, a necessidade do enclausuramento em hospitais psiquiátricos ou se buscava conter, ou, ainda, esconder aquilo de que sua família almejava desvencilhar-se?

Esse é um dado importante da vida da escritora, tendo em vista que, historicamente, muitas mulheres foram enclausuradas por motivos diversos. Entre eles estão a “desobediência” aos padrões de comportamento vigentes, como a gravidez fora do casamento e o exercício da sexualidade, que, em famílias mais tradicionais eram severamente reprimidos, ou alguma questão de ordem psíquica, que poderia ser resolvida com acompanhamento terapêutico adequado, como no caso de Jacinta.

A escritora publicou quatro livros, a saber: *Momentos de poesia* (1942), *Canção da partida* (1945), *Poemas políticos* (1951) e *A Coluna* (1957). A primeira publicação foi em coautoria com seu irmão, Manoel Caetano da Rocha Filho, com quem tinha grande afinidade e quem a apresentou ao círculo cultural e político de Salvador. O livro está dividido em duas partes, “Momentos de poesia”, de sua autoria, e “Mundo em agonia”, de Manoel Caetano. “Momentos de poesia” é composta por 38 poemas e grande parte deles apresenta uma temática que remete ao sagrado. Em *Canção da partida* (1945), são encontrados alguns poemas de primeira publicação e, no aspecto temático, retoma-se a infância e investe-se nas imagens bucólicas que foram cenário dessa fase de sua vida em Cruz das Almas.

As primeiras obras de Jacinta Passos foram escritas em um contexto de intensa movimentação no campo da política: no plano nacional, tem-se a instauração do Estado Novo¹ em 1937, marcado pela centralização do poder na figura de Getúlio Vargas, o qual governou o país por meio de uma gestão intervencionista e pautada no anticomunismo:

O Estado Novo foi formalmente instituído por um golpe de Estado no dia 10 de novembro de 1937[...] Um golpe anunciado, sem reação, silencioso. [...] O golpe não representou uma ruptura, [...] mas sim a consolidação de um processo de fechamento e repressão que vinha sendo lentamente construído, com o apoio de intelectuais, políticos civis e militares. (D'ARAÚJO, 2000, p.11)

No plano internacional, a Alemanha invade a Polônia em setembro de 1939, dando início à Segunda Guerra Mundial, evento que também marcou a produção da poetisa, tanto nos textos literários que escreveu quanto em artigos que publicou em jornais. Nesse ambiente de autoritarismo, a cultura brasileira buscou espaço para não ser asfixiada – já que o governo havia criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1932, órgão de controle diretamente ligado à Presidência da República. De um lado, havia esse ambiente de censura, mas, ao que parece, houve, por parte do governo, algumas concessões em relação a setores da cultura nacional. De acordo com Maria Capelato

O apoio de intelectuais e artistas ao Estado Novo e a convivência “pacífica” dos que se opunham ao governo autoritário com o Ministério da Educação, representado por Capanema, (Gustavo Capanema², ministro da pasta) permitem explicar uma das características peculiares do regime. [...] a

¹ O ambiente, durante esse regime, era de perseguição a qualquer indivíduo ou grupos que se relacionassem com o ideário comunista que fora defendido em 1935 com a Intentona Comunista sob o comando de Luís Carlos Prestes. Com esse caldo de cultura, em 1937, circula em jornais a falsa notícia de que haveria um plano para tornar o Brasil um país comunista – o Plano Cohen – e, há alguns meses das eleições, o golpe é implantado com a justificativa de conter “essa iniciativa”. O levante militar teve início em Natal-RN e, de acordo com SODRÉ (1986, p. 85-86), “Ao meio-dia, os elementos comprometidos com o levante em preparo prenderam no quartel os que poderiam opor-se ao movimento e, em seguida, o próprio chefe de polícia. [...] Dominada a cidade, instalava-se o Governo Revolucionário Popular, na residência oficial do governador, composto por um sapateiro, um funcionário público, um estudante, um funcionário dos Correios e um sargento.”

² Ministro da Educação à época. Jacinta Passos escreve, em 1943, no jornal *O Imparcial*, o artigo “Os estudantes e a guerra”, em que discorre sobre a importância da participação dos jovens na mobilização contra o fascismo através do Congresso de Guerra dos Estudantes naquele ano. Neste texto, cita o ministro Gustavo Capanema e o próprio Presidente Vargas quando enaltece os estudantes e a luta antifascista: “[...] Vozes autorizadas como a do ministro Capanema, que falou em nome do presidente Vargas, como a do grande general Manuel Rabelo e, recentemente, do comandante Amaral Peixoto, levaram o apoio do Governo e do Exército aos nossos bravos moços estudantes”. (PASSOS, *apud*, AMADO, p. 280)

postura controvertida de Gustavo Capanema, [...] foi responsável pela atitude conciliatória e ambígua do Estado Novo no plano da cultura [...]. (CAPELATO, 2007, p. 126).

Trata-se de um contexto marcado pela ambiguidade de um governo, pois, ao mesmo tempo em que o Estado negociava com alguns setores da sociedade civil organizada, por outro lado promovia a perseguição a intelectuais que se opunham ao regime político estabelecido, a exemplo de Graciliano Ramos³, preso em 1936. É um ano antes da oficialização do golpe que Jacinta Passos publica suas obras.

A repressão era especialmente direcionada a intelectuais que tinham claras suas orientações políticas, sobretudo quando contrárias ao governo e quando francamente comunistas. Em novembro de 1937, o romance *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado, e outras obras, consideradas subversivas pelo regime, foram queimadas em uma fogueira por militares responsáveis pela censura.

Nessa luta anticomunista travada pelo governo Vargas, os livros foram vistos como um símbolo de desvirtuação da ordem vigente: “A partir do momento em que o Estado criou um órgão dedicado a reprimir ideias sediciosas, caçar a palavra impressa e penalizar seus mentores, anulava-se a noção de sociedade civil” (CARNEIRO, 2006, p. 157).

Obras importantes para a Literatura Brasileira são publicadas entre os anos 1930 e 1950, período em que Jacinta também produz suas obras. Na prosa, destacam-se escritores como Rachel de Queiroz, que publica *O Quinze* (1930), José Lins do Rêgo, autor de *Menino de Engenho* (1932), Graciliano Ramos, escritor de *Vidas Secas* (1938) e *Memórias do Cárcere* (1953), e Jorge Amado, com o já mencionado *Capitães da areia* (1937). Na poesia, destacaram-se Carlos Drummond de Andrade com *Alguma poesia* (1930) e *A rosa do povo* (1945), Cecília Meireles e seu livro *Romanceiro da Inconfidência* (1953), Jorge de Lima, autor de *Poemas negros* (1947), e Murilo Mendes, com *História do Brasil* (1932) e *O Visonário* (1941).

A segunda geração modernista se insere no contexto dos anos 1930 a 1945, um período marcado por grande agitação política no Brasil por conta da Revolução de 1930 e da instauração do Estado Novo em 1937, além dos conflitos que deram início à Segunda Guerra Mundial. Essa foi uma época marcada pela efervescência cultural, pela

³ O livro *Memórias do cárcere*, em que o autor remonta ao momento de sua prisão, foi publicado postumamente, em 1953, e, de acordo com BASTOS (1988, p. 91), “A época de redação do livro coincide com o período de militância de Graciliano Ramos pelo Partido Comunista [...]”.

criação do Ministério da Cultura e de toda a máquina burocrática do governo federal, à qual grande parte dos intelectuais que produziram nesse ínterim buscava se adaptar.

Um segmento significativo da produção literária desse contexto apresentava um quadro heterogêneo: a estética, a orientação política e a perspectiva ideológica se tornaram marcas dessa efervescência cultural, o que também ocorreu por conta da organização de intelectuais em torno do fortalecimento do campo cultural no país. No campo literário, tem-se o seguinte cenário:

[...] os autores que estrearam na década de 1930 aparecem em dois [...] subitens, “Regionalismo” e “Psicologismo e costumismo”. A caracterização dessas duas tendências reforça tanto a filiação ao modernismo de 1922 quanto o caráter dividido do período. O subitem “Regionalismo” é introduzido pelo seguinte parágrafo [...]: “Reúnem-se aqui os ficcionistas que, na década de 1930, desenvolveram o regionalismo brasileiro à luz dos princípios estéticos postos em vigor pelo modernismo [...] quanto ao subitem “Psicologismo e costumismo” “Reúnem-se os escritores que se caracterizam pela ênfase na análise psicológica e de costumes, muito deles tendo-se colocado em reação ao “romance do Nordeste” (na década de 30). (BUENO, 2012, p. 18)

Alguns escritores citados anteriormente publicaram obras que apresentam características do regionalismo e que tinham relação com a realidade social do país. Nelson Werneck Sodré (1982, p. 03) afirma que não seria possível conceber que uma “obra de arte nasce inteira e acabada da cabeça dos autores, sem raízes, sem condicionamentos, sem nenhum laço com o meio”.

Quanto ao segundo espectro, mais intimista, o autor destaca os escritores Lucio Cardoso, que publicou, em 1936, *A luz no subsolo*, obra na qual “prova que a introspecção e a análise psicológica constituem a verdadeira natureza do Sr. Lúcio Cardoso” (LINS *apud* SILVA, 2012, p. 58), e que se distingue, por seu turno, de *Maleita* (1934), de forte traço regionalista, tendo Pirapora e sua cultura como cenário para a narrativa, e *Salgueiro* (1935), romance em terceira pessoa que traz o morro do Salgueiro, no Rio de Janeiro, como ponto de limitação entre os habitantes da cidade e suas diferenças sociais abissais.

Luiz Bueno cita, ainda, nomes como Cornélio Penna, autor católico que escreveu *Frenteira* (1935), obra na qual os personagens são envolvidos em uma aura melancólica e introspectiva, e *Dois romances de Nico Horta* (1938), marcado pelo “antirrealismo”, como classificou Mário de Andrade. Daí tem-se o caráter diverso da geração de 1930, sobretudo no romance: “a arte da década de 30 não poderá, portanto,

abraçar qualquer projeto utópico e se colocará como algo muito diverso do que os modernistas haviam levado a cabo” (BUENO, 2006, p. 68).

A obra de Jacinta Passos parece se aproximar das que foram produzidas nos anos 1930 e que estão localizadas no primeiro espectro apontado pelo autor, conforme descrito anteriormente. Tentaremos demonstrar, ao longo do trabalho, de que maneira essa obra se constrói e qual relação opera com alguns dos autores citados, especialmente os que expressaram determinado ativismo político e social.

As primeiras obras de Jacinta Passos – *Nossos poemas (Momentos de poesia)* (1942) e *Canção da partida* (1945) – fazem parte da que consideramos como sua primeira fase poética, ainda que constem nesses livros reflexões sobre questões sócio históricas importantes, tais como a escravização

, o trabalho no campo e a questão de mulheres, sobretudo as trabalhadoras rurais, descendentes de ex-escravizados, e trabalhadoras domésticas.

Poemas políticos (1951) é o livro que marca a transição da autora para uma escrita particularmente político-partidária e ideológica, até chegar ao ponto de publicar *A Coluna* (1957), em homenagem a Luís Carlos Prestes. No poema em tom épico, a figura de Prestes pode ser lida como uma espécie de semideus, um “salvador e libertador” do povo brasileiro através da marcha que empreendeu junto a outros homens e mulheres em enfrentamento ao Governo Artur Bernardes, durante a Primeira República. Neste trecho, a voz poética enaltece o poder de comando do líder da marcha:

[...]

O capitão

Cavaleiro que passa a galope
Tão veloz no cavalo alazão
O seu nome é Luiz Carlos Prestes
Comandante sem par, capitão. [...]

Esse é o momento na escrita de Jacinta em que a “nova devoção” fica mais clara. Se, antes, a relação do homem com seu meio, suas dificuldades materiais e o questionamento existencial estavam direcionados a Deus, em *A Coluna* o herói do homem é o próprio homem, as transformações que tanto almejava não serão mais feitas por intermédio da fé no transcendental, na “força sagrada suprema”. A mudança no mundo seria promovida por meio da revolução e dos revolucionários que adoravam o seu líder e o seguiram na sua longa marcha.

Além dos livros citados, de acordo com uma de suas biógrafas, e também sua filha, Janaína Amado (2010), Jacinta publicou inúmeros outros textos, como artigos para jornais e revistas, contos, canções, peças de teatro e itens de radioteatro. Ela escreveu intensamente durante os períodos de isolamento nas clínicas em que ficou internada, e esses textos foram reunidos por Janaína Amado no livro *Jacinta Passos: coração militante* (2010), conferindo-lhes o título de *Comprimidos poéticos*, cujos trechos serão analisados nesta tese.

O estudo está organizado em cinco capítulos: no primeiro, é feita uma análise daquela que pode ser lida como a primeira fase poética da escritora, cujo título “Primeira devoção: a fé católica e a fé na vida” coteja seus poemas religiosos e seu trajeto na vida e na literatura. Esta parte está subdividida em “Primeira fase poética”, “Poesia religiosa: Jacinta Passos, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt”, “Murilo Mendes: aproximações poéticas”, “Jorge de Lima: o ofício do poeta guiado por Deus”, “Augusto Frederico Schmidt: Deus como força totalizadora”, “Impressões: Jacinta Passos na transição da fé”, “Impressões: Jacinta Passos na transição da fé” e “Poesia no mundo: ativismo social?”.

No segundo capítulo, *Poesia em transformação*, analisamos o processo de transição de uma poesia inicialmente bucólica e fortemente religiosa para a escrita de textos marcados pelo posicionamento político, que vai, paulatinamente, sendo orientado por sua filiação partidária ao Partido Comunista Brasileiro. Neste capítulo intencionamos, a partir dos tópicos “Poesia no mundo: ativismo social?” , “A escrita de Jacinta e o contexto histórico brasileiro” e “Vozes assonantes, outros poetas e a guerra”, examinar como a lírica *jacintiana* se constitui em contraste com a história política brasileira e mundial, principalmente em relação ao Estado Novo e à Segunda Guerra.

Comparamos, ainda, seus textos com os de outros (as) escritores (as) que produziram durante esse período e refletiram sobre os impactos de tempos tão duros para a humanidade. Questionamos, também, se a poesia de Jacinta Passos constituiu uma forma de ativismo político e social, e em que medida ela conseguiu conjugar sua atuação profissional e sua participação na militância política, associada a um partido considerado de extrema esquerda à época, com sua vida pessoal e os efeitos de sua saúde psíquica.

No terceiro capítulo, analisamos os que consideramos os mais significativos trechos do poema *A Coluna* (1957), um épico pincelado com os motivos da linguagem

oral que fez parte do seu imaginário infantil em Cruz das Almas. Intitulado “A Coluna: outra devoção, outro ‘deus’”, o capítulo marca a ruptura com a Jacinta Passos católica, devota na Irmandade Filhas de Maria, e o surgimento da escritora que, de alguma forma exacerba sua convicção ideológica com a feitura de textos cada vez mais partidariamente referenciados, sem perder a qualidade técnica e o apuro da linguagem literária. Verificamos, também, os fatos antecedentes ao evento A Coluna e de que modo escritores identificados com o PCB ajudaram a construir a imagem mítica de Luís Carlos Prestes.

No capítulo quatro, tentamos investigar qual é o lugar para a subjetividade de Jacinta, tendo em conta de que se tratava de uma mulher branca, de família rural tradicional, fortemente marcada pelo Catolicismo, ao mesmo tempo em que se identificava como militante política de esquerda e uma mulher que, infelizmente, adoeceu psiquicamente, sendo alijada do convívio familiar e profissional. Que lugar de enunciação ela possuía? Que relações estabelecera, literariamente, com outras mulheres em seu tempo? Fora Jacinta Passos, de fato, uma escritora feminista? Ainda na mesma seção, trazemos os textos e as fotografias da *Página Feminina*, suplemento semanal do jornal baiano *O Imparcial*, cuja editoria assumiu em fevereiro de 1943.

Passamos brevemente pela história das revistas femininas no Brasil, desde seu surgimento, com a escrita de homens endereçada às leitoras, passando pelas escritoras que utilizavam pseudônimos masculinos para conseguir publicar nesses periódicos, até a inserção efetiva de mulheres nas redações país afora.

No último tópico, analisamos o conteúdo publicado na *Página Feminina*, de modo a entender como Jacinta se constituiu uma jornalista que conferia destaque ao trabalho de mulheres ao redor do mundo nos esforços de guerra como pilotas, soldadose operárias de fábricas produtoras de insumos bélico, além de comentar o trabalho das mulheres brasileiras na Legião Brasileira de Assistência – LBA.

No capítulo cinco, acreditamos ser importante trazer à análise os textos que Jacinta escreveu durante sua estadia em clínicas psiquiátricas. De modo a tentar afastar a ideia de estigma, doença, limitação, reflete-se sobre a possibilidade de que Jacinta Passos tenha se tornado potência artística em meio a esse processo doloroso e solitário. Intitulamos essa parte “A busca do ‘eu mulher no mundo através do eu lírico’”, e nela trabalhamos as ideias limítrofes de lucidez e loucura, abstando-nos de acreditar na necessidade de se confinar uma escritora e ativista comprometida com seu país e sua história em uma clínica até a sua finitude.

Como apêndice deste trabalho, escrevemos uma “Carta à Jacinta Passos”, na qual são evocadas outras escritoras e poetisas que foram e são importantes tanto para a literatura brasileira quanto para o segmento mundial. Trata-se de mulheres que tiveram alguma tragicidade em vida e de escritoras contemporâneas que rasuram o lugar da escrita literária, tendo como ferramentas conceitos importantes como o de *escrevivência* e *interseccionalidade*, úteis para pensar subjetividades femininas, especialmente no âmbito literário e no que se refere às diferentes vivências em um mundo eminentemente misógino. São escritoras que alteraram o *status quo* e permanecem deslocando paradigmas em um campo de embate, tal como o é o da intersecção entre a arte e a literatura.

Eu serei poesia

A poesia está em mim e para além de mim mesma.

*Quando eu não mais for um indivíduo,
eu serei poesia.*

*Quando nada mais existir entre mim e todos os seres,
os seres mais humildes do universo,
eu serei poesia.*

Meu nome não importa

Jacinta Passos, 1942.

1. Primeira devoção: a fé católica e a fé na vida

*Fui poeta
como uma arma
para sobreviver e
sobrevivi.*

Pedro Tierra, 1968

1.1 Primeira fase poética: o bucólico, a fé e a crítica social

Jacinta Passos inicia sua carreira literária com publicações que apresentam uma lírica de forte apelo religioso e uma atmosfera bucólica. Nascida em Cruz das Almas, em 1914, alguns de seus poemas remontam a esse espaço e a essa temporalidade distante, de maneira que, aparecem em seus textos, os traços da paisagem local, algumas observações sobre o povo da região e as imagens sagradas católicas que fizeram parte de sua criação como menina de uma família tradicional e muito vinculada à Igreja.

Os poemas que apresentam esses traços estão presentes nos dois primeiros livros, *Nossos Poemas* (1942) e *Canção da partida* (1945), que são marcados por uma linguagem que ora apela para formas mais tradicionais, como sonetos, ora privilegia a escolha da forma livre. “Manhã de sol” e “Campo Limpo” apontam para essa tendência em seu primeiro livro publicado:

Manhã de sol

Dia azul de Maio. Esplende
um sol de ouro que além se estende.
Prolongam-se vibrações do arrebol
na clara luz desta manhã de sol.
o céu ardente,
dum azul luminoso e transparente,
tem doçura infinita...
Um rumor de asas pelo azul palpita,
palpita pelo ar.
É carícia sonora, a música do mar.
O verde risonho
das árvores é lindo como um sonho.
A brisa leve e fresca em surdina cicia.
Há, em toda parte, uma explosão de alegria.
A natureza canta, radiosa,
um hino aleluial na manhã gloriosa.

E todo esse esplendor se comunica
à alma da gente, que vibrando fica
e, com alta emoção esplêndida e feliz,
bendiz,
numa alegria incontida,

a glória de viver e a beleza da vida.⁴

Campo limpo

Quando vejo, ondulando ante os meus olhos
os teus campos banhados pelo sol,
ardor da seiva rebentando nessa natureza viva,
a doçura do teu céu na hora crepuscular,
a sombra negra das árvores que se alongam como fantasmas quando a noite
desce,
a profundeza insondável das tuas noites estreladas,
quando vejo o esplendor de tua beleza,
sinto, inesperada, uma estranha alegria,
como se encontrasse
um pedaço vivo de mim mesma.

Campo Limpo,
as tuas paisagens se identificaram
com todas as vibrações de minha vida amanhecendo.
As tuas paisagens parecem humanas.
Parece humano o murmúrio do vento nas tuas árvores seculares
e a branca silhueta da velha casa antiga.
Tuas paisagens revivem a minha vida já morta,
todos os instantes perdidos para sempre
e que eu quisera integrados num momento eterno.
Como a árvore que dá sombra e flor e fruto
esconde as raízes na terra de onde veio,
estão mergulhadas no teu solo
as raízes mais profundas do meu ser.⁵

Outra marca da escritora é a aproximação da linguagem poética com o ritmo das cantigas de roda e com a linguagem popular, elementos esses que são heranças de sua infância na fazenda Campo Limpo. A escritora remonta a este período com muita afetividade, mesmo quando observa que este lugar também guardava relações fortes com a escravização, de modo que as relações de trabalho, nesse cenário, mantinham-se muito parecidas com as que eram praticadas no Brasil Colônia.

“Canção da partida” é um dos poemas do seu livro homônimo publicado em 1945. Ele apresenta duas visões acerca do lugar onde a autora nasceu: inicialmente, há uma relação entre o eu poético, o espaço físico e as paisagens locais, o que remete ao poema anteriormente transcrito e que faz parte da coletânea *Momentos de poesia* (1942); depois, tem-se um olhar atento às relações entre os donos das grandes propriedades rurais do interior da Bahia e o trabalhadores locais.

⁴ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 32.

⁵ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 53.

Há, por um lado, a nostalgia em relação às memórias na fazenda, mas é possível identificar, também, um olhar mais crítico em relação ao povo pobre e preto que ali vivia e trabalhava:

Campo Limpo, lobisomem,
Menina de calundu,
medo de cobra e trovão,
escuridão!

- Traga logo meu cavalo.
- Está pronto meu patrão.

Benedito tem cem anos:
Negro duro!
Cem anos de escravidão.
Cadê Princesa Isabel
que a liberdade inventou?
- Vitalina!
Manoca o fumo, menina,
você hoje vadiou.
[...]

Na casa grande vazia
uma sombra anda, vigia.

Dade na fonte,
Dade na lenha,
dez filhos deu ao mundo,
está plantando roça,
está na casa de farinha,
criou cinco filhos brancos
e depois morreu sozinha.
Campo Limpo,
Onde Dade está?
(PASSOS 1990,p.29)

A voz poética se reconecta ao tempo e àquele lugar repleto de memórias afetivas: o eu lírico e a natureza descrita parecem amalgamar-se. Esta é uma temática recorrente na que denominamos primeira fase poética de Jacinta, a saber, a relação com a natureza, como no exemplo, e a forte presença da religiosidade.

No trecho, identifica-se o olhar atento da escritora às relações de trabalho ali existentes, em que fica definida a diferença entre os dois grupos sociais ali descritos: os membros de sua família e os trabalhadores da fazenda. A voz poética reproduz as diferenças racial e de classe presentes. Jacinta resgata a memória dos trabalhadores de Campo Limpo com uma linguagem que remonta à tradição oral, como as cantigas de roda.

Benedito, Vitalina e Dade desempenhavam o trabalho braçal e doméstico na fazenda: “Benedito tem cem anos/Negro duro!/Cem anos de escravidão”. A escritora faz questão de lembrar a herança escravocrata que persiste no trabalho do campo.

A imagem de Vitalina remete à atividade econômica desenvolvida no Recôncavo Baiano à época, a cultura do fumo: “Vitalina! Manoca o fumo/Menina/Você hoje vadiou”. Dade, que trabalhou na residência dos Passos, aparece neste poema e em *Poemas políticos*, de 1951, como será visto mais à frente. Pelo fato de Dade cuidar da casa e dos filhos da família Passos, além de seus próprios filhos, Jacinta relembra o trabalho desta mulher que, ao que tudo indica, foi esquecida quando da velhice, quando da morte: “Dade na fonte/Dade na lenha/[...] está plantando roça /está na casa de farinha/criou cinco filhos brancos/depois morreu sozinha”.

O tema do processo escravocrata foi importante para Jacinta no sentido da percepção que tinha de sua condição de privilégio, sendo esse o primeiro assunto de ordem social que aparece em sua obra, sendo que, posteriormente, registrará outras discussões, como as ideias comunistas no Brasil; impressões sobre a Segunda Guerra Mundial; a situação política no país; além de um discurso voltado ao público feminino de sua época.

No trecho antes destacado, quando o eu lírico se volta à figura da Princesa Isabel, responsável por assinar a Lei Áurea – Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888 –, tende-se a identificar que o ato em si não se deu por benevolência e reconhecimento das mazelas do povo negro no Brasil, mas, sobretudo, por pressões externas advindas de países como a Inglaterra, que buscavam fortalecer o sistema de capital. Dentro dessa lógica de consumo, o objetivo era criar e expandir mercados consumidores, o que conflitava com a lógica da escravização. Jacinta Passos parece observar criticamente o processo de abolição no país, que, na prática, não alterou as relações sociais anteriormente estabelecidas, tal como observa Florestan Fernandes:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (FERNANDES, 2008, p. 29)

Até a promulgação da Lei Áurea, muitos foram os movimentos em torno da extinção do trabalho escravo, como o trabalho do Partido Abolicionista, mas, ao fim, a

promulgação de Lei Áurea não garantiu ao contingente de ex-escravizados uma compensação que promovesse sua real inclusão na sociedade. O autor ratifica a ausência no Estado como fonte garantidora da transição do trabalho escravo para um meio que garantisse dignidade a essas pessoas.

Jacinta teve, desde jovem, sensibilidade para perceber o descompasso na relação que se estabeleceu entre o contingente de trabalhadores da fazenda Campo Limpo e seus patrões, tendo em vista que essas pessoas eram descendentes de escravizados que não dispunham, ainda no século XIX, de condições materiais que lhes permitissem criar uma estrutura mantenedora de moradia e condições de trabalho mais dignas. Jacinta observou esse fosso social que dividia os habitantes dali e escreveu, mais tarde, um poema muito significativo desse momento da história do país.

“Sangue negro”, que, de acordo com Amado (2010, p. 124) foi publicado pela primeira vez na revista *A Seiva*, foi também incluído na coletânea *Canção da partida*, e dedicado a Jorge Amado. No poema, a escritora traduz liricamente impressões sobre a presença negra no Recôncavo Baiano:

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu subsolo circula
sangue negro cor da noite,
da cor do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo baiano.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas
escorre o petróleo baiano,
sangue negro do Brasil.

Operário mestiço!
tuas ásperas mãos– e tu não sabes disso –
tuas mãos quando movem as máquinas do Poço
movem forças latentes,
movem forças criadoras,
movem o Brasil, tuas mãos libertadoras.
Teu gesto inicial se transmite e propaga,
repercute longe até as selvas do Oeste
e cresce e acelera o ritmo de Volta Redonda,
gerando máquinas sem parar,
e gera usinas
onde o ferro e os metais tirados das minas
do ventre da terra,
se transformam em carros e trens, navios e aviões, em armas de guerra.
E as máquinas nascidas do teu movimento,
rápidas mensagens humanas levarão,
mensagens de conhecimento,
mensagens de aproximação

entre todos os brasileiros
irmãos que a distância isolou, como estrangeiros,
em plena solidão. [...] ⁶

O título do poema remete às imagens da violência, da exploração e da subjugação da população preta que povoava o Recôncavo Baiano desde o processo de colonização do Brasil, que deixou marcas profundas na localidade no tempo em que Jacinta ali viveu.

Na primeira estrofe, identificam-se algumas imagens que parecem pictóricas. A geografia e o povo se amalgamam e formam um quadro que definiu os primórdios do país: “Terras curvas do Recôncavo/ onde adormece o oceano,/ no teu subsolo circula/sangue negro cor da noite,/ da cor do preto africano,/ preto cujo sangue escravo/ regou o solo baiano”. A poetisa condensa elementos representativos do tráfico humano desde a África até ao Brasil, sendo a Bahia um dos estados que mais recebeu essas populações.

O Oceano Atlântico recebe duas dimensões: a de rota do tráfico negreiro, agitado e angustiante para aqueles que vinham apinhados nos porões dos grandesnavios, e aquela em que “adormece” tranquilo nas “terras curvas do Recôncavo”, nas quais subjaz o sangue dos escravizados e de seus descendentes.

Esse sangue se relaciona a duas perspectivas simbólicas: uma é a metáfora para a violência perpetrada em relação àquele povo e a outra, um pilar para a edificação do Brasil em termos econômicos, já que todas as suas riquezas não existiriam se fosse excluído da história o processo escravocrata, o qual, mesmo após a Abolição como medida de lei, continuou a impactar o quadro social dessa população. O pós-abolição foi um processo complexo e, na Bahia, teve-se o seguinte cenário:

Os ex-escravos passam a ocupar-se, prioritariamente com a agricultura de subsistência, associada ao cultivo de produtos como o fumo como produto de fundo de quintal.” Teria havido, assim, a emergência generalizada de um campesinato num movimento que foi chamado de “pressão dos dominados, livres ou escravos, na direção de um campesinato ou assalariamento”, quando todos desconfiam de qualquer tipo de subordinação. [...] tem início um período de pobreza acentuada com consequências sobre o nível de qualidade de vida das classes populares em geral, mas de forma mais direta dos ex- escravos. (MENEZES e FILHO, 2007, p. 25)

Com o contingente que vivia no entorno das grandes propriedades rurais no Recôncavo não foi diferente. Dade, Benedito e outros tantos tiveram como meio de

⁶ PASSOS, Jacinta. *In*: AMADO, 2010, p. 85.

subsistência a prestação de serviço às famílias economicamente estabelecidas no local, como era o caso dos Passos, e Jacinta esteve atenta a essa questão histórica tão importante para entendermos, inclusive, a herança danosa que a o processo de escravização de populações vindas de África deixou nas sociedades atuais.

Na penúltima estrofe, o eu lírico traz a outra metáfora para “Sangue negro”, esta agora relacionada ao trabalho que fora indispensável para a viabilidade econômica das culturas do açúcar e do café, dentre outras contribuições para a aquisição de riquezas da nação: “Operário mestiço!/ tuas ásperas mãos – e tu não sabes disso –/ tuas mãos quando movem as máquinas do Poço/ movem forças latentes,/ movem forças criadoras,/movem o Brasil, tuas mãos libertadoras.”, ou seja, o sujeito poético reconhece no povo negro escravizado a locomotiva do país na produção de suas riquezas e, na luta pelas tantas riquezas do Brasil, identifica a batalha do indivíduo pela sua própria liberdade.

Jacinta, como uma escritora comprometida com seu tempo e lugar, privilegiou alguns temas em sua produção lírica, e, em grande medida, sua obra acompanha uma linha de escritores brasileiros que pensaram a literatura para além do seu valor estético, de maneira que sua poesia esteve, de modo consistente, relacionada à política e às questões de seu tempo.

Temos exemplos disso em escritores instalados na Segunda Fase do Modernismo, mais politicamente referenciada em nomes como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, dentre outros, como demonstraremos mais adiante.

Edward Said, em *Representações do intelectual*, entende que o papel deste não estaria desvinculado de práticas de cunho político e social. Não seria esse sujeito simplesmente um profissional especializado; teria, ainda, a função maior de pensar sobre o contexto que o cerca:

A política está em toda parte; não pode haver escape para os reinos da arte e do pensamento puros nem, nessa mesma linha, para o reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental. Os intelectuais pertencem ao seu tempo. (SAID, 2005, p. 34)

No que se refere à Jacinta, seu engajamento se deu através de um partidopolítico, o qual defendeu ferrenhamente até seus últimos dias. Apesar deste engajamento não ser inerente ao ofício do escritor, que, *a priori*, responde aos apelos da linguagem, é possível identificar, em grande parte de suas publicações, que Jacinta Passos, de fato, era uma escritora socialmente engajada.

Em alguns momentos da história, a literatura, em sua dimensão humana e dialética, promoveu, além da abstração através de uma linguagem artística, a possibilidade de fabular, de criar outras “camadas” para a realidade, de entender processos históricos e mediar discursos que, nas práticas sociais, talvez sejam difíceis de serem enunciados:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. [...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2004, p. 175)

A premissa do escritor e crítico literário alemão Alfred Döblin se aproxima da de Candido, na medida em que defende que o escritor “deve aproximar-se da realidade”, bem como considerar importante o valor estético da arte literária. Como poderemos verificar, a postura desta escritora se vincula a essa compreensão.

Roger Chartier (1995, p. 41) salienta que a “linguagem não é só um vocábulo, mas também um discurso, um conjunto de formas conceituais, culturalmente estabelecidas, de perceber, aprender e fazer inteligível nosso contexto e nosso cotidiano.” Assim sendo, Jacinta Passos se inscreve nessa ordem discursiva quando se aproxima das experiências dadas pela percepção de mundo que, invariavelmente, estão presentes em sua obra, como no caso da inserção da política em sua poesia.

Jacinta cresceu em um seio familiar tradicional e católico de tal sorte que, durante sua juventude e em parte da vida adulta, exerceu sua espiritualidade de forma dogmática, tendo feito, inclusive, parte da Congregação Filhas de Maria, além de ter desenvolvido, mais tarde, trabalhos sociais e educacionais promovidos pela Igreja.

A transição da jovem católica convicta para uma militante política de esquerda, integrante de um partido cuja ideologia repelia a religião, não ocorreu de forma repentina. Por um longo período, ela conjugou essas duas afinidades – a ruptura comum dos lados só é promovida quando ela se torna membro do PCB. A educação a que Jacinta e suas irmãs, Dulce, Zete e Lourdes, tiveram acesso na capital, favorecia a manutenção dos preceitos de criação das mulheres em famílias de tradição econômica e/ou política. Ela e as irmãs foram admitidas na Escola Normal da Bahia em 1917,

instituição voltada exclusivamente para a educação de mulheres com vistas à formação no magistério.

Este fato possibilitou certa independência às mulheres pelo acesso ao trabalho, ainda que em um campo restrito, mas, para as famílias tradicionais do interior, esse era um local seguro para enviar as filhas. De acordo com Jane S. Almeida (1998, p. 37), “Nos primeiros anos do século XX, algumas conquistas femininas permitiam às mulheres frequentar escolas, porém não as universidades; tinham a possibilidade de trabalhar no magistério, mesmo ganhando pouco e possuíam um pouco mais de liberdade [...]”. Jacinta e suas irmãs estudaram na Escola Normal da Bahia, atualmente Instituto Central de Educação Isaias Alves, ICEIA, em Salvador, e essa instrução proporcionou à escritora alguma independência e em 1932 ela formou-se professora de Matemática.

Jacinta fez parte do Movimento Social Católico, dado esse que também a aproximou da realidade da população mais carente da cidade. De acordo com Dalila Machado (2000, p. 16), a escritora “deu aulas noturnas para empregadas domésticas na Escola Paroquial de Nazaré”. Jacinta de fato praticava a sua fé na vida cotidiana e, também, por meio da literatura. O poema que segue é deste período:

Maria

Ergue-se a cruz no cimo do Calvário.
Após cumprir sua missão, Jesus,
que por nós nasceu pobre e solitário,
por nós, agora, vai morrer na cruz.

Já se fez o divino donatário
de tudo o que era seu. Bênção de luz
que desceu sobre o mundo tumultuário
é doutrina de amor que ao Céu conduz.

Prisão, torturas, sede, fundas dores,
desprezo, ingratidões, açoite, horrores,
tudo sofreu por nós, pobres mortais.

Ainda entrega no instante da agonia,
imaculado, o vulto de Maria,
o bem maior que todos os demais.⁷

Quanto à forma, Jacinta privilegia o soneto; em relação ao tema, há destaque para as imagens sacralizadas da virgem Maria e de Jesus. Na primeira estrofe, que

⁷PASSOS, Jacinta. *In*: AMADO, 2010, p.33.

apresenta rima perfeita em “calvário/solitário” e em “Jesus/cruz”, a voz poética remete à imagem de Jesus no momento da imolação e ressalta o sacrifício feito – ele morre para que o homem, segundo a lógica cristã, estivesse “remido” de seus pecados, e tivesse, também, a eternidade. Os tercetos apresentam rimas pobres e emparelhadas (“dores/horrores”), bem como rimas ricas e emparelhadas (“agonia/Maria”; mortais/demais”). Nesses versos, surge a imagem da Virgem Maria, figura que intercede pelos humanos junto à santíssima Trindade.

A relação da poética de Jacinta com o sagrado não se dá não pela via do questionamento das “coisas do alto”, mas por meio de uma devoção que separa a experiência humana e a transcendência através da fé e dos elementos que a compõem, como os símbolos sagrados. A diferença entre o sagrado e profano aparece bem delimitada nos poemas da autora, e essa relação com o sagrado se aproxima da compreensão de que:

[...] para o homem religioso, a existência se divide em dois planos complementares: um superficial, baixo ou profano, no qual é preciso cumprir os afazeres cotidianos e agir conforme o hábito; outro essencial, alto ou sagrado, que interrompe o fluxo das ações costumeiras e faz nascer um sentimento de dependência e reverência em direção a uma força superior. (CAILLOIS, 1950, p. 42 *apud* NATAL, 2019, p.163)

Tal divisão entre o mundo dos homens, ou seja, das coisas baixas, e o da transcendência aparece de forma nítida em grande parte dos poemas que Jacinta produz entre os anos 1930 e início de 1940. A voz lírica eleva suas questões existenciais e as dores coletivas a este plano superior, pois há a concepção de que a razão da existência humana está imediatamente vinculada ao seu criador. É o que se pode notar em “Cântico do Exílio” e “Agonia no Horto”, ambos escritos em 1937.

Estou cansada, Senhor.
Minha alma insaciável,
a minha alma faminta de beleza,
ávida de perfeição,
é perseguida pelo teu amor.

Puseste dentro dela a ânsia infinita
cujo ardor queima,
como a sede que em pleno deserto escaldante
persegue o viajor.
Esta angústia, que cresce e que vibra e palpita,
nasceu dentro em mim
no mesmo divino instante
em que, morrendo a última ilusão,
só me restava afinal

uma fria certeza,
cortante como o gume dum punhal.
A certeza de que, tendo tudo no mundo,
nada

pode encher o vazio do meu desejo,
do meu desejo profundo.
Na aridez da minha alma desolada,
esta angústia brotou,
como brota no solo nu, exausto e sofredor,
solo onde a seca vai matando a vida,
a última flor
– a flor sangrenta do cacto –
cuja raiz parece que sugou
todo o sangue da terra dolorida.

Compreendi, Senhor, compreendi
a voz que sobre
do fundo misterioso do meu ser.
Esta angústia que vive dentro em mim
Somente há de ter fim
quando nada mais existir entre nós,
quando, num dia sem crepúsculo,
eu me abismar em ti
no teu esplendor absoluto.

Mas apenas começo a caminhar,
Estou cansada, Senhor.
É bem longo o caminho a percorrer
E sinto-me sozinha.
Levanto os braços para o céu distante
Como a palmeira – longo anseio de infinito–
Que no deserto se ergue, solitária,
Em busca do azul.
Suplico humildemente o teu auxílio.
Dos meus ábios, irrompe como um grito
Meu cântico de exílio.
Há! Senhor, quando se há de realizar
a aspiração profunda do meu ser?

(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 41)

A voz poética está tomada pela angústia que lhe é própria em decorrência de sua condição humana. Sua alma anseia por algo de que não dispõe aqui no plano terreno, que é incompleto e não oferece o contentamento que somente com a graça e o amor divinos seriam possíveis. O sujeito lírico não possui meios, neste mundo, para alcançar essa graça que lhe poderia conferir sentido à vida. Ele permanece, então, desolado por toda a aridez que o cerca: “só me restava afinal/uma fria certeza/ [...] a certeza de que, tendo tudo no mundo/ nada pode encher o vazio do meu desejo,/ do meu desejoprofundo.”

Envolto em seu desassossego, o eu poético, enfim, desvenda o mistério do seu ser: apenas ao encontrar com a instância suprema, Deus, teria sanadas todas as suas

dores; deverá contentar-se com o fato de que, enquanto estiver neste plano inferior, não será possível sentir-se inteiramente satisfeito. Tomando o trecho “[...] compreendi a voz que sobre do fundo misterioso do meu ser/ Esta angústia que vive dentro de mim/ somente há de ter fim/ quando nada mais existir entre nós/ quando, num dia sem crepúsculo/ eu me abismar em ti/no teu esplendor absoluto. ”, entende-se que não é possível, para ele, encontrar regozijo na trajetória terrena.

O encontro com o divino só será viável através transcendência para a vida eterna, na possibilidade da ressurreição, na qual só haverá paz, felicidade e plenitude. Enquanto não alcança este plano, o ser continua exilado desse amor divino.

A Igreja Católica confessa a fé na vida eterna: “Depois da morte, há outra vida, eternamente feliz para quem morreu na graça de Deus. [...]”; Deus, de fato, “recompensa os que o procuram.” (Hb, 11,6). Em “Agonia no Horto”, a escritora faz referência ao calvário de Cristo, buscando também relacioná-lo ao mundo dos homens, em uma clara referência à dualidade sagrado *versus* profano.

Na solidão do Horto
quando sofrias, Senhor,
e todo concentrado em tua grande dor,
o teu corpo curvado para a terra,
sucumbido e exangue,
como um cálice cheio que transborda,
suaves gotas de sangue. [...]

Na solidão do Horto,
quando sofrias, Senhor,
abandonado sem nenhum conforto,
diante do teu espírito passava
a trágica visão de toda a humanidade,
como um longo rio,
o tempo em séculos se desenrolava.

Vias o mundo moderno...
pobre mundo sem alma, esquecido de ti,
pobre mundo indiferente,
por quem pregado numa cruz, Senhor,
morreste inutilmente.
E mais do que a dureza dos Herodes,
e a covardia dos Pilatos,
devia te doer
a incompreensão de teus amigos.

Os teus amigos
que vivem perto de ti, mas não te conhecem.
Encerrados em seu mundo pequenino,
em vez de seguirem teu vulto divino,
te fazem semelhante a eles.
Deformam os traços teus, puríssimos,
e fazem de tua figura,

de tua figura perfeita,
uma caricatura.

Nada disto, Senhor, ainda compreendemos:
o sentido profundo
da mensagem de paz, da mensagem de amor
que há dois mil anos, Senhor,
vieste trazer ao mundo.
E as verdades eternas
e as belezas escondidas
do teu evangelho
– livro que é sempre novo apesar de tão velho,
e que ninguém jamais se cansará de ler.

Nada disto, Senhor, ainda compreendemos:
tuas palavras divinas,
de bondade, de paz e de perdão,
e as dádivas infinitas
do teu amor,
o mistério da redenção,
a vida que nos deste
com tua morte, Jesus,
a loucura divina, a loucura da cruz.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 42)

O sacrifício de Jesus Cristo é interpretado como o momento em que Deus quis trazer aos homens a salvação, mas, ainda assim, esses são incapazes de compreender a mensagem contida no ato da imolação. Aparece novamente neste poema a divisão entre o momento de intenso sofrimento físico de Cristo e o mundo dos homens, que, descrentes e ingratos, não se tornaram capazes de reconhecer que ele “deu a vida pelos pecadores”: “Na solidão do Horto/ quando sofrias, Senhor/ [...] Vias o mundo moderno.../ pobre mundo sem alma, esquecido de ti/ pobre mundo indiferente/ por quem pregado numa cruz, Senhor/ morreste inutilmente.”

Para o eu poético, nem mesmo aqueles que o seguiram lograram aproximar-se espiritualmente dele, referência aos apóstolos como Judas, que o traiu, Pedro, que o negou, e Tomé, que não creu em sua ressurreição: “Os teus amigos/ que vivem perto de ti, mas que não te conhecem/ [...] em vez de seguirem teu vulto divino/ te fazem semelhantes a eles.”

A voz poética prossegue a apontar a impossibilidade de compreensão humana quanto aos sinais divinos, ao sacrifício, à graça e à bondade deste Deus, que enviou seu filho em nome dos homens. Nem mesmo com a herança do livro sagrado, o Evangelho, os homens se mostram capazes de enxergar a verdade nele contida. Todo esse processo teria sido, portanto, um sacrifício em vão: “Nada disto, Senhor, compreendemos:/ o

sentido profundo/ da mensagem de paz, da mensagem de amor/ que, há dois mil anos, Senhor/ vieste trazer ao mundo.”

Auta de Souza (1876-1901) foi uma poetisa negra que publicou seu único livro dentro do contexto do Romantismo no Brasil. *Horto* (1900) foi prefaciado por Olavo Bilac e Alceu Amoroso Lima; nele, a autora explorou a relação com a espiritualidade, a qual se aproxima, em grande medida, da estética simbolista, e divide com Jacinta a temática voltada à fé Judaico-Cristã.

No livro, ela retoma a passagem do sofrimento de Cristo em suas horas finais. Aqui, destacamos os seguintes trechos desta obra:

No Horto

Oro de joelhos, Senhor, na terra
purificada pelo teu pranto...
Minh'alma triste que a dor aterra
beija os teus passos. Cordeiro Santo!

Eu tenho medo de tanto horror...
Reza comigo, doce Senhor!

Que noite negra, cheia de sombras.
Não foi a noite que aqui passaste?
Ó noite imensa... por que me assombra,
tu que nas trevas me sepultaste?

Jesus amado, reza comigo...
Afasta a noite, divino amigo!
Eu disse e as sombras se dissiparam
Jesus descia sobre o meu Horto...
Estrelas lindas no céu brilharam.
Voltou-me o riso já quase morto.

E a sua boca falou tão doce,
como se a corda de um'harpa fosse:
“Filha adorada, que o teu gemido
ergueste n'asa de uma oração,
na treva escura sempre envolvido,
por que soluça teu coração?”

Levanta os olhos para o meu rosto,
que à vista dele foge o Desgosto.

Não tenhas medo do sofrimento.
Ele é a escada do Paraíso...
Contempla os astros do firmamento,
doces reflexos de meu sorriso. [...]

Nas oliveiras do mesmo Horto,
enquanto orares, terás conforto. [...]⁸

⁸ SOUZA, 2019, p.20.

No poema de Jacinta, o sujeito lírico destaca o sofrimento de Jesus Cristo em sua hora mais triste, no Horto das Oliveiras, local a que se dirigia para orar com os apóstolos. Por isso “Agonia no Horto” exalta a imagem de Cristo através da proximidade de sua expiação.

Em Auta de Souza esse mesmo horto figura um espaço dedicado à oração e à meditação por parte de Jesus e seus apóstolos. Conforme a Bíblia Sagrada (HB: 5,7), o Horto se faz um símbolo sagrado e é para lá que se dirigem também os humanos quando se encontram angustiados, aflitos, tal como um dia Jesus Cristo se sentia: “comoum local em que também se encontram os humanos com suas dores e aflições: “Oro de joelhos, Senhor, na terra purificada pelo teu pranto/Minh’alma triste que a dor aterra/beija os teus passos. Cordeiro Santo!”. A voz lírica também está em seu próprio horto, de maneira que seu sofrimento se assemelha ao do “Filho do Homem”.

As inconstâncias e vicissitudes da experiência humana na Terra aproximam o sujeito lírico da angústia e do questionamento de Cristo diante de seu iminente sacrifício e, em resposta a esta aflição, assim como Jesus também teve uma manifestação de seu pai através de um, o eu lírico recebe uma mensagem de Jesus às suas orações: “Jesus amado, reza comigo.../ Afasta a noite, divino amigo!/ Eu disse e as sombras se dissiparam/ Jesus descia sobre o meu Horto.../ Estrelas lindas no céu brilharam./ Voltou-me o riso já quase morto.”

A escritora refaz a cena bíblica e recria para a voz poética a atmosfera da agonia, seguida de refrigério e consolo, de maneira a aproximar esse humano da forma humana que Jesus assumira para cumprir para “salvar a humanidade de seus pecados”.

Tal como Jesus havia recebido um anjo no Getsêmani, na base do Monte das Oliveiras, para que acalmasse sua angústia diante do calvário – conforme coloca o livro de Lucas (22:43), “apareceu-lhe um anjo do céu que o fortalecia” –, a voz lírica é confortada pela voz do próprio Jesus, que se lhe dirige dizendo “Filha adorada, que o teu gemido/ergueste n’asa de uma oração,/ na treva escura sempre envolvido,/ por que soluça teu coração?”, de forma a consolá-la, aliviando seu fardo na Terra: “Não tenhas medo do sofrimento./ Ele é a escada do Paraíso...”.

Assim como ele que é santo passou por toda aquela agonia e provação, também o sujeito lírico, ainda que humano e pecador, poderia superar seu sofrimento e alcançar a paz que espera ainda neste plano.

Percebemos, nos dois textos, que as poetisas apresentam uma intimidade com a temática religiosa cristã, sobretudo no que se refere a passagens bíblicas, e reconhecem Jesus Cristo como o salvador. Auta de Souza partilha, no poema, da visão de mundo submissa à fé Cristã, que surge com pujança nas primeiras obras poéticas publicadas por Jacinta Passos.

No poema que segue, fica patente como essa força da religiosidade é exercida, inclusive, na própria ideia que o eu lírico tem acerca da missão que o poeta exerce na Terra. Parecido com o poema de Jorge de Lima, o qual será analisado ainda neste capítulo, esta produção poética traz a noção de que o poeta é também uma espécie de testemunha da grandeza divina na Terra, devendo orientar seu ofício nesse sentido, fortalecendo a relação homem - Deus:

A missão do poeta

No instante inicial da criação,
quando o mundo acabava de sair
das mãos de Deus
e quando as coisas todas palpitavam
quentes ainda do seu sopro criador,
escutou-se o primeiro cântico na terra,
glorificando o Senhor.

Canta
o poeta porque seu destino é cantar.
Cantar o mesmo canto que irrompeu
dos lábios do primeiro homem criado,
ante a maravilhosa visão da beleza,
da esplêndida harmonia universal.
Cantar ao Senhor
bendizendo a divina perfeição,
bendizendo o amor infinito
que transbordou, criando as criaturas

Canta o poeta
a glória e o sofrimento do universo.
Canta por todas as criaturas
que não sabem cantar.

Apreende
a realidade íntima das coisas,
o mistério que liga os seres todos
numa unidade essencial
e canta
as belezas dispersas pelo mundo,
fragmentos da beleza total.
sente
a harmonia quebrada do universo,
a desordem, estabelecida
pelo egoísmo do homem
e canta
a angústia da alma humana que procura
o paraíso perdido.

sofre
 as durezas de sua própria resistência
 e canta
 o fundo e permanente sofrimento
 para atingir o estado interior
 quando, de dentro d'alma irrompe, límpido,
 puro, o canto único
 que eleva as coisas para o alto,
 glorificando o Senhor.
 canta
 o poeta porque seu destino é cantar.
 (PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 44)

Para o eu lírico, até mesmo a missão do poeta deverá elevar-se a Deus. O poeta canta a criação e bendiz a perfeição divina: o fazer está vinculado às coisas do alto. Cantar as coisas da terra só seria possível ao poeta através de sua conexão com o criador, que deu a este mundo a dádiva da beleza, pois ele é a grandeza universal.

Ele é a potência transformadora das dores humanas em paz e harmonia, e o poeta só poderia cantar este mundo acessando essa força transcendental. Cantam-se as belezas do mundo, mas o canto inicial é endereçado a esse Deus, tal como a voz lírica descreve na primeira estrofe.

O destino do poeta é cantar, mas esse é um dom que vem do alto, cuja razão de ser é o sagrado: “Cantar ao Senhor/ bendizendo a divina perfeição/ bendizendo o amor infinito/ que transbordou, criando as criaturas”. O poeta se transforma numa espécie de intercessor entre o criador e as demais criaturas, é um escolhido, um ser especial que eleva as dores e as belezas do mundo à perfeição divina, que a tudo aplaca e transforma: “Canta o poeta/ a glória e o sofrimento do universo./ Canta por todas as criaturas /que não sabem cantar.”

O poeta, as criaturas, as dores e a beleza só existem em relação a esta instância de perfeição e unidade representada na figura deste criador absoluto: “[...] e canta/ as belezas dispersas pelo mundo/ fragmentos da beleza total.” É possível notar, portanto, que, em função da relação íntima com a fé cristã, a poetisa fazia constantemente referências a passagens bíblicas, criava imagens e metáforas para demonstrar a dimensão que a religiosidade tinha para ela naquele momento.

1.2 Poesia religiosa: Jacinta Passos, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt

Em *Nossos poemas* (Momentos de Poesia, parte escrita por Jacinta), de 1942, e em *Canção da partida* (1945), com menos intensidade, verificamos que a escrita poética de Jacinta estava intimamente vinculada ao ideário do sagrado devido à presença da fé católica em diversos poemas. Neste capítulo, buscamos identificar como essa relação como a dimensão transcendental ocorre em outros escritores, e quais diálogos se estabelecem entre os textos de Jacinta Passos, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt.

A poetisa viveu intensamente essa fé, como foi destacado antes, e essa crença, essa devoção inicialmente religiosa, é traduzida em versos que exaltavam os símbolos sagrados do cristianismo. O mesmo ocorre na poesia dos três outros autores referidos. Ainda que mantenha um diálogo com uma tradição literária que buscava rever as formas de se fazer a arte e de pensar o Brasil e o mundo, esses escritores não romperam de todo com a estética mais voltada a valores tradicionais, bem como buscaram questionar esse novo mundo que se apresentava durante o Modernismo brasileiro, de forma a aliar a fé e os valores cristãos à ideia de construção de um novo mundo.

A mediação com o sagrado é marcada pela hierarquia, que é própria das dinâmicas religiosas e que, no cristianismo, é estabelecida, principalmente, através da divisão céu-terra, Deus-homem, sagrado-profano. Esses aspectos aparecem, como veremos mais adiante, nos textos escolhidos para a análise.

O primeiro escritor com quem Jacinta Passos compartilha a temática metafísica é Murilo Mendes (1901-1975), que teve uma extensa produção literária e está compreendido como um poeta da segunda fase do Modernismo. Ele aproximou-se do catolicismo nos anos 1930 e, conforme Alfredo Bosi:

É o poeta de aderência do ser, poeta cósmico e social que aceita a função dos valores primordiais [...] Místico, ele perfura a crosta das instituições e dos

costumes culturais para morder o cerne da linguagem religiosa, que é sempre ligação do homem com a totalidade. (BOSI, 1986, p. 501)

Tal conexão do homem com o “eu cósmico”, que governaria o destino do mundo e do humano, será a tônica nos poemas que relacionaremos aqui. A relação com o sagrado aparece, também, na obra de Jorge de Lima¹¹ e de Augusto Frederico Schmidt, os quais escreveram poemas que são tributários da corrente espiritualista do Modernismo, a qual, de certa maneira, contrapunha-se ao deslumbre com as máquinas, à aceleração e à locomotiva cultural e estética que as vanguardas europeias preconizavam – e que foram bastante aproveitadas pela corrente primitivista¹² do mesmo movimento –, tratando da possibilidade de transcendência, do acesso ao onírico e da fé.

O Modernismo como movimento artístico não se constituiu como um bloco monolítico. Diversas orientações se aglutinavam em torno da experiência principal, que era repensar o Brasil e sua identidade dentro de novos paradigmas, bem como lidar com as transformações políticas, econômicas e culturais pelas quais passavam o mundo e o próprio país na primeira metade do século XX.

Os escritores que se inserem no segundo momento do movimento proporcionaram outros desdobramentos dentro da concepção artística, e não romperam em definitivo com a tradição, nem nos temas e tampouco na forma, como é o caso de Jorge de Lima, que não abandonou, de todo, os sonetos que havia publicado no início dos anos 1920, a exemplo de “A morte do artista”, de 1908, “Zumbi” de 1921, e “O acendedor de Lampiões” publicado em 1914 no livro *XIV Alexandrinos*.

As questões que afligiam a humanidade de uma maneira mais universal, como o descontentamento existencial, a falta de sentido, os conflitos políticos, como as guerras, e o desejo de aproximar-se de Deus e ter com ele um vínculo que aplacaria de alguma

¹¹ O poeta deixou os seguintes livros de poesia: “*XIV Alexandrinos* (1914), *O mundo do menino impossível* (1925), *Poemas* (1927), *Novos poemas* (1929), *Poemas escolhidos* (1932), *Tempo e eternidade* (de parceria com Murilo Mendes, 1935), *A túnica inconsútil* (1938), *Poemas negros* (1947), *Livro de sonetos* (1949), *Obra poética* (1950), *Invenção de Orfeu* (1952)”. (*idem*, 2019, p. 168)

¹² Característica da primeira fase do Modernismo, a chamada fase heroica, o primitivismo, influência das vanguardas europeias, encontrou ressonância na obra de Oswald de Andrade na construção de uma literatura que buscava compreender a identidade nacional e, também, dialogar com as tendências vindas de fora, de maneira que: “Oswald parodiava Shakespeare e indagava: ‘Tupi or not to tupi: that’s the question’. Além de brincar com a semelhança da sonoridade entre ‘to be’ e ‘tupi’, o escritor reivindicava, através de uma língua estrangeira, a força criadora do primitivismo, visando positivar as peculiaridades brasileiras sem recair no pitoresco ou na valorização patrioteira dos dados locais. [...] Oswald ‘provincianiza’ a indagação existencial de Hamlet ao substituir o ‘To be or not to be’ pelo engraçado ‘tupior not tupi’ [...] expondo com isso a transmutação periférica do suposto universal.” (LIMA, 2016, p. 297).

maneira essas faltas, estão presentes na poética dos três autores com os quais propomos um diálogo. Toda a insatisfação existencial fragilizava esse homem que buscava encontrar respostas para suas angústias por meio da possibilidade de transcendência que suas obras literárias evocavam. De acordo com Arnold Hauser,

Os impactos da Primeira Guerra Mundial foram sentidos por todos, levando a um sentimento de desilusão geral, uma falta de confiança no próprio homem. A atmosfera de desespero instaurada, leva, então, o homem a buscar, no passado, elementos para alimentar a mente e o espírito. (HAUSER, 1998, p. 958)

O passado respondia muito aos apelos dos escritores em questão quando procuram, via uma estética vinculada a outros movimentos ocorridos em momentos anteriores ao advento da estética modernista, como o verso parnasiano, a valorização da forma perfeita – os sonetos – e a restauração de uma tendência, que se via também no Romantismo, pautada na exploração de imagens que remetem ao misticismo, ao surrealismo e ao universo onírico.

A despeito de haver uma forte presença do elemento espiritualidade na que consideramos ser a primeira fase poética de Jacinta Passos, há também uma preocupação com questões de ordem social, ainda que de maneira embrionária, questões essas que, posteriormente, serão aprofundadas em suas obras.

Os poemas de Murilo Mendes, Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt apresentam diferenças temporais e temáticas, mas convergem na exacerbação dessa religiosidade, mesmo que, no caso de Lima, ele tenha explorado outras questões, como o regionalismo e a valorização do elemento negro.

Os espiritualistas, como vimos, tinham como premissa o não rompimento com o passado e a restauração de valores que acreditavam terem sido perdidos com as transformações que o novo mundo ensejava. Eles se opunham à interpretação que os primitivistas faziam dessas transformações: “O grupo espiritualista, diante da ameaça aos valores tradicionais, trazidas pelos modernistas primitivistas, reage no sentido de uma preservação, ou reajustamento de valores sociais, políticos e ideológicos” (CANDIDO, 1965, p. 135). O escritor Tasso da Silveira explicita essa premissa na revista *Festa*, suplemento dirigido por ele com a colaboração dos escritores Henrique Abílio, Barreto Filho, Tasso da Silveira, José Candido Muricy, dentre outros:

Nós temos uma visão clara desta hora.
Sabemos que é de tumulto e incerteza.
E de confusão de valores.
E de vitória do arrivismo.

E de graves ameaças para o homem. [...]

Mas vemos igualmente os espíritos legítimos
 No seu posto imutável.
 E apuramos o ouvido ao brado de
 Alerta das sentinelas perdidas
 E sentimos à flor do solo o frêmito das
 Subterrâneas correntes de força viva,
 Que serão captadas pela sabedoria divina na hora
 próxima das construções admiráveis. [...]

O artista canta agora a realidade total:
 A do corpo e a do espírito,
 A da natureza e a do sonho, a do homem e a de Deus. [...]¹³

Os versos de Silveira dialogam com alguns dos poemas escritos por Jacinta Passos em sua primeira fase de escrita. O poeta se propõe a cantar as coisas terrenas e as transformações promovidas pelos homens neste mundo através da mediação de Deus, sendo esta a forma “mais completa” de se fazer poesia.

A presença da atmosfera do sonho, do intermédio entre o plano espiritual e o terreno, bem como da elevação da alma humana a esse sublime é a tônica nos poemas destacados e se aproxima de uma concepção de realidade tal como definiu o crítico Hugo Friedrich:

A realidade desprende-se da ordem espacial, temporal, objetiva e anímica e subtraiu as distinções – repudiadas como prejudiciais –, que são necessárias a uma orientação normal do universo: as distinções entre o belo e o feio, entre a proximidade e distância, entre a luz e a sombra, entre a dor e a alegria, entre a terra e o céu. (FRIEDRICH, 1991, p. 16-17)

As fronteiras entre diferentes dimensões parecem ser extrapoladas, ou mesmo não existirem na escrita poética que celebra o sublime. Em *Nossos poemas (Momentos de Poesia)*, de 1942, o fazer poético surge como uma preocupação central para o eu lírico, e a razão de existir da poesia e do seu texto estaria vinculada à dádiva, ao dom que viria do alto, sem o qual não haveria o que cantar:

Poesia perdida

Ó! a poesia deste momento que passa,
 a grande poesia vivida neste instante
 por todos os seres da terra,
 que palpita nas coisas mais simples
 como um rastro luminoso da Beleza
 e, sem uma voz humana para eternizá-la

¹³ SILVEIRA, Tasso da. *Festa*. Rio de Janeiro, n 1, ago. 1927. In: ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. *Festa e o modernismo. Linguagem: estudos e pesquisa*, vol. 15, n. 1, jan/jun 2011.

se perde para sempre, inutilmente...
Por que existo, Senhor, quando não posso cantar?
(PASSOS apud AMADO, 2010, p. 31)

Há certa recorrência na poesia de Jacinta, e em outros textos publicados por ela, de questionar o ofício do poeta, do escritor. Nesse texto escrito em 1933, esse fazer poético estava diretamente vinculado à relação que a voz lírica estabelecia com os agrados. A poesia e o poeta, na voz do sujeito lírico, teriam a premissa de cantar o “momento presente” e a “beleza”, sendo essa última, para ele, um atributo divino. Existir enquanto poeta só lhe serviria se este pudesse cantar essas dádivas de maneira a conectar-se com o seu criador.

A geração de 1930 foi um desdobramento da proposta de renovação estética preconizada em 1922, e foi, também, marcada pela diversidade de pensamento e pela compreensão da possibilidade de metamorfosear as tendências europeias no que fosse mais interessante para a cultura e a identidade nacionais.

Havia, no movimento, escritores que se propuseram a repensar a cultura do Brasil de modo a romper com uma visão passadista da história, calcada na questão da colonização e com uma roupagem tradicional, tanto do ponto de vista temático quanto formal, compondo, assim, a chamada vertente primitivista.

De outro lado, havia os escritores que optaram por questionar a sociedade e o mundo em que estavam inseridos, sobretudo os desdobramentos da Revolução de 1930, a chegada de Getúlio Vargas ao poder e as ocorrências para a instauração do Estado Novo em 1937, sem romper, no entanto, com o estilo presente em movimentos literários anteriores (como o Parnasianismo).

De acordo com Alfredo Bosi (1989, p. 492), “A poesia de 30/50 buscou expressar de forma mais densa a verdade humana ou social de cada artista, afastando-se do humorismo de 22 e recriando novas formas de reflexão, idealismo e prática religiosa”. O insumo temático que aparece nessa poesia é, com frequência, revelado através de um estado de coisas criado pela divindade e a ela dedicado; essa, inclusive, é a razão de ser do poeta e da poesia nesse momento. Esse aspecto aparece nos primeiros poemas de Jacinta, bem como nos poemas de Murilo Mendes.

A poesia modernista de 1930 se relaciona com o cenário histórico da Revolução de 1930, em que Getúlio Vargas é alçado ao poder pela primeira vez sob o escudo do populismo:

A nova forma de estado – mais centralizado, intervencionista – é uma condição básica para a expansão das atividades industriais, mesmo quando deformada e submetida ao capital externo [...] Tendo em vista as características da burguesia nacional dos países dependentes, foi necessário que o núcleo dominante do ponto de vista econômico (a já em crise indústria cafeeira) – onde a burguesia industrial fez grandes progressos, a partir dos anos trinta – perdesse o comando do Estado, para que este se abrisse aos grupos técnicos da nova classe média, à influência dos setores militares que deram forma a algumas medidas conducentes ao desenvolvimento autônomo (PETROBRAS, ELETROBRAS), sob a pressão dos movimentos populares. (FAUSTO, 1983, p. 111)

É nessa conjuntura que se desenvolve a poética da Segunda Geração Modernista. Para grande parte dos escritores, era necessário pensar o literário como instrumento de compreensão e questionamento desse contexto social e político. Tal como na poesia religiosa, mística e transcendental de Jacinta Passos, o eu lírico, no poema de Murilo Mendes, parece também confundir-se com a própria divindade. Alceu Amoroso Lima (1893-1983), que também orbitou a primeira fase modernista sem envolver-se diretamente no evento da Semana de 22, foi convertido ao catolicismo em 1928 “devido à sua insatisfação existencial”. Seu processo de conversão ao catolicismo é ilustrado por ele como uma “passagem do descompromisso para os problemas transcendentais das origens e dos fins da vida do ser humano” (CURY, 2010, p. 14).

Ele fez uma importante reflexão acerca da aproximação entre o fazer literário e a dimensão metafísica que o poeta busca atingir através das palavras. Já que o mundo e a realidade em sua concretude e objetividade não possibilitariam aos homens compreender os mistérios da existência, a religião poderia constituir-se um elo para os questionamentos espirituais e existenciais, além de ter o próprio poeta a missão decantar a vida, que é criação divina.

Daí a grande responsabilidade dos homens que se entregam ao sagrado ofício de colaboradores da obra divina na terra. Daí sua grande dignidade. O respeito que merecem. E o crime cometido quando são infiéis à imagem incomparável de que são duplamente o reflexo. Pois se todos os homens foram feitos à imagem e semelhança de Deus, só os artistas, como criadores de novas formas vitais, fazem coisas à imagem e semelhança de Deus. (LIMA, 1980, p. 114)

Por conseguinte, o poeta, sendo também ele uma criação divina, difere das outras criaturas justamente na potência que adquire em ser uma espécie de porta-voz da beleza e grandeza atribuídas a tudo o que se volta a esse sublime: a natureza, os homens, as possibilidades de criação de um novo mundo através, justamente, do acesso a que o poeta, por ser especial porta-voz de Deus, possui.

1.2.1 Murilo Mendes: aproximações poéticas

O ofício do poeta como uma missão, um dom, aparece de maneira muito clara nas aspirações do eu lírico presentes tanto na poesia religiosa de Jacinta Passos como em poemas dos escritores que ora analisamos. Em “Poema espiritual”, o sujeito lírico estabelece com o sagrado uma relação de proximidade e, também, distingue os mundos terreno e humano, o sagrado e o profano, relação essa também destacada nos poemas de Jacinta.

Publicado no livro *Poesia em pânico*, de 1937, “Poema espiritual” apresenta em sua temática essa noção de junção do homem a esse todo universal representado pela espiritualidade e pelo Deus que a rege, mas mostra, também, o conflito entre a dimensão humana e a divina:

Poema espiritual

Eu me sinto um fragmento de Deus
como sou um resto de raiz
um pouco de água dos mares
o braço desgarrado de uma constelação.

A matéria pensa por ordem de Deus,
transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
é uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.

Na igreja há pernas, seios, ventres e cabelos,
em toda parte até nos altares.
há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
mil versões dos pensamentos divinos.
A matéria é forte e absoluta
sem ela não há poesia.¹⁴

O eu lírico é parte do todo da criação, se amalgama com outras matérias que estão dispostas nesse mundo, “raiz, mares, constelação”, as partes de um todo perfeitamente projetado por Deus e em função dele é que toda a matéria existe e se transforma através de sua vontade. Esta é uma ideia recorrente nos poemas com temática religiosa judaico-cristã que aparecem também na poesia de Jacinta;

Há, no entanto, a ênfase na diferença entre o sublime e o aspecto terreno da vida humana: “Na igreja há pernas, seios, ventres e cabelos, /em toda parte até nos altares.” E a diferenciação em relação a Cristo, que é o perfeito entre os homens, em suma, toda a

¹⁴ MENDES, 1937, p. 37.

matéria se volta à sua força geradora, e também a poesia existe em função da criação divina.

Neste outro exemplo é possível identificar o conflito interno da voz poética entre as distrações do mundo material em contraste com a ideia de perfeição do mundo espiritual:

O poeta na igreja

Entre a tua eternidade e o meu espírito
se balança o mundo das formas.
Não consigo ultrapassar a linha dos vitrais
Pra repousar nos teus caminhos perfeitos.
Meu pensamento esbarra nos seios, nas coxas e nas ancas das
mulheres.
Pronto.
Estou aqui, nu, paralelo à tua vontade,
Sitiado pelas imagens exteriores.
Todo meu ser procura romper o seu
Próprio molde
Em vão! Noite do espírito
Onde os círculos da minha vontade se esgotam.
Talhado pra eternidade das ideias
Ai quem virá povoar o vazio da minha
Alma?
Vestidos suarentos, cabeças virando de repente,
Pernas rompendo a penumbra, sovacos
Mornos,
Seios decotados não me deixam ver a
Cruz.
Me desliguem do mundo das formas!¹⁵

O sujeito poético parece exprimir uma luta constante entre a materialidade de sua existência física, em todos os aspectos concretos que pode descrever e a impossibilidade de que sua alma acesse esse sublime, pois, há também outros corpos, distrações e obstáculos que separam esse homem que aspira às coisas do alto, contudo vê-se impedido e preso em sua própria humanidade:

[...] instala o *homo religiosus* em um espaço não homogêneo, consistente, qualitativamente diferenciado dos espaços cotidiano-utilitários e em um universo real à medida que “potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia”. A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo-real. (ELIADE, 1992, p. 16).

Essa é a diferenciação que a voz lírica reitera em todo o poema, de forma a caracterizar essa oposição: um lado está vinculado a esse perene defendido pelo teórico; o outro diz respeito ao terreno, até mesmo ao baixo, descrito pelos estímulos que

¹⁵ MENDES, 2012, p. 18.

afloram os instintos desse homem que se vê refém dos seus sentidos (“meu pensamento esbarra nos seios, nas coxas e nas ancas das mulheres/ Estou aqui, nu, paralelo à tua vontade/ Sitiado pelas imagens exteriores”. O sujeito lírico está, neste caso, irremediavelmente impossibilitado de conectar-se a esse sagrado, pois está demasiado ligado à matéria e aos instintos humanos, sobretudo os ligados à sexualidade: “quem virá povoar o vazio da minha alma?/ Vestidos suarentos, cabeças virando de repente/ pernas rompendo a penumbra, sovacos mornos/ Seios decotados não me deixam ver a cruz/ Me desliguem do mundo das formas!”.

O anseio em acessar esse divino/sagrado permeia o pensamento do eu lírico no poema de Mendes e também se faz presente em alguns poemas de Jacinta Passos, dentre os quais destacamos:

Consagração

As minhas mãos, minhas humildes mãos,
têm gestos puríssimos de benção.
meus pés descobrem caminhos desconhecidos.
Meus lábios dizem palavras que não são minhas,
palavras divinas de amor.
Minha inteligência concebe pensamentos eternos.
Minha alma sofre o peso de dor infinita.
E das profundezas misteriosas de minha vida
transubstanciada,
sobe para ti um canto de louvor perfeito.
(PASSOS apud AMADO, 2010, p. 48)

A voz lírica só pode dizer através da voz divina, só pode realizar o seu canto por intermédio dessa fonte que lhe concede ter “mãos puríssimas de benção”. Os lábios desse eu lírico só falam através dessa divindade que lhe provê todas as coisas, inclusive seus sentidos: “Meus lábios dizem palavras que não são minhas.”

A própria vida do sujeito poético, em sua inteireza, é tributária dessa força imanente que está do alto a guiar todos os seus movimentos na Terra: “E das profundezas misteriosas de minha vida transubstanciada/ sobre para ti um canto de louvor perfeito.” A tentativa de conexão com o sagrado reside na ideia de separação entre os dois planos de maneira hierárquica, de tal forma que, para se vincular a esse sagrado, é preciso, também, quase santificar sua porção humana e material.

O sublime é o sobre-humano, está além da possibilidade de decifração, é o mistério que rege a vida e o viver sobre o qual não se tem nenhum controle. Essa verticalidade aprofunda a reverência e a completa submissão humana frente ao mistério da sacralidade. Dessa maneira, o homem

[...] sente-se ligado às coisas sagradas por laços de profunda reverência e respeito; ele é inferior; o sagrado lhe é superior, objeto de adoração. Osagrado é o criador, a origem da vida, a fonte da força. O homem é a criatura, em busca de vida, carente de força. (ALVES, 1984, p. 61)

A tensão entre os dois planos e a dificuldade de aproximação do sagrado também aparecem em alguns poemas de Jacinta Passos, mas observa-se a presença do questionamento acerca da condição humana marcada pela falha e pela falta, índices esses que poderiam ser atenuados a partir da ligação entre esse humano e o Deus onipotente, tendo como meio o discurso que o venera e estabelece a clara diferença entre “Ele” e “nós”:

Nós, os cristãos

Senhor,
na realidade eterna de tua vida divina,
Contemplas dentro do teu Verbo
Todas as criaturas.
Contemplas os cristãos
Que não continuam através do tempo
A presença do teu Verbo encarnado.
Não somos a tua imagem.
Somos apenas uma caricatura,
Nós, os cristãos
Que aceitamos a injustiça na face da terra.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 46)

É importante observar que Jacinta Passos, a despeito de muito católica quando da publicação do poema, em 1942, deixa transparecer a preocupação com temas sociais universais. No exemplo, é possível verificar essas marcas identificando a diferenciação entre dois planos, o dos cristãos e o do “Senhor”. A voz lírica apresenta esse representante do profano como não mais que uma caricatura do criador: “Não somos a tua imagem./ Somos apenas uma caricatura/ Nós, os cristãos/ que aceitamos a injustiça na face da terra.”

Em “Contrição”, a reverência e a entrega ao sagrado são também marcadas por esse discurso que separa o sujeito poético de alguém que está no plano da adoração. Com sua vida, o sujeito lírico pode apenas louvar a graça e a sacralidade da imagem divina:

Contrição

Perdoa-me, Senhor, por ter acreditado

que todas as fraquezas de minha miséria humana,
 que as minhas quedas e as minhas incalculáveis possibilidades de queda,
 que minhas fugas para longe de ti— infidelidades à minha vocação eterna—,
 que minhas recusas aos apelos de tua graça,
 que as formas todas do meu egoísmo radical,
 que a minha incapacidade absoluta de elevar-me para ti,
 que tudo isso, Senhor,
 fosse mais invencível, mais forte,
 do que a onipotência do teu amor infinito.

A voz lírica se dirige a Deus arrependida de suas ações pregressas, de suas ofensas à grandiosidade e à benevolência divinas por afastar-se desse amor e acreditar na autossuficiência. Esse, por si só, já um motivo para a contrição e para a busca pelo perdão. Essa infidelidade humana ao amor incondicional e perfeito que vem dos céus é que localiza o homem no plano da inferioridade e da limitação: “[...] que as minhas quedas e as minhas incalculáveis possibilidades de queda/ que minhas fugas para longe de ti [...]”. Há a ideia de que é impossível viver plenamente distante do amor incondicional de Deus, e que, quando o sujeito lírico se afasta desse amor, percebe o quão injusto e egocêntrico é. A partir desse comportamento, advém a tristeza e a insegurança quanto à sua vivência na terra.

Jacinta Passos e Murilo Mendes ressignificaram posteriormente sua relação com a poesia voltada à religiosidade. Jacinta abandonou a crença na Igreja enquanto instituição e meio de ligação com o sagrado, bem como abraçou a crença em um partidopolítico. Mendes redirecionou seu olhar ainda dentro da temática religiosa, de modo a questioná-la em *A poesia em pânico*, de 1937, que escreveu em parceria com Jorge de Lima.

1.2.2 Jorge de Lima: o ofício do poeta guiado por Deus

O último autor, também convertido ao catolicismo, parceiro literário de Mendes e um dos representantes da corrente espiritualista do Modernismo, dividirá com a poesia religiosa de Jacinta Passos um aspecto muito importante: a missão do poeta. O sujeito lírico aparece nos poemas religiosos de Jacinta como um mediador e um divulgador da palavra de Deus cuja missão é cantar suas belezas e a graça divina. Jorge de Lima partilhará, à sua maneira, o honroso ofício do poeta:

Poeta, poeta, não podes

Desarrumar as terras do mundo.
 Poeta, podes fazer.
 Arrumar sem limites de pátria!
 Poeta, podes fazer.
 Derramar azeite no mar,
 plantar flores no topo dos montes,
 plantar trigo nos vales do mundo.
 Poeta, podes fazer.
 Abrandar os tufões nos espaços,
 acabar com os tiranos do mundo.
 Poeta, podes fazer.
 Extinguir a palavra de Deus,
 afastar a Verdade da Terra.
 Poeta, não podes fazer.¹⁶

A figura do poeta surge em sua potência transformadora no mundo. Ele, através da força criadora que a tudo governa, torna possível, por meio da palavra, que é como uma semente, ter na Terra o poder de designar as mudanças instituídas pelo Pai onipotente. Para o poeta, quase tudo é realizável – “Desarrumar as terras do mundo” e “Arrumar sem limites de pátria” –, só não lhe é lícito negar a “verdade”, esta única e inconfundível instância que são os desígnios de Deus, os quais se colocam para o homem como “a verdade e a vida”.

O poeta não poderá afastar-se desta verdade sob pena de profanar a fé e de estar, como no poema anterior de Jacinta, “Contrição”, alijado dessa graça divina que é a razão de ser dos homens e, mais ainda, do poeta, que é o porta-voz do criador e aquele que promove a ligação entre o plano das coisas materiais e baixas com o sublime.

A concepção do eu lírico acerca do poeta como uma espécie de missionário de Cristo fora também defendida pelo próprio escritor: “O poeta deve ter fome do eterno, do essencial, do universal [...] há poetas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim a poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação” (LIMA, 1958, p. 64).

Conforme Carvalho (2012, p. 30), Jorge de Lima iniciou sua escrita dentro do contexto literário parnasiano e, posteriormente, passa a figurar no quadro dos escritores modernistas. Ele e Murilo Mendes, com quem dividiu a autoria de *Tempo e eternidade* (1935), dedicado ao amigo Ismael Nery (1900-1934), pintor e poeta, aproximam suas narrativas de maneira que a compreensão da escrita literária esteja estreitamente vinculada a uma espécie de sacerdócio do poeta. Nesse sentido, a expressão da fé torna-se a tônica nesses poemas, de maneira que é ela

¹⁶ LIMA, 1997, p. 330.

[...] uma experiência desestabilizadora da consciência tranquila do homem, e é nesse sentido que ela interessa a poetas como Murilo Mendes e Jorge de Lima. Daí a dificuldade de conjugar o engajamento desses poetas tanto com uma tradição forte, o cristianismo, como um movimento de vanguarda artística, o surrealismo. [...] esses poetas apreendem as forças e as formas do êxtase, atalhos para a dissolução das consciências tenazes arraigadas nas evidências da história e da ciência. (CARVALHO, 2012, p. 303)

Através de imagens e da tentativa de retorno ao passado bíblico, de modo a construir uma experiência que aproxima o eu lírico de um importante personagem desse contexto, o poeta traz, com uma roupagem simbolista, um texto que busca se aproximar da origem de tudo, do verbo divino, da força criadora:

Já não vejo mais a paisagem de plantas carnívoras.
 Levada pelos riachos a água velha canta de novo.
 A relva ignora sua tragédia e alteia as folhas inocentes.
 Regresso ao teu tempo, Davi.
 Como tu tenho harpa e tenho Deus.
 E num dia bíblico assim
 fora dos tempos duros
 posso voltar às origens,
 e sentir como tu
 que sou mais forte que o rei,
 mais forte que todos os Golias.
 Mas não sei como tu
 distinguir se essa estrela claríssima
 é a estrela da manhã
 ou se é mesmo a poesia
 que nós vemos no céu
 – antecedente e posterior a tudo.
 (LIMA, 1997, p. 338)

Há, no poema, um contraste entre o mundo concreto e a dimensão onírica que a linguagem utilizada pelo poeta evoca: “E num dia bíblico assim/ fora dos tempos duros/ posso voltar às origens”. Existe, também, a intenção de um retorno majestoso às origens de tudo, a um momento em que, através da força conferida por Deus aos seus escolhidos – Davi no tempo bíblico; ao poeta no tempo presente –, é possível vencer desafios inimagináveis: “R regresso ao teu tempo, Davi./ Como tu tenho harpa e tenho Deus.”

O poeta, na voz do eu lírico, adquire a força necessária para tornar-se um “pastor” na Terra – “posso voltar às origens/ e sentir como tu/ que sou mais forte que todos os Golias” –, e busca acercar-se da genealogia primeira, da essência, da criação: “Mas não sei como tu/ distinguir se essa estrela claríssima/ é a estrela da manhã/ ou se é mesmo a poesia/ que nós vemos no céu/ – antecedente e posterior a tudo”. Essa é a própria essência divina: “Eu sou aquele que sou” (EX. 3, 13-15), “Eu sou o Alfa e

Ômega”, “Aquele que é que era e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1: 8-11).

Aceito as grandes palavras

Aceito as grandes palavras eficazes
e os caminhos que Deus pôs diante de mim.
Aceito o sangue derramado se é necessário
para levantar o pobre.
(Minha meditação me queima, Senhor!
Mas me deixai falar para me desafogar).
Aceito a oração para mim e pra distribuí-la como pão.
(Minha meditação me queima, dai-me água
para me dessedentar).
Aceito a não-importância da vida.
(Senhor pegai minha mão para não me matar).
Aceito os dias com seus cinemas, seus *bonds*,
seus *flirts*, suas praias de banho, sua atualidade.
Mas deixai-me ver no meio dessa conturbação
o que está acima do tempo, o que é imutável.
Senhor, estou cansado, quero descansar.

O título do poema anuncia a ideia que irá permear todo o texto: a grandeza divina, como expressa a voz lírica nos dois primeiros versos: “Aceito as grandes palavras eficazes/ e os caminhos que Deus pôs diante de mim”. Nesse trecho, fica perceptível a identificação com essa “grandeza” característica dos símbolos relacionados ao sagrado que tanto destacamos durante a análise.

A aceitação, por parte do sujeito lírico, da superioridade de Deus e de sua magnificência diante do humano, é explícita e se relaciona ao contexto maior da corrente espiritualista, cujos escritores representantes primavam “pelas reflexões e poesia imbuídos de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo”, (MIRANDA, 2017, p. 02), ainda que, no caso do poema, não se trate de uma manifestação explicitamente católica, mas sim cristã, na qual permanece essa relação dual entre “sagrado” e “terreno” no que se refere aos comandos de Deus sobre a vida humana.

Outro aspecto importante identificado no poema é a forma como o eu lírico lida com os símbolos da modernidade: “Aceito os dias com seus cinemas, seus *bonds*,/ seus *flirts*, suas praias de banho, sua atualidade.”, ou seja, o poeta aceita as mudanças tecnológicas, a agitação e a industrialização que a vida moderna impôs às civilizações, mas deixa patente sua submissão a esse Deus. Essa submissão é como a vista em Efésios 5:21, no que trecho em que é afirmado “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” – temor esse baseado no amor que ele tem por seus filhos –, o qual encontra

ecos na passagem na seguinte passagem do poema: “Mas deixai-me ver no meio de dessa conturbação/ o que está acima do tempo/ o que é imutável.” Finaliza-se o poema com a sugestão de que é desejado afastar-se desse mundo material e veloz que, por vezes, aflige-o e lhe provoca sua extenuação, talvez física e espiritual: “Senhor, estou cansado, quero descansar”.

Em Jacinta Passos, a exaltação à magnitude divina é expressa em “A dor absoluta”. Nesse poema, dialoga-se com alguns aspectos do texto anterior de autoria de Jorge de Lima.

A dor absoluta

A plenitude do Ser infinito,
Senhor,
tu não podes comunicar.
Desse informe plasma original onde dormem todas as realidades possíveis,
nenhuma criatura,
nenhuma vida,
o teu ato pode fazer surgir ilimitada e perfeita.
não podes criar nenhum ser como tu.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p.60)

A limitação humana se apresenta na fala do eu lírico a Deus, de forma a demonstrar toda a sua grandeza e plenitude em relação ao humano por Ele criado, que, mesmo recebendo do criador o sopro de vida, não passa de sua condição de inferioridade em relação ao plano do sagrado. Por isso, “a dor absoluta” em não poder alcançar a divindade e não poder partilhar com ela essa existência imaterial sublime: “A plenitude do Ser infinito,/ Senhor,/ tu não podes comunicar”. Esses são versos que se assemelham aos últimos trechos do poema de Jorge de Lima transcrito anteriormente, nos quais a imanência divina é descrita como “antecedente e posterior a tudo”.

A relação que esses três autores estabeleceram entre a poesia e a religiosidade remonta ao que foi postulado por Erich Auerbach em *Mimeses*, quando o autor discute, entre outros conceitos, a questão da representação da realidade no texto literário, e a relação da literatura com a religião. Na presente análise, é importante observar a importância das escrituras bíblicas para a arte literária.

O aspecto religioso, cerne da discussão que ora empreendemos, permeou movimentos literários, como defende o crítico alemão, de tal maneira que essa influência se dá em autores diversos e de formas variadas, assim como ocorreu em movimentos literários importantes, como durante o Romantismo no século XVIII.

Auerbach problematiza, por exemplo, a reação que os escritores românticos tiveram quando foram processadas rupturas sociais promovidas pela Revolução Francesa, o que os levou a se aproximarem de uma dicção mística e religiosa, na qual prevalece uma temática tida como “universal”, assim como ocorre na poesia de nossos três autores:

A atmosfera se tornou mais favorável ao sentimento religioso e mesmo aqueles que permanecem estranhos ou hostis às instituições das Igrejas estão imbuídos de uma religiosidade vaga, mística ou panteísta, bastante distanciada do materialismo e do sensualismo que tinham dominado no século XVIII. Mesmo os ateus românticos dão ao seu ateísmo um ar de desespero lírico que conserva algo de religioso. (AUERBACH, 1972, p. 232)

Essa concepção acerca dos escritores românticos frente às transformações sociais promovidas por um evento histórico do calibre da Revolução Francesa, no final do século XVIII, aproxima-se da premissa de que alguns autores modernistas da vertente espiritualista trabalhavam na contramão da velocidade e do excesso de futuro trazidos com as profundas alterações da vida política, social, econômica e cultural nas quais o modernismo brasileiro esteve contextualizado.

Foi diante do período de industrialização das grandes metrópoles, da ideia vigente de progresso e de avanço tecnológico que os escritores aqui analisados pareciam querer retornar a um passado de aproximação com a transcendência, de maneira a acessar esse sobrenatural que explicaria o mundo. Há, também, nesta vertente literária, a tentativa de pensar a identidade brasileira a partir do interior:

Em contraste com as correntes vanguardistas da época, os escritores da vertente espiritualista deixaram o seu legado pelas reflexões e poesia imbuídas de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo. Assumiram, segundo a historiografia, uma postura reacionária ao combater o excesso de localismo, nativismo e coloquialismo evidenciados pelos grupos modernistas paulistas. (MIRANDA, 2017, p. 2)

Em síntese, nos interessa compreender de que maneira esses poetas, Murilo Mendes e Jorge de Lima, e a poetisa Jacinta Passos encontram um ponto de interseção entre suas líricas, a despeito de Jacinta não ter feito parte desse grupo de acordo com o cânone literário brasileiro vigente.

A literatura mística produzida por eles se aproxima na medida em que a poesia religiosa católica de Murilo Mendes e Jorge de Lima ecoa na produção inicial da baiana Jacinta Passos. É possível entender que esses artistas fizeram de sua literatura profissão de fé quando se trata do compromisso com uma concepção de mundo vinculada à ideia de pacificação do homem nos aspectos individuais, existenciais e universais partilhados

pela coletividade humana, bem como relacionada até mesmo ao senso de justiça proveniente da concepção cristã de compartilhamento, algo perceptível, em especial, nos primeiros poemas de Jacinta quando neles se remete ao “amor divino” como esse elemento pacificador do ser humano.

Jorge de Lima teve, também, uma relação com o Surrealismo, sobretudo via influência de um artista multimeios, o pintor paraense Ismael Nery (1900-1934), que passou uma temporada em Paris nos anos 1920:

[...] é bem provável que a relação de Jorge de Lima com o Surrealismo provenha também indiretamente de Ismael Nery, criador do Essencialismo [...] amigo de Murilo Mendes [...] que estabeleceu contato direto com André Breton e Marc Chagal em 1927. (CAVALCANTI, 2008, p. 422.)

Nesse sentido, o essencialismo se aproximaria do cristianismo, traço importante na produção poética de ambos os autores à medida que, por definição, “seria a existência *noumenal* ou indecomponível das coisas”. Em uma [...] perspectiva metafísica advoga-se que alguns objetos têm qualidades que são imutáveis e eternas [...],¹⁷ característica essa que se aproxima de temáticas utilizadas pelos autores em muitos de seus poemas que dão conta da ideia totalizante que abrange Deus e demais símbolos desse sagrado perseguido pelo eu lírico, algo presente nos textos de Murilo Mendes, Jorge de Lima e Jacinta Passos. No poema que segue, ficam perceptíveis esses traços do essencialismo em Murilo Mendes:

Nasci no plano do eterno
Eu hei de me precipitar em Deus como um rio
Se minha alma sobrevoa a própria poesia?
Só quero repousar na imensidade de Deus.
Eu sou da raça do eterno.
(MENDES, 1959, p. 121)

No Brasil, outra forte influência para os dois poetas escritores foi Ismael Nery (1900-1934), que teve contato com outros artistas de inspiração surrealistas na Europa: “é bem provável que a relação de Jorge de Lima com Ismael Nery lhe tenha fornecido subsídios para essa aproximação do catolicismo”.

1.2.3 Augusto Frederico Schmidt: Deus como força totalizadora

Outro poeta da geração de 30 que possibilita uma aproximação temática com a obra de nossa escritora, não tanto pelo estilo, que se apresenta mais hermético, mas pela

¹⁷ CEIA, Carlos. E- Dicionário de termos literários. Disponível em: < <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/essencialismo/> > Acesso em: 16 jul. 21.

temática que traz uma carga simbólica importante em relação à presença do sagrado na poesia, é Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), que, como afirmou Mário de Andrade, é um

[...] poeta que vem de judeus e soube tirar dessa origem temas e caracterizações de poesia [...] é um católico de ação e necessariamente havia de demonstrar exasperação monárquica. [...] E sempre um Deus. Um Deus desamável, mas bem jesuítico, bonito, volumoso e duma violência sincera. (ANDRADE, 1974, p. 37)

Schmidt sofreu influência direta de escritores europeus de aspiração católica, como Paul Claudel e Charles Péguy, tanto na escolha dos temas quanto na forma de escrever, e adquiriu, segundo Lecherbonier (1994:144-160), “a dicção do poeta francês recursos estilísticos como a repetição ou a assonância, de modo que o poema torna-se volumoso e fluido.”

No poema seguinte, identifica-se uma relação de prece entre o poeta e o elemento sagrado, que, não obstante, é também a figura de Jesus Cristo, tão lembrada por Jacinta nos poemas que transcrevemos antes:

Calvário

Felizes sejam os caminhos onde os Seus Pés Pisaram,
e felizes as árvores em que os Seus Doces Olhos Repousaram.
Felizes as nuvens do Céu, efêmeras e leves.
Felizes as almas que ainda não nasceram.
Feliz tudo o que está inocente
do crime que estão cometendo hoje e ontem
– Do crime de fazê-Lo Caminhar ao peso do Madeiro.
Felizes os animais e as flores.
Felizes os mares e os passarinhos do Céu.
Felizes todos os que não participaram do crime.
Felizes os que dormiam nos berços e não sabiam o que estavam fazendo.
Felizes os que ignoravam as Suas Palavras
E não sabiam que Ele Tinha Chegado.
Felizes os que não participaram do crime,
porque sobre estes permanecerão as chagas,
porque sobre estes, até o fim dos tempos,
estará Fixado o Seu Olhar sem culpa e sem ódio!
(SCHMIDT, 1995, p. 221)

O poeta compartilha com Jacinta Passos e Auta de Souza um tema, a saber, o sofrimento maior de Cristo. O eu lírico constrói uma imagem que mescla a ideia do crime que cometeram contra Cristo com ornamentos de beleza e sutileza da inocência manifestos em símbolos e palavras que transmitem suavidade, em contraste com outros

índices que ensejam a violência da *Via Crucis*: “[...] felizes as nuvens do Céu, efêmeras e leves./ felizes as almas que ainda não nasceram/” se contrapõe, então, aos versos “do crime que estão cometendo hoje e ontem/ – Do crime de fazê-Lo Caminhar ao peso do Madeiro.”

Em “A procura do Natal”, a fé é novamente perseguida pelo homem em um mundo que apresenta seus obstáculos:

À procura do Natal

Caminharei em busca do presépio
a noite inteira, meu Senhor.
Não haverá, porém, nenhuma estrela,
para guiar meus passos.
Todas as estrelas estarão imóveis
no céu imóvel.

Caminharei em busca do presépio
a noite inteira, meu Senhor.
As estradas, porém, estarão solitárias,
tudo estará adormecido,
as luzes das casas, apagadas,
as vozes dos peregrinos terão morrido
na distância sem fim.

Caminharei ansioso à tua procura,
mas estarei tão atrasado,
o tempo terá caminhado tão na minha frente,
que me será difícil encontrar teu recanto humilde.
Cansado, encontrarei grandes cidades,
mas a tua cidade, Senhor, terá desaparecido.

Muitos se rirão de mim, sabendo que te procuro.

Não haverá nenhuma estrela
para mostrar o lugar em que te encontras.
Todas as estrelas estarão imóveis no céu...
(SCHMIDT , 1956,p. 10)

A voz lírica busca encontrar, através do simbolismo do Natal, entre o presépio e a luminosidade da estrela que iluminou a noite do nascimento de Jesus, a sua própria fé. O sujeito poético perseguirá, entre todos os obstáculos colocados em seu caminho, essa fé que parece risível aos olhos dos homens comuns. Percebe-se que, de fato, a voz lírica permanece à procura do seu Deus, do conforto espiritual que só ocorre na presença do “Senhor”: “Caminharei em busca do presépio/ a noite inteira, meu Senhor!/ [...] Caminharei ansioso à tua procura.”

A busca é incessante e seu durar guarda semelhanças com o durar da vida do sujeito lírico. Ele percorre um caminho que parece ser o da própria vida. Solitário, enfrenta o deserto desta jornada e suplanta os desafios que se lhe impõem, como a

descrença de outrem diante da sua fé: “Muitos se rirão de mim, sabendo que te procuro/ Não haverá nenhuma estrela/ para mostrar o lugar em que te encontras/ Todas as estrelas estarão imóveis no céu” – ou seja, o eu poético permanece em sua busca, mas está ciente das limitações para o encontro com o Senhor. Ele está certo que não existe via tranquila para alcançar a sua fé, mas, ainda assim, prossegue em sua caminhada.

Jacinta publicou poemas que abordam, também, a relação da existência com um propósito e a procura pela espiritualidade. “Ofrenda”, de 1938, parece se aproximar do poema de Schmidt:

Ofrenda

Senhor,
Eu quis fazer da minha vida
meu mais belo poema em teu louvor.
A minha obra mais pura de beleza,
concebida
num claro instante de emoção
pela minha inteligência
– o dom mais alto que de ti me veio,
a glória de pensar.

Renuncio, Senhor, alegremente,
à alegria de criar,
com minhas próprias mãos, o meu destino.
Quero apenas viver a minha vida.
Quero ser a tua obra,
humildemente,
simplesmente,
como as coisas simples são.
Quero viver em mim teu pensamento,
a ideia que sempre existiu em tua mente eterna
e que quiseste realizar no tempo,
no momento sagrado
em que o amor de meus pais me concebeu.
Eu quero ser nas tuas mãos divinas,
a argila flexível,
que aos toques do trabalho criador
se deixa modelar.
quero que em mim tu realizes, pura,
integral,
perfeita,
a tua obra, Senhor!¹⁸
(PASSOS, *apud* AMADO, 2010, p. 47)

O sentido da existência e do destino só existe em função da relação que o indivíduo estabelece com Deus, e essa se baseia na confiança de que somente Deus pode decidir sobre o destino de todas as coisas, cabendo ao homem a submissão a este princípio.

18.

Nesse sentido, é válido pensar a concepção de religião compreendida por Maquiavel no livro *Discorsi*, no qual é tratada, entre outros assuntos, a noção de religião fundamentada no temor, uma ferramenta de controle exercida por diversas denominações religiosas no mundo e que está associada ao poder político, tendo em vista a influência secular da Igreja nas sociedades ocidentais. Ao analisar a obra do escritor italiano, o professor José Luis Ames aponta que

Maquiavel é claro: religião é *timore di Dio*. O fundamento da religião para Maquiavel é, pois, o medo de um Deus que, ainda que seja apresentado como algo que tem certa feição humana, considerado em si mesmo não constitui razão de obrigação política e de vínculo social. Contudo, ainda que o medo de um Deus não tenha nada que o faça critério e fundamento de comportamentos políticos e sociais por si mesmo, pode tornar-se tal graças à intervenção prudente de um legislador que saiba alimentar, orientar e, sobretudo, organizar em instituições estáveis esse sentimento humano, tornando-o, assim, apto a suscitar coesão política e obediência civil. (AMES, 2016, p. 55)

A subserviência ao divino expressa no poema tem raiz nesse pensamento, ainda que no texto de Jacinta Passos esse sentimento esteja envolto por uma aura de felicidade e contentamento. No poema, o próprio Deus, como criador, saberá como melhor conduzir a vida humana. O sujeito lírico parece saber que não é possível, para ele, dar sentido à sua existência sozinho, pois ele somente existe através dos desígnios divinos, que certamente são bons: “Renuncio, Senhor, alegremente/ à alegria de criar/ com minhas próprias mãos, o meu destino./ [...] Quero ser a tua obra [...]”.

A voz poética renuncia à sua própria força criadora, à sua inteligência, que, além de tudo, é um dom de Deus que lhe foi conferido para estar ao seu dispor, pois em Cristo encontra-se a felicidade e o motivo de estar vivo: “Quero viver em mim teu pensamento, [...] / Eu quero ser nas tuas mãos divinas,/ a argila flexível,/ que aos toques do criador/ se deixa modelar.” Nesse sentido, o sujeito lírico retoma a busca pela fé, algo que também foi expresso no poema de Schmidt ao serem mencionadas a submissão e a crença de que a autonomia humana não é nada além da certeza de que Deus, o criador, é que guiará o destino do homem pela vida.

1.3 Impressões: Jacinta Passos na transição da fé

Um aspecto importante na obra de Jacinta Passos é que sua produção poética está, de fato, dividida entre esta que denominamos ser a primeira fase de sua poesia,

caracterizada por um aspecto mais religioso, por vezes bucólico, e com uma estética de ordem próxima ao tradicional em alguns poemas, como quando se usa o soneto em “Maria” (1939), e um outro segmento que se aproxima da oralidade por meio, por exemplo, da incorporação das cantigas de roda que se ouviam no interior da Bahia aos textos.

A poesia de Jacinta Passos, inicialmente voltada à religiosidade e à fé católica, vai se transformar e adquirir outra relação com essas instâncias, pois o Deus cristão cederá espaço para outros “deuses” colocados a serviço de um discurso político, o que, nesse caso, vai diferenciá-la dos escritores com os quais comparamos sua primeira fase poética.

Nesse sentido, a escritora avança rumo a um projeto político partidário que aparecerá em sua obra com a mesma pujança que a fé no elemento transcendental tem nesses primeiros poemas.

2. Segunda fase: poesia em transformação

*Todo artista verdadeiro, isto é,
todo artista que sente
realmente a sua obra e procura
realizá-la honestamente, faz
arte social.*

Jacinta Passos

2.1 Poesia no mundo, ativismo humanista

Como observado anteriormente, Jacinta Passos se afastará paulatinamente da Igreja Católica, e a centralidade que existia na sua vida quanto à religiosidade cederá espaço para uma postura mais pragmática em relação às dores humanas. Isso significa que os sofrimentos saem do *status* dessa interioridade apresentada nos primeiros poemas e se dirigem à noção de que os problemas não são apenas individuais, mas também de ordem coletiva, envolvendo o social e o político, os quais não possuem respaldo dos desígnios divinos, porém podem ser dirimidos pelos homens pelas mulheres.

Com a eclosão da Segunda Guerra, em 1939, Jacinta já se movimentava em torno da luta antifascista e atuou, à época, em diversas frentes na área política. De acordo com Janaína Amado (2010, p. 358), “A partir de 1941, passou a organizar-se com entusiasmo contra o fascismo, a exigir que Brasil ingressasse na guerra para lutar com os aliados”. É deste período, também, o seu trabalho voluntário junto à Legião Brasileira de Assistência – LBA, que prestava apoio às famílias dos soldados enviados à guerra.

Em 1945, Jacinta se filia ao Partido Comunista Brasileiro quando de sua viagem a Porto Alegre juntamente com o também escritor James Amado, com quem era casada. A partir desse momento, a atividade militante se intensifica e a escritora passa a atuar em comícios e a ministrar palestras, dentre outras funções pela legenda.

Tal transformação no âmbito pessoal é sentida na literatura a partir da publicação do seu terceiro livro, *Poemas Políticos*, em 1951. Assim como a relação com a Igreja fora visceral, o mesmo ocorrerá com a militância política. A publicação deste livro é o ponto de virada na carreira literária da poetisa, que criará, com o Partido

e com a ideologia comunista, uma relação devotada. Na estrofe do poema que destacamos, percebe-se que a preocupação principal passa a ser a divulgação do ideário comunista por meio da linguagem poética:

[...]

O rio

Tantos rios como eu abriam leito de pedras
e pranto. Um dia perguntávamos:

— Dizei-me, curva, aonde vou? Casa tronco rocha sois
aqueles que ficam, minha lei é não parar. Sigo
fio de água, água humilde sou, para onde? Ó curva,
falai. Água de revolta, espuma e ódio nos poros
na garganta, no útero, pranto de mulher, água
de fel antigo, quem é meu semelhante? Dizei, aonde vou?

Leito de pedras e pranto. Súbito, próximo,
atravessou, olhai, ele!
Ali na frente, vivo, tão vivo,
ele sim! O rio das águas inúmeras. Correi
doçuras e dores, punhos, Partido, esperança nossa;
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 134)

A relação da poetisa com o sagrado, em textos como “Maria”, “Agonia no horto”, “Cântico do exílio”, dentre outros que escreveu, é ressignificada através da relação de submissão e total fidelidade ao ideário comunista e ao próprio partido enquanto instituição.

O “rio” pode ser lido como uma metáfora para a fundação do Partido Comunista no Brasil, o que ocorreu em 1922. A ideia de fluidez e de correnteza representa uma espécie de força avassaladora que emana da “nascente” deste rio. No terceiro verso, repete-se a ideia de força e de estabilidade que o Partido representaria – “Casa, tronco, rocha sois” –, e esse “impulso da natureza”, que, a princípio, apresenta-se manso, humilde, carrega também a revolta, fruto das injustiças e das mazelas sociais. Isso vem posto na imagem que aparece nos versos “[...] Sigo/ fio de água, água humilde sou/ para onde?/ Ó curva, falai/ Água de revolta, espuma e ódio nos poros”, o que denota um inconformismo com o que estava posto antes do advento do Partido. Nos versos seguintes, a voz lírica dá conta de que a trajetória deste rio será desafiadora, ele abrirá “Leito de pedras e pranto”, mas continuará seu curso.

A interioridade do eu lírico em composições da primeira fase poética de Jacinta Passos estava mediada pelos símbolos da sacralidade Judaico-Cristã que representavam o mundo, a natureza, os sentimentos e as aflições humanas, tais como os membros da Sagrada Família, Jesus, Maria e José. A figura do Deus Pai era a que ditava o destino dos

homens e das mulheres, além de lhes prover respostas às suas agruras. Ele, onipotente e acolhedor, Maria, mãe e intercessora, e Jesus, o depositário de todo sacrifício em prol dos seres viventes na Terra.

Neste poema, percebe-se que a “solução” e a única “esperança” para os homens seriam instituições que eles mesmos criaram e, na visão da voz poética, o meio para solucionar os “problemas terrenos” seria um partido político: “ele sim! O rio das águas inúmeras. Correi/ doçuras e dores, punhos, Partido, esperança nossa”. Notemos, ainda, que ela escreve “Partido”, fora da sigla, em maiúsculas, dada a grandeza que atribuía a essa instituição como uma forma de recriação do valor antes atribuído a um deus imaterial, abstrato, ao mesmo tempo em que o “Partido” está no plano material e possui, segundo a voz lírica, a potência da esperança, da mudança que tanto se deseja no mundo.

2.2 A escrita de Jacinta e o contexto histórico brasileiro

O clima político no Brasil no período em que Jacinta se consolida como poetisa foi marcado pela gestão antidemocrática do governo Vargas. O político gaúcho estava no poder desde a Revolução de 1930, que resultou na deposição do presidente Washington Luís (1869-1957), revolução essa que havia sido impulsionada por fatores internos, como a criação de um parque industrial que visava modernizar a produção nacional, e externos, ocasionados pela crise econômica mundial provocada pelo *crash* da Bolsa de Nova Iorque em 1929, a Grande Depressão.

Em 1937, sob a justificativa de unificar o país, Getúlio Vargas instaurou o regime que estaria vigente pelos oito anos subsequentes:

No dia 10 de novembro de 1937, em pronunciamento feito em cadeia de rádio, à noite, Getúlio Vargas denunciava a “democracia dos partidos” como um regime desgastado que ameaçava a unidade da pátria. Na sua visão, o Congresso era um aparelho ineficaz e muito caro para o povo e que não valia a pena manter. [...] Segundo Getúlio, o Estado Novo promoveria a verdadeira unificação do país, o seu desenvolvimento [...] Vargas anunciou a decisão do Governo de suspender o pagamento da dívida externa, a extinção de todos os partidos políticos e a cassação dos mandatos parlamentares, bem como os mandatos legislativos e dos governadores estaduais. (D'ARAÚJO, 2016, p. 35)

Durante esse período de centralização governamental, com a suspensão de direitos políticos, o PCB foi desarticulado e vários de seus militantes foram presos.

Desse momento em diante, o partido esteve ilegal e Jacinta Passos continuou a desempenhar atividades pela legenda¹⁹, conforme Amado (2010), e este dado possivelmente contribuiu para o agravamento de sintomas, talvez pré-existentes, do seu sofrimento psíquico.

Ao destacar os escritores brasileiros do século XX, que se inserem na esfera literária de discussões referentes à situação política e social do país, Silviano Santiago afirma que “a atividade artística do escritor não se descola de sua influência política, a influência política não se descola da sua atividade artística” (SANTIAGO, 2004, p. 66). Nesse sentido, Jacinta Passos se filia a uma tradição de escritores que se posicionaram em relação ao contexto sócio-histórico no qual produziram suas obras.

Considerada a segunda fase do Modernismo brasileiro, a Geração de 30 é frutífera em romances que trazem crítica de ordem social e de costumes. Os principais são: *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *São Bernardo* (1934) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Menino de engenho* (1932) e *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego; *Cacau* (1933) e *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado. Nessas obras, são trazidas ao leitor questões sociais tais como a decadência da indústria açucareira, a situação econômica e política de quem vive nos rincões do país, a problemática das secas e a vivência dos excluídos nos grandes centros urbanos, de

¹⁹ Em carta enviada à concunhada Zélia Gattai, Jacinta explicita algumas dessas atividades pelo partido: “Rio 29-9-51

Zélia minha ilustre cunhada

*Desde que nasceu Paloma que estou querendo fazer umas linhas de parabéns para vocês. Desejofelicidades para ela. [...] Você está passando bem? [...] James vai amanhã e eu devo ir segunda para Porto Alegre, ao Congresso de Escritores. Diga a Jorge que as mensagens chegaram todas, e as cartas dele. O congresso promete. [...] Estive num Congresso de Mulheres em São Paulo, no mês de julho, chefiando a delegação carioca (viu a importância?). Foi uma bela vitória, e a pressão policial tomou um caráter nacional contra o congresso. Vou mandar um boletim na capa do qual saiu uma fotografia sua, com João, que achei muito expressiva; vou colocar no correio dentro do meu livro; devem ter seguido dois outros exemplares do livro pelo correio comum, posto pela Editora da Casa do Estudante, que foi quem editou (um exemplar para vocês e outro para Neruda). **Tenho um exemplar do livro de Jorge, mas não posso mandar, porque comprei por 100 para vender por 500, negócio de finanças.** James está escrevendo um romance que é a história da luta dos posseiros do Porto Paraguassu, acontecida em 36, no sul da Bahia. Hoje à tarde foi absolvida E. Blanco, no S. Tribunal, dois votos contra dois, e o juiz desempatou a favor. Vitória do Movimento de Massas para libertá-la. Você já está com saudades do seu filho, sem poder revê-lo. Ele lhe escreve? Vi sua irmã uma vez em casa de D. Eulália. Bem, disponha de mim quanto é possível a esta distância, beijos de Jana para João e Paloma, abraços para você e Jorge”. (AMADO, 2010, p. 387-388). Os trechos grifados dizem respeito a eventos relacionados ao PCB ou por ele patrocinados. Jacinta, como outras mulheres do partido, era responsável por angariar recursos financeiros para a manutenção da legenda, sobretudo quando os trabalhos eram feitos de forma clandestina. Ainda de acordo com a pesquisadora, “como todo militante do PCB, ela cumpria as tarefas que lhe eram destinadas, desde a distribuição de panfletos até a redação de textos políticos, organização e ministração de cursos e conferências, passando por serviços de apoio a dirigentes clandestinos, participação em reuniões, campanhas para angariar dinheiro etc”. (*Idem*, 2010, p. 386).*

modo que as temáticas tratadas percorram um prisma literário de crítica e engajamento social.

De um modo sumário, pode-se dizer que o problema do engajamento, qualquer que fosse o valor tomado como absoluto pelo intelectual participante, foi à tônica dos romancistas que chegaram à idade adulta entre 30 e 40. Para eles vale a frase de Camus: “O romance é, em primeiro lugar, um exercício da inteligência a serviço de uma sensibilidade nostálgica ou revoltada.” (BOSI, 2006, p. 390).

Na poesia, seguindo a tendência crítica presente na ficção, outros nomes se destacam por trazerem também inovações quanto à temática escolhida, além de ratificarem a liberdade formal, a experimentação estética e a rejeição ao academicismo, conferindo ênfase, ainda, ao regionalismo e ao coloquialismo, surgidos na primeirafase. Carlos Drummond de Andrade (1802-1987), Murilo Mendes (1901-1975), Cecília Meireles (1901-1964), Jorge de Lima (1893-1953) e Mário Quintana (1906-1994) são alguns representantes desse momento, pois muitos intelectuais se sentiam compelidos a ter uma posição crítica frente ao mundo que os cercava.

O posicionamento de Jacinta era claro quanto à contribuição que a arte poderia oferecer na luta contra as opressões no contexto nacional e também em relação à guerra. Seu pensamento é que os textos literários produzidos naquele momento deveriam estar intimamente atrelados à realidade. O sentido da literatura, por sua vez, seria concretizado se, e apenas se, estivesse relacionado à situação política da época, uma vez que ela cita vários exemplos de textos e autores que aliaram o texto ficcional aos eventos sociais e políticos.

Em artigo publicado no jornal *O Imparcial*, de Salvador, em 9 de outubro de 1942, ela expõe, com objetividade, e seu pensamento a respeito do cenário literário nacional e do compromisso que, na sua compreensão, o texto literário poderia assumir com a realidade social, política e econômica de um país:

O sentido atual da literatura

Na obra literária, o artista, dentro da sua condição humana, exprime ou **representa** a realidade. E como, dentro dessa condição humana, a realidade é alguma coisa móvel que se transforma sem cessar, a literatura é também um movimento. As novas formas de vida correspondem sempre novas formas literárias. A *Divina comédia* supõe a época medieval com seu estilo de vida. Somente um hebreu poderia ter escrito os *Salmos*. Os interesses vitais que, depois da Idade Média, agruparam os homens em nações europeias, fizeram algumas dessas nações procurarem além, no Oriente em outras terras, os materiais necessários para a conservação da vida. Uma nação pequenina viveu então grandes momentos de aventuras no mar, descobrindo o mundo. Eis as condições para o aparecimento de *Os Lusíadas* de Camões. E Camões, David e Dante são grandes artistas porque realizaram na obra de arte uma época histórica. Foram fiéis à realidade de seu tempo. A fidelidade ao real é amarca dos verdadeiros artistas. Quando alguém, dentro da arte, procura falsificar a realidade, procura prolongar épocas históricas que já terminaram,

consegue apenas caricaturas e não seres humanos. O ridículo nasce da falta de proporção. A figura de D. Quixote é um símbolo eterno, é o ridículo dos homens que procuram viver uma aventura de cavalaria quando a Cavalaria já não é mais uma realidade dentro das condições sociais.

A guerra atual, modificando as relações humanas, imprime um novo sentido ao movimento literário. Talvez ainda não seja possível definir as novas formas literárias em que o movimento se concretizará. Mas o sentido, a linha essencial do movimento aí está, mais ou menos nítida, através dos fatos, sob os acontecimentos que se desenrolam.

Em nenhum momento histórico houve uma comunicação tão direta e tão ampla entre os homens de todos os cantos do mundo. A guerra atual é o primeiro fato que, num determinado momento, liga todos os homens da terra.[...]

O sentido universal da literatura será uma incorporação de novas correntes humanas. Em quase todos os países a literatura não é só uma expressão da vida nacional, mas de alguns grupos sociais dentro da nação. Literaturapopular, como expressão de todo um povo nunca houve. O que é que nós chamamos literatura popular, por exemplo, no Brasil? A literatura da maioria, a popular não se realiza porque faltam condições e meios para ser realizada. [...]

Somente os gênios e os santos não estão delimitados dentro de seu grupo e de sua nação. Os gênios o conseguem pela intuição. O santo é o homem que conseguiu transferir o centro do seu Eu para um Eu universal. Damião, o frade que resolveu viver numa ilha de leprosos e acabou, ele próprio leproso, no centro de sua ação identificava o seu interesse vital com os interesses dos outros seres humanos, os leprosos a quem levou conforto, ajuda e orientação. Todos nós vivemos mais ou menos limitados dentro do nosso grupo. E a realidade brasileira, dentro da literatura, só será uma realidade integral quando as condições sociais permitirem a incorporação, no plano da literatura, de todas essas correntes humanas, que não vivem e pensam como nós.

Os esforços para atingir essa incorporação virão delas mesmas, dessas correntes humanas, como delas virá a sua realização literária. Qualquer esforço nesse sentido, dos que vivem fora dessas correntes humanas será um esforço mais ou menos falso. Reconhecer isso, é talvez a atitude mais honesta, o máximo que podemos atingir com nossa pobre capacidade de sermos objetivos, nós outros, os burgueses.

(*O Imparcial*, 09 de outubro de 1942).

Neste artigo, inicialmente publicado na revista *A Seiva*, de Salvador, em agosto de 1941, ano 3, nº 9, conforme (AMADO, 2010, p. 270), Jacinta critica as formas de literatura que, segundo ela, seriam anacrônicas em relação ao seu contexto. Para a escritora, o sentido de produzir uma obra literária estaria diretamente relacionado à capacidade que o texto teria de alcançar uma universalidade ao trazer questões particulares de uma dada realidade. A escritora compreendia que uma literatura que se faz fora deste crivo, o da realidade local, seria uma espécie de falseamento, de uma não correspondência espaço-temporal – o que, por sua vez, também seria indispensável para conferir certa originalidade ao trabalho. A literatura estaria intimamente vinculada ao humano e à vivência desta humanidade: “[...] o artista, dentro de sua condição humana, exprime ou representa a realidade [...]”. O anacronismo se estabelece no texto quando,

por exemplo, faz-se uma referência ao personagem de Cervantes em um contexto que não representaria a realidade do momento. E a reflexão contida na obra literária deveria recair sobre tempo e temática atuais: “[...] A figura de D. Quixote é um símbolo eterno, é o ridículo dos homens que procuram viver uma aventura de cavalaria, quando a cavalaria já não é mais uma realidade dentro das condições sociais.”

Jacinta Passos exalta, no texto, a importância de criar uma narrativa baseada na objetividade, talvez se distanciando de outros sentidos atribuídos ao texto literário. A autora parece mostrar-se contrária a outras formas que uma obra poderia assumir, restringindo a produção na qual se insere talvez como uma representação quase literal da realidade da guerra, que conferiria outro sentido para os textos artísticos: “[...] A atual guerra, modificando as relações humanas, imprime um novo sentido ao movimento literário [...]”.

Atenta ao desenrolar dos eventos relacionados à guerra e à posição do Brasil em relação ao conflito, ela publicou diversos textos no jornal *O Imparcial* e em outros periódicos. Em agosto de 1943, ela publicou o artigo “Um ano de guerra”:

Há um ano, precisamente, o Brasil sofria o primeiro golpe vibrado pelo nazifascismo. Navios brasileiros, carregados de homens, mulheres e crianças, desceram ao fundo do mar. A notícia correu rápido e, em todos os estados do Brasil, multidões revoltadas gritaram nas ruas, pedindo guerra para vingar os mortos e defender o Brasil. Foi um grande momento aquele, momento de exaltação popular em que o povo brasileiro, através de todas as suas camadas sociais, se levantou, unido, forte, contra a agressão sofrida. Depois, veio a declaração oficial de guerra pelo governo brasileiro. E começou o processo de unificação interna, a repulsa aos elementos da quinta-coluna que ajudaram a matar os brasileiros. Começou um projeto de ação menos impetuosa e mais organizada. Organizações populares foram nascendo, espontaneamente, para colaborar no esforço de guerra.

Os verdadeiros patriotas, conscientes de que a união nacional era o único caminho para a vitória do Brasil contra os inimigos externos e internos, uniram-se em torno da política de guerra do Presidente Vargas, esquecendo interesses partidários e divisionistas. A industrialização do Brasil, a conquista das nossas forças e riquezas em potência, apareceu como uma necessidade imperiosa para ganhar a batalha do Brasil e das Nações Unidas pela independência das pátrias e liberdade dos povos. Volta Redonda e a batalha da borracha no vale amazônico são dois marcos dessa industrialização que conduziu o Brasil à sua libertação econômica.

Essa luta do povo brasileiro, iniciada há um ano, continua ainda, continua em ritmo crescente e vai vencendo todos os golpes da reação. A quinta-coluna, os integralistas, obedecendo à orientação do fascismo internacional. Navios brasileiros continuam sendo afundados. “Buarque”, “Olinda”, “Arabutan”, “Cairu”, “Cabedelo”, “Parnaíba”, “Gonçalves Dias”, “Alegrete”, “Pedrinhas”, “Tamandaré”, “Baipendi”, “Aníbal Benévolo”, “Araraquara”, “Itagiba”, “Arara”, “Barbacena”, “Piave”, “Osório”, “Lages”, “Brasiloide”, “Afonso Pena”, “Bagé”, todos esses navios jazem no fundo do mar, são riquezas brasileiras perdidas e, sobretudo são vidas brasileiras perdidas. São centenas, já sobem a um milhar, são mil vidas humanas, mil elementos da comunidade brasileira que desapareceram tragicamente.

Diante desta agressão, diante do sofrimento e da morte dos nossos irmãos, diante da ameaça da escravidão fascista que pesa sobre o Brasil e o mundo inteiro, qual resposta do povo brasileiro? Participação ativa do Brasil na guerra, eis a nossa resposta. Toda a nossa política de guerra, todos os nossos esforços militares e civis, oficiais e populares, têm convergido para esse fim: guerra ativa. E no momento do primeiro aniversário da declaração de guerra, a próxima partida do Corpo Expedicionário Brasileiro é a comemoração mais digna e mais justa. Lutando ao lado das Nações Unidas, para destruir o fascismo da face da terra, estaremos não somente vingando os nossos brasileiros mortos, mas estaremos defendendo o que é nosso, defendendo a nossa independência presente e assegurando a nossa independência futura. O Corpo Expedicionário Brasileiro é a concretização de todos os esforços desse ano de guerra. Para a sua formação, à sua partida e ao seu êxito devem ser dirigidas todas as energias daqueles que desejam um Brasil independente e livre a todos os brasileiros. (PASSOS *apud* AMADO, 2010, p.283)

A escritora faz referência à entrada do Brasil na Guerra que ocorreu em 22 de agosto de 1942 com o envio da recém-criada Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália. Houve grande pressão por parte de alguns setores da sociedade civil para que o país se posicionasse, sobretudo após navios terem sido torpedeados. Com interesses diferentes, o Brasil, sob o Governo de Vargas, esteve, em alguns momentos, muito próximo da Alemanha devido a questões comerciais de ambas as partes: “A aproximação germano-brasileira manifesta-se em vários planos: o incremento das trocas comerciais, a luta anticomunista e uma influência crescente do nazi-germanismo no sul do país” (SEITENFUS, 2003, p. 11).

Tal aproximação da Alemanha nazista com o Brasil despertou a atenção do governo norte-americano, que passou a ter cuidado com a influência germânica no país, oferecendo, em troca de apoio, a possibilidade de fortalecer belicamente as Forças Armadas, além de contribuir financeiramente para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional. A “ajuda” foi decisiva para um grande avanço na produção industrial do Brasil, a qual foi pautada na cooperação com os norte-americanos, que passaram a ter bases militares instaladas no Nordeste do país, levou os navios brasileiros a se tornarem alvos para bombardeios dos países do Eixo, ou seja, da Alemanha e da Itália. Atenta a essa sucessão de eventos, Jacinta Passos registra em seu texto o nome dos navios atingidos pelos torpedos alemães, um deles, o Baependi, cujo naufrágio é aqui descrito pelo pesquisador Macann Jr.:

O Baependi levou para o fundo do mar 250 homens e sete oficiais do sétimo grupo de Artilharia, junto com as duas baterias de canhões e outros equipamentos. [...] O Brasil se contorcia em repulsa. Em todo o país, o povo se fez às ruas buscando vingança em qualquer coisa ou pessoa de origem ou simpatia alemã. Em Salvador, turbas apedrejavam instalações alemãs e italianas. [...] Vitória, Manaus, Belém, Belo Horizonte – por toda parte do

Brasil, a reação foi a mesma. Finalmente os estudantes deram vez ao pensamento de todos: em São Paulo e no Rio de Janeiro exigiram a guerra. (MACANN JR., 1995, p. 230)

Também citado por Jacinta em seu artigo “Um ano de guerra”, o Baependi, juntamente com mais outros navios afundados, foram o estopim para a entrada do Brasil no conflito. A escritora também registrou em seu texto a aproximação entre Brasil e Estados Unidos ao rememorar a instalação da indústria siderúrgica em Volta Redonda (Companhia Siderúrgica Nacional), via Decreto-Lei, em 30 de janeiro de 1941, em uma manobra do Governo Vargas.

Essa medida se tornou muito importante, já que o país tinha uma grande dependência externa de minérios utilizados, sobretudo, na construção de ferrovias. Jacinta se refere, ainda, à “quinta-coluna”, que, em linhas gerais, se trata de um grupo de indivíduos “infiltrados” em um país que está prestes a entrar em guerra, ou que já está em conflito, repassando informações privilegiadas ao adversário. Este termo tem origem na Guerra Civil da Espanha, ocorrida entre 1936 e 1939:

Ao avançar sobre Madri, durante a guerra fratricida que enlutou a Espanha, o General Mola confidenciou aos jornalistas que, em reforço às quatro colunas da sua tropa regular ainda dispunha de uma quinta-coluna posicionada no interior da capital, pronta para minar a resistência dos que a defendiam e, por assim fazer, facilitar a sua conquista. Quinta-coluna tornou-se sinônimo de agente infiltrado, espião, colaboracionista. Cunhou-se, então, a expressão de uso corrente no início da 2ª Guerra Mundial, para designar os adeptos do nacionalismo hitleriano que atuavam no interior dos próprios países, com o propósito de facilitar sua anexação ao “Reich dos Mil anos”. (SILVA, 1988, p. 13)

Ainda segundo Roberto Silva, essa atividade de “espionagem” ocorreu no Brasil majoritariamente no setor de minérios, pois, dentro de uma política protecionista, cada país buscava preservar sua exploração, no sentido de reter a maior parte dos lucros. No entanto, com uma espécie de *lobby*, alguns estrategistas brasileiros, os chamados “entreguistas”, repassaram aos países com maior potencial de exploração desses recursos dados que favoreciam sua inserção em terras brasileiras, em pé de igualdade com empresas nacionais, sob a doutrina do livre-comércio – “o engajamento da quinta-coluna no ramo é o mais nocivo trabalho de sabotagem econômica, dos quantos podem ser dirigidos ao Estado” (SILVA, 1988, p. 16). Jacinta também exalta no artigo a importância da FEB, já que defendeu, desde o princípio, a entrada do Brasil no conflito, como salientamos anteriormente.

2.3 Vozes assonantes: Jacinta, outros poetas e a guerra

Além de Jacinta, outros escritores brasileiros se posicionaram, através de suas obras, sobre este período em que o mundo testemunhava os horrores da Segunda Guerra. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em *A rosa do povo* (1945), tem sua fase mais politicamente engajada. Os poemas foram escritos entre 1943 e 1945, auge da Segunda Guerra e da vigência do Estado Novo.

A poesia produzida em tempos turbos na vida social é instrumento sofisticado para pensar a realidade e confrontá-la. O belo terá na poesia não somente a função estética, mas também de fruição artística e analítica, enquanto os temas envolvem o homem e seu meio, as dores individuais e coletivas:

Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema ascende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, que o poema exerce a função de suprir o intervalo que isola os seres. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar. (BOSI, 1977, p. 192)

Desse modo, a poesia poderá assumir um caráter dialético com o real, recorrendo, ainda, às imagens e às infinitas possibilidades da linguagem, que, elevada ao seu nível de excelência, não ficará impedida de interagir com a história. Consoante a essa faceta que a poesia poderá assumir encontra-se “Nosso tempo”, que faz parte da coletânea *A Rosa do Povo* (1945), em que o tom de crítica social está presente de forma contundente. Nesse momento, Drummond está próximo da postura que Jacinta assume nessa época.

Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.
Em vão percorremos volumes
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

[...]

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.

[...]

Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços
obscenos gestos avulsos.

[...]

Símbolos obscuros se multiplicam.
guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa na praia, as palavras.

[...]

III

E continuamos. É tempo de muletas
tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar

[...]

IV

É tempo de meio silêncio
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de sentidos
num só. O espião janta conosco.

É tempo de cortinas pardas
de céu neutro, política
na maçã, no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda

[...]

VIII

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
prometa a ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta
um verme. (ANDRADE, 2000, p.29-30)

Os trechos destacados apresentam oito cantos. Neles, a atmosfera de incerteza, medo e caos dá a tônica do poema. O eu lírico anuncia, nos dois primeiros versos, que “Esse é tempo de partido/ tempo de homens partidos”, portanto, não existe a ideia de unidade entre os homens. A vivência coletiva requer que se tome partido, que se tenha uma posição política.

Ressalta-se que, durante a produção de *A Rosa do Povo*, Drummond ocupava um cargo público no governo de Vargas, tendo sido convidado pelo ministro da Educação da época, Gustavo Capanema – que também surge no artigo “Os estudantes e a guerra” de Jacinta Passos, anteriormente transcrito –, para assumir essa função.

O poeta, que já havia ocupado outros cargos no estado de Minas Gerais, encontrava-se na paradoxal posição de crítico do autoritarismo durante a vigência do Estado Novo enquanto atuava como servidor público que deveria estar em consonância com esse mesmo Estado. De acordo com Sérgio Miceli (1979, p. 178), “a voz poética expressa o que o ‘escritor-funcionário’ não pode ou não consegue”.

O tempo assinalado por Drummond é o da guerra. O pessimismo cria uma atmosfera de desespero frente ao mundo em que os homens se encontram, distanciados de sua humanidade: “Esse é tempo de divisas/ tempo de gente cortada”. Ele utiliza a metáfora indicando a violência que a guerra produz, o retrato da mutilação do corpo²⁰ e da alma, tanto pela força opressiva da guerra quanto pela força política.

O poema de Drummond dialoga, em grande medida, com outra obra artística que igualmente expressa o efeito dos horrores da guerra²¹. Ficam perceptíveis referências ao quadro *Guernica*, do pintor espanhol Pablo Picasso, obra essa que, de acordo com Rabello e Rodrigues (2014, p. 77) “emociona o espectador anônimo, que nela lê os destroços de uma contemporaneidade sem datas, marcada pela descontinuidade e incerteza. [...] traduz os sentimentos intensos do pintor ante a destruição da cidade e da morte dos homens e animais.” As imagens de traços retilíneos e de angulações variadas, indicando elementos amontoados e esfacelados encontram ressonância na fragmentação humana e na expressão da violência presente no texto do poeta.

O escritor testemunha esses momentos de grande dor e aflição, e busca, à sua maneira, interagir com os acontecimentos. Tenta decifrá-los, digeri-los, mas parece vã essa intenção: “Calo-me, espero, decifro./ As coisas talvez melhorem./ São tão fortes as coisas!/ Mas eu não sou as coisas e me revolto.”

A esperança, que parecia preencher o coração daquele que escreve, é tomada pelo sentimento de impotência. No quinteto “É tempo de meio silêncio/ de boca gelada

²⁰ O poema se relaciona de forma direta com a obra *Guernica*, de Pablo Picasso, cuja estética remete à ideia desse homem partido, mutilado, arrasado pela guerra. Picasso obteve inspiração para o painel quando houve o bombardeio da cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola, que ocorreu de 1936 a 1939.

²¹ Ainda de acordo com Rabello e Rodrigues (2014, p.77), Pablo Picasso havia produzido o painel a partir de registros fotográficos da cidade Guernica, bombardeada em 26 de abril de 1937 durante a Guerra Civil Espanhola.

e murmúrio,/ palavra indireta, aviso/ na esquina. Tempo de sentidos/ num só. O espião janta conosco.”, o eu lírico faz referência ao tempo de censura e vigilância sobre todos os aspectos da vida social e política no Brasil nos anos do segundo governo de Vargas. A livre expressão já não existia, o tempo era de “murmúrio angustiado”, de permanente atenção: a liberdade estava cerceada, e era imperativo para a sobrevivência que se mantivesse esse silêncio.

No entanto, era ainda tempo de viver, de usar a palavra e lutar. O trabalho do poeta foi, então, colocar-se no mundo, protagonizar a mudança que desejava ver acontecer no sistema político e econômico que o cercava: “O poeta/ declina de toda responsabilidade/ na marcha do mundo capitalista/ e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas/ promete a ajudar a destruí-lo/ como uma pedreira, uma floresta/ um verme.” O poeta tem o poder de convocar o homem comum à luta, de encorajá-lo a, junto com ele, transformar esse mundo de dor e injustiças.

O poema “A Guerra”, que fez parte da coletânea *Nossos poemas*, de 1942, aproxima Jacinta Passos de outros intelectuais que pensaram esse momento, tal como o fez Drummond:

A guerra

Eu sou a humanidade que sofre.
As minhas raízes profundas mergulham no ventre da terra,
o meu espírito como uma antena prodigiosa domina o espaço
e capta todas as vibrações, as mínimas vibrações
trazidas pelos ventos que sopram de todos os lados.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 56)

No quinteto, pode-se identificar que a voz poética se personifica em toda a humanidade, tendo em si todos os sentidos que captam o movimento do mundo, e torna-se o centro para o qual converge todo o sofrimento: “Eu sou a humanidade que sofre”. Além disso, enfatiza-se:

Eu sou a humanidade que sofre.
Experimento no meu espírito e na minha carne
este instante de dor universal.
Sinto a realidade sangrenta dos campos de guerra,
o lívido pavor diante da morte
que ronda sinistra nas grandes aves metálicas,
nos monstros de ferro, nos peixes fantásticos do mar.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 57)

A personificação dessa humanidade assume mesmo um corpo, e é através dele que essa dor por que todos passam é sentida. A violência nos campos de guerra é expressa através do uso das metáforas como “grandes aves metálicas”, o que representa,

nesse caso, as aeronaves que fazem bombardeios em território inimigo, enquanto “monstros de ferro” e “peixes fantásticos do mar” evocam os navios e os submarinos que também promovem ataques em terra e no mar:

Clarões que se abrem,
gritos alucinados,
balas que silvam,
explosão de bombas,
corpos que tombam.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 56)

O poema descreve de forma literal a violência promovida pelos combates, com linguagem crua e direta. A aflição e o desespero humano se faziam presentes, tal como anunciava Drummond com sua “gente cortada”.

É trágica a destruição do homem
pela máquina poderosa que a sua inteligência criou.
Caminho pelas cidades transformadas em trincheiras.
Choro com as mulheres a saudade dos lares vazios,
a perda dos filhos – o próprio ser mutilado.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 56)

Em síntese, o poema segue descrevendo o mundo devastado pela guerra e a tragédia humana em torno das perdas sofridas. Um dado importante é que Jacinta Passos sempre procurou contemplar a dor particular das mulheres em seus poemas. Ela trata de temáticas diversas, mas busca evidenciar a imagem feminina e suas particularidades. Nesse contexto, isso é abordado ao ser mencionada a dor das mulheres pela partida dos maridos e filhos. Com isso, o flagelo da guerra não é apenas físico, mas também psicológico causado pelos traumas daqueles que perderam seus entes queridos.

[...] Eu sou a humanidade que sofre.
Sofro, nesta fornalha imensa onde se misturam homens de todos os povos,
a dolorosa experiência dos meus erros milenares,
do meu radical egoísmo
que não aceitou a realidade total,
que fez de si mesmo o centro do universo,
ergueu fronteiras entre os seres humanos,
dividiu o mundo em pedaços minúsculos,
distribuiu injustamente as riquezas da terra,
organizou o reino da injustiça
onde paira, terrível, sobre todos os seres, a grande ausência de Deus. [...]
(JACINTA *apud* AMADO, 2010, p. 56)

Este trecho apresenta outro aspecto que agravava a condição da humanidade no cenário de guerra. Há uma crítica, ainda que indireta, ao sistema econômico de então. A

questão financeira surge como produtora de injustiças sociais, promovendo a desunião dos homens.

O poema ainda guarda resquícios da influência que a religião católica tem sobre a escritora, de modo que a figura divina aparece como elemento inexistente em meio ao caos que o ser humano causa a si próprio ao longo da vida. Tal como no poema drummondiano, a autora, por um lado, fala da guerra no seu aspecto mais geral, no sentido da universalidade que o conflito abarca, e, por outro, coloca a questão das condições socioeconômicas como mais um dado fundamental para entender o mundo.

Murilo Marcondes de Moura chama a atenção para a experiência da escrita de uma “poesia de guerra” por parte de escritores brasileiros. Um importante aspecto a ser observado nesse sentido é que nossos escritores atuavam “periféricamente” ao conflito, uma vez que só podiam estar no lugar de observadores distantes – aqueles que acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos através do rádio e do jornal.

Desse modo, o “sentimento do mundo” constitui um mote para esse tipo de escrita, não pela experiência imediata com o conflito, mas porque “traduz com felicidade esse estado de participação intensa e íntima em um acontecimento do qual se está afastado fisicamente” (MOURA, 2016, p. 21). Este aspecto, no entanto, não faz com que a poesia produzida a partir da guerra tenha menos apelo estético, ou mesmo se torne apenas referencial. A circunstância, como descreve o autor, oferece ao poeta um motivo, uma temática (como no caso da guerra), mas seu trabalho é transformá-la em potência de linguagem poética. Esse desencanto com um mundo que apresenta suas contradições, diversas formas de opressão e variados conflitos entre os povos torna-se insumo importante nas obras de autores desta fase, considerada a segunda do Modernismo.

Alfredo Bosi, em *Literatura e resistência* (2002), traz a assertiva de que, por um lado, a poesia pode atuar como manifestação autônoma da linguagem, sem obrigatoriedade de uma vinculação com referências externas. Porém, por outro lado, a poesia pode assumir, em determinados contextos sociais, políticos e econômicos, a expressão da resistência às forças opressoras que se impõem, como nos exemplos explicitados.

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextrincável que ata o sujeito ao contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2002, p. 118)

A experiência da escrita sobre o contexto da Segunda Guerra Mundial e o panorama político brasileiro dos anos 1930 e 1940 aparecerá também em autores como Murilo Mendes e Cecília Meireles. Essa escreve o poema “Guerra”, no qual se verifica uma estética de guerra:

Guerra

Tudo é sangue
que os rios desistem de seu ritmo
e o oceano delira
e rejeita as espumas vermelhas.
Tanto sangue
que até a lua se levanta horrível,
e erra nos lugares serenos,
sonâmbula de auréolas rubras,
com o fogo do inferno em suas madeixas.
Tanta é a morte
que nem os rostos se conhecem, lado a lado,
e os pedaços de corpos estão por ali como tábuas sem uso.
Oh! Os dedos com alianças perdidos na lama ...
Os olhos que já não pestanejam com a poeira...
As bocas de recados perdidos...
O coração dado aos vermes, dentro dos densos uniformes...
Tanta é a morte
que só as almas formariam colunas,
as almas desprendidas ... e alcançariam as estrelas.
Os rios espavoridos como tigres, com suas máculas,

E as máquinas de entranhas abertas,
e os cadáveres ainda armados
e a terra com suas flores ardendo,
e este mar desvairado de incêndios e naufragos,
e a lua alucinada de seu testemunho,
e nós e vós, imunes,
chorando, apenas sobre fotografias,
— tudo é tão natural armar e desarmar de andaimes
entre tempos vagarosos,
sonhamos arquiteturas!!!
(MEIRELES, 2015, p.50)

A atmosfera da violência presente no poema de Cecília Meireles, dialoga diretamente com os versos de Jacinta e com os de Drummond. A intensidade e a dramaticidade da primeira imagem reforçam a estética da guerra: o sangue derramado no conflito em contraponto com a natureza, que busca seguir o seu ritmo, mas que faz desvios por não conseguir conter a insanidade humana, afinal, “Tudo é sangue/ que os rios desistem de seguir seu ritmo/e o oceano delira/ e rejeita as espumasvermelhas.”

A representação da vitalidade e da fertilidade das águas está em situação de polaridade com a violência produzida pelos homens, representada no signo “sangue”, cuja cor vermelha, quente, que em relação a outros elementos naturais, cria um

contraste: “Tanto sangue/ que até a lua se levanta horrível,/ e erra nos lugares serenos,/ sonâmbula de auréolas rubras,/ com o fogo do inferno em suas madeixas.” A luaprateada, serena, é tingida pela vermelhidão desse sangue, que testemunha jorrar na terra. Essa lua, que antes era bela e pacífica na poesia, transforma-se em decorrência das atrocidades humanas, presenciadas do alto. Ela já não é mais prateada ou serena, pois reflete, agora, esse sangue vermelho, essa ausência de paz, o próprio inferno em si mesma.

A imagem dos corpos mutilados no poema de Drummond e a dos filhos perdidos no poema de Jacinta emolduram esse quadro mórbido que afeta não somente a humanidade, como também a natureza: “Tanta é a morte/ que só as almas formariam colunas/as almas desprendidas... e alcançariam as estrelas./ Os rios espavoridos como tigres, com suas máculas,”.

Para Cecília, toda movimentação que o conflito mortal dos homens produz gera uma catástrofe na Terra, retira-lhe a potência de seu curso natural. As estrelas não serviriam para iluminar, mas receberiam as almas daqueles que se foram devido à estupidez dos que produzem a morte através da guerra.

A noção de razão se perde em meio à barbárie. Os laços criados entre os homens são desfeitos pela materialidade da morte que se antepõe a tudo: “Oh! Os dedos de aliança perdidos na lama.../ Os olhos que já não pestanejam com a poeira...”. O poema finaliza com ênfase nos efeitos e nas consequências de tantas mortes e de tamanha dor, mobilizando, para tanto, a repetição da conjunção “e” (polissíndeto): “E as máquinas de entranhas abertas,/ e os cadáveres ainda armados/ e a terra com suas flores ardendo,/ e este mar desvairado de incêndios e naufragos/ e a lua alucinada de seu testemunho,”.

Novamente, as ações humanas resvalam na Terra e em seus elementos: as flores que ardem quando, na verdade, poderiam colorir e perfumar o mundo; e a lua, que presencia toda a cena dos homens mortos ainda armados, um retrato da falta de sentido e de propósito em meio a tanto horror. Surgem a descrença e a desesperança humana diante do caos: “e nós e vós, imunes,/ chorando, apenas sobre fotografias/ – tudo é tão natural de armar e desarmas andaimes/ entre tempos vagarosos/ sonhamos arquiteturas!!!”.

Tal como no poema de Jacinta, há, aqui, a evidência da falta daqueles que partiram, bem como a angústia de quem fica e não pode chorar sobre um corpo, restando apenas as fotografias. A referência aos andaimes dá conta, também, da noção de um mundo em que a modernização e o desenvolvimento não são alcançados por

todos. É ainda um sonho, para muitos, a criação de “uma nova arquitetura”, talvez um novo mundo, com justiça social e sem os horrores da guerra.

3.A Coluna: outra devoção, outro “deus”

3.1 Um novo receptáculo para a fé

O livro *A Coluna*, publicado em 1957, ratifica a relação de fidelidade de Jacinta Passos com o PCB e com uma de suas figuras de maior destaque: Luís Carlos Prestes. Assim como outros escritores brasileiros, ela dedicou a publicação da obra a promover uma imagem heroica do referido político, realizando, para tanto, a retomada poética do evento histórico da marcha empreendida sob o comando do militante em 1925²².

Por meio de publicações como esta, o partido visava construir uma sólida base de apoio nacional a partir do espectro cultural. Algumas publicações, fundadas e mantidas pelo partido, e diversos correligionários foram fundamentais para essa estratégia de comunicação.

Na Bahia, foi criada, em 1938, a revista *A Seiva* – da qual Jacinta foi colaboradora – pelos militantes comunistas João Falcão, Rui Facó, Armênio Guedes, Diógenes Arruda e Jacob Gorender. Importante meio para o Partido Comunista do Brasil,

A Seiva era uma revista orientada pelo Partido Comunista, mas publicamente não poderia cheirar a comunismo. João Falcão, usando o prestígio do nome da família rica, saiu vendendo anúncios. A revista [...] trazia artigos e comentários literários e políticos, mas embora fosse pró-comunista, feita por comunistas, com dinheiro comunista, nunca publicava documentos oficiais do partido. (VAIA, 2013, p. 30)

Destacamos inicialmente *A Seiva* – de propriedade do Partido Comunista – por ter sido um dos periódicos em que Jacinta expandiu sua atuação como filiada ao partido, escrevendo textos literários e análises sobre o contexto histórico do Brasil e do mundo nos anos 1940. De acordo com João Falcão, um dos fundadores da revista: “Ao mesmo tempo em que Jacinta Passos colabora para a revista, com seus fortes poemas, passa a

²² Conforme analisa Anita Leocádia Prestes (1991, p. 115), “[...] a Coluna Prestes marcou a década de 1920 como o momento culminante da revolta tenentista, o episódio mais importante da saga dos ‘tenentes’. Se os demais levantes tenentistas foram efêmeros e, não tendo conseguido se consolidar, facilmente liquidados pelas forças governistas, a Coluna Prestes – a qual se somaram os rebeldes paulistas de julho de 1924 – manteve-se durante dois anos e três meses percorrendo cerca de 25 mil quilômetros através de 13 estados do Brasil.”

trabalhar na redação d'A *Seiva*, sendo, nesse contexto, a única mulher entre seus redatores"²³ (FALCÃO, 2008, p. 74). Ela publicou na revista, dentre outros textos, os poemas "Mensagem às crianças do mundo", "Comunhão" e "Sangue negro do Brasil". Além desse periódico, também colaborou para o jornal *O Momento* (1945- 1957), de propriedade do Partido, entre 1953 e 1954, no qual ficou responsável pelo suplemento *Literatura e Artes*.

A tarefa dos intelectuais era o cumprimento de uma agenda que girava em torno da participação em eventos promovidos pelo Partido e da publicação de assuntos de interesse dessa instituição política, como, por exemplo, a candidatura a cargos eletivos. Jacinta se fez presente em todas essas frentes, bem como participou de diversos comícios, morou no Rio Grande do Sul e em São Paulo a pedido da legenda, integrou a organização de mulheres comunistas e, além de tudo, candidatou-se a deputada federal nas eleições gerais de 2 de dezembro de 1945, mesmo período em que Luís Carlos Prestes havia sido lançado deputado pelo Distrito Federal²⁴.

Havia entre alguns escritores a tradição de homenagear figuras consideradas importantes para o PCB por meio de publicações que enalteciam esses personagens. Era tarefa dos intelectuais filiados ao partido terem, dentro de sua atividade profissional, alguma produção voltada aos interesses da legenda.

Como exemplo disso, tem-se o também baiano Jorge Amado (1912-2001), que publicou *O Mundo da paz* (1951), livro em que narra suas viagens por países socialistas da Europa; *Subterrâneos da Liberdade* (1954), trilogia que trata da resistência do movimento comunista ao Estado Novo; e *O Cavaleiro da Esperança*, uma biografia romanceada de Luís Carlos Prestes.

Outros nomes se somam ao de Amado, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, que também se identificavam com as ideias da esquerda comunista de então. Graciliano escreveu sobre Luís Carlos Prestes "em uma crônica publicada em primeiro de janeiro de 1949 em *A classe operária* [...] revelando questões sobre discursos oficiais

²³ Este fato é importante para compreendermos como Jacinta Passos foi uma intelectual que, por sua atividade intensa, tanto como escritora quanto no desempenho de atividades ligadas à política partidária, reforça a posição de mulheres que pavimentaram um caminho para que outras mulheres tivessem acesso ao trabalho na política. Vejamos que foi a única colaboradora d'A *Seiva* naquele momento histórico, e o quanto esse gesto é importante, o que é salientado por parte de um dos fundadores da revista, o qual reconhecer que Jacinta Passos foi relevante para a quebra de alguns paradigmas, tal como a presença de mulheres nas redações de jornais na época.

²⁴ Foi nesse período que Jorge Amado se candidatou a Deputado Federal da Constituinte, tendo tomado posse em 5 de fevereiro de 1946, de acordo com informações do sítio eletrônico da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/3056/biografia>. Acesso em: 20 fev. 2022.

do partido referentes à construção de heróis da classe trabalhadora através do culto à personalidade” (BARBOSA, 2013, p. 06). Mas Graciliano Ramos apresenta um tom mais contido quanto à mistificação da imagem de Luís Carlos Prestes:

Conseguiria o homem assim crescido eximir-se da grandeza e readquirir o tamanho natural? Pouco provável. Esse gigantismo significa a força criadora da multidão. Tolice negá-lo ou condená-lo. É um fato. Não se improvisa, não se encomenda: absurdo pretender forjá-lo nas escolas ou na caserna, com hinos e lugares comuns. Está no espírito do povo – e não o extirparemos daí.²⁵

Sem embargo de ser mais contido em relação a outros colaboradores do jornal, tais como Jorge Amado, Dalcídio Jurandir e Maurício Grabois, Graciliano Ramos não deixa de reconhecer a potência da grandiosidade que cerca a personalidade de Prestes. O periódico em que escreveu o autor alagoano havia sido idealizado em 1922 pelo jornalista Astrogildo Pereira da Silva Duarte (1890-1965), que lhe cunhou o título de *Movimento Comunista*, o qual, porém, em 1923, com a orientação da Internacional Comunista, passou a se chamar *A Classe Operária*, no intuito de que assim pudesse atingir as massas.

Veículos de comunicação como o jornal *A Classe Operária*, a revista *A Seiva e o jornal baiano O Momento* foram importantes mecanismos de divulgação da lógica comunista no país e cruciais na difusão de uma imagem heroica de seus principais líderes.

Luís Carlos Prestes, por conta da perseguição política que sofreu durante Estado Novo, recebia homenagens e mensagens que solicitavam sua libertação desde a prisão em 1936. Essa reverência se tornou frequente nos anos seguintes ao ocorrido. Na data de seu aniversário, 3 de janeiro, escritores e intelectuais se mobilizavam na construção desse discurso elogioso em torno da soltura do líder comunista, o que Jacinta também fez ao publicar *Poemas políticos* (1951) e *A Coluna* (1957). Verificaremos, então, como a poetisa constrói esse discurso.

Como visto no primeiro capítulo, a relação da escritora com a religiosidade foi intensa, e essa intensidade, em um dado momento, foi transferida para outro aspecto que também lhe era central: a política. Dessa forma, “A partir de 1943, não há mais indícios, nos escritos de Jacinta nem em qualquer outro registro ou depoimento sobre ela, de que tenha se mantido católica. Provavelmente este foi o ano em que se afastou da religião” (AMADO: 2010, p. 363).

²⁵ *A Classe Operária*, 01-01-1949 (ano IV – n. 157) p. 8. In: BARBOSA, 2016, p 84.

Entendemos que a intensidade com que Jacinta desenvolveu suas atividades como filiada do PCB se transformou em uma espécie de devoção. Por um longo período de sua vida fez parte de uma instituição que tinha conceitos e valores morais rígidos, sobretudo em relação ao comportamento feminino, e mais tarde migrou para outra instituição, a saber, o Partido, que também possuía um código de conduta individual pouco flexível. Percebemos, assim, que escritora alterou o foco que norteava boa parte de sua poesia: nos primeiros anos, o exercício da fé católica; posteriormente, a total dedicação ao Partido Comunista.

Neste capítulo, buscaremos demonstrar como a devoção à política, a um partido e a uma personalidade foi construída através da análise de trechos selecionados do livro *A Coluna*, poema dividido em 15 cantos. Para tanto, será necessária uma digressão a fatos históricos que levaram ao ápice do Movimento Tenentista no país.

3.1 Coluna Prestes (1924-1927): antecedentes históricos

As eleições para presidente, em 1922, mobilizaram não apenas o quadro político brasileiro, representado principalmente pelas elites paulista e mineira, que se revezavam no poder, como também grupos dentro das Forças Armadas. Em 1921, a consistência da política do café com leite criou um consenso em relação ao nome que seria indicado: Artur Bernardes (1889-1930). Essa indicação, no entanto, sofreu resistência das oligarquias do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, as quais passaram a exercer uma oposição ferrenha ao nome proposto, o que lhes levou a lançar como concorrente o político Nilo Peçanha (1867-1924).

Nesse contexto, estavam em pauta interesses econômicos e políticos diversos que favoreceram a instabilidade política, o que, mais tarde, repercutiria também em grupos das Forças Armadas²⁶. O contexto nessas eleições favoreceu toda a movimentação posterior:

Apesar da precoce vantagem de Bernardes, a eleição de 1922 foi uma das mais controvertidas da história do Brasil. Uma composição equilibrada com um homem do norte era bem-vista, mas isso gerava um sério problema para a candidatura de Bernardes. [...] Raul Soares, organizador da campanha [...] argumentou que a nomeação de Urbano Santos seria uma solução satisfatória.

²⁶ A relação da esfera militar com o poder político no Brasil, que vinha desde a Monarquia, ocasionou desdobramentos importantes durante a Primeira República. Esse período contou com três presidentes desta área: Marechal Deodoro da Fonseca, de 1888 a 1893, Marechal Floriano, de 1891 a 1893, e Marechal Hermes da Fonseca, de 1910-1914.

[...] O governador Seabra protestou contra a escolha e iniciou um movimento de oposição. [...] Seabra convidou Nilo Peçanha [...] para candidato à presidência. Peçanha aceitou e, junto com Seabra, fundou a Reação Republicana. (PANG, p. 158-159)

As Forças Armadas Brasileiras atuaram de forma contundente neste período tendo coordenado alguns levantes que tiveram impacto no poder político. Desde a Guerra do Paraguai, vencida por Brasil, Argentina e Uruguai, os militares brasileiros entenderam que tinham uma importância que ultrapassava a questão da defesa, identificando-se como socialmente relevantes. A partir do contexto da Questão Militar, a qual envolve os militares e D. Pedro II, criou-se, dentro da área, uma lógica intervencionista, a qual buscava ratificar e justificar seu papel na vida política do país:

Diante da tradição civilista do Império, os militares republicanos se viam obrigados a fornecer ao país e a si mesmos uma justificação do intervencionismo. Foram três as principais justificativas apresentadas durante a Primeira República [...] A primeira ideologia intervencionista girava em torno da ideia do soldado-cidadão. [...] (que) servia de instrumento de afirmação militar e, ao mesmo tempo, refletia o sentimento de marginalidade e o ressentimento dos oficiais em relação à sociedade civil, sobretudo à elite política. [...] O soldado profissional ou a não intervenção e o soldado corporação ou a intervenção moderadora. (CARVALHO, 2019, p. 62-63)

Dentre as três concepções, destacamos a primeira por ser possível relacioná-la aos levantes que ocorreram nesse período, a saber, a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, e a Revolta Paulista, em 1924, esta última preconizadora do levante dos militares no Rio Grande do Sul que, mais tarde, fariam parte da Coluna Prestes.

Ainda em 1921, durante o acirramento do processo eleitoral, foram publicadas, na imprensa do Rio de Janeiro, duas cartas atribuídas a Artur Bernardes, nas quais ele teria desrespeitado os militares, o que precipitou o clima de boicote à vitória do então candidato. Nesse episódio, que ficou conhecido como “Cartas Falsas”, teve-se a suposta primeira carta publicada no jornal carioca *O Correio da Manhã*, em 9 de outubro de 1921:

Belo Horizonte, 3-6-1921

Amigo Raul Soares

Saudações afetuosas.

Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargento sem compostura, aos seus apaniguados, e de tudo que nessa orgia se passou. Espero que use com toda energia, de acordo com as minhas últimas instruções, pois, essa canalha precisa de uma reprimenda para entrar

na disciplina. Veja se o Epitácio mostra agora a sua apregoada energia, punindo severamente esses ousados, prendendo os que saíram da disciplina e removendo para bem longe esses generais anarquizadores. Se o Epitácio com medo não atender, use de diplomacia que depois do meu reconhecimento ajustaremos contas.

A situação não admite contemporizações, os que forem venais, que é quase a totalidade, compre-os com todos os seus bordados e galões.

Abraços do Artur Bernardes. (SILVA, 1971, p. 51)

A resposta à mensagem que ofende nominalmente o Marechal Hermes da Fonseca e, por conseguinte, toda a classe militar, foi rápida e igualmente incisiva. A hostilidade ao político mineiro estava instalada, ainda que ele tenha negado a autoria da carta. O objetivo dos autores da missiva – Oldemar Lacerda e Jacinto Guimarães – teria sido a desestabilização de sua candidatura. O órgão representativo do Exército, então, se pronunciou:

A Moção – O Clube Militar – órgão das classes armadas julga de seu dever que o público conceito emitido pelo Sr. Artur Bernardes na sua carta de 3 de julho último, colocou o exército na contingência de reagir imediatamente. Porque, ou S. Ex.^a tem razão em nos qualificar de canalha venal, ou inutilmente ultrajou o Exército. Na primeira hipótese, o Exército deve ser dissolvido, pois a defesa da nação não pode estar confiada a janízaros e canalhas; na segunda S. Ex.^a sua excelência criou absoluta incompatibilidade entre a sua pessoa e o Exército. Existe, pois, um dilema, como solução única: ou a nossa dissolução, ou o Exército não aceita que sua excelência seja Presidente da República. O Exército proclamou, consolidou e entregou a República aos senhores políticos profissionais, que podem governá-la sem ultrajar aos que têm a convicção da pobreza honrada. E é com tais fundamentos que o Exército implora à Nação a eleição de qualquer outro para Presidente da República, pois não assegura ao Sr. Artur Bernardes o exercício desse cargo. (SILVA, 1971, p. 53)

A crise entre as instituições havia se intensificado, houve uma divisão entre militares e civis que acreditavam ou não na veracidade do que afirmava Bernardes. A alta cúpula do Exército defendia a ideologia do “soldado profissional”, ou seja, “que viacompre pré-requisito dessa profissionalização o afastamento dos militares da política e de cargos públicos” (CARVALHO, 2019, p. 65).

O resultado de toda essa movimentação interna do Exército preconizou o movimento tenentista²⁷, e esses levantes foram os antecedentes do que viria a ser “A Coluna Prestes”, tema escolhido por Jacinta Passos como base de sua obra de 1957. A despeito de toda a movimentação em torno das cartas por parte do Clube Militar, em 1º de março de 1922, Artur Bernardes foi eleito Presidente da República.

²⁷ De acordo com Luiz Toledo Machado (1980, p.165), é a denominação genérica de um fenômeno social e político de implicações decisivas na história republicana. Do ponto de vista social, é expressão da pequena burguesia e de suas inquietações; sob o aspecto político, mergulha raízes no “florianismo” (em referência à Revolta da Armada, 1893- 1894), enfeixando, ainda que imprecisamente, a ideia da Missão do Exército e do dever do soldado.

Entre os dias 2 e 3 de julho, jovens oficiais de várias unidades militares do Rio seriam arregimentados, mas somente os oficiais do Forte de Copacabana deram início ao movimento de sublevação.

Reunidos no Forte, decidiram abandoná-lo para não provocar mais vítimas estranhas à questão, porém também decidiram sair do Forte armados de Fuzil e revólver, imbuídos de seus ideais, confrontando-se assim, contra as primeiras tropas que encontrassem na rua. (SILVA, 1964, p. 462)

Dos rebelados que restaram no conflito, apenas dois sobreviveram: os militares Antônio de Siqueira Campos (1898-1930) e Eduardo Gomes (1896-1981), que, feridos em combate, foram internados no Hospital Militar e, depois, presos.

Uma continuidade do movimento no Rio de Janeiro foi planejada por militares de São Paulo. De 5 a 28 de julho de 1924, a cidade seria o cenário de mais uma rebelião: a Revolta Paulista:

A Revolta Paulista de 1924, conhecida como Revolução Esquecida, foi a segunda revolta tenentista da cidade de São Paulo e o maior conflito armado acontecido por lá. [...] Foi liderada pelo general reformado Isidoro Juarez Távora, Eduardo Gomes (este também participou da revolta no Rio), Índio do Brasil e João Cabanas. [...] Ao chamado das armas, São Paulo foi bombardeada por aviões do governo federal. (DEL PRIORE, 2017, p. 64)

A revolta de São Paulo durou um pouco mais que a do Rio, no entanto, foi igualmente reprimida e não foi possível alcançar o objetivo maior, que continuava sendo a deposição de Artur Bernardes. Após 23 dias de conflito, cerca de 3.000 homens remanescentes rumaram para Bauru e, posteriormente, para Foz do Iguaçu, no Paraná.

Os rebeldes ou heróis deixaram São Paulo em julho, os combatentes da retaguarda lutando ferozmente contra as forças legalistas. Descendo, em direção ao Sul, estabeleceram quartel-geral em Guaíra, no Paraná, onde enfrentaram as tropas do General Rondon. O tenente Juarez Távora prosseguiu em direção ao Rio Grande para insuflar os quartéis contra Borges de Medeiros. São Borja, Uruguaiana e Alegrete se juntaram se juntaram aos combatentes que, depois da derrota para Flores Cunha, refugiaram-se por algum tempo em terras argentinas. Apenas Luis Carlos Prestes com 3 mil soldados resistiu em São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul, pondo-se em marcha na direção do Mato Grosso. Formou-se, então, a Primeira Divisão Revolucionária, conhecida como Coluna Prestes, composta por quatro destacamentos que, durante dois anos, empreenderam a mais épica marcha da história do país. (DEL PRIORE, 2017, p. 70-71)

Essa dimensão épica acerca da marcha será retomada por Jacinta Passos em sua obra, com vistas a reforçar a imagem mítica que Luís Carlos Prestes passou a ter dentro do PCB, tal como fizeram outros escritores identificados com o partido.

A situação de instabilidade política no Rio Grande do Sul em 1923, por conta da possibilidade de reeleição de Borges de Medeiros, que já estava em seu quarto mandato, preconizou o movimento liderado por Prestes.

Em 21 de Janeiro de 1923 eclode, então, a Revolução Gaúcha motivada pela disputa política polarizada no estado, tendo sido também fator determinante na iminente reeleição de Augusto Borges de Medeiros à presidência do estado. Após esse período, Prestes decide comandar um levante no batalhão ferroviário de Santo Ângelo, e, em 29 de outubro, juntamente com outros 300 homens, inicia o movimento que daria origem à grande marcha:

O gaúcho Luis Carlos Prestes (1898-1990), capitão do exército, havia se rebelado em outubro de 1924; pondo-se à frente de um grupo que percorreu cerca de 25 mil quilômetros, atravessou 13 estados brasileiros, perseguido por tropas governamentais de efetivo muito superior, travando incontáveis batalhas, até se exilar na Bolívia, em fevereiro de 1927. [...] O programa da Coluna não era socialista. O que seus integrantes exigiam era o fim dos “impostos exorbitantes” e da “desonestidade administrativa”; eles denunciavam “falta de justiça” e a mistificação constituída pelo “voto descoberto”, que permitia o controle da votação pelos poderosos. Denunciavam também o “amordaçamento da imprensa” e exigiam o fim “das perseguições políticas” e do desrespeito à autonomia dos Estados”. (KONDER, 2003, p.53)

Os rebelados se inspiraram nos ideais liberais de “representação e justiça” e, a partir dessa concepção, passaram a defender o voto secreto e a moralização dos costumes políticos que estavam corrompidos pelo domínio em vigor durante a República Velha.

A relação com a Revolta Paulista foi estreitada pela junção da tropa remanescente com os que haviam feito o levante no Sul²⁸. Prestes já tinha ciência de que os paulistas haviam deixado a capital e rumavam para Foz do Iguaçu. Em 12 de outubro de 1924, Juarez Távora, que havia deixado São Paulo juntamente com Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa e a tropa remanescente daquele levante, seguindo para o Mato Grosso, enviou uma carta a Prestes em que detalha o posicionamento das brigadas e suas condições de combate:

As forças revolucionárias, que ora se encontram na margem esquerda do Rio Paraná, desde a Foz do Paranapanema à Foz do Iguaçu devem orças por cerca de 3.000 homens valentes, bem armados e pletoricamente municionados.

²⁸ Houve conflitos entre os militares do Rio Grande do Sul e os paulistas: “O conceito tático de guerra de movimento parece ter sido ousado demais para a maioria dos oficiais rebelados de São Paulo. [...] a junção de forças precipitou uma divergência insuperável quanto à opção da guerra de posição e a guerra de movimento.” (DRUMMOND, 1986, p. 120)

Estão divididos em 3 brigadas, assim estacionadas: 1ª brigada (general Padilha) Guaíra e Porto Mendes; 2ª brigada (general João Francisco) Santa Helena, Foz do Iguçu e Catanduvas; 3ª brigada (general Miguel Costa) margem esquerda do Paraná, entre o Paranapanema e o Ivaí. O conjunto dessas forças dispõe de cerca de 20 canhões (montanha, campanha e pesada) umas 40 ou 50 armas automáticas e, aproximadamente, uns 6.000.000 de tiros. Conduz, além disto, cerca de 2.000 fuzis Mauser como reserva de armamento disponível. (SILVA, 1971, p. 44)

De acordo com REIS (2014, p. 39), a tropa organizada por Prestes permaneceu, inicialmente, na região das missões composta por municípios como Santo Ângelo, São Luis Gonzaga, dentro outros, enfrentando as tropas federais que dispunham de um efetivo numérica e belicamente superior. Apesar de contar com o apoio de outras guarnições – o 3º Grupo de Artilharia a Cavalos, de Alegrete, e, em novembro do mesmo ano, o 3º Batalhão de Engenharia, de Cachoeira do Sul – só em abril de 1925 é que as duas colunas se reúnem. A marcha foi, então, iniciada em 29 de abril de 1925.

Do oeste do Paraná, os rebeldes atravessaram parte do território paraguaio e retornaram ao Brasil em Mato Grosso. A partir daí, marcharam até Goiás, subindo para o Maranhão, Piauí, Ceará. Em seguida passaram a se direcionar pelo Rio Grande do Norte. Em seguida passaram a se direcionar para o Rio Grande do Norte, passando por Paraíba, Pernambuco e Bahia. (FERNANDES, 2014, p. 24)

O movimento teve na mobilidade a diferença fundamental em relação aos levantes anteriores, que, na visão de Prestes, seria o único modelo de revolução viável no país, já que o efetivo da Coluna era inferior ao da força federal: “A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra de movimento” (PRESTES *apud* MOREIRA LIMA, 1919, p.110).

Muitos foram os embates da Coluna com tropas federais e, também, com grupos civis que apresentavam resistência ao avanço da marcha. Muitos desses enfrentamentos serão retomados por Jacinta Passos em sua epopeia sobre a marcha. Assim ocorreu na cidade de Piancó, na Paraíba, em que um grupo de civis, junto de policiais liderados por um padre, entrou em franco combate com os revolucionários:

O padre Aristides Ferreira da Cruz, chefiando 60 policiais e 100 civis, obstruiu o passo da Coluna pela cidade. [...] Foi essa uma das mais obstinadas resistências encontradas pelos revolucionários. Perderam cinco homens mortos e oito feridos. Entre as baixas, as de dois capitães, dois tenentes e um sargento. Do lado contrário, morreram o Padre Aristides e muitos dos seus. (DONATO, 1996, p. 408)

Esta e outras localidades por onde passaram os revoltosos serão lembradas por Jacinta em sua composição poética. Como exemplos, temos a região de Maria Preta, em Santa Catarina; o perímetro do Rio São Francisco, pelo qual o movimento passou quando os revoltosos adentraram ao sertão nordestino; a região de Teresina; dentre outros.

Por conta de inúmeros fatores, em 15 de outubro de 1927, sob a orientação de Isidoro Dias Lopes, que comandava os rumos do movimento desde a Argentina, foi decidido o encerramento da marcha.

Prestes se exilou na Bolívia, onde havia feito as primeiras leituras sobre marxismo e tido os primeiros contatos com o Partido: “Lá estive durante um ano, onde tomei conhecimento de alguma literatura marxista. [...] Depois, desloquei-me para a Argentina, onde mantive o primeiro contato com Partido Comunista e li obras de Marx, como *O capital* [...]” (SODRÉ, 1980, p.81)

Após conhecer Abraham Guralski, que era representante da Internacional Comunista na América Latina, foi para a antiga União Soviética juntamente com sua mãe e irmãs. Do estrangeiro, passou a integrar oficialmente o Partido Comunista Brasileiro, também por intermédio da Internacional Comunista, já que seu nome não foi bem assimilado pelos brasileiros por ele ser de origem burguesa, conforme confirma entrevista concedida a Edgard Carone, em março de 1982²⁹.

Após seu retorno ao Brasil, em 1934, Prestes esteve à frente da Aliança Nacional Libertadora³⁰, chegou a ser secretário-geral do PCB, em 1943, e, em 1945, foi eleito senador pelo Distrito Federal. Após o evento Coluna Prestes, o ex-militar já tinha prestígio como “um grande revolucionário”, e lhe fora conferido o título de “Cavaleiro da Esperança” justamente por conta desse seu protagonismo no movimento, o que mais tarde marcaria sua trajetória política.

²⁹ Quando perguntado pelo historiador como havia sido aceito no PCB, Prestes afirmou que: “Naquela época, estrangeiro entrava para o Partido Bolchevique; somente depois eu poderia ser transferido para o partido brasileiro.” (PRESTES, 1982, p. 19)

³⁰ A Aliança Nacional Libertadora aglutinou grupos insatisfeitos com o não-cumprimento das promessas de Vargas, tais como comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais. Era em grande parte formada pelos tenentes que o haviam apoiado em 1930. No final de março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora foi oficialmente lançada em solenidade na capital federal, à qual compareceram milhares de pessoas, tendo como presidente de honra Luís Carlos Prestes, que encontrava-se ainda na União Soviética[...] (FALCÃO, 2018, p.48)

3.2 A construção literária do herói: Jacinta Passos na esteira de outros escritores

Jorge Amado retomou a dimensão mítica, anteriormente referenciada, na biografia romanceada de Prestes em 1942, em plena vigência do Estado Novo, período em que o líder comunista se encontrava preso. O próprio contexto político-histórico do país e do mundo – por conta da guerra, das incertezas quanto aos resultados desse evento e, posteriormente, em decorrência da deposição de Vargas – ensejava a criação de heróis, e Prestes se encaixou nesse perfil.

Essa imagem foi muito útil ao PCB, que, através de alguns intelectuais filiados, ajudou a sedimentar e capitalizar a figura do revolucionário, tendo-o alçado à principal figura do comunismo por aqui. O historiador Rodrigo Motta assinala essa representação de Prestes ainda em sua atuação junto à Coluna:

O noticiário publicado por esses jornais acerca dos feitos da Coluna tendia a exaltar a figura do jovem capitão, acabando por transformar Prestes num mito, inclusive atribuindo-lhe a alcunha que o acompanharia por décadas: O Cavaleiro da Esperança. [...] Prestes foi assumindo o papel dos mitos políticos modernos: herói envolto numa narrativa lendária, encarnação das utopias de um grupo e elemento poderoso na mobilização por dar esperança por um futuro melhor. (MOTTA, 2018, p. 92)

A obra poética *A Coluna* (1957) será analisada a partir dessa perspectiva. Verificaremos, portanto, se e como ela revitaliza a imagem *prestista* na esteira de escritores como Jorge Amado, que, em sua publicação, constrói uma narrativa biográfica pautada no personalismo em meio a um ambiente em se almejavam mudanças políticas, em específico a anistia de exilados pelo regime Vargas. Em um dos trechos da obra, é possível identificar esse culto à personalidade como uma espécie de fio condutor da história, dos fatos, sob um prisma excepcional, heroico:

Um dia o povo negro do Brasil, escravo e desgraçado, fez o milagre de poesia que foi o poeta Castro Alves. Um povo que não podia falar precisando de uma voz que clamasse. Fez o milagre de poesia que foi o poeta Castro Alves. [...] E muitos anos depois; todo o povo do Brasil, escravo e desgraçado, o povo negro, o povo índio escondido na floresta, o povo branco, o povo mulato que é o povo mais lindo do mundo, povo de mãos e pés atados, com sede, com fome, sem livros e sem amor, fez o milagre de heroísmo que é Luiz Carlos Prestes, P no peito dos negros, no coração dos soldados da Coluna, luz no coração dos homens, operários, marítimos, camponeses, poetas, sambistas, tenentes e capitães, romancistas e sábios. Luz no coração dos homens, das mulheres também, estrela da esperança. Um povo escravo precisando de um Herói. Herói, que coisa tão simples, tão grande e tão difícil! Herói, que palavra mais linda! (AMADO, 1982, p. 9)

Esse excerto, retirado da introdução do livro, oferece os indícios de como a narrativa transcorrerá. Como o narrador ressalta em sua primeira sentença “Te contarei a história de um herói”³¹, assim o texto é desenvolvido, isto é, traz-se à tona a vivência de Prestes desde a infância, passando por sua trajetória no Exército, marcada pela épica marcha, e finalmente aborda-se sua transformação em signo da liberdade e da esperança de todo um povo, como o narrador enunciará já ao final da obra: “Luiz Carlos Prestes, nos anos de ontem na epopeia da Grande Marcha, nos anos de hoje, na epopeia da sua dignidade na prisão e no sofrimento, a liberdade sobre o Brasil. [...] Povo, o teu Herói é o Cavaleiro da Esperança”³².

A habilitação de figuras relacionadas à orientação política de esquerda no Brasil tem relação com a concepção que tinham alguns autores acerca da “função da literatura” naqueles tempos, muito próxima a uma ideia de se revolucionar a realidade através de um ativismo político que extrapolasse o próprio sujeito produtor de determinada obra e alcançasse a arte e seus desdobramentos na sociedade.

O professor Eduardo de Assis Duarte observa que o literário é também social em obras como *Os subterrâneos da liberdade*, de 1958, e aponta que:

Amado celebra o realismo socialista como “novo método” literário e destaca alguns princípios gerais, de certa maneira subjacentes a quase toda a sua produção anterior [...] Segundo esta concepção, a obra é encarada a partir de sua “função” social e política; o escritor deve “mostrar o caminho” e “marchar à frente” do povo, captando a realidade em seu “desenvolvimento revolucionário” e guiando seu texto pelas “perspectivas otimistas”. (DUARTE, 1996, p. 219)

Será através dessa compreensão, que se alinha à de Jorge Amado, o qual postula que a obra literária se lançaria no mundo com o propósito de intervir de alguma forma na realidade social, de forma a alavancá-la dentro de um projeto político-ideológico, que Jacinta Passos irá escrever *A Coluna*.

A obra – excetuando-se sua concepção exacerbada quanto ao heroísmo de Prestes, ou mesmo a construção de um imaginário que talvez possa não ter correspondido à própria realidade com a qual se relacionava – parece caminhar nesta direção no sentido de estabelecer um compromisso com a sedimentação desse realismo social que já vinha presente em sua obra, com mais pujança, desde *Poemas políticos*, de 1951.

³¹ *op. cit.*, 1982, p. 7.

³² *op. cit.*, 1982, p. 323.

A exaltação da figura de Prestes torna-se ainda mais forte quando dos anos de sua prisão. Esse movimento é endossado, também, pelo poeta chileno Pablo Neruda, que dedica em seu livro *Canto geral* (1994) dois poemas a Luís Carlos Prestes: no primeiro, *Prestes do Brasil*, há uma exaltação de sua figura, tal como fizeram outros escritores nacionais, e, no segundo, *Dito no Pacaembu*, tem-se um poema-discurso que trata de uma passeata em São Paulo em comemoração à sua soltura:

Prestes do Brasil

[...]

Por isso vejo Prestes caminhando
para a liberdade, para as portas
que parecem em ti, Brasil, fechadas,
cravadas à dor, impenetráveis.
Vejo Prestes, sua coluna vencedora
da fome, cruzando a selva,
até a Bolívia,
perseguida pelo tirano de olhos pálidos.
Quando volta a seu povo e toca
o seu campanário combatente,
o encerram, e a sua companheira
entregam ao pardo verdugo da Alemanha. [...] ³³
(Neruda, 1994, p. 171)

Na estrofe em destaque, é possível identificar o tom de homenagem à figura de Prestes, a qual aparece associada aos feitos da *Coluna*. Assim, também em Neruda, a voz poética o eleva à potência de herói, de “desbravador libertário”. “O tirano de olhos pardos”, em referência a Artur Bernardes, diz respeito às tropas que perseguiram os revoltosos, sem nunca, no entanto, terem vencido esse grupo. Há, nesse trecho, não só a dimensão da grandeza de Prestes, mas também um registro de seu flagelo, a saber, o momento de sua prisão e de conseqüente separação de sua mulher grávida, a qual foi enviada, posteriormente, ao seu algoz, Hitler.

Nas estrofes seguintes, mais um momento de consagração ao comunista brasileiro:

Dito no Pacaembu

Quantas coisas quisera hoje dizer, brasileiros,
quantas histórias, lutas, desenganos, vitórias,
que levei anos e anos no coração para dizer-vos, pensamentos
e saudações. Saudações das neves andinas,
saudações do oceano Pacífico,

³³ O poeta, que à época era representante do Partido Comunista na Argentina, escreveu esse poema-discurso especialmente para a ocasião da passeata no Pacaembu em São Paulo no dia 15 de julho de 1945.

palavras que me disseram ao passar os operários, os mineiros, os pedreiros, todos os povoadores de minha pátria longínqua. Que me disse a neve, a nuvem, a bandeira? Que segredo me disse o marinheiro? Que me disse a menina pequenina dando-me espigas?

Uma mensagem tinham: Era: Cumprimenta Prestes.
Procura-o, me diziam, na selva ou no rio.
Aparta suas prisões, procura sua cela, chama.
E se não te deixam falar-lhe, olha-o até cansar-te
e nos conta amanhã o que viste.

(NERUDA, 1945, p. 171)

Na primeira estrofe, a voz lírica, que vem de outras terras, fala à nação brasileira de sua ânsia em saudá-la, em cantá-la, exaltar sua história, mas traz de seu lugar e de seu povo, uma saudação a Prestes, que, ao que parece, representa o Brasil em diversos lugares do mundo onde esteve.

Fizemos essa digressão retomando o contexto do tenentismo no Brasil, bem como as referências a autores que escreveram de forma a exaltar Prestes de maneira que, tornou-se, entre as décadas de 1940 e 1950, uma praxe para aqueles que tinham relações com Partido Comunista, uma relação análoga à que se tem com a religiosidade. Além disso, foi algo comum entre os intelectuais comunistas desse contexto homenagear Prestes em cada aniversário seu, com a publicação de diversos gêneros textuais.

Voltando à Jacinta Passos, veremos como foi, para a escritora, ratificar essa devoção ao partido e contribuir para a eleição de LCP como uma espécie de “semideus” que capta o espírito da revolução, da libertação da classe trabalhadora e de todo o povo brasileiro.

3.3 A Coluna nos versos de Jacinta: a Marcha e seus símbolos

O livro *A Coluna*³⁴ (1957) acompanha uma tendência em sua poesia a partir de sua entrada no partido em 1951, como na publicação de *Poemas Políticos* (1957) em que a autora defende que a reorganização social e política do país se daria através de um

³⁴ Como havíamos salientado, Jacinta Passos obteve o reconhecimento da crítica literária da época. O escritor Paulo Dantas publicou uma crítica tecendo considerações sobre o livro *A Coluna*: “A legenda heroica da Coluna Prestes serviu como roteiro e motivo principal para o poema em quinze cantos de Jacinta Passos. [...] Poema que participa das formas do /abc/ e do canto épico, das expressões colhidas no seio do povo, *A Coluna* de Jacinta Passos [...] é peça literária dignada nossa atenção. Realizou-a uma sincera vocação poética, toda ela impregnada das exatas acentuações da heroicidade popular nativa.” (AMADO, 2020, p. 469).

ideário comunista como política de Estado. De acordo com Janaína Amado, é possível que o livro tenha sido financiado pelo PCB, uma vez que, nessa época, a escritora se encontrava em dificuldades financeiras.

A partida

I
 Ó céus e terras, tremei
 que a Coluna já partiu
 neste ano de Vinte e Quatro
 todo o Brasil sacudiu
 será Coluna de fogo
 que o viajante já viu?
 Coluna de vento e areia
 dos desertos, desafio?
 Ó céus e terras, tremei
 que a Coluna já partiu.

II

Partiu das terras do sul,
 dos descampados sem fim
 o gaúcho indaga atento:
 para onde marcham assim?
 – Adeus cidades que ficam,
 Santo Ângelo de onde vim,
 Arredai serras, adeus
 a quem fica atrás de mim—
 Partiu das terras do sul,
 dos descampados sem fim.

III

Através da terra imensa
 Abrindo caminho no chão,
 Seus cavalos, cavaleiros
 E seu grande Capitão,
 Coluna dos revoltosos
 Coluna da decisão,
 espinha dorsal no corpo
 do Brasil, Insurreição.
 Através da terra imensa
 abrindo caminho no chão.

IV

Quem deixou essas pisadas?
 foi a Coluna que passou.
 Quem na mata abriu picadas?
 foi a Coluna e viajou
 e no seu rastro, cavalos,
 homens e armas levou
 atrás de um feixe de luz
 e de esperanças deixou.
 Quem deixou essas pisadas?
 foi a Coluna que passou.

O poema está dividido em 15 cantos e apresenta como forma principal os versos em redondilha maior, o que atribui ritmo e musicalidade à composição, a qual apresenta características comuns às da linguagem oral, como as cantigas de roda, que fizeram parte do imaginário da autora quando da sua infância no interior.

O primeiro canto apresenta seis estrofes, das quais destacamos, inicialmente, quatro. Quanto à estrutura interna, o poema inicia com a invocação “Ó céus e terras tremei/ que a coluna já partiu”, o que coloca que toda a atenção da terra deveria se voltar à passagem da Coluna, esse grande feito que a voz poética deseja narrar. Localiza-se, também, nesse início, o tempo em que se passaram os fatos: “neste ano de Vinte e Quatro”.

O poeta Ildásio Tavares destacou a competência poética de Jacinta e seu conhecimento acerca de textos bíblicos em suas composições. Ele observou os versos “será Coluna de fogo/ que o viajante já viu?/ Coluna de vento e areia/ dos desertos, desafio?” e evidenciou que “A poetisa nos remete claramente para (Exodus 13-22): A coluna de nuvem de dia, a coluna de fogo de noite, não se afastam nunca diante do povo, pois Jacinta, com sua sutil perícia poética, sabe que todo mito é no fundo religioso [...]”³⁵.

Na segunda estrofe, a voz lírica determina o tempo e o espaço em que ocorreram os fatos: “Partiu das terras do sul/ dos descampados sem fim”. Há também, nesse ponto, a presença de um diálogo, a saber, “– Adeus cidades que ficam, /Santo Ângelo de onde vim,/ Arredai serras, adeus/ a quem fica atrás de mim –”, o qual tem como interlocutores os revoltosos, que se despedem de sua terra e de seu povo.

Na terceira estrofe, que mescla versos redondilhos e octossílabos, são identificados os personagens principais da marcha, “Seus cavalos, cavaleiros/ E seu grande Capitão”, dentre os quais está a figura maior, o herói que conduz a “Coluna da decisão,/ espinha dorsal no corpo/ do Brasil, Insurreição”, aquele que sustenta o país, a forma de fazer a revolução. Já nesse trecho, fica perceptível a singularidade com que será tratada a figura do Capitão Luís Carlos Prestes neste momento da poética de Jacinta, sobretudo porque nota-se que toda a energia anteriormente dedicada à religiosidade é transferida para o culto ao Partido Comunista, em uma compreensão de macroestrutura, e à construção de um “semideus”, na dimensão microestrutural, voltada à figura de um homem, como será possível constatar ao longo do texto.

³⁵ TAVARES, Ildásio. A Coluna de fogo. in: Jacinta Passos: coração militante. Salvador: EDUFBA; Corrupio, 2010.

A quarta estrofe apresenta uma descrição da saída da marcha do Sul do país, e mostra a dimensão mítica da marcha, como se ela iluminasse o país, há a representação de uma espécie de sacralidade: /“Foi a Coluna e viajou/ e no seu rastro cavalos/ homens e armas levou/atrás um feixe de luz/e de esperanças deixou”/. A poetisa constrói a imagem da Coluna como um “motor” que retirará o Brasil das sombras,

A esperança, que antes era depositada em Jesus Cristo, passa a ser depositária do homem. A relação humana naqueles poemas de cunho religiosos era mediada por essa relação com o sagrado, o que se transforma em poemas como *A Coluna* (1957). No poema “Súplica” (1939), vemos que o homem necessita da interferência divina para realizar seu destino:

Como um peregrino perdido na grande noite eterna
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

No princípio,
antes de todos os tempos,
antes de rolarem os mundos
na harmonia sideral dos espaços etéreos,
no princípio quando eu era
entre as possibilidades infinitas da beleza incriada,
marcaste o meu ser
com o sinal de fogo dos destinos sagrados.
E na plenitude do teu ser infinito,
tu precisas de mim, Senhor.
precisas de mim para que realizes
o teu plano divino,
para que, através da minha voz,
As vozes todas da terra cantem o teu louvor.
Como peregrino perdido na grande noite eterna
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

Quebra todas as asperezas do meu ser,
identifica-me com todas as coisas,
para que possa captar as mínimas vibrações da vida cósmica
e elevar por ti
o canto de louvor de terra toda.
Crucifica o meu espírito e a minha carne.
Quero experimentar todas as formas de sofrimento humano,
a dor universal,
para que purificada pelo sofrimento,
a minha voz se erga, clara e simples como a voz das criancinhas.
põe na minha boca o canto definitivo,
o canto perfeito, o louvor perene
do absoluto esplendor de tua beleza divina.

Como um peregrino na grande noite eterna,
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

Nota-se que o referencial do homem era Deus, que, sem interferir na vida do eu lírico, deixa-o à deriva, sem razão de ser: “Como um peregrino perdido na grande noite eterna/ eu te peço, Senhor, um pouco de luz”. Nesse momento, é a relação com o

sagrado que “ilumina” o caminho deste peregrino, essa luz vem do alto. No trecho selecionado, vê-se que “um feixe de luz” é deixado por onde a marcha passa, ou seja, é o homem obstinado que faz o seu próprio caminho, ao mesmo tempo que ilumina o caminho dos outros, como destacamos anteriormente.

No poema “Súplica”, o homem é, ainda, uma “ferramenta” nas mãos do criador, para que ele possa fazer na terra a sua vontade: “precisas de mim para que realizes/ o teu plano divino,/ para que através da minha voz,/ As vozes todas da terra cantem o teu louvor.”

Parece ser objetivo humano estar em uníssono com o divino, para que possa cantá-lo aqui na terra. A voz lírica deseja, da mesma forma que Cristo, passar por igual flagelo: “Crucifica o meu espírito e a minha carne./ Quero experimentar todas as formas de sofrimento humano,” – ou seja, ele quer fazer-se em Cristo, deseja passar pelo mesmo sacrifício que Ele passou para que possa, finalmente, alcançar a purificação.

Percebe-se que em *A Coluna* o sacrifício será encarnado por esses homens guiados pelo “Capitão”, que está grafado em maiúsculas, tal como “Senhor” no poema “Súplica”. Observemos que há um deslocamento do poder das personagens: diversamente da utilização da figura de Deus ou de Jesus, a imagem a ser exaltada passa a ser a de um homem, que também se movimenta no mundo de forma messiânica, como um pastor a conduzir suas ovelhas em busca da revolução. Esse semideus encarna a esperança de um futuro melhor.

Na primeira parte do épico que destacamos, é importante dizer que há, também, uma exaltação da Coluna em sua dimensão coletiva. Veremos mais à frente, então, como se dá a homenagem direta a Prestes.

V
 Provetas autoridades
 dessa cidade tranquila
 ó Juiz, ó Escrivão,
 ó Intendente da vila,
 quem perturbou vosso sono
 e o de Dona Domitila?
 – Confiai, irmãos, em Deus
 e nos jagunços da vila –
 Diz o Padre, e o Coronel
 assanha seus cães de fila.
 Provetas autoridades
 dessa cidade tranquila.

VI
 João Ferreira diz: bravura!
 Segue a Coluna que passa

é cabo da guarda e leva
 mulher, espingarda e cabaça,
 roceiro deixa roçado,
 vaqueiro, a corda que laça,
 adeus mulher, adeus filhos,
 a seus vizinhos abraça.
 João Ferreira diz: bravura!
 Segue a Coluna que passa.

Na quinta e sexta estrofes, a voz lírica segue narrando a saída da Coluna do Sul, enquanto passa pelos municípios e vai não só encontrando, mas principalmente vencendo os obstáculos que se apresentam. Na quinta estrofe, a voz lírica faz referência às autoridades que se opunham à marcha e lhe faziam combate: “Provectas autoridades/ dessa cidade tranquila/ ó Juiz/ ó Escrivão/ ó Intendente da vila,”. Estamos diante, portanto, de prefeitos e outras autoridades que, de modo geral, incentivavam seus homens, “cães de fila”, a desafiar os rebelados que marchavam. No segundo canto do poema, aparece a primeira exaltação a Prestes como líder da marcha:

Capitão

Cavaleiro que passa a galope
 Tão veloz no cavalo alazão

O seu nome é Luis Carlos Prestes
 Comandante sem par, Capitão.

Capitão de oitocentos soldados
 Que mais logo serão mais de mil

Comandante da marcha e batalhas
 O seu nome guardai, ó Brasil,

Bravo jovem de vinte e seis anos
 Tão veloz no cavalo alazão

O seu nome é Luís Carlos Prestes
 Comandante sem par, Capitão.

O segundo canto é composto por dísticos, em versos eneassílabos e decassílabos, em que a sonoridade trabalha para o enaltecimento do personagem tratado no poema. Neste trecho da obra, a simplicidade do vocabulário e das imagens escolhidas pela autora para descrever e enaltecer a figura de Prestes está associada ao emprego de uma musicalidade que contribui para destacar o nome próprio contido no poema:

Cavaleiro que passa a galope
 Tão veloz no cavalo alazão

O seu nome é Luís Carlos Prestes,

Comandante sem par, Capitão.

A voz lírica constrói, no primeiro dístico, a imagem do homem corajoso que, em cima do seu cavalo, também símbolo de virilidade e força, galopa pela liberdade. Novamente, tem-se a singularidade deste personagem: “Comandante sem par, Capitão.” O ritmo do refrão, por sua vez, remete ao som feito pelo animal quando trota.

Na segunda estrofe, a poeta utiliza-se de um recurso herdado da métrica grega, derivado do âmbito dos metros cantados, o que confere musicalidade ao poema. Na divisão do primeiro verso do segundo dístico, a autora faz uma sinérese com: o/ seu/ no/me é/ Lu/ís Car/los Pres/tes. A repetição do fonema /£/ confere esse destaque ao nome próprio evocado pelo eu lírico.

A imagem da grandiosidade do personagem permanece nas estrofes seguintes, com o mesmo ritmo das anteriores: “Capitão de oitocentos soldados/ Que mais logo serão mais de mil/ Comandante da marcha e batalhas/ O seu nome guardai, ó Brasil”. Além disso, faz-se uso, nesses versos, de uma rima perfeita em “mais de mil” e “guardai, ó Brasil”. E assim seguem realçadas as qualidades inerentes a este herói: a coragem, a velocidade, a força e juventude: “Bravo jovem de vinte e seis anos/ Tão veloz no cavalo alazão”.

“A Curva de Maria Preta” é o terceiro canto e registra um dos embates dos rebelados com as tropas legalistas:

I
— Coluna ao Norte! Marchar!
Atrás de nós, legalistas
são cães de faro na pista,
veio a noite, foi o dia
e esses cães na teimosia.

São pagos para matar.
Viva o exército popular!

II
— Tristes novas, Comandante.
— Que seja breve, soldado.
— Inimigo à vista!

à frente! à direita! legalistas!
— Ferroviários avante!
(Por ordem do Comandante)

— Do traçado, siga a sina
suba Santa Catarina
até um ponto alcançado
Maria Preta chamado,

neste lugar
 combater e retirar
 à boca da noite pelo
 lado esquerdo em cotovelo
 quebrar.
 [...]

Como destacado anteriormente, o recurso estilístico mais utilizado pela poetisa é o ritmo associado à tradição oral da literatura produzida no Nordeste, como o cancionário popular brasileiro, muito presente na região em que Jacinta passou a infância.

No canto acima, é possível notar, novamente, a presença do diálogo, remetendo, desta vez, às marchas militares e à organização dos soldados nos quartéis quando em formação. Eles respondem de forma específica aos comandos superiores. “Coluna ao Norte! Marchar!”. Na primeira estrofe, em redondilha maior, há a marca da fala de comando comumente utilizada pelos militares. A voz lírica tem seu oponente: as tropas legalistas, que são comparadas a cães de guarda devido à truculência que empregam em suas ações durante as batalhas. O eu lírico prossegue na marcha, percorrendo o caminho que lhe fora traçado por seu comandante: “– Do traçado, siga a sina/ suba SantaCatarina/ até um ponto alcançado/ Maria Preta chamado, [...]”.

No canto oito, é possível identificarmos a presença da tradição oral anteriormente referida, a qual aparece tanto em *A Coluna* quanto em outras composições da autora. Essa incorporação do ritmo e da linguagem utilizados nas cantigas de roda presentes na vivência do povo do interior, que tem uma pujança em seus textos no que se refere à musicalidade, faz-se presente nos seguintes versos e, de modo geral, foi para Jacinta um elemento de grande importância para a valorização dos aspectos da cultura popular³⁶:

O inimigo

A Coluna descansou
 da marcha, na noite fria.

Ficaram olhos acessos
 e a fogueira, de vigia.

Su su su
 menino mandu
 dorme na lagoa
 sapo-cururu

³⁶ Jacinta faz uso recorrente da redondilha maior, que é o verso mais utilizado na Literatura de Cordel.

Soldados dormem quietos
debaixo deste talheiro

em cima pia a coruja
com seu piado agoureiro.

Su su su
menino mandu

Soldados dormem quietos
no bivaque de improviso

até as armas descansam
que este descanso é preciso.

Dorme na lagoa
sapo-cururu [...]

Para criar a imagem do momento em que os soldados se organizam para dormir, Jacinta toma as canções de ninar que fazem parte desse imaginário construído através da oralidade. Essas referências culturais estão presentes, sobretudo, no espaço rural, no qual, comumente, as crianças adormecem no colo de suas mães ou cuidadoras. Nas famílias tradicionais, como a da escritora, esse cuidado é promovido por mulheres pretas que fazem o serviço doméstico, chamadas amas de leite ou mães-pretas.

As canções de ninar da cultura popular brasileira têm a origem no híbrido que conjuga as tradições trazidas pelos portugueses e as modificações promovidas pelas mulheres pretas que incorporavam as cantigas de berço portuguesas aos seus costumes, criando um novo léxico para as cantigas de ninar.

Até a abolição da escravatura, decretada em 1888, era comum negras escravizadas, pertencentes à família, ou alugadas, servirem como amas de leite. Para que o leite e a atenção da ama fossem dedicados exclusivamente à criança pela qual ela setornava responsável, costumava-se afastá-la de seus filhos naturais. (STANCIK, 2009, p. 667)

Ao retomar esse elemento lúdico do cancionário infantil, Jacinta recupera traços importantes da história do Brasil em seu processo de formação. Estão presentes, portanto, em sua poesia, marcas do processo escravocrata, o qual impactou o espaço e o tempo de sua infância. Ela resgata, então, em sua obra, simbólica e poeticamente, a vivência na Fazenda Campo Limpo, na qual dois espaços característicos do país – a saber, casa-grande e senzala – estavam presentes, contribuindo para a construção de valores e de formas de organização social que acabam sendo representados em seus dois primeiros livros.

A canção de ninar “Su su menino mandu” certamente fez parte da infância da poetisa em Campo Limpo. Ela retoma o refrão da música para compor as estrofes destacadas, as quais têm marcados seus versos dísticos por redondilhas maiores e uma oitava, forma essa que facilita a inserção do ritmo e da musicalidade, tal como em: “A Coluna descansou/ da marcha, na noite fria./ Ficaram olhos acesos/ e a fogueira de vigia.”

A canção de ninar “Su su menino mandu” apresenta um léxico típico das regiões rurais da Bahia. Isso porque, de acordo com Yêda Castro (1965, p. 46), depois de “Boi, boi da cara preta”, o acalanto mais popular nesse estado é “Menino mandu”, música que se ouve com inúmeras variantes, uma das quais, por sinal a mais divulgada, é exatamente cantada em África. Jacinta utiliza esta canção de ninar para ilustrar poeticamente o descanso dos soldados. Para isso, incorpora à linguagem a imagem do acalanto, como se alguém estivesse embalando o sono dos soldados: “Su su su/ menino mandu/ dorme na lagoa/ sapo-cururu.” A sílaba “Su”, repetida três vezes no refrão, remete justamente à sonoridade da canção de ninar, que tem origem portuguesa: “Em quase todos os acalantos, o final é uma sílaba que se canta em várias notas, ááá, úúú, o **ru** galaico ainda popular nas cantigas de berço portuguesas” (CASTRO, 1965, p. 46).

No poema, há outra referência à tradição oral que é retomada também por meio da evocação das cantigas de roda. Nos versos “Soldados dormem quietos/ no bivaque de improviso/ até as armas descansam/ que este descanso é preciso./ Dorme na lagoa/ sapo-cururu”, novamente o ritmo é construído por redondilhos e uma oitava, ao que se segue um dístico, sendo que “sapo-cururu” é mais um elemento dessa tradição popular incorporado ao texto literário. Câmara Cascudo debruçou-se sobre o estudo da literatura oral e identificou os aspectos constituintes deste tipo de produção no Brasil:

Essa literatura que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando novos horizontes. [...] Duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, cantadas, danças de divertimento coletivo, rondas e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos) [...] A outra fonte é a reimpressão dos antigos livrinhos vindos da Espanha e de Portugal [...] Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona [...] além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada [...] (CASCUDO, 2012, p.15)

É nesta fonte, construída através da herança cultural portuguesa e africana, que Jacinta colhe os motivos, o ritmo e a simplicidade para construir seus versos, ainda que esteja trazendo uma narrativa como a retomada poética de um fato histórico da

dimensão da Coluna Prestes. Ela compõe esse trecho de descanso dos soldados a partir de uma imagem muito terna da infância, com o uso das canções de acalanto e das cantigas de roda tão praticadas no Brasil mais profundo, o qual tão bem conhecia.

O livro *A Coluna* dialoga com *O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, de Jorge Amado, especialmente na idealização desse personagem histórico como um grande líder, um visionário de nome “ideal” para representar o movimento de mudança política e social no país. Diferem na tipologia literária – um em prosa, o outro em poesia –, mas compartilham o mesmo objetivo preconizado pelo PCB para que figuras de importância para a legenda fossem exaltadas, de forma a promover a divulgação do ideário comunista no país. Assim, os versos do poema refletem tanto o fato grandioso da marcha quanto constroem um herói nacional.

O encontro (canto 4)

— Soldados, onde acampamos?
 — No oeste do Paraná.
 — Soldados, e aquela tropa
 que vem vindo pra cá?
 — Patrulha de segurança
 que partiu e volta já
 mais ligeiro do que o vento
 no oeste do Paraná.

— Portadora de notícias?
 — De notícias e esforço,
 Mantimento e montaria.

Portadora que vem lá
 mais ligeira do que o vento
 no oeste do Paraná.

Às suas ordens, senhor.
 — Eram forças inimigas?
 — Eram paulistas rebeldes
 Contra o governo Bernardes,
 Eram paulista que o Cinco
 de Julho já revoltara,
 paulistas que o General
 Miguel Costa comandara.

— Que é feito de seus desertores?

— Os desertos passaram
 do Paraguai à fronteira,
 foram esconder da vergonha
 a face, em terra estrangeira.

— Esses que marcham, soldados
 revoltosos de honra e bem
 que venham para a Coluna
 serão Coluna também.

Este canto apresenta versos octossílabos e de redondilha maior, os quais mantêm a musicalidade do poema. Novamente, percebe-se uma estética voltada à oralidade, sobretudo pelo uso do diálogo entre as personagens, o qual segue um esquema de perguntas e respostas feitas aos soldados durante a marcha.

O trecho em destaque apresenta o encontro das duas colunas militares: a sulista e a paulista, sendo que essa última havia se rebelado antes, em 5 de julho de 1924. Aqui, a poetisa destaca o nome do general Miguel Costa, que liderou o levante na capital paulista sob o comando de Isidoro Dias Lopes. Esta parte do poema, que compreende a narração da trilha feita pelos rebelados, mostra a união das duas forças militares, no Paraná, com o objetivo comum de derrotar o governo de Artur Bernardes. Nesse momento, Prestes foi alçado ao posto de chefe do estado-maior da Coluna, de modo que passaram a ser dele as decisões militares do grupo.

No comando geral da marcha, que tinha quatro destacamentos, estavam também João Alberto, Siqueira Campos, Djalma Dutra e Cordeiro de Farias. Em contraponto a esses heróis, a posição dos desertores da Coluna Paulista, que haviam se exilado no Paraguai antes de a marcha prosseguir, é a do descrédito e esquecimento por sua possível covardia: “– Que é feito dos desertores?/ – Os desertores passaram/ do Paraguai à fronteira/ foram esconder da vergonha/ a face em terra estrangeira”.

O percurso geográfico da Coluna continua sendo descrito liricamente:

A marcha (canto 5)

—Soldados, rumo a São Paulo
 Levantar acampamento! –
 E a Coluna se levanta
 é agora movimento
 de cavalos nas estradas
 mulas, éguas e julgamentos
 que levam homens e armas
 de guerra carregamento.

Burros lerdos, resistentes
 que força de marcha fria!
 levam no dorso o Segundo
 Grupo de Artilharia.
 Subindo serras abruptas
 de penedo e mataria
 lá vai um Grupo de Obuses
 lá, outro da Infantaria.

Lá vai num Grupo de treze

um fuzil metralhadora
 um fuzileiro e mais dois
 com munição matadora.
 É um Grupo de combate,
 lá, Corpo metralhadora
 pesada, em quatro seções
 de oito peças, portadora.

Esse vai do Paraguai
 através em destacado
 até sul de Mato Grosso
 e de armas carregado
 é um Grupo de Artilharia
 por Tenente comandado
 por ser um material
 de guerra muito pesado.
 Paraguai também guardou
 Um General alquebrado.

Isidoro Dias Lopes,
 votos de saúde e paz!
 Vamos embora, Coluna
 Comandante e oficiais
 neste ano de Vinte e Quatro
 nunca esquecido jamais.

Estruturalmente, a estrofe apresenta uma mescla de versos: redondilhos, a forma predominante em todo o poema; octossílabos; e eneassílabos. As rimas, por sua vez, são mistas. O eu lírico segue narrando o avanço da marcha, sempre exaltando a força, a coragem e a capacidade bélica e de combate dos seus integrantes.

A forma dialógica continua vigente, de maneira a valorizar a ideia de movimento dos componentes da Coluna segundo os comandos de seus superiores. Novamente, percebe-se aqui o uso da linguagem tipicamente militar: “– Soldados, rumo a São Paulo/ Levantar acampamento! – / E a Coluna se levanta/ é agora o movimento”. Nota-se, nesse contexto, que a escolha do vocabulário nos primeiros versos privilegia palavras simples, diretas. Nesse canto, o eu lírico ratifica o poder dos combatentes, de forma a ressaltar a força de alguns destacamentos.

Cria-se uma paisagem em que homem, meio natural e armas estão conjugados para vencer o inimigo: “Burros lerdos, resistentes/ que força de marcha fria!/ levam no dorso o Segundo/ Grupo de Artilharia/ [...] Lá vai num Grupo de treze/ um fuzil metralhadora/ um fuzileiro e mais dois/ com munição matadora”. A despeito de ser estratégia para que o grupo evite o embate direto com as tropas governamentais, nesses versos faz-se perceptível, assim como preconiza a epopeia, a descrição grandiosa e quase invencível dos rebeldes.

No entanto, houve divergências no alto comando do exército rebelado, sobretudo no que diz respeito à estratégia a ser adotada, que seria a da “guerra de movimento”. Diante dessa escolha, corroborada por Luís Carlos Prestes, o Coronel Isidoro Dias Lopes, que estava com 60 anos em 1925, se refugiou na Argentina, de onde continuou participando das decisões sobre a Coluna.

Na última estrofe do referido Canto Cinco, é como se a voz lírica saudasse de longe um de seus líderes: “Isidoro Dias Lopes,/ votos de saúde e paz!”, e a marcha prossegue a deslocar-se pelo interior do país.

Quatro combatentes (Canto 6)

Batalhão ferroviário

—Estás preso, Major!
Vinte e Oito de Outubro
foi assim que começou

e o Major prisioneiro
na própria casa ficou.

Donde partiram ordens tais?

Era a revolta.
Eram dois oficiais.

Foram depois ao quartel.
— Oficial de dia?
— Sim.

Entregaram-lhe um papel,
um telegrama, uma ordem
do General Comandante
da região
(Mandava passar o comando
do Batalhão)

E na ausência do Major
foi o oficial do dia
quem o comando passava
e o Boletim escrevia:
“Em virtude do telegrama
484
Passo nesta data
na cidade de Santo Ângelo,
o comando do Batalhão
Ferroviário
ao Sr. Luiz Carlos Prestes,
Capitão”. E assinou.

Vinte e Oito de Outubro.
Foi assim que começou.

O cerco

— Comandante, aguardo ordens.
 — Demorar no Piauí.
 — Até que seja o Governo
 obrigado a retirar
 suas forças do Nordeste
 e Ceará,
 Bahia, caminho de Minas,
 livre será.

Era o cerco. Urussuí.
 Nas margens do Parnaíba
 entrincheirados ali
 na margem esquerda defronte
 e vilas do Piauí,
 lá, Teresina ocupada,
 era o cerco. Urussuí. [...]

Piancó

Da ladeira na descida
 quando entre lutas de pó
 já se avista na baixada
 a vila de Piancó,
 das casas e da Cadeia,
 da Igreja Matriz da praça,
 rebentam tiros e balas
 entre estouros e fumaça.

— Foi da Coluna a vanguarda
 foi da vanguarda o seu guia
 o primeiro que avançava
 e o que primeiro caía,
 onze balas recebera
 mais três balas recebia,
 seu nome, Capitão Pires,
 foi da vanguarda o seu guia
 defronte à Cadeia Pública
 o que primeiro caía.

(Desde as oito da manhã)

Combate duro e cruel!
 Cinco mortos já caídos
 dois Capitães, dois tenentes,
 mais oito praças feridos.
 [...]

Uma cilada. Emboscada.
 Abrem fogo, começou
 da casa do Padre Aristides
 um tiroteio rebentou.
 Uma cilada. Emboscada. [...]

— Quem será essa figura
 de batina e carabina
 e de faca na cintura?

— Senhor padre até que enfim!

e o padre nem teve tempo de respirar, foi o fim.

Jacinta retoma, nesse canto, a rebelião que deu origem à Coluna Prestes, em 28 de outubro de 1924, no município de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Como sinalizamos no texto anterior a esta análise, era lá que Prestes, na condição de engenheiro, supervisionava obras de ampliação da linha férrea da localidade.

A primeira estrofe apresenta versos hexassílabos, redondilhas maiores, bem como versos octossílabos. Não há indicativo de estrutura rítmica regular. Nesse trecho, em termos temáticos, é relembrada a tomada do 1º Batalhão Ferroviário, momento em que Prestes se torna General Comandante do movimento. Nessa passagem, há o registro da eclosão da revolta, bem como a marcação de estados pelos quais passaram os combatentes.

Na sequência, a escritora já retoma embates da Coluna no Nordeste. Na estrofe “O cerco”, registra-se a passagem da marcha pelo interior do estado do Piauí; para tanto, foi mobilizada, novamente, a forma dialógica para representar as conversas dos militares insurgentes sobre a estratégia para o combate que ocorreu em Uruçuí³⁷, já em 1925. Trata-se de um episódio em que, de acordo com Janaína Amado (2010), o exército rebelado saiu vitorioso, apesar de ter sido uma das batalhas mais desafiadoras para o movimento, uma vez que os grupos foram cercados pelas forças inimigas.

Outra localidade, à qual nos referimos no início desta seção, é também retomada como referência à participação de civis no embate entre a Coluna Prestes e as forças militares oficiais. Em Piancó, interior da Paraíba, em 1926, o movimento encontrou forte resistência por parte da polícia e de forças armadas privadas lideradas pelo padre Aristides Ferreira da Cruz, de acordo com Francisco de Assis Melo (2019).

Reforçando o tom elogioso à bravura dos combatentes comandados por Prestes, indica-se que muitos soldados, ao avançarem, eram mortos ou feridos, mas as baixas também ocorriam no exército inimigo: “Foi da Coluna a vanguarda/ foi da vanguarda o seu guia/ o primeiro que avançava/ e o primeiro que caía/ onze balas recebera/ mais três balas recebia/ seu nome, Capitão Pires,/ foi da vanguarda o seu guia”. Com versos em redondilha maior e octossílabos, além das rimas alternadas, há uma ênfase no movimento dos corpos dos soldados, que “foi da vanguarda o seu guia/ o primeiro que caía”.

³⁷ Grafia atual.

Mais à frente a poeta cria uma estrofe para narrar o episódio do padre. Esse excerto possui variedade métrica e também diversidade de esquema rítmico (ABCBA). Nele, a poetisa escolhe privilegiar o fonema [a], que remete ao clima de todo o canto seis, bem como evoca os significantes “revolta”, “bala”, “praça”, “fumaça”, ”vanguarda”, ”emboscada” – todos eles adequados à narração da batalha no cerco, a qual foi planejada pelas forças inimigas da Coluna, como destacado em “Uma cilada. Emboscada./ Abrem fogo, começou/ da casa do Padre Aristides/ um tiroteio rebentou/ Uma cilada. Emboscada.”

Os heróis e as feras (Canto 10)

[...] *Quarenta mulheres*
Mulheres guerreiras

quem viu teu valor?
Na marcha ligeiras
que a guerra provou.

Passagem difícil!

Mulheres não passam
além deste rio!
Por ordem! O Comando
que tal proibiu.

No rio Uruguai
quem pode passar?
Raiou a manhã
— Soldados marchar!

Quarenta mulheres
nas tropas estão.
Mas como? E agora
o Comando diz, não?

Diante do fato
novo decidir,
outra ordem foi dada
— Mulheres seguir!
[...]

“Onça” mulata
de belos quadris
que dança maxixe
carrega fuzis.

“Onça” mulata,
quem viu teu valor?
Não vales somente
na dança no amor.

Na luta ligando

salvou do inimigo
feroz e maior,
uma tropa menor.
[...]

Hermínia perita
do laço no jogo
Hermínia estrangeira
Hermínia enfermeira
a linha de fogo
passou. Na trincheira
inimiga, doentes
salvou.
Ó valentes. [...]

Outro dado considerável na obra de Jacinta é a busca constante por marcar a participação das mulheres nos acontecimentos políticos sobre os quais se debruçou literariamente. Por isso, mulheres como Olga Benário, Vera de Magalhães e Dade estão largamente presentes em sua obra poética. Em *A Coluna* (1957), a escritora repete essa importante observação sobre a presença das mulheres na marcha, de maneira a também alçá-las ao posto de heroínas, exercício esse que também confronta o frequente silêncio historiográfico que, por vezes, recobre a presença das mulheres em momentos históricos como o que Jacinta narra poeticamente.

Os líderes não permitiam que as mulheres fizessem parte do efetivo da marcha, mas essa posição foi revista justamente quando da passagem da Coluna Prestes pelo Rio Uruguai. Nesse canto, a poetisa irá questionar o *locus* do poder masculino no interior do movimento: “Mulheres guerreiras/ quem viu teu valor?”. Assim, o eu lírico inicia seu questionamento acerca da invisibilidade desse grupo social: “No Rio Uruguai/ quem pode passar?”. Lourenço Moreira Lima, que fez o registro escrito da marcha, comenta o seguinte sobre a participação feminina nesse evento histórico:

Na passagem do Rio Uruguai, Prestes proibiu que elas prosseguissem, mas na manhã seguinte, quando a Coluna se pôs em marcha, ele viu, com espanto, que o belo sexo transpusera o rio e já estava montada. Como eram raparigas do Rio Grande, Prestes teve pena largá-las naqueles sertões e deixou que continuassem a viagem. (MOREIRA LIMA, 1970, p. 130)

Por ser um texto datado e repleto dos valores praticados à época, também no Brasil as mulheres eram chamadas “belo sexo” em função da influência da língua francesa no país em finais do século XIX e início do XX. O registro do ex-militar diz muito de como, inúmeras vezes, a restrição à imagem do belo e do sensível foi atribuída a algumas mulheres. É provável que esse não tenha sido o caso das mulheres que acompanhavam os rebelados, possivelmente por serem de origem simples, não lhes

cabendo, assim, o lugar dessa pretensa delicadeza, mas sim, talvez, de outros estereótipos.

Jacinta abala a imagem cristalizada de mulher sensível e delicada, que insistiam em perdurar em sua época, através dos versos: “‘Onça’ mulata,/ quem viu teu valor?/ Não vales somente/ na dança no amor”. Apreende-se, a partir da leitura desses versos, que algumas mulheres eram vistas através da lente da hipersexualização de seus corpos, como é o caso das mulheres mestiças, cuja terminologia utilizada por Jacinta ainda era corrente à época.

A poetisa lhes dá nome e isso as individualiza, as torna também célebres: “Hermínia perita/ do laço no jogo/ Hermínia estrangeira/ Hermínia enfermeira/a linha de fogo passou. Na trincheira/ inimiga, doentes/ salvou/ Ó valentes”. A personagem em questão era uma enfermeira austríaca que se “incorporou ao movimento ainda na cidade de São Paulo, por ocasião da Rebelião de 5 de Julho de 1924” (CARVALHO, 2016, p. 361).

A escritora retoma essas mulheres na dimensão da “rasura” das representações contumazes da época em relação a esse gênero. Essa postura se repete em vários de seus textos. Ainda que tivesse na política partidária sua maior plataforma de atuação como cidadã e intelectual, Jacinta Passos foi, também, uma escritora feminista. Essa afirmação se faz plausível devido à forma como ela desloca as representações do feminino em seus poemas e em seus artigos de jornal, nos quais trazia registros do trabalho de mulheres ao redor do mundo durante a guerra.

O canto quinze de *A Coluna* é uma referência ao fim da marcha em 1927.

Canto de despedida (canto 15)

I
Adeus Coluna que pisas
fronteiras de terra estranha
o que vais buscar tão longe
passando rio e montanha?
Coluna de mil guerrilhas
sempre vence e nunca apanha
manda a defesa buscar
a tal distância tamanha
garantias sem demora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

II
Que Bolívia e Paraguai
te sejam pátria também

as sombras de heróis antigos
valem teus passos além
e os braços desses dois povos,
abertos te digam: vem
do Continente, ó aurora!

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

III
Que medida para medir
os teus feitos de andarilha
de vinte e seis mil quilômetros
teu roteiro e tua trilha?
Combates, cinquenta e três
sem cair numa armadilha.
Vencidos foram dezoito
Generais. Só de guerrilhas
mais de mil Brasil afora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

IV

Teu povo dizia adeus:
até quando? Em que dia?
cavaleiro da esperança
que libertar prometia.
Teu povo agora te vê
como outrora não te via
do Partido Comunista
Olhos, mãos, palavra, guia,
Capitão. Até outra hora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

Na primeira estrofe, a qual apresenta estrutura de redondilha e versos octossílabos, além de um verso de quatro sílabas poéticas, o tom é mesmo de partida. Nesse momento, os rebelados estavam seguindo em direção à Bolívia em condições extremamente precárias, mas a sensação entre os membros era de dever cumprido.

Em tom de despedida, como o próprio título do canto anuncia, a Coluna se desfaz, mas Jacinta retoma uma ideia, a qual também é expressa por Lourenço Moreira Lima, de que “Não vencemos, mas também não fomos vencidos”, na qual fica patente o sentimento de orgulho envolvendo inúmeras vitórias em relação às tropas governamentais por conta da estratégia de “guerra de movimento” por eles adotada (“Coluna de mil guerrilhas/ sempre vence e nunca apanha”). Essa é justamente a característica que diferencia a Coluna Prestes dos outros movimentos tenentistas anteriores, os quais foram derrotados pelas tropas legalistas.

A poetisa retoma os feitos grandiosos do evento político em questão, o percurso percorrido, as vitórias sobre militares fiéis ao governo, o qual consideravam opressor: “Combates, cinquenta e três/ sem cair numa armadilha/ Vencidos foram dezoito/ Generais. Só de guerrilhas/ mais de mil Brasil afora.” Novamente, ressalta a importância da tática adota pelo grupo para se locomover pelo país. Além disso, a coragem e o desprendimento são também valores reforçados no refrão: “Boa viagem!/ Soldado parte e não chora.”

Na sexta e última estrofe, o herói máximo d’*A Coluna* (1957) reaparece, bem como a razão de ser do próprio livro que a escritora produz: o Partido Comunista. Para

Jacinta, neste momento de sua vida, em que já estava alijada da possibilidade de manutenção dos seus laços afetivos e em que a crença no sobrenatural havia sido desfeita, elege um novo “deus”, uma nova “religião”, da qual não se desfez até seus últimos dias.

Diferentemente de outros escritores brasileiros que, durante um período de suas vidas se identificaram com o comunismo, mas, em outros, avançaram na revisão crítica de suas posições e dos próprios partidos aos quais pertenciam, Jacinta não teve tempo para ponderar sobre o novo mundo que se apresentava após o fim da marcha. A escritora que, antes, tinha em Jesus e em Maria católicos a referência para muitos de seus questionamentos sobre a vida, passou a depositar em uma visão política toda a sua certeza sobre o mundo.

Sobre Luís Carlos Prestes, a autora comenta “Teu povo agora te vê/ Como outrora não te via/ Do Partido Comunista/ Olhos, mãos, palavra, guia,/ Capitão. Até outra hora./ Boa viagem!/ Soldado parte e não chora.”, ou seja, o emblemático homem está para o PCB como uma entidade onipresente e onipotente, aquele que seria o símbolo maior do partido no país, aquele que tudo vê e tudo controla. Essa associação está muito próxima da que é comumente atribuída a divindades.

Durante a feitura do livro *A Coluna*, Jacinta se encontrava em uma fase avançada de seu idealismo político, o qual se baseava na crença da possibilidade da criação de um Estado que servisse ao imaginário construído pelas ideias comunistas no Brasil. É possível admitir que o discurso político contido no poema se aproxima de uma espécie de messianismo, ou seja, de uma perspectiva que coloca que caberia a ele, ao herói que desbrava o interior do país, comandar homens e mulheres na busca por justiça social para seus compatriotas. Esse discurso é solidificado através da ideia de que a

palavra – no caso, a literatura aqui produzida – poderia funcionar como a “semente do futuro” na construção e na manutenção de algumas das utopias criadas no Brasil no início do século XX.

Nesse sentido, a palavra, aqui tomada na obra *A Coluna*, seria a semente que fora lançada para dar frutos, remontando, assim, a parábola da sementeira, na qual Cristo ordena que seus discípulos saiam a pregar a palavra de Deus a todas as criaturas, como no *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antonio Vieira:

Semen est Verbum Dei
(A semente é a palavra de Deus).

[...] *Ecce exiit qui seminat, seminare*: Diz Cristo que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina. [...] Não só faz menção do semear, mas faz também caso de sai: *Exiit*, porque no dia da messe, hão-nos de medir a sementeira e hão-nos de contar os passos. [...] Para quem lavra com Deus, até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. [...] Mas pergunto: e se esse sementeiro Evangélico, quando saiu, achasse o campo tomado, se armassem contra ele os espinhos, se se levantassem contra ele as pedras, e se lhe fechassem os caminhos, que havia de fazer? [...] todas essas contradições experimentou o sementeiro do nosso Evangelho: Começou ele a semear, diz Cristo, mas com pouca ventura. Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos [...]. Outra parte caiu sobre as pedras, e secou-se nas pedras por falta de umidade. [...]. Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens, e comeram-no as aves. [...] Quando Cristo mandou pregar os apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: [...] Ide, e pregai a toda a criatura (Mc. 16,15). (VIEIRA, 2012, p.20-24)

Indica-se, nesse trecho, que “a semente é a palavra de Deus” e os apóstolos precisam sair e pregá-la a todas as criaturas, ainda que encontrando dificuldades para tanto. Devem fazer isso mesmo quando não há “solo fértil”, mesmo quando não são compreendidos, ou, caso o sejam, a compreensão não vence a efemeridade de corações que não assimilam de fato o Evangelho. Porém, quando encontrassem as condições perfeitas semear a palavra de Deus, poderiam multiplicar as poucas sementes de trigo em centenas, ou seja, estaria, assim, frutificada a semente.

De forma análoga é possível compreender que o texto *A Coluna*, produzido com o intuito de enaltecer e divulgar uma figura histórica do Partido Comunista Brasileiro, atende ao propósito de “ser semente”, ser a palavra que, em última instância, poderá fazer florescer um sentimento de pertencimento àquele ideário associado à imagem de Prestes, o de um herói, um salvador, uma espécie de Messias.

Dessa maneira, mais que uma narrativa poética sobre a grande marcha, tem-se, também, a representação de uma realidade alterada, pois pautada em uma visão deste homem-herói que é um construto da própria missão que escritores tiveram diante das

utopias com as quais estavam comprometidos. Assim como os apóstolos tinham por missão “ir e pregar a palavra”, havia para escritores como Jacinta Passos o compromisso para com a criação de um novo *deus*, o qual teria por missão restaurar a justiça e reorganizar, política e socialmente, o país. Nada mais utópico, vale dizer, naquele Brasil dos anos 1950.

O evento histórico Coluna Prestes rendeu publicações diversas, dentre elas *1926: a grande marcha* (1964), de Hélio Silva, editada pela Civilização Brasileira; *A Coluna Prestes: rebeldes errantes* (1985), de José Augusto Drummond, lançada pela Editora Brasiliense; *Coluna Prestes: a grande marcha* (1989), de Renato Mocellin; *A Coluna Prestes* (1990), de Anita Leocádia Prestes, publicado pela Brasiliense; e *A Coluna Prestes* (1994), de Luiz Maria Veiga, Editora Scipione; além dos literários *O Cavaleiro da esperança e a Coluna Prestes: Cordel Ilustrado* (2011), Editora Livramento, e *A Coluna Prestes em Piancó* (2007), cordel de João Trindade.

Agora eu vou contar
uma história verdadeira
que se deu em Piancó
uma cidade altaneira
do sertão da Paraíba
coisa séria, não foi besteira.

Dia nove de fevereiro
do ano de vinte e seis
os fatos que lá se passaram
ficaram na nossa história
uma glória às avessas
do povo ficou na memória.

Eram oito da manhã
quando a Coluna entrou
pensando ser recebida
com respeito e sem ardor
mas determinado soldado
na Coluna atirou.

Os homens de Carlos Prestes
então malucos ficaram
disseram: vamos vingar
a traição da cidade
e do Padre Aristides
só vai ficar a saudade.

O padre era líder político
famoso na região
tinha enfrentado os Leite
com força e determinação
prometera receber a Coluna
com respeito e consagração.

Mas acontece que o padre

na verdade foi traído
disseram que a coluna
estava enfraquecida
para agradar ao governo
o padre perdeu a vida.

A coluna avançou
pela Nove de Fevereiro
então chamada Rua Grande
foi chumbo pra todo lado
“Nego” correu assombrado
sem rumo e sem roteiro.

Havia – essa é a verdade –
dois piquetes na cidade
um era da polícia
outro dos homens do padre
tudo gente bem valente
de nome e honestidade.

Mente quem diz que o padre
com cangaceiro se juntou
para enfrentar a coluna
com muita gente se armou;
o contingente do padre:
quarenta amigos de valor.

Em dado momento alguém
levantou uma bandeira
era branca da cor da paz
mas foi mesmo uma besteira;
O tiroteio aumentou
causando muita zoeira.

Existe muita versão
acerca dessa bandeira
umas com lógica, outras não;
vamos dizer quais são
para que o leitor conheça
a história verdadeira.

Uns dizem que foi um detento
preso naquele dia
mas o padre Otaviano
despreza essa “eresia”
diz que foi Manuel Cândido
chefe da coletoria.

O padre fala a verdade
porque com Manuel conversou;
os homens o revistaram
nenhuma arma encontraram
segundo o pobre de Cristo
tomado pelo terror. [...] ³⁸

³⁸ Disponível em: <http://www.pianco.com.br/2017/01/a-coluna-prestes-em-pianco-cordel.html> Acesso em: 12 jan. 2022.

Como se vê no trecho do cordel, outras narrativas foram elaboradas acerca da Grade Marcha. A visão heroica dos rebelados liderados por Luís Carlos Prestes e Miguel Costa não foi unânime, e muita violência ocorreu na localidade de Piancó, passagem essa lembrada por Jacinta em seu poema.

O eu lírico do poema de Trindade, que tem arranjo próprio no encadeamento dos versos e das estrofes, de maneira que o ritmo traçado se aproxima da musicalidade presente na oralidade, como nos repentes e na literatura de tradição popular, traz, liricamente, o acontecimento manifesto no município de Piancó, na Paraíba, de modo diferente da percepção que a população do lugar teve em relação à passagem da Coluna Prestes pela região.

De acordo com o autor do poema, a Coluna Prestes se contrapõe à aura de heroísmo criada no poema de Jacinta. Ambas as composições possuem marcas em comum, principalmente a presença da linguagem que se aproxima da oralidade, a saber, do cancionário popular brasileiro. No primeiro, isto é, no poema de Passos, estão presentes as cantigas de roda largamente difundidas no interior do Nordeste à época. No poema de Trindade, um cordel – em referência à corda em que os escritos são expostos –, há o resgate de um fato histórico, o qual é transformado através do trabalho com formas, que, tradicionalmente, estiveram fora do cânone literário e que, hoje, têm sido incorporadas às formas artísticas analisadas e chanceladas pela crítica.

4. Mulher, escritora e feminista

4.1 A vivência pessoal e a sororidade como “arma” poética

Só unidas as mulheres resolverão seus problemas.

(Jacinta Passos, 1945)

A trajetória literária de Jacinta Passos, bem como sua atividade política como militante pelo PCB, foi marcada por grandes transformações em sua vida pessoal. Como vimos, ao longo da pesquisa, Jacinta evoluiu de uma escritora inicialmente católica, que foi criada em um seio familiar de moldes tradicionais, para uma escritora que se estabeleceu no mundo como mulher que se inseriu em espaços públicos – a redação de revistas e jornais, além dos ambientes políticos e culturais – de forma intensa e de

maneira a refletir sobre o próprio papel que mulheres como ela – ou seja, as que tinham acesso à educação e cultura – desempenhavam naquele contexto sociopolítico.

Retomamos, neste momento, a discussão iniciada na dissertação de mestrado *Jacinta: Passos de uma escritora à margem*, defendida por mim em 2017, na qual propõe-se a hipótese de que Jacinta Passos foi uma mulher e escritora feminista. Alguns eventos na sua vida pessoal e profissional demonstram como a poetisa pensava as questões relativas às mulheres naquele momento histórico, perpassando temas como o divórcio, o mundo do trabalho e a atividade política.

O arranjo familiar em que Jacinta se formou como pessoa dava conta do retrato de um Brasil rural, no qual prevaleciam práticas sociais que, por um lado, estavam relacionadas à economia do país, assentada no processo de escravização da mão de obra negra, e, por outro, à política, na qual havia a atuação dos coronéis, proprietários de terras que manejavam essas duas frentes através do chamado “voto de cabresto”. Essa era a forma de condução da política no Brasil a partir da Primeira República e era em torno desse sistema que se organizavam os rumos políticos nos vários níveis da federação. O coronelismo “é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entreo poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social doschefes locais, notadamente de senhores de terra” (LEAL, 1997, p.40), o que afetava, em especial, a vida daqueles que moravam no campo.

O mandonismo local, que expressa a força do Coronelismo em âmbito municipal, fez parte da realidade da região do Recôncavo Baiano. A família de Jacinta, tendo como seu primeiro patriarca o senador Themístocles da Rocha Passos, teve grande influência na política do município, tendo sido este último, inclusive, um dos responsáveis pela emancipação do antigo distrito. A família possuía as terras da fazenda, nas quais eram cultivados cana-de-açúcar e café, bem como contava com o trabalho de ex-escravizados, conforme Amado (2010) postula, alguns dos quais, inclusive, aparecem no poema “Campo Limpo”, do livro *Canção da Partida*, analisado no primeiro capítulo.

A região teve, no início do século XX, grande participação na economia nacional por meio da exportação para a Europa de charutos fabricados na Suerdieck³⁹, e grande parte da mão de obra utilizada na manufatura desses produtos era formada

³⁹ Esta foi uma fábrica de charutos instalada inicialmente na cidade de Cruz das Almas em 1892. De acordo com Porto Filho (2018), “A fábrica montada por Suerdieck, batizada com o nome fantasia A. SUERDIECK, entrou em funcionamento em julho de 1905, num armazém de fumo alugado pela Aug. Suerdieck em 1889, no cais do Cajá.” (PORTO FILHO, 2011, p. 34)

majoritariamente por mulheres negras da região. Uma filial da fábrica fora instalada em Cruz das Almas, em 1935, e “O município nessa época estava sendo ministrado pelo Dr. Luiz Eloy Passos, sendo o deputado federal Lauro Passos” (ELOY, 2009, p. 33), o que foi um elemento facilitador da instalação da empresa no local.

Esse dado histórico é importante para entendermos como Jacinta lança seu primeiro olhar para o trabalho de mulheres da indústria fumageira da região do Recôncavo Baiano. Em um trecho do livro *Canção da Partida*, a poetisa relembra esse dado, que é embrionário para outros textos que escreverá quando de sua atuação como ativista política e da contribuição com o jornalismo na década de 1940.

O poema é iniciado com uma cantiga de roda, elemento da cultura popular recorrente em seus textos:

Passa
passa
passará
derradeiro ficará

Não me prenda
bom vaqueiro
bom vaqueiro
Eh!
Dá licença de passar
levo a noite e levo o dia
que alegria!
Levo tanto o que acabar.
[...]

– Vitalina!
Manoca o fumo, menina,
você hoje vadiou. [...]

Essa é a primeira menção ao trabalho de mulheres na poesia de Jacinta Passos. Como destacado, a região contava com o trabalho de muitas mulheres na manufatura dos charutos e, na última estrofe em destaque, o eu lírico se refere a uma moça, ou mulher, que manoca o fumo, ato de dispor as folhas para enrolar o charuto, trabalho este desempenhado por diversas mulheres em Cruz das Almas e distritos do entorno, tais como Maragojipe, São Félix, Muritiba etc. A mão de obra era majoritariamente composta por afrodescendentes, em sua maioria mulheres, atuando na cultura do fumo desde o plantio até o produto final, como o ato de manocar o fumo. De acordo com Eliane Azevedo (1982, p.7), “a demanda dos africanos no Recôncavo da Bahia vinculou-se ao crescimento da indústria do açúcar e as plantações de fumo”.

Em *Canção da Partida* (1945), Jacinta retoma o imaginário de sua infância de maneira muito afetiva e coloca ênfase em trazer recortes importantes acerca da vida

social da região em questão, além de tratar das relações de trabalho ali imperantes e da população local. Ademais, ela recupera a linguagem desse contexto, em sua expressão popular, ao escrever “Passa/ passa/ passará/derradeiro ficará”, trecho da canção “Três, três, passará”.

A escritora, com o amadurecimento da carreira literária e sua inserção no meio cultural e político de Salvador dos anos 1930 a 1950, aprofundará a discussão acerca do trabalho desempenhado por mulheres em áreas diversas. Essa primeira manifestação quanto às charuteiras do Recôncavo Baiano possibilitou que, mais tarde, pudesse ampliar a percepção sobre o lugar que as mulheres ocupavam na sociedade de então, além de lhe permitir pensar novas propostas para o trabalho feminino em seus poemas, em seus artigos jornalísticos e no que se refere à sua vivência pessoal.

A formação de Jacinta Passos, desde a infância ao lado das irmãs e do irmão, em um lar católico, até sua efetiva atuação na política partidária, passa por fases de observação da vida das mulheres no campo e no perímetro urbano, como em Salvador, e atinge estágios de análise dos comportamentos daquelas que se dedicaram à militância e à retaguarda de guerra, como irá destacar na *Página Feminina* no jornal *O Imparcial*.

No livro *Poemas políticos* (1951), dedicou especial atenção a mulheres que se tornaram símbolos dentro do espectro político ao qual Jacinta estava vinculada. No trecho que segue, é notória a reverência que a poetisa faz a essas mulheres que resistiram no exercício de suas atividades pelo Partido Comunista. No poema “Elegia das quatro mortas”, a escritora presta uma tocante homenagem à militante comunista alemã Olga Benário⁴⁰.

I

Chegas de manhã, tranquila

(Não estás morta, morta, amiga,
no chão, desfeita, de um país de brumas?)

De manhã, tranquila.

⁴⁰ Olga Benário (1908-1942) veio para o Brasil acompanhando Luís Carlos Prestes, que estava na União Soviética em formação no Comintern. Quando foi definido seu retorno ao Brasil, em 1935, Olga foi designada para fazer sua segurança. Após a Intentona Comunista em 1935, Olga e o marido Luís Carlos Prestes buscaram se esconder da polícia, porém, em 4 de fevereiro de 1936, foram presos no Meyer, primeiro evento antes da deportação de Olga para a Alemanha: “A chuva era intensa quando os “cabeças de tomate” [...] chegaram à Rua Honório. [...] Ao baterem à porta de Prestes, D. Júlia foi atender. Ao saber que era a polícia, Prestes tentou fugir, mas a casa estava cercada. Ele logo é reconhecido e os policiais recebem a ordem de entrarem atirando. [...] Foi então que aconteceu algo inesperado. Uma mulher alta pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo e dá um berro para os soldados. Não era um pedido de clemência, mas uma ordem [...]: “Não atirem! Ele está desarmado!” (MORAIS, 2008, p. 13)

Quando a luz do dia vem
clareando o céu, as coisas e a lembrança.

Olga, de manhã

(Não estás morta, morta, amiga,
não te levaram num navio, sofrendo?)

Tu, aqui, tranquila:
teu vulto claro de alemã, tão nosso,
tão do Brasil teus olhos bem amados,
translúcidos,
e o rosto longo e os cabelos finos.

(Não estas morta, morta, amiga,
Crime de feras contra flor tão pura?)

De manhã conosco:
aquela mesma luta antiga
e dura,
tão dura às vezes, bem sabes como exige.

Tranquila conosco:
muita coisa, Olga, foi mudando
depois daqueles tempos: num campo
de suplícios, tua filha nascendo. Não, não esquecemos
o Estado Novo, os crimes do fascismo
e teu corpo de bravura resistindo:

mas a luta é cada vez mais uma só:

lembras da Alemanha em tua juventude
de sonho e combate? Um lado de sombra ainda,
de luz, outro lado: tudo será luz
una, de alegria
que da barra do Oriente vem raiando,
da Rússia vem como de um sol a pino,
e de nós, os povos duros,
sugados, na sombra,
duros, combatendo.

Prestes, Prestes. Ah!
nunca se viu tanta esperança terrena.

(Não estás morta, morta, amiga,
de tantas dores com que te mataram?)

Chegas de manhã, tranquila.

A voz poética busca estabelecer um diálogo com Olga, mas parece não obter resposta, e, no intento de mantê-la viva, ainda que na memória, diz: “Chegas de manhã, tranquila/ (Não estás morta, morta, amiga,/ no chão, desfeita, de um país de brumas?)”. O uso da anáfora, por um lado, ratifica o momento de agonia de Olga, e, por outro, torna-se um apelo para que ela ainda esteja presente. O último verso transcrito é uma

referência ao país para onde a militante comunista havia sido enviada (“país de brumas”), a Alemanha.

A tranquilidade evocada pelo eu lírico contrasta com o momento de agonia por que passou Olga. O verso “De manhã, tranquila” evoca uma imagem que se contrapõe com a que é mostrada no dístico: “(Não estás morta, morta, amiga,/ não te levaram num navio, sofrendo?)”. E, através desse “diálogo”, percebe-se sua solidariedade com a militante comunista, uma vez que partilham a mesma luta e carga de resistência.

Há afeto e respeito para com a imagem e a memória da revolucionária alemã: “Tu, aqui, tranquila:/ teu vulto claro de alemã, tão nosso,/ tão do Brasil teus olhos bem amados,/ translúcidos,/ e o rosto longo e os cabelos finos/ de manhã conosco:/ aquela mesma luta antiga e dura,/ tão dura às vezes, bem sabes como exige.”

O poema ratifica os contrastes das palavras e dos fatos relacionados à Olga. É alemã e brasileira, seus traços físicos, “teu vulto claro de alemã, tão nosso”, que parecem ser a marca do que a faz estrangeira, são também um indício de que o Brasil a havia adotado afetivamente (“tão do Brasil teus olhos bem amados”). Além desse afeto, Olga também havia aceitado o convite à luta, pois tem-se que “de manhã conosco:/ aquela mesma luta antiga e dura,/ tão dura às vezes, bem sabes como exige.”

A tranquilidade, aparente no verso “Tranquila conosco:” e desejada pelo sujeito lírico, é incompatível com o fato de que Olga tinha mesmo sido enviada pelo Governo Vargas para a Alemanha nazista, o que é expresso na estrofe “(Não estás morta, morta, amiga,/ de tantas dores com que te mataram?)”. A anáfora aqui posta indica a morte de fato e a morte simbólica. Isso, pois, a personagem histórica em questão foi morta ao separar-se do homem com quem dividia a vida, quando teve seu direito de permanecer no Brasil negado, ao ser deportada em um navio para a Alemanha e lhe retiraram a única esperança que lhe poderia restar: sua filha.

Na estrofe “Tranquila conosco:/ muita coisa, Olga, foi mudando/ depois daqueles tempos: num campo/ de suplícios, tua filha nascendo. Não, não esquecemos/ o Estado Novo, os crimes do fascismo/ e teu corpo de bravura resistindo: ”, a voz lírica cria a imagem de que o corpo de Olga, antes destacado por sua beleza, agora simbolizava resistência diante dos regimes autoritários que vigoravam no Brasil e no mundo.

A segunda parte do poema é dedicada, por sua vez, à militante comunista Zélia Magalhães⁴¹:

⁴¹ Zélia Magalhães era costureira e, em 1949, estava em um dos protestos organizados pelo PCB, a *Campanha do Petróleo*, que foi reprimido por policiais no governo de Eurico Gaspar Dutra (1946 a

II

Também tu: de crespa cabeleira
viva,
de onde vens morena de manhã?

– Pelas costas. Me mataram pelas
costas. Covardia. Pois se mata
assim um ser humano?

Ah! Zélia. O cão policial
teve medo de olhar teus olhos.
Foi no ano de quarenta e nove.
Foi na rua.
No Rio de Janeiro, capital.

– Meu filho ia nascer:
mundo mais humano, o que eu queria.

Tão simples. Assim teu sonho era,
o nosso, de fartura e paz.

Será feito pela mão dos pobres

(pobres não eram tuas mãos
de mulher irmã das mãos do negro,
do camponês e do trabalhador?)

Pela mão dos pobres
que têm fome e sede de justiça
na terra.

Da mesma forma que estabelece um diálogo com Olga, a voz lírica busca ouvir, aqui, a experiência de Zélia diante de sua morte pelo mesmo Estado que matou a militante alemã. Novamente, há a “manhã”, que pode ser lida como metáfora da claridade em contraponto à escuridão a que foram submetidas as duas mulheres: “Também tu: de crespa cabeleira/ viva,/ de onde vens morena de manhã?”.

A forma terna como que o sujeito poético se dirige a Zélia deixa transparecer a proximidade que tem com ela e o desejo de fazer perdurar, na memória, o seu nome e os adjetivos que traduzem sua beleza e sua força. Zélia estava grávida, e esse filho, naquele contexto, simbolizava a esperança de criação de um mundo melhor. Por isso, marchava

1951). Nesse período, o PCB funcionava na clandestinidade, já que teve seu registro cassado em 1947. De acordo com Mauro Malin (2018, p.117), “A ilegalização e a cassação dos mandatos dão cobertura à violência policial. Lê-se no verbete Eurico Gaspar Dutra do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: ‘A campanha do Petróleo foi severamente reprimida durante todo o governo Dutra, sob o argumento de que tratava de um movimento dominado pelo ilegal PCB. [...] A jovem comunista Zélia Magalhães foi morta e vinte pessoas ficaram feridas.’”

na rua em prol daquilo que acreditava ser a força produtora desta mudança: “Meu filho ia nascer:/ mundo mais humano,/ o que eu queria.”

No diálogo entre dois planos, a voz amiga marca, assim como o fez no caso de Olga Benário, o lugar e a razão de sua morte, no intento de não permitir esquecer-se da tragédia que se abateu sobre Zélia: “Ah! Zélia. O cão policial/ teve medo de olhar teus olhos./ Foi no ano de quarenta e nove./ Foi na rua./ No Rio de Janeiro, capital.” Como não foi possível para Zélia, através da sua luta, juntamente com outras e outros tantos que ficaram pelo caminho, realizar o sonho de um mundo justo, a voz lírica lhe diz que a mudança será feita pelos que permanecem excluídos e que, como ela, almejam os ideais de igualdade e justiça: “Tão simples./ Assim teu sonho era,/ o nosso, de fartura e paz./ Será feito pela mão dos pobres/ (pobres não eram tuas mãos/ de mulher irmã das mãos do negro,/ do camponês e do trabalhador?)”.

Essa irmandade se traduz na luta que essas mulheres, Olga, Zélia e Jacinta, enxergavam como via possível para as transformações políticas e sociais através das quais o sonho da implementação dos ideais de igualdade defendidos dentro do arcabouço pensado pelo Partido Comunista se tornaria realidade.

III

Flor de tristeza, vagarosa Dade,
foi assim que te vi no campo, um dia.

Tu vens chegando, tua fala, lenta:

– não sou de natural assim tão triste
mas labutei demais e me achou.

Treze homens levaram teu caixão
por cinco léguas de caminho ingrato.

Flor de existência malograda, flor

(não conseguiste nem as miudezas
de teu desejo: ah! Era de uma volta
de ouro, como gostavas! E um vestido
de seda verdadeira. Ouço teu riso,
risada ruidosa, da garganta)

Treze homens levaram teu caixão.

– Morreu de quê?– Perguntaram. A doença
já encontrou teu corpo consumido.

Onze filhos, pobreza, mais a roça,
mais água e lenha e casa de farinha.

Morreste sem remédio como um bicho:
desconhecias o poder das letras,
da medicina, da luz elétrica.

Nenhum relógio marcou teu passamento.
Treze homens levaram teu caixão.

Flor de tristeza, vagarosa, Dade,
foi de morte matada que morreste

E bem sabias. O crime não tem data:
morte lenta geral antiga fria:
o latifúndio acabou contigo.

– Não sou de natural assim tão triste.

Tu vens chegando, tua fala, lenta
acusa e tua voz se anima agora
("aterra será da mão que planta e colhe")
é de esperança flor recuperada.

Dade aparece em dois livros de Jacinta, a saber, em *Canção da Partida*, no poema "Campo Limpo", e em *Poemas políticos*, em "Elegia das quatro mortas". Ela personifica a imagem das mulheres negras de sua época, muitas ex-escravizadas que trabalhavam na lida do campo nas muitas fazendas espalhadas pelo Brasil rural do incíodo século XX.

A personagem era uma mulher negra que trabalhava para a família Passos. O processo escravocrata no Brasil produziu reverberações na nossa organização social. Dade, como muitos outros trabalhadores do campo no período da infância da escritora, desempenharam um papel crucial na manutenção do *status quo* econômico, de maneira que eram responsáveis pela garantia de riqueza dos grandes proprietários de terras que produziam as commodities do país, como o açúcar, o café, o tabaco, dentre outros congêneres.

Dentro desta configuração econômica e laboral, as mulheres escravizadas eram responsáveis pelo trabalho braçal no roçado, bem como pelos cuidados com a "casa-grande" e com os filhos dos senhores para os quais trabalhavam. Além dessas funções, eram costumeiros, nesse contexto, os castigos físicos e a violência sexual. Del Priore assinala o trabalho destas mulheres na indústria da cana, no período colonial, desta forma:

O modelo da grande propriedade monocultora e escravista implantado por Portugal consagrou o poder dos senhores de engenho [...] O cronista André João Antonil, padre jesuíta e observador da economia colonial[...] foi pioneiro em observar a participação feminina em meio às perigosas engrenagens que moíam a cana. A calcanha [...] era a escravizada que tinha várias funções. Vigiava o recipiente em que se coava o "mel", varria a casa

das caldeiras ou dos cobres [...]. as mulheres usavam de foice e enxada na roça, como os homens. [...] Grávidas não faziam serviços no eito e, segundo Charles Ribeiryrolles, [...] não se dedicavam a outra atividade que as da casa. Enquanto amamentassem, eram dispensadas do serviço pesado; seus filhos eram confiados, logo que aprendiam a andar, a velhas negras. Escravizadas lavavam, passavam, cozinhavam, arrumavam, mas documentos as revelam igualmente exímias parteiras, tintureiras, aprendizes de “cozer” e até “carrapateiras” [...] ou “amas de cegos e crianças” [...] (DEL RPIORE, 2020, p. 84-85).

A primeira questão apontada pela autora diz respeito à criação e à manutenção dos latifúndios nos primórdios do Brasil, e no quanto esse sistema de produção das riquezas, que girava em torno do chamado *ciclo do açúcar*, possibilita entendermos como o trabalho dessas mulheres foi organizado. Dade, como personagem no poema de Jacinta, é a mulher que cuidou de sua casa, dela própria e de seus irmãos, ilustrando tristemente todas as suas antecessoras que trabalharam no campo sob a égide desse sistema.

A infância de Jacinta data de 1914, período em que já se havia promulgado a abolição do trabalho escravo, o que, na prática, promoveu a marginalização da população negra do país. De acordo com depoimento de Janaina Amado no documentário *Jacinta Passos, se me quiseres amar* (2021), Dade, assim como outros trabalhadores negros, fazia parte de um grande grupo de ex-escravizados que orbitavam a fazenda Campo Limpo e que, eventualmente, tornaram-se trabalhadores no local.

A presença das mulheres pretas no trabalho doméstico, tanto naquela época como na contemporaneidade, tem sua origem no período colonial, contexto em que seus serviços como amas de leite, cozinheiras e faxineiras era essencial para que a família da casa-grande pudesse existir como tal, isto é, mantendo seus privilégios por meio do serviço sem remuneração ou mal pago.

Algumas questões em torno da vivência de mulheres no Brasil e no mundo foram temas que sempre estiveram presentes nas reflexões que Jacinta fez em inúmeros textos publicados. Suas preocupações com a questão do trabalho, com o tópico da experiência na guerra e com discussões envolvendo a vida cotidiana de mulheres de seu tempo nos levam a imaginar que, mesmo diante de todos os seus desafios pessoais e estigmas que lhe foram imputados por motivações diversas, a escritora buscou evidenciar as mulheres em um *locus* social diferente. Esta proposta será vista, sobretudo, a partir das matérias e artigos da *Página Feminina*.

A última mulher que aparece no poema é Angelina Gonçalves, tecelã que, de acordo com Amado (2010, p. 154) foi morta pela polícia em 1º de maio de 1950 na cidade de Rio Grande, RS.

IV

Na frente.

Na frente maduros.

Caminhando na frente maduros.

Era o dia Primeiro de Maio.

Na frente.

No Rio Grande, cidade do sul.

De repente.

De repente, atiraram.

(–Onde estamos?

– Foi da sombra. Atiraram.

– A polícia? Da sombra? Covardes!)

De repente.

De metralha e fuzil.

(–Mas quem foi quem mandou atirar?

– Foi a sombra. Estrangeiros do dólar.)

Atiraram. Mataram

operários sem armas, mataram.

(– Ah! Governo sem lei nem vergonha!)

Foi assim, Angelina mataram.

Quatro mortos. Maduros.

Caminhando na frente maduros.

Levantando e bandeira, Angelina.

Era o dia da classe operária.

Na frente protetora da pátria, Angelina.

Foi no ano feroz de cinquenta.

Foi no ano feroz do fascismo.

Era o dia Primeiro de Maio.

No mundo.

No Rio Grande, cidade do sul.

A tônica do quarto canto é também de denúncia da violência do Estado cometida contra mulheres comunistas e/ou trabalhadoras que se colocavam na linha de frente em protestos e comemorações, como o emblemático dia Primeiro de Maio, importante,

sobretudo, naquele contexto, para os trabalhadores mais identificados com os movimentos sociais e políticos de esquerda.

O eu lírico, mais uma vez, nomeia as mulheres e lhes dá voz. Angelina era seu nome, e ela denuncia o ocorrido, algo semelhante ao vivenciado por suas companheiras, uma ocorrência covarde e inesperada, que veio a mando da “sombra”, de “Estrangeiros do dólar”. Essa metáfora indica uma provável influência externa na política nacional – vide a questão da Segunda Guerra e a influência dos Estados Unidos na tomada de decisões por parte do Governo Vargas quanto à instalação de um Parque Industrial com o suporte desse país estrangeiro –, dentre outras contribuições em outras áreas, como a militar.

A imagem de Angelina é a de uma mártir: “Era o dia da classe operária./ Na frente protetora da pátria, Angelina.” Para o sujeito poético, trazer essa mulher, que foi sumariamente assassinada, junto de seus companheiros, como figura principal de uma cena de horror perpetrada pelo Estado brasileiro, joga luz em sua memória e na de todas as outras mulheres que foram deixadas pelo caminho em situações semelhantes, as quais não tiveram a chance de serem lembradas.

4.2 Contraponto ao patriarcado: o desvencilhar das amarras

A pujança da presença feminina e a reconstrução de sua memória como um dado positivo na História no momento em que Jacinta Passos exerceu seu ofício se mostrará em todo seu potencial quando de sua atuação em periódicos em Salvador. Antes de assumir a edição do suplemento semanal do jornal *O Imparcial*, a escritora já tinha trazido essa discussão em sua poesia, assim como visto no exemplo anterior. Até mesmo em sua vida pessoal, a escritora baiana deslocava alguns paradigmas postos paramulheres em seu tempo.

Antes, no entanto, de elencarmos esses paradigmas, é fundamental demarcarmos à quais mulheres estamos nos referindo quando pensamos algumas questões que Jacinta Passos enfrentou e escreveu sobre. O divórcio, o mercado de trabalho, as condições de formação, o acesso à cultura e ao meio político, no contexto histórico em que a poetisa escreve, não se deram da mesma forma para todas as mulheres.

Ao publicar seus textos, a escritora fala para outras mulheres que podem assumir o papel de suas interlocutoras, ou seja, mulheres que tinham acesso à cultura letrada e

que, normalmente, advinham de famílias se não abastadas, ainda significativamente vinculadas a uma tradição social ou política importante. Logo, mulheres não brancas, como negras e indígenas, não figuram o público-alvo de seus textos, ainda que não seja impossível que pudessem ter acesso a essa produção literária.

O divórcio para mulheres como Jacinta era ainda um tabu em seu tempo, uma vez que o “destino” mais provável seria o casamento e, no máximo, uma formação no magistério, que, em grande medida, estava atrelada também aos cuidados com a prole.

Todos os aspectos que fazem parte da vida das mulheres, como família, trabalho, sexualidade e divórcio, estão conformados em uma concepção de mundo patriarcal e sexista. Ao longo da história das mulheres, em muitas civilizações ocidentais, a construção desse sistema que as oprime está baseada na premissa de que a figura masculina, quando em dicotomia com o sujeito feminino, está em posição de prevalência, e a relação de poder entre esses dois segmentos é verticalizada, de modo que o homem é sempre o “mesmo”, representando a imanência, e a mulher é, por contraste, o “outro”.

Simone de Beauvoir inaugura a categoria do *outro* nas relações entre homens e mulheres em *O Segundo Sexo* (1949), obra na qual ela pontua que a relação de submissão das mulheres transcorre baseada na ideia de objetificação feminina e de sua consequente depreciação enquanto indivíduo e grupo social. Ao destacar que a categoriado *outro* é antiga e presente em relações de subalternidade diversas, criadas ao longo da história, ratifica-se como esse mecanismo se estabelece entre esses pares:

Os judeus são os “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. [...] segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação ao qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto. (BEAUVOIR, 1949, p. 11-12)

As relações sociais foram sempre marcadas, ao longo das civilizações humanas, pelos efeitos que o poder, balizador dessas relações, exerce. Beauvoir cita pares emblemáticos que historicamente desempenharam papéis de dominador e dominados. A autora os toma como modelos para examinar como homens e mulheres se constituem enquanto partes de uma engrenagem maior, o patriarcado, e quais impactos ocorrem na vida prática das mulheres, que, sem dúvida, são lidas como o “inessencial”.

O patriarcado como força que engendra todo o modo de vida dentro de uma sociedade produz implicações importantes na vida de mulheres, de maneira que está relacionado, principalmente, às condições de existência desse grupo, as quais são afetadas pela violência em suas variadas formas de apresentação, física ou simbólica.

A historiadora Gerda Lerner define o patriarcado como esse jugo ancestral que rege coletividades femininas em diversas conformações sociais e mostra o caráter quase perene desta que é uma das mais difíceis formas de opressão a se combater, principalmente quando se reflete sobre a conjuntura em que estão inseridas as mulheres: cada grupo de mulher, considerando suas especificidades, luta ainda por pautas que há alguns anos pensavam ter sido superadas, ou ao menos discutidas, como a questão da violência; das condições de trabalho; do direito ao corpo, à sexualidade e ao papel que desempenham nas famílias. A autora define que:

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 anos até ser concluído. A princípio [...] apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. [...] A sexualidade das mulheres, consistindo de suas capacidades e serviços reprodutivos e sexuais, foi modificada ainda antes da criação da civilização ocidental. [...] O primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento. O papel obverso do homem foi ser aquele que executava a troca ou que definia os termos das trocas. (LERNER, 2013, p. 261-263)

A questão do patriarcado é problematizada a partir de outros matizes e efeitos em diversas sociedades, mas o que salta aos olhos dentro dessa definição é que se trata de um antigo sistema muito organizado e que, de fato, estrutura todas as interações humanas de modo a estabelecer e ratificar seu caráter de dividir papéis, privilégios, opressões e subjugações de sujeitos.

Outros aspectos da vida social somados ao sistema patriarcal, sobretudo aqueles relacionados à economia e à divisão sexual do trabalho – categorias que indicam que, durante muito tempo, às mulheres era delegada à função reprodutiva e de cuidados com a prole, e ao homem era dada a responsabilidade de prover à família e comandá-la – contribuem para a manutenção do *status quo* que ainda prevalece em muitas práticas sociais.

Jacinta Passos foi criada em um ambiente em que a divisão de papéis masculinos e femininos estava demarcada por essa concepção sexista de mundo. Como demonstrado nos capítulos anteriores, a poetisa pôde ter acesso à formação, à cultura e,

de forma *sui generis*, conseguiu, no âmbito profissional, romper algumas bolhas. No entanto, não esteve imune ao fato de ser uma mulher em um contexto de opressão e de estigmatização de mulheres sob diversas óticas, uma delas, muito importante, foi a questão do divórcio. Mesmo mulheres como ela, que tiveram acesso a espaços predominantemente masculinos, como as redações de jornais, sedes de partidos políticos, repartições públicas ou privadas, não passaram incólumes à visão de que deveriam manter um casamento, gerar filhos e sustentar a discricão comportamental das “mulheres respeitáveis”.

Muitos desses elementos que, na linguagem psicanalítica, são chamados “semblantes”, Jacinta cumpriu: casou-se, teve uma filha e se manteve, desde a juventude em Cruz das Almas até a fase adulta em Salvador, a imagem de uma mulher extremamente ligada aos padrões de comportamento das “moças de família”. Nãoobstante, em um momento crítico de sua vida, quando já empobrecida e fragilizada pelas diversas internações e procedimentos invasivos aos quais era submetida, teve que lidar com o divórcio e o fez de maneira altiva, de forma a renegar esse lugar social pensado para mulheres como ela.

Em carta enviada ao marido James Amado, fica perceptível que, mesmo adoecida buscou sua emancipação como mulher e como mãe, o que não foi possível de todo, tendo em vista a precariedade de sua condição financeira e as dificuldades de saúde enfrentadas à época:

Salvador, Bahia, 10-8-1958

James,

Recebi sua carta de 6 agosto. Estranhei o carimbo do Ministério da Educação e Cultura. Sabia que você tinha de há muito tempo aderido a uma política de conciliação com as forças da burguesia e o governo burguês, mas não sabia que já tinha subido tanto na votação dos referidos senhores. Isto demonstra mais uma vez que não foi sem razão que eu me separei de você.

Quanto ao desquite: você está colaborando com a burguesia e vem me pregar contra as leis burguesas. Que é que você chama de “pruridos legais”?⁴² Você sabe que eu sou comunista, mas nunca tive vida ilegal e nunca tive ligações ilegais. Trata-se apenas de usar leis burguesas contra aqueles que as fizeram. Trata-se de garantir, perante os próprios senhores burgueses (ou então eles que rompem a sua Constituição), de que estamos desquitados por lei e, portanto, você não tem direito ao único bem que possuo, e que é a minha produção de escritora, e justamente por ser meu é que posso dispor dele a

⁴² De acordo com Janaina Amado (2010, p. 409), “Em carta anterior à Jacinta, com o objetivo de demovê-la da ação judicial, James usara, entre outros argumentos, o de o Poder Judiciário fazer parte de um regime burguês e, portanto, dever ser desconsiderado por ela que, como comunista, não devia ter pruridos legais como o do desquite.”

quem eu quiser. Mas vamos aos fatos imediatos: se você não pode vir agora para apresentar a petição de desquite, junto comigo, ao juiz, e pede que adie o processo, lhe digo o seguinte: não farei o processo se você concordar com as duas propostas seguintes: 1) No fim do ano, depois das férias que a Janaína passará comigo, ela ficará morando comigo e passará algum tempo do ano com você (as férias); 2) você reconhecer que não tem qualquer direito sobre minha produção literária (no caso de você quebrar a palavra, o processo será iniciado imediatamente).

Sobre a Janaína, ela não poderá ficar morando aqui em casa de meu pai, onde estou desde que me curei, porque só poderei tomar conta dela num lugar onde de fato seja eu quem mande nela. Ou aqui na Bahia, em qualquer outro lugar; viverá comigo, não nas condições em que está vivendo aí (refiro-me ao apartamento etc.); será em condições bem mais pobres, nas condições em que a mãe dela puder viver. Sobre a instrução, é outra questão difícil nas condições de nosso país, mas procurarei resolver.

Necessito que responda sobre as duas propostas, mas preciso de urgência porque estamos em agosto. Se você não concordar o jeito é o processo, ou aqui ou eu indo aí para fazê-lo.

Recomendações a seus filhos Inaê e Maurício e à sua segunda mulher.
(AMADO, 2010, p. 409)

A carta apresenta uma série de informações que fornecem pistas tanto acerca do estado emocional em que ela se encontrava quanto sobre a sua força diante dos desdobramentos que uma separação tinha para mulheres de sua classe social. É fato que o divórcio, no final dos anos 1950, tinha uma carga simbólica importante para as mulheres, de maneira que, seja no interior das famílias ou mesmo no espaço público, aquelas que se separavam passavam a ser vistas como mulheres menores, fracassadas e estigmatizadas.

Conforme a historiadora Mary del Priore, a despeito de algumas modificações percebidas no Brasil no século XX em relação à situação das mulheres em outros períodos da história do país, a condição social de mulheres era ainda atravessada por paradigmas que se mantiveram e lhes moldaram o comportamento:

Nas primeiras décadas do século XX, toda a ameaça ao casamento era alvo de críticas. O tema divórcio, por exemplo, era considerado “imoral”; “a pior chaga da sociedade, “só em casos excepcionais e depois de rigorosíssimo processo”. [...] apesar das transformações que chegavam, o Código Civil de 1916 mantinha o compromisso com o Direito Canônico e com a indissolubilidade do vínculo matrimonial. [...] Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal. Quanto à esposa [...] essa ficaria ao nível dos menores de idade ou dos índios. (DEL PRIORE, 2005, p. 311)

Como o casamento era uma instituição tida como essencial na vida das mulheres no contexto em que a escritora foi criada, e também em sua fase adulta, essa concepção do feminino como “apêndice do homem” ainda tinha força quando da escrita de sua

carta a James. Como transcrito, a carta trata de inúmeras questões que afligiam a escritora naquele momento e, independentemente de sua condição financeira e de estabilidade emocional, Jacinta se posicionou firmemente no sentido da resolução daquela questão.

Não fica difícil imaginar o quão difícil havia sido para ela enfrentar a situação de um divórcio em um cenário social em que os periódicos voltados para o público feminino aconselhavam que as mulheres mantivessem o enlace mesmo diante de situações humilhantes, e isso incide em seu suposto poder de a tudo suplantar para fazer com que filhos e marido estivessem sempre confortáveis, a despeito de elas não se sentirem assim:

À mulher incumbe sempre fazer do lar [...] um templo em que cultue a Felicidade; à mulher compete encaminhar para casa o raio de luz que dissipa o tédio. [...] Quando há o que o prenda a atenção em casa, ninguém vai procurar divertimentos dispendiosos ou prejudiciais; o pai, ao deixar o trabalho de cada dia, só tem uma ideia: voltar para casa, a fim de introduzir ali algum melhoramento [...] mas se o lar tem por administrador uma mulher, mulher dedicada e com amor à ordem, isto então é saúde para todos. (DEL PRIORE, 2005, p. 315).

Essa concepção, ainda muito presente na atualidade, inclusive, apesar de todos os avanços promovidos através da luta dos movimentos de mulheres ao longo dos séculos, é perene e, com certeza, perpassou a experiência da poetisa.

O principal assunto da carta de Jacinta é o divórcio e as condições que colocava em questão, mas ela começa sinalizando a possível mudança ideológica do companheiro, de quem já estava afastada, em relação à sua suposta adesão a uma visão de mundo burguesa. Isso se relaciona intimamente com o fato de terem sido os dois militantes comunistas muito comprometidos com as propostas do PCB: “Estranhei o carimbo do Ministério da Educação e Cultura. Sabia que você tinha de há muito tempo aderido a uma política de conciliação com as forças da burguesia e o governo burguês”. A escritora justifica seu afastamento do então marido por conta, também, desta diferença.

Nessa época, a poetisa se encontrava em sofrimento psíquico e residia, por isso, na casa de seus pais, em Salvador. Ela já não dispunha de meios para manter-se ou mesmo para sustentar filha. Ainda assim, ela não apresentava um quadro desconexo da realidade: a linguagem e as intenções estavam presentes, mas com algumas reações um pouco alteradas, talvez em função do receio que tinha de perder o controle sobre sua vida, sua filha ou mesmo sua obra, o que se torna compreensível em um contexto em

que a forma com que a família encontrou de lidar com as questões que a afligiam era a de encarcerá-la nas clínicas para “saúde mental”, o que lhe acarretava grande sofrimento e a isolava.

Ao mobilizarmos muitos de seus textos, é possível observarmos que Jacinta era bastante assertiva quanto ao divórcio, estando dele convicta, bem como buscava negociar com o marido a aproximação de sua filha, que vivia no Rio de Janeiro.

Essa postura, ainda que atravessada por percepções que, segundo sua filha-biógrafa, não se aplicavam em relação à intenção de posse sobre a obra por parte de James, oferece-nos pistas do quanto ela pôde resistir e tentar manter-se lúcida, senhora de suas decisões e de sua vida no aspecto profissional e no que diz respeito à relação mãe e filha. Nesse momento, a escritora se encontrava duplamente estigmatizada, pois, afinal, enfrentava preconceitos vinculados ao adoecimento psíquico e ao processo de divórcio que enfrentava, condições essas que, tendo em conta seu *background* familiar e contexto sócio-histórico em que se inseria, no qual o casamento era, ainda, uma forma de comprovar o sucesso ou o fracasso na vida de mulheres⁴³, pesavam contra sua liberdade pessoal.

A missiva de Jacinta a James é o primeiro texto que tomamos como ponto de partida para analisar como, em sua trajetória pessoal e profissional, ela inseriu uma luta por equidade para as mulheres em seu tempo e para si própria. Esse é um dos indícios que nos faz caminhar nesta perspectiva. Outros textos, em sua grande maioria de foro público, apontam nesse sentido, como será possível verificar mais adiante.

Quanto ao foro íntimo, é possível depreender de sua conduta na carta que a escritora se apresentou frente a uma questão cara às mulheres, sobretudo às pertencentes a núcleos familiares mais identificados com a ideia de que estas deveriam ser tuteladas senão pelos pais e irmãos, pelo marido, ainda que tivessem, como Jacinta, o privilégio

⁴³ Importante ressaltar que a opressão ao feminino ocorreu de forma desigual para diferentes grupos de mulheres. Faz-se necessário pontuar que há grupos diferentes no interior da própria crítica feminista, que nasceu etnocêntrica e branca. Ao longo de seu desenvolvimento, foi instado a repensar bases teóricas, de modo a dialogar com outros feminismos, levando em conta as interseções de classe, raça, etnia e faixa etária. Angela Davis, por exemplo, faz um estudo da condição de emancipação de mulheres negras nos Estados Unidos, do qual podemos lançar mão para entender como os mecanismos de opressão são diversos para diferentes mulheres: “Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. [...] Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, ‘a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa.’” (DAVIS, 2016, p. 17).

do acesso à cultura letrada, ao trabalho intelectual, a ter voz e fazê-la ecoar através de sua profissão. Ela lidou com o divórcio de uma maneira ativa, o que, definitivamente, não estava ao alcance de todas.

O próprio caráter do trabalho que a poetisa desenvolveu no decorrer de sua vida lhe possibilitou forte emancipação como mulher, mormente pela escolha de convocar outras a repensar seus espaços de enunciação, seus lugares no mundo como profissionais, mães, esposas, filhas e todos os outros papéis que podem ou não desempenhar por meio da reflexão e revisão constante de todos esses vieses.

4.3 Jacinta jornalista: a valorosa contribuição às leitoras da *Página Feminina*

Na dissertação *Jacinta: Passos de uma escritora à margem* dediquei um capítulo à análise dos artigos publicados no jornal *O Imparcial* (1918-1977), com o qual a escritora colaborou entre 1942 e 1943. Neste capítulo, retomaremos algumas dessas publicações de modo a ratificar sua posição como uma escritora que buscou revisar o conteúdo veiculado para o público leitor feminino.

Por meio de uma postura crítica acerca dos temas comumente voltados para as leitoras, Jacinta fomentou a construção de uma imagem mais progressista de mulheres, tendo como premissa a divulgação e a valorização do trabalho desse grupo durante a Segunda Guerra Mundial nos países mais diretamente envolvidos no conflito e também no Brasil a partir das atividades da Legião Brasileira de Assistência, a LBA.

A escritora já era colaboradora esporádica d'*O Imparcial* quando, em fevereiro de 1943, assumiu o editorial do suplemento *Página Feminina* (PF). Antes disso, ela havia publicado textos em revistas de Salvador, como a *Seiva* (1938-1943), que tinham direcionamento editorial de esquerda, e outras de expressão nacional, como a carioca *A Ordem*, (1921-1990), uma revista católica. Colaborou, também, com o jornal comunista *O Momento* (1945-1957), no qual passou os últimos anos de atividade profissional pública e foi responsável pela seção *Arte e Cultura* por alguns meses entre 1956 e 1957.

Os textos avulsos de Jacinta publicados n'*O Imparcial* versavam sobre diferentes temas, tais como a política nacional, a questão da guerra que se iniciava e a cultura nacional, o que incluía, nesse último caso, comentários sobre literatura. Ao assumir a *Página Feminina*, Jacinta deu continuidade a um trabalho que vinha sendo desenvolvido por outras mulheres dentro do periodismo feminino, trazendo à baila os

assuntos considerados “femininos” de modo a fazer com que as leitoras os vissem sob outro prisma, principalmente as pautas como “beleza” e “cuidados pessoais”.

O periodismo feminino no Brasil teve seus impasses, sobretudo quanto à forma enviesada com que a maior parte dos jornais e revistas deste ramo, desde o início do século XIX, reproduziam, em grande medida, a moralidade da época.

As publicações voltadas para o público leitor feminino no Brasil, até os anos 1940 e 1950, período em que a escritora está produzindo, apresentavam um código comportamental ainda muito orientados por assuntos como puericultura, prendas do lar, manutenção de um “casamento feliz” e moda. O público-alvo eram mulheres de classe média e alta, e, como diretriz, tinham a preservação da ideia de família tradicional, na qual os papéis de cada membro eram definidos segundo a ordem patriarcal.

As revistas de variedades, e mesmo aquelas específicas para o público feminino, seguiam as tendências do momento. Elas até aderiam a algumas modificações que ocorriam na sociedade, como as transformações tecnológicas, mas mantinham o ideal que correspondia à performance social de mulheres e homens:

Mais do que os jornais diários, esses periódicos atuavam como “veículos de divulgação de valores, ideias e interesses”, refletindo o novo retrato que se queria ter do Brasil (Martins, 2015:105). O maior público das revistas de variedades era constituído pelas classes médias, que passaram a buscar o “juízo e a orientação dos homens dos homens de letras que preenchiam as redações” para negociarem o que era ser homem e mulher modernos (Sevcenko, 1985:94) [...] é frequente a tentativa dos conselheiros de pautarem comportamentos e hábitos moralmente corretos e/ou saudáveis para cada gênero. [...] A nova mulher “normal”, apesar de trabalhar fora, devia atentar sempre para a discricção. (FACCHNETTI e CARVALHO, 2019, p. 3-20)

Esses periódicos, cujo corpo editorial era formado majoritariamente por homens, sobretudo as que eram operacionalizadas no campo da ciência, pretendiam, principalmente, o controle social da população a partir de uma economia de vigilância dos corpos de mulheres, visando doutriná-las quanto à adequação das vestimentas, em relação à postura a ser exibida enquanto mãe, filha, esposa, e mesmo no que se refere às suas condutas sexuais. A imprensa feminina brasileira

[...] que surgiu na segunda metade do século XIX se caracterizou pela miscelânea de assuntos abordados, o que de resto ainda permanece como um de seus traços. Poesia, receitas de bolo, reportagens, figurinos, artigos de psicologia, horóscopo, fofocas, arquitetura, educação infantil, saúde, corte e costura e o indefectível consultório sentimental [...] uma herança dos populares “almanaques”, de alguma forma os antecessores da imprensa feminina. [...] Deles as revistas femininas herdaram o tom e a aplicabilidade

dos conselhos. Foi assim com o que pode ser considerada a primeira revista realmente feminina no Brasil, *O Jornal das Senhoras*. (COSTA, p. 27,2014)

Diferentemente das revistas de variedades, que tinham em seu corpo editorial muitos homens, essas revistas eram produzidas por mulheres e para mulheres, tal como outras publicações nacionais do início do século XIX, como *O Espelho Diamantino* (1827-1828), *Espelho das brasileiras* (1831), *O Sexo feminino* (1873-1874), *A Mensageira* (1897-1900) e o jornal feminino *A Família* (1888), dentre outros exemplos fundamentais para as gerações subsequentes.

O Periodismo Feminino Brasileiro fez com que inúmeras demandas de mulheres progredissem socialmente, tendo, para tanto, a educação como principal mote desse processo, instaurado no início do século XIX. Com a inserção feminina cada vez mais intensa nas redações país afora, foi possível desenvolver discussões importantes e promover a reflexão crítica sobre os “assuntos femininos” que frequentemente estampavam as páginas de revistas e jornais da época, assim como foi possível para Jacinta Passos, em nível pessoal, sua atuação como jornalista.

Uma peculiaridade no trabalho da escritora nesse segmento é o fato de que ela precisou utilizar uma estratégia para inserir assuntos e abordagens diferentes dos que vinham sendo praticados até então por muitos desses periódicos.

Em termos de contexto histórico, a *Página Feminina* circula em meio a uma guerra que estava em pleno curso e dentro de um país que tinha sua própria efervescência, especialmente no campo político, pois tinha-se em plena vigência, à época, o Estado Novo, o qual promovia perseguições a partidários e partidárias do comunismo. Dentro desse cenário, a escritora teve oportunidade de realizar um trabalho que propunha outra forma de interlocução com as mulheres leitoras da época, de modo a inseri-las na discussão política.

O trabalho como editora-chefe da *Página Feminina* teve início em fevereiro de 1943. Nesse cenário, Jacinta lançou mão de uma espécie de negociação do espaço para a publicação de matérias e artigos para o público feminino, pois, como outros veículos desse formato, havia os espaços fixos para os quais eram destinados os assuntos normalmente considerados essenciais, tais como puericultura, moda e culinária. Os temas em si não apresentam inadequação, a questão é que, naquele contexto histórico, pensando nas mulheres que normalmente consumiam conteúdo jornalístico, eles estão

atrelados à essencialização do papel social que a mulher representava, a saber, o de uma mãe, cuidadora do lar e da família.

A partir da cobertura do desenrolar dos eventos na guerra e dos assuntos correlacionados a isso, o trabalho das mulheres na retaguarda de guerra nos países diretamente envolvidos no conflito e a atividade das mulheres brasileiras na LBA tiveram destaque no semanário. Isso certamente foi fundamental para a construção de novos paradigmas para as leitoras.

Em 26 de março de 1943, no topo da coluna intitulada *Página Feminina*, lia-se “Direção de Jacinta Passos”. Em destaque, uma notícia sobre a participação das mulheres na guerra através do artigo “As mulheres conquistam a vitória”:

As mulheres, em todos os países livres do mundo, pelo trabalho diário, pela participação real no esforço de guerra, conquistam a vitória contra o fascismo. As mulheres sabem que na “Nova Ordem”, tirania universal de um povo, a sua posição é ser escrava dos homens. Na própria Alemanha e nos países dominados, a experiência da mulher tem sido a mais dolorosa. Mas com esta experiência ela tem, hoje, a certeza de que o fascismo é o seu maior inimigo e por isso luta contra ele, com todas as suas energias femininas. (*O Imparcial, Página Feminina*, 26 de março de 1943)

Esta edição⁴⁴ apresenta visualmente uma diagramação que favorece a apresentação dos conteúdos de maior relevância para a jornalista, de maneira que as manchetes do suplemento dão conta do trabalho das mulheres em alguma área da vida social, política e, principalmente, quanto ao trabalho destas durante a guerra.

O artigo “As mulheres baianas e a guerra” é a notícia principal, tendo em vista o ativismo de Jacinta na organização feminina. Frequentemente, mulheres que faziam parte do quadro de colaboradoras da instituição eram convidadas a divulgar as ações da LBA, bem como a incentivar outras a participarem da organização.

A matéria intitulada “O trabalho das mulheres na retaguarda nacional” ilustra a proposta de Jacinta na *Página Feminina*:

As nações unidas, nações que lutam bravamente pela sua liberdade, resistem e lutam porque todo o povo foi mobilizado. Na China, na Inglaterra, na Rússia, nos Estados Unidos, união nacional é alguma coisa concreta, real, objetiva. Não são apenas os soldados chineses, russos, ingleses, americanos que lutam. Luta o povo chinês, russo, inglês e americano. Cada cidadão homem ou mulher, participa, efetivamente, diariamente, pela ação, pelo trabalho, na união nacional para a vitória.

O caminho do Brasil é o mesmo das Nações Unidas. Para tornar a unidade brasileira alguma coisa real e sólida, é preciso que cada brasileiro, homem ou mulher, consciente de que defende aquilo que é seu tome um posto de

⁴⁴ Ver Anexo A.

combate no esforço diário de guerra. [...] E que tarefa cabe às mulheres nessa mobilização de retaguarda nacional?

As mulheres brasileiras representam uma reserva poderosa de energia. Enquanto se preparam para os postos avançados de combate, para as trincheiras, para a enfermagem de guerra, para os serviços auxiliares das forças armadas, para as fábricas de armamento, é preciso que as mulheres brasileiras trabalhem na mobilização da retaguarda nacional. É preciso que trabalhem todas as mulheres convencidas de que defendem a sua terra e os seus filhos, a sua própria dignidade de companheira de homens. É preciso que compreendam bem o que é União Nacional e trabalhem para que seus filhos e maridos tomem um posto de combate nesta hora. É preciso que conheçam bem o que é quinta-coluna, como é organizado o seu trabalho sinistro que faz descer nossa bandeira ao fundo dos mares [...].

(*O Imparcial, Página Feminina*, 05 de março de 1943)

Observa-se que o objetivo principal do trecho do texto em destaque é a conscientização de mulheres quanto ao papel que cada brasileiro, seja ele uma mulher ou um homem, teria na retaguarda de guerra nacional. Somente este fato já é uma proposta inovadora no que se refere a possibilitar que leitoras estivessem atentas aos assuntos políticos que concerniam ao Brasil e ao mundo. Isso porque, normalmente, outros periódicos voltados para esse público em específico tinham uma pauta muito diferente, que apresentava conteúdos limitados a moldes para vestidos, como servir um bom jantar, como educar os filhos e agradar ao marido, dentre outros tópicos afins.

Através da citação de outros países em que a população é engajada na defesa interna, o texto busca trazer para essa discussão as mulheres, bem como colocar seu trabalho como essencial para que, inclusive os homens, seus filhos e maridos, possam aderir à “defesa da pátria” de maneira “heroica”.

Este “heroísmo”, no entanto, está colocado sob a responsabilidade de todos, não apenas de soldados que haviam sido enviados à guerra. Isso inclui, portanto, as mulheres, parte fundamental nessa organização nacional: “As mulheres brasileiras representam uma reserva poderosa de energia”; “[...] é preciso que as mulheres brasileiras trabalhem na mobilização da retaguarda nacional”. Ou seja, mulheres são convocadas, através do texto, não apenas a fazerem uma reflexão sobre os rumos políticos do Brasil em relação ao conflito mundial, mas a participarem, na prática cotidiana, do esforço nacional de guerra.

Jacinta estava de fato preocupada com a conscientização das mulheres a partir de um lugar de enunciação muito próprio. Enquanto outros periódicos buscavam ensinar mulheres a “se vestir bem para um jantar formal”, em distribuir moldes para os vestidos que estavam em moda, a escritora criou uma ponte para promover a reflexão sobre política, guerra e engajamento social.

As matérias eram acompanhadas de fotografias de mulheres. Nesse texto, há a fotografia da escritora Maria Dolores Costa, que discorre sobre a mobilização feminina e convoca suas compatriotas à ação prática, ao trabalho na ajuda às famílias dos soldados que haviam sido enviados à Itália um ano antes.

A *Página Feminina* contava, também, com a publicação de poemas, como ocorreu com “Mensagem às crianças do mundo”, no qual o eu lírico é sensível aos horrores da guerra, os quais afetam, sobretudo, a população civil:

Crianças da Ásia, a velha escrava lendária
que embalou o berço dos primeiros homens do mundo,
crianças da Ásia, a velha escrava lendária
de cujo seio escorre a riqueza como um leite precioso
que os outros homens do mundo arrancam da boca dos seus filhos.
Crianças chinesas, pequeninos heróis de olhos oblíquos,
na célula inicial do vosso ser
ficou impresso o heroísmo cotidiano da resistência
que já se tornou uma forma de vida do vosso povo, crianças da China.
Crianças da Europa,
da França, Polônia, Itália, Bélgica, Suécia,
vossas pátrias entregaram-se ao invasor
como mulheres que se entregam com medo, sem amor,
vossas pátrias são escravas silenciosas, crianças da Europa.

Crianças alemãs,
fabricadas,
mecanizadas,
exatamente iguais como soldadinhos de chumbo,
que aprendem somente a odiar,
que não conhecem um brinquedo,
crianças sem infância, vós não sois vós mesmas, crianças da Alemanha.
Crianças judias, vosso povo continua a sofrer,
sobre vós pairam as mesmas mãos assassinas,
que degolaram, como há dois mil anos na Judeia,
centenas de cabecinhas infantis e risonhas como as vossas, crianças judias.
Crianças da Rússia, a pátria misteriosa
cujo roteiro os donos do mundo ocultavam
como os antigos roteiros dos tesouros que os bandeirantes, ávidos, buscavam,
crianças da Rússia, a pátria misteriosa
que Stalingrado revelou ao mundo.
Crianças nativas das ilhas oceânicas,
vossos olhos descobrem
que para além das praias
e dos coqueiros não existe apenas o mar.
Vossos olhos espiam assustados
as grandes aves metálicas e os monstros marinhos carregados de homens,
homens dos continentes distantes que vêm matar e morrer nas vossas ilhas
oceânicas.

Crianças da África, dessa África que no deserto e nas selvas
luta há milênios, luta para ser, luta elementar e titânica
contra o sol, o vento, as águas, as feras bravias e o homem branco.
Crianças da América mestiça, a mulher nova e livre
que concebeu Juarez, Castro Alves, Whitman e Bolívar.

Crianças do mundo, guardai esta mensagem
até o dia em que vossos olhos descubram
que não é apenas um papel rabiscado ou uma lição difícil de soletrar.
Muito além desta hora terrível,
o pão,
o fogo,
a água,
a terra,
o ar,
alegrias elementares pelas quais os homens lutam,
permanecem.⁴⁵
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 126)

O suplemento contava, ainda, com ilustrações e charges de Antonio Nássara – como a que consta no canto inferior esquerdo do semanário⁴⁶ –, ilustrador, compositor e jornalista bastante importante deste período, tendo atuado em veículos como *O Globo*, *A Noite*, *A Hora*, *O Cruzeiro*, *O Pasquim* e também contribuído para *O Imparcial*, da Bahia.

A *Página Feminina* estava bem diagramada e, além de contar com as ilustrações desse artista, tinha como uma de suas publicações recorrentes a propaganda da Legião Brasileira de Assistência⁴⁷. Essa divulgação era para Jacinta uma prioridade tendo em vista o direcionamento editorial do suplemento, a saber, o trabalho de mulheres. No Anexo D é possível identificar a publicação da palestra de uma das legionárias, a senhora Edla de Lima, durante a Semana da Propaganda.

Sob o título “Palestra da legionária Edla Lima, supervisora da LBA na Semana da Propaganda”, há uma lista com as atividades que seriam desempenhadas pelas mulheres da organização nos próximos dias, como Campanha da Merenda Escolar, Campanha de Ajuda aos Soldados, Atividades de Costura, Atividades das Voluntárias de Alimentação, dentre outras.

Ainda nesta página, há, também, a matéria “Mulheres em lugar de homens”, acompanhada de uma charge de Nássara com uma notícia sobre as atribuições de mulheres que reforçarão o exército estadunidense:

Washington (Interamericana)
As autoridades militares dos Estados Unidos acabam de anunciar que o
Corpo Auxiliar Feminino do Exército terá atribuições em pelo menos 33

⁴⁵De acordo com AMADO (2010) “o poema foi publicado primeira vez, com outra versão, na revista cultural *Seiva*, Salvador, Ano IV, Nº 15, dezembro 1942, p. 12 e 13.”

⁴⁶ Ver Anexo C.

⁴⁷ Ver Anexo D.

funções que eram anteriormente exercidas por soldados. Dentre os encargos femininos destacam-se os de pedreiras, cozinheiras, datilógrafas, motoristas de autocaminhões e radiotelegrafistas [...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 26 de março de 1943)

O conteúdo da *Página Feminina* privilegia a descrição dessas atividades desempenhadas por mulheres, como identificamos na matéria. Um dado importante é o destaque conferido ao fato de que essas mulheres estavam desempenhando funções laborais que não eram muito usuais para elas, como atuar enquanto pedreiras ou motoristas de caminhão.

Outro dado notável é que a diagramação⁴⁸ da PF dava maior evidência justamente para as matérias e imagens que tratavam do trabalho feminino. As outras informações, aquelas consideradas como “coisas de mulher” – puericultura, cuidados com a beleza e “comportamento” – ficavam em último plano, geralmente espremidas entre as manchetes sobre a atuação desse grupo na guerra ou na LBA, como é possível conferir em todas as edições que se encontram anexas à tese.

Na parte central desta mesma edição, tem-se a matéria com o título “O trabalho das mulheres na mobilização da retaguarda nacional”. Na mesma edição⁴⁹, há uma entrevista com uma das grandes figuras femininas da época: “Madame Roosevelt, grande figura feminina de nosso tempo, mobilizando pela palestra o povo ianque para a luta contra o fascismo”. Nela, tem-se:

As mulheres brasileiras representam uma reserva poderosa de energia⁵⁰. Enquanto se preparam para os postos avançados de combate, para as trincheiras, para a enfermagem da guerra, para os serviços auxiliares das Forças Armadas, para as fábricas de armamento, é preciso que as mulheres brasileiras trabalhem na mobilização da retaguarda nacional. É preciso que trabalhem todas as mulheres e não apenas grupos de mulheres. É preciso que trabalhem todas as mulheres convencidas de que defendem a sua terra e os seus filhos, a sua própria dignidade de companheira do homem. É preciso que compreendam bem o que é União Nacional e trabalhem para que seus filhos emaridos tomem um posto de combate nesta hora. É preciso que conheçam bem o que é quinta-coluna, como é organizado o seu trabalho sinistro que faz descer nossa bandeira do fundo dos mares, que já destruiu centenas de vidas brasileiras, que informa ao “eixo” as notícias mais traidoras, que se infiltra em todos os lugares para sabotar, pelo “basta (?)”, pelo ridículo, pelo derrotismo, toda a mobilização do povo brasileiro, inclusive o trabalho das próprias mulheres. É preciso que as mulheres brasileiras ajudem a melhorar o povo, todo o povo, ajudem a alertar a consciência brasileira, ajudem a dizer a todos os brasileiros, nos lares, nas ruas, na imprensa, nas rádios, nos comícios, ajudem a dizer que estamos em perigo e precisamos trabalhar e

⁴⁸ Ver anexo G.

⁴⁹ Ver anexo H.

⁵⁰ Ver anexo I.

agir se não queremos ser escravizados [...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 26 de março de 1943)

A seção “Modas Femininas”, que parece estar dentro do bojo das “concessões” feitas por Jacinta para que conseguisse manter a circulação do semanário, apresenta uma matéria sobre as unhas femininas, cujo texto “Sugestões para o tratamento das unhas” é uma tradução do original de uma revista feminina norte-americana tratado de maneira crítica. O documento tem a assinatura de Patrícia Lindsay, que, ao que parece, configura um pseudônimo.⁵¹:

(Copyright da interamericana)⁵²

Acredito que a maioria das mulheres americanas estão convencidas de que as unhas cuidadosamente cortadas do tamanho médio podem ajudar-nos a trabalhar com maior eficiência do que as unhas “rombudas” (?) e descuidadas. E quando sabemos que um estojo de manicure custa tão pouco, vemos que não merecem perdão as mulheres que negligenciam o tratamento de suas unhas. O que todas as mulheres devem saber. A mão é uma estrutura complicada de 27 pequenos espaços ligados por uma rede de músculos. Eis a razão porque os exercícios dos dedos e as massagens são tão importantes para a beleza das mãos. As unhas são na realidade um espelho da saúde, unhas finas que se quebram facilmente, denotam deficiência de cálcio, as manchas brancas indicam geralmente [...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 26 de março de 1943)

Esta e outras seções de assuntos considerados “inerentes a todas as leitoras”, ou uma “necessidade” para elas, foram, de fato, uma concessão de Jacinta Passos. Isso fica claro quando percebemos que Patrícia Lindsay desconstrói a matéria copiada da revista estadunidense *Interamericana*, a qual apontava, que os cuidados estéticos com as unhas são uma condição sem a qual uma mulher demonstra ser pouco cuidadosa consigo.

Ela subverte a lógica: copia a matéria da matriz, mas, abaixo, diz “O que as mulheres devem saber”, indicando, na sequência, que as unhas são mais um indicativo de saúde do que um repositório simbólico de beleza, elegância e higiene femininas. No lugar disto, a jornalista aponta que as mulheres devem estar atentas à alimentação e aos componentes químicos presentes no que ingerem, pois somente assim podem garantir que tenham uma boa saúde dermatológica, o que inclui as unhas, sendo essas últimas verdadeiros indicadores de como está nossa saúde de dentro para fora do corpo.

Na parte central da página, encontra-se a manchete “A luta das mulheres britânicas”, seguida do subtítulo⁵³ “Como as heroicas mulheres da China, como as

⁵¹ Ver anexo D.

⁵² Ver anexo F.

valentes guerreiras da Rússia Soviética, como as norte-americanas, as mulheres britânicas também lutam pela independência de sua Pátria”. Próximo a esse texto, tem-se “Mulheres inglesas trabalhando no esforço de guerra”.

Jacinta tem o cuidado de acompanhar o desenrolar dos eventos em torno de mulheres durante a guerra em países distintos, uma vez que a experiência de uma mulher norte-americana será radicalmente diferente de uma japonesa ou mesmo russa, ainda que as matérias deem conta essencialmente da atividade laboral desempenhada por elas, como vimos ratificando até aqui.

Na outra parte inferior do artigo sobre o trabalho das britânicas na retaguarda de guerra⁵⁴, constam alguns anúncios que financiavam a *Página Feminina*. Essa parece ser mais uma concessão de Jacinta Passos, afinal, para publicar seus poemas, artigos e outros textos, precisava que houvesse o financiamento daquele conteúdo.

A diagramação da página⁵⁵ correspondia ao objetivo de sua editora-chefe, de modo que fica perceptível o grau de relevância de cada texto publicado, disposto para atender a essa hierarquia: as manchetes são sempre relacionadas ao trabalho das mulheres, e os assuntos considerados menos relevantes, como beleza, cuidados pessoais e “comportamento feminino” ocupam um espaço com menor visibilidade.

Na edição de 5 de março de 1943⁵⁶, é publicada uma entrevista com o título “As mulheres baianas e a guerra: fala-nos a advogada Alda Amorim”. Outro aspecto importante na *Página Feminina*, como já mencionado, era a divulgação da perspectiva feminina a respeito do conflito mundial:

Até que ponto, nesta guerra, se decidem os interesses vitais da mulher? 2. Acha que a mulher deve participar diretamente, ou apenas indiretamente nesta guerra? 3. Que pensa da participação direta do Brasil na guerra? 4. Como deve a mulher colaborar para o esforço de guerra no Brasil?

Respostas:

A guerra atual, com o seu cortejo de dores e misérias, enseja a oportunidade para a mulher revelar seu valor e capacidade. No fim, com a vitória das democracias, e, pois, da liberdade, destacada, há de ficar a contribuição valiosa da mulher. Paralelamente, aos olhos da sociedade e no texto dos códigos crescerá a sua eficiência, sua expressão e, conseqüentemente, seus direitos.

Essa mutação operar-se-á menos por um esforço individual da mulher de que como uma resultante lógica e individual da sua contribuição [...] e merecimento. [...] à mulher consciente de suas obrigações sociais incumbe empenhar todos os esforços, em qualquer setor da atividade humana, no

⁵³ Ver anexo J.

⁵⁴ Ver anexo K.

⁵⁵ Ver anexo L.

⁵⁶ Ver anexo M.

sentido de assegurar a vitória das nações que combatem a opressão e a barbaria. [...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 05 de março de 1943)

Nesta mesma edição⁵⁷, tem-se outra matéria de Patrícia Lindsay, a qual pode corresponder a um pseudônimo da própria Jacinta, sob o título “Senhoritas e senhoras”. Na sequência dele, indica-se “Os novos cremes tônicos para a pele Yazé do laboratório T. B. conservam a maciez e a beleza do seu rosto”, e, logo depois, tem-se um “conselho”: “Seja bela: os olhos belos tornam as mulheres mais fascinantes”.

A *Página Feminina*, como qualquer outro suplemento de jornal, precisava de patrocínio, e as publicações de produtos para o público feminino muito provavelmente constavam na página apenas para que esse financiamento fosse garantido. É muito pouco provável que Jacinta coadunasse com a ideia de que cremes passados no rosto evitariam o envelhecimento natural da pele.

Essa edição da *Página Feminina* ilustra bem a conciliação entre propaganda de produtos para a beleza feminina com um conteúdo que remete a reflexões mais profundas acerca do evento que dominava a cobertura jornalística de então, como é o caso do artigo “É possível invadir a Europa?”⁵⁸.

Homenagens a mulheres notáveis na área cultural, educacional e artística eram feitas com frequência na página. Sob o título “Mulheres célebres”, consta a imagem de George Sand⁵⁹ (1804-1886), pseudônimo para Amandine Aurore Lucile Dupan, escritora francesa que utilizava um nome masculino para poder publicar suas obras e ser tão respeitada quanto os escritores daquela época. Vale ressaltar que ela tornou-se uma das autoras francesas mais populares do século XIX”.⁶⁰

Em todas as edições pesquisadas há textos literários e/ou homenagens a escritoras e poetisas. A literatura tem um lugar central na produção jornalística de Jacinta Passos. Na parte inferior esquerda da página, Jacinta publicou um de seus poemas, de nome “Carnaval”⁶¹.

Um povo surgiu, surgiu não sei donde,
dançando, cantando, um povo surgiu.
– Você me conhece? – Não conhece não.
E a voz se perde na multidão.

⁵⁷ Ver anexo P.

⁵⁸ Ver anexo S.

⁵⁹ Ver anexo T.

⁶⁰ George Sand. Disponível em: https://www.ebiografia.com/george_sand/. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁶¹ Ver anexo U.

Eu sou a Bahia. – Viva o Rei Momo! – hoje é seu dia.
 Chora a menina,
 com medo do mandu.
 – Lá vem o cordão! Bate o batuque
 e o batuque bate.
 Negro preto,
 cor de urubu, bate o batuque
 e o batuque bate.
 Negro é rei no carnaval,
 tem manto, tem cetro,
 e o chapéu de sol
 é pálio real.
 Gritos humanos,
 interjeições, lança-perfume, desejos sem rumo, acres, com gosto de mar,
 um cheiro forte de todas as raças
 vibram no ar.
 Uma massa humana,
 todas as cores, todas as raças,
 todas as classes, em confusão.

De que subsolo irrompeu, informe, nua,
 essa nova realidade sem nome que dança na rua?
 A rua Chile, a rua grã-fina,
 cadê os donos da rua-salão?
 – Madame ultrachique que tem três amantes.
 – O burguês graúdo,
 – Os vagabundos elegantes,
 – Os literatos de academia, carro oficial,
 rodas de porta de confeitaria
 que resolvem o momento internacional.
 Cadê a gente de todo dia,
 cadê os donos da rua-salão?
 Passa uma “dama” de cetim vermelho
 que mora dos lados do Pau Miúdo.
 Ondas humanas que vão e que vêm,
 ritmo de samba até no andar.
 Um louro estrangeiro que samba também.
 – Olhe a mulata de seu Manoel Português!
 Passa no carro, gorda, imponente,
 com um chapeuzinho de chinês.
 Cordão do Chame-Chame. Bonde cheio. O doutor da Vitória quer tomar.
 – Segue o bonde, não há mais lugar.
 – Você me conhece?
 – Não conhece não.
 E a voz se perde na multidão.
 Um povo surgiu, surgiu não sei donde dançando, cantando, um povo surgiu.
 Os homens do mundo estão no meu sangue.
 No meu sangue, as raças, as classes, os povos misturam-se.
 Eu sou a Bahia.
 – Viva o Rei Momo! hoje é seu dia

De modo a reforçar a atuação feminina baiana na LBA⁶², há essa convocação de mulheres para a atuação como monitoras agrícolas. A LBA⁶³ é alçada ao *status* de elo

⁶² Ver anexo V.

⁶³ Ver anexo W.

que une todo o país, tido por ela como “fator da unidade nacional”: “Mulheres baianas! Ajudai o esforço de guerra do Brasil, inscrevendo-se no curso de monitoras agrícolas.”

A Legião Brasileira de Assistência continua realizando o seu programa de trabalhar para a vitória do Brasil. O curso de monitoras agrícolas que vai ser iniciado no campo experimental de Ondina e no Aviário da Granja Santa Cruz é uma grande ajuda à batalha da produção. Produzir o máximo— eis o lema que a guerra impõe a todos os brasileiros que desejam um Brasil independente e livre. As mulheres baianas, demonstrando praticamente o seu patriotismo, vão colaborar para a solução do problema da produção brasileira.[...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 12 de março de 1943)

As demandas políticas e econômicas do Brasil eram colocadas de forma pragmática com as leitoras, de maneira que estas são constantemente convocadas a participarem das atividades junto à LBA.

A página prossegue com o noticiário de guerra – “Por aqui passaram Nazifascistas” – e com mais um anúncio sobre a “Semana de Propaganda da LBA”, além da manchete “Obreiras da vitória”⁶⁴, na qual são vistas quase tantas mulheres quanto homens em uma fotografia que mostra um grupo de trabalhadores adentrando uma fábrica nos Estados Unidos. Sua legenda aborda esse crescente contingente feminino:

Neste grupo de operários, na ocasião de mostrarem seus cartões de identificação à entrada de uma fábrica de aeroplanos, nos Estados Unidos, veem-se quase tanto mulheres quanto homens. Miss Bobby Frase, que está passando pelo portão, bem caracteriza a mulher que agora se dedica ao trabalho de guerra.

No primeiro parágrafo do artigo, tem-se o detalhamento das atribuições dessas trabalhadoras:

Dos lares, escolas, colégios e da indústria civil nos Estados Unidos, o elemento feminino está afluindo aos milhões, para os labores bélicos de que o país necessita. Nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições, a mulher se encontra atualmente como diligente operária trabalhando em máquinas rebitando, soldando e inspecionando as armas destinadas às tropas nas cidades como nos campos [...] Hoje, mais de 2500 mulheres trabalham nas fábricas que fazem tanques, aviões, canhões, granadas, e suprem os estaleiros que constroem navios de guerra para as Nações Unidas. [...] (*O Imparcial, Página Feminina*, 19 de março de 1943)

⁶⁴ Ver anexo Y.

A *Página Feminina* buscava dar notícias da inserção de mulheres no campo de trabalho de diversos países. Na fotografia, no centro do semanário, vê-se uma mulher chinesa que observa as ruínas de sua casa após um ataque aéreo das tropas japonesas. O artigo é assinado por Madame Chiang-Shek. Na legenda da foto, consta: “Esta mulher chinesa, no meio das ruínas do seu lar bem sabe a significação das conquistas japonesas e da ‘nova ordem’ que eles pretendem impor a ferro e fogo a todos os povos, não somente da Ásia como da Oceania.”⁶⁵

Na edição de 26 de março⁶⁶, a imagem de mulheres no mundo do trabalho é mais uma vez exaltada. Como era prática da seção jornalística em questão, mulheres trabalhadoras de diversas áreas profissionais eram convidadas a opinar sobre a guerra. Sob o título “As mulheres baianas e a guerra”,⁶⁷ a entrevista foi concedida pela professora Ligia Lemos, da qual destacamos o seguinte trecho:

A “Página Feminina”, procurando ouvir o pensamento da mulher baiana sobre a guerra está entrevistando mulheres de todas as classes e profissões. Já falaram uma comerciária e uma advogada. Hoje fala uma professora, Ligia Lemos, elemento muito conhecido e admirado em nosso meio educacional pela sua capacidade de educadora competente e esclarecida.

Até que ponto, nesta guerra, se decidem os interesses da mulher?

Até o ponto em que nela se decidem os interesses vitais da humanidade. Para a mulher, como para o homem, esta guerra vai solucionar velhos problemas, entre outros, o problema da distribuição das riquezas e o problema da liberdade que são, em resumo, o problema da vida.

Em relação ao homem, no que diz respeito a direitos, a mulher estando em situação inferior, esperará conquistar os direitos que sempre lhe foram negados. Será uma conquista justa, porque a mulher dela será merecedora pelos sacrifícios que está a fazer no altar da vitória: o sacrifício do seu trabalho, do seu sangue e do sangue dos seus filhos, o sacrifício da vida enfim. [...] (*O Imparcial, Página Feminina, 05 de março de 1943*)

Essa entrevista, como outras publicadas em ocasiões anteriores, é mais um elemento importante da proposição de Jacinta para a *Página Feminina*. Ela convoca mulheres que fazem parte da sociedade civil para compartilharem suas reflexões sobre um evento que teve impacto no mundo inteiro, colocando essa opinião em destaque nas páginas do referido segmento da revista. O foco era sempre levar às leitoras, em especial, a posição de outras mulheres sobre temáticas que normalmente não faziam parte de outras publicações que eram direcionadas a esta audiência.

⁶⁵ Ver Anexo A 1.

⁶⁶ Ver anexo A 2.

⁶⁷ Ver anexo A 3.

Este formato é utilizado em todas as edições da *Página Feminina* pesquisadas. O objetivo de sua editora-chefe fora alcançado e, mesmo que por um curto período de circulação, este suplemento viabilizou a quebra de alguns procedimentos editoriais quanto aos periódicos que eram destinados às leitoras baianas. Isso se deu por meio de dois eixos principais: o trabalho feminino na retaguarda de guerra em diversos países e a ênfase conferida à atuação das brasileiras na LBA.

A guerra, que foi assunto recorrente nos variados gêneros textuais assinados por Jacinta, foi um importante mote na construção tanto da linha editorial da PF quanto para que outro olhar social fosse lançado para o feminino. O imaginário criado em torno de conflitos armados ao longo da história ocidental não se comunica com esse corpo e essa mente de mulher.

A história oficial das guerras é contada sempre a partir de um prisma masculinizado e suas representações fílmicas, literárias e documentais vêm impressas, majoritariamente, da perspectiva daqueles que governavam o mundo e dos que eram alistados oficialmente.

A historiadora Svetlana Alexijevich, em uma coletânea de depoimentos de soldadas que lutaram durante a Segunda Guerra, lança luz a esta parte pouco ou nada contada desses grandes embates que invariavelmente afetam a vida das mulheres em muitos sentidos, não apenas daquelas esposas que foram trabalhar nas fábricas ou das mães e filhas que se despediram, respectivamente, de seus filhos e de seus pais, mas também daquelas que foram para o *front*:

Quando as mulheres entraram para o Exército pela primeira vez história? Já no século IV a.C., em Atenas e em Esparta, havia mulheres lutando nas tropas gregas. Depois, elas participaram das campanhas de Alexandre, o Grande [...] Na Primeira Guerra Mundial, na Inglaterra, já aceitavam mulheres na Força Aérea Real; foram formados um corpo Auxiliar Real e uma Legião Feminina de Transporte Rodoviário. [...] Na Rússia, na Alemanha e na França, muitas mulheres também começaram a servir em hospitais militares e em trens enfermarias. Mas, na Segunda Guerra Mundial, o mundo foi testemunha do fenômeno feminino. Em muitos países, as mulheres serviram em todas as forças armadas: nas tropas inglesas eram 225 mil; nas americanas 450, 500 mil, nas alemãs, 500 mil [...] No Exército Soviético lutaram aproximadamente 1 milhão de mulheres. (ALEXIJEVICH, 2016, p.4)

Como bem remonta a autora, mulheres estiveram presentes aos milhares em conflitos mundiais distintos, inclusive durante a Segunda Guerra Mundial. Ela lança luz sobre essa atuação ao colher depoimentos de soldadas soviéticas sobre as mais variadas situações que envolveram a colaboração desse grupo para derrotar as linhas inimigas.

As “Bruxas Noturnas”, segmento de mulheres da União Soviética que desempenharam um papel fundamental na desarticulação de tropas alemãs através dos bombardeios noturnos aos seus acampamentos nas linhas inimigas, é um bom exemplo de como a história pode ser recontada. A alcunha em questão foi, inclusive, dada pelos próprios soldados nazistas a essas mulheres, uma vez que eles eram surpreendidos, à noite, por esses ataques comandados pela aviadora Marina Raskova e pela Major Yevdokia Bershanskaya, que faziam parte do 588º Regimento de Aviação Soviética.

A tática militar de guerra utilizada por essas combatentes era eficaz justamente por conta do fator surpresa:

Aqueles malditos aviõezinhos. Chegam apenas à noite, descem em silêncio, lançam sua carga de fogo e voltam rapidamente para as nuvens. Em poucos minutos, semeiam terror e destruição. Do campo, tentam aprisioná-los nas redes dos refletores, mas eles escapam da artilharia antiaérea. Quando esta começa a disparar, é tarde demais; eles já estão nas alturas de novo, além do manto das nuvens. (ARMENI, 2019, p. 09)

A alcunha que receberam dos nazistas é demasiado sugestiva do ponto de vista histórico, principalmente em relação ao substantivo “bruxas”, que, na Idade Média era atribuído às mulheres que dominavam a natureza, seus próprios corpos e sua sexualidade. A representação do feminino no discurso religioso igualmente contribui com a ótica milenar sobre a mística do pecado associado ao feminino, desde a construção da personagem Eva na Bíblia.

A repressão ao impulso sexual, a partir da Idade Média, sobretudo no âmbito do discurso religioso católico, contribuiu para a consolidação da noção de pecado e, de maneira que, ao mínimo indício de independência de uma mulher, esta era classificada como bruxa a ser condenada por seus atos.

O próprio Santo Agostinho, de acordo com Calligaris (2017), já falava sobre essa ideia de castração na obra *Confissões*. Ele afirma que “inventado um deus que pudesse ajudá-lo a reprimir seu desejo sexual”, o que se daria pela anulação do “objeto” desse desejo – e, aqui, essa anulação envolve tanto a si próprio quanto ao elemento que lhe causava incômodo, no caso, a mulher? –, não cairia em pecado.

A nomenclatura “Bruxas da noite” está associada a esse imaginário em torno das mulheres, consolidado ao longo da história. As *bruxas* são, então, todas aquelas que, de alguma forma, tiveram uma postura que as deslocou do lugar da “castidade e pureza” para um perfil de agentes dentro de determinados processos históricos.

Em outra edição do suplemento, há trechos da palestra de uma voluntária da Legião Brasileira de Assistência, a “legionária” Eunice Cavalcanti, que descreve como funcionava o trabalho das associadas à LBA, o que era produzido por elas e a finalidade do serviço:

[...] As costuras da L.B.A. serão utilizadas de acordo com o que necessitarem nossos convocados, quer nos serviços hospitalares, quer no socorro às suas famílias. Esse socorro será ministrado pelas Legionárias Visitadoras, que, desempenhando a sua missão abnegada, irão de porta em porta visitar os lares daqueles que forem chamados para o cumprimento do seu dever”. Toda semana, era publicado na “Página Feminina” algum anúncio, entrevista ou qualquer outro texto jornalístico sobre a LBA em que se falava da importância do trabalho feminino voluntário no esforço de guerra do brasileiro. (*O Imparcial*, 19 de março de 1943, p. 5)

A LBA foi criada no Brasil no Governo Vargas e tinha como objetivo o auxílio às famílias dos soldados que haviam sido enviados à guerra. Essa instituição tinha, na sua composição de sua força de trabalho, as mulheres:

Criada em 28 de agosto de 1942, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) teve longa existência e significou um marco na organização da assistência social no Brasil. Inicialmente a LBA direcionou os seus esforços para atender as famílias dos soldados que estavam na Europa, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial – o próprio nome da instituição expressa nítida referência militar. A primeira-dama Darcy Vargas agregou mulheres das classes mais privilegiadas do país para compor uma legião de combatentes femininas que, mesmo não indo para o cenário da guerra na Europa, deveriam atuar no Brasil como verdadeiros soldados naquilo que eram capazes de fazer: cuidar dos mais necessitados, principalmente das famílias dos pracinhas. (MARTINS, 2011, p. 16)

Vejamos que, como tudo na história do Brasil tem camadas de opacidade, o mesmo governo Vargas, que, dentre outros autoritarismos, envia uma mulher grávida a um campo de concentração – no caso emblemático de Olga Benário Prestes –, possibilita alguma referência social ao trabalho desenvolvido especificamente por mulheres. Nesse sentido,

A organização da LBA e a sua especialização na assistência social indicam como o Estado Novo propiciou as condições para o exercício do que poderíamos chamar de uma ‘cidadania feminina’ baseada na utilidade social das mulheres por meio da extensão moral da maternidade para a sociedade. (*Idem*, 2011, p.16)

As transformações necessárias no interior de determinada sociedade são feitas de forma paulatina e não sem a colaboração daqueles que detêm o poder. Em relação ao Periodismo Feminino no Brasil, houve, por parte de alguns editores mais esclarecidos,

ou mais pressionados, a solicitação para que as escritoras publicassem seus textos. Com o trabalho das mulheres deu-se um processo similar, ainda que com um recorte elitista e tradicional. De qualquer forma, a LBA projetou um sistema voltado para alterar algumas bases em que estavam assentadas concepções limitantes em relação ao gênero.

A despeito de não ter sido publicado na *Página Feminina*, este artigo aborda questões importantes acerca da quinta-coluna, uma espécie de sistema de boicote informacional, muito parecido com as atuais notícias falsas divulgadas no país, guardadas as devidas proporções:

A quinta-coluna e a Legião Brasileira de Assistência

Se na França, na Noruega, na Áustria, em cada país da Europa escravizada pelo nazismo, fosse erguido um tribunal onde o povo julgasse livremente aqueles que entregaram suas pátrias quais seriam os acusados? O povo anônimo e heroico que continua lutando por meio das guerrilhas, da greve, dasabotagem contra o nazismo, não acusaria somente Laval, Quisling, os que agiram contra a pátria, mas acusaria também os que deixaram de agir pela pátria. O povo gritaria “Acuso” aos traidores, aos venais, aos egoístas, aos medrosos, aos comodistas, aos vaidosos, aos indecisos e a todos aqueles que, apesar de honestos e patriotas, se deixaram arrastar pela tática da quinta- coluna. O povo gritaria: acuso a você que trocou a independência da pátria por dinheiro ou posição. [...]

O povo brasileiro conhece bem os quinta-colunistas. Uma das formas mais sutis da ação da quinta-coluna é fazer acreditar que ela não existe que é apenas um fantasma inventado. [...]

A quinta-coluna está agindo contra a Legião Brasileira de Assistência porque sabe que a LBA está integrada à união nacional para a luta contra os bárbaros de Hitler. Todas as mulheres brasileiras, as que já trabalharam na LBA e as outras que serão futuras legionárias, precisam conhecer e descobrir as formas de ação da quinta-coluna para lutar contra ela.

São estas, entre outras, as formas mais comuns usadas pela quinta-coluna para agir contra a LBA:

a) espalha que a Legião é uma organização de diletantes e grã-finas que aproveitam as oportunidades para aparecer é que, até agora, nada realizaram. Isso não é verdade. A LBA é uma organização nacional que pede e necessita do apoio e da colaboração de todas as mulheres brasileiras, sem distinção de cor, posição social ou convicções religiosas e políticas. A LBA é uma instituição nova, ainda em organização. Cada campanha de atividades exige um trabalho minucioso de preparo, organização e realização. As legionárias encaram objetivamente os resultados do movimento da LBA. Aparecer e não aparecer são questões secundárias, nascidas de considerações individuais.

b) espalha que a LBA é um instrumento de propaganda política do governo. Isso não é verdade. A LBA é uma organização nacional independente do governo. A LBA, para realizar o seu programa, colabora com um governo. Essa elaboração, no momento atual, é mais do que um artigo do seu estatuto nacional. É um imperativo nascido do atual estado de guerra, pois a vitória do Brasil depende, antes de tudo, da união nacional de todos os brasileiros em torno do governo. A LBA é uma organização independente, os governantes passam e ela continua.

c) espalha que a LBA é uma organização antifeminina, que as suas formas de atividade não são próprias para a mulher. Isso não é verdade. Todas as formas de atividades das legionárias são trabalhos para os quais mulheres brasileiras e estrangeiras já demonstraram praticamente a sua capacidade. A

quinta-coluna quer explorar, por essa forma, o preconceito dos pais, maridos, irmãos, filhos e das próprias mulheres sobre a condição feminina, como se o trabalho público não fosse o meio lógico de a mulher se realizar plenamente, porque adquire assim consciência de que é elemento da comunhão nacional e universal.

d) espalha que a LBA obrigaria todas as legionárias a partirem para Dakar ou para a Europa no momento necessário. Só não é verdade. As legionárias se inscrevem para um determinado serviço, conforme a sua escolha espontânea e livre. Livre também será para preferir ou não a luta fora do país, acompanhando os nossos defensores. As legionárias não temem a quinta-coluna, nem temem os sacrifícios e os trabalhos que a salvação da pátria está exigindo de cada brasileiro. (*O Imparcial*, 20 de janeiro, 1943, p. 2)

Como tudo o que realizava, Jacinta dedicou-se ao trabalho junto à LBA de maneira que, sempre que possível, divulgasse as atividades desenvolvidas pelas mulheres na *Página Feminina*, em entrevistas ou mesmo por meio de sua própria atuação individual. A forma que escolheu para escrever o texto “A quinta-coluna e a Legião Brasileira de Assistência” se assemelha ao da carta *J'accuse* (1898), do escritor Émile Zola, espécie de mensagem aberta sobre o famoso caso Dreyfus.

Jacinta mimetiza a estética do texto de Zola⁶⁸ e argumenta com base na acusação, que é também uma forma de denúncia sobre aqueles que espalham notícias falsas sobre a LBA. No primeiro parágrafo, ela relembra o contexto da guerra nos países mais afetados e nele aparece o conceito chave *acusação*: “Se na França, na Noruega, na Áustria, em cada país da Europa escravizada pelo nazismo, fosse erguido um tribunal onde o povo julgasse livremente aqueles que entregaram suas pátrias quais seriam os acusados?”.

Ao elencar os possíveis responsáveis que cometeram fatos execráveis diretamente, assim como os que se omitiram, ou que atuaram contra seus países através

⁶⁸ Endereçada ao Presidente da República Francesa, a carta de Zola, datada de 13 de janeiro de 1898, cujos trechos importantes para o texto de Jacinta têm como função a denúncia da injustiça que o Estado havia imposta Dreyfus, e que nossa escritora adapta à realidade brasileira para contra-atacar as ilações dos quinta-colunistas. Eis um excerto: “É meu dever não ser cúmplice. Todas as noites eu veria o espectro do inocente que expia cruelmente, um crime que não cometeu. Por isso me dirijo a vós gritando a verdade com toda a força da minha rebelião de homem honrado. [...] Falaram-nos de 14 acusações e não aparece mais que uma: a nota manuscrita suspeita. Os peritos não estão de acordo e um deles, M. Gobert, foi atropelado militarmente porque se permitia opinar contra o que se desejava. [...] Senhor presidente, concluo, que já é tempo: Eu acuso o Ten. Coronel Paty de Clam, como agente do erro judicial e por haver defendido sua obra nefasta por três anos com maquinações insanas e culpadas. Eu acuso o general Mercier por haver-se tornado cúmplice, ao menos por fraqueza, de uma das maiores iniquidades do século. Eu acuso o general Billot de haver tido em suas mãos as provas da inocência de Dreyfus, e não as haver utilizado, fazendo-se, portanto, culpado pelo crime de lesa humanidade e de lesa-justiça, com o fim político de salvar o Estado Maior comprometido. Eu acuso o general Boisdeffre e o general Gonse por tornarem-se cúmplices do mesmo crime, um por fanatismo clerical e outro por espírito de corpo, que faz dos escritórios do Ministério da Guerra uma arca santa e inatacável. Eu acuso o general Pellieux e o comandante Ravary por haverem fabricado uma informação infame, uma informação parcialmente monstruosa, na qual o segundo lavrou o imperecível monumento de sua torpe audácia. (ZOLA, 2007, p.35-53)

da sabotagem, como teria ocorrido na quinta-coluna, ela afirma: “O povo anônimo e heroico que continua lutando por meio das guerrilhas, da greve, da sabotagem contra o nazismo, não acusaria somente Laval, Quisling, os que agiram contra a pátria, mas acusaria também os que deixaram de agir pela pátria. O povo gritaria ‘Acuso’ aos traidores, aos venais, aos egoístas, aos medrosos, aos comodistas, aos vaidosos, aos indecisos e a todos aqueles que, apesar de honestos e patriotas, se deixaram arrastar pela tática da quinta-coluna.”.

No trecho transcrito, Jacinta identificou nomes que se destacaram na história que estiveram associados à traição à pátria, como o político francês Pierre Laval, que colaborou com o governo alemão durante a ocupação alemã em seu país. Outro personagem histórico lembrado pela colaboração com o nazifascismo foi Vidkun Quisling, acusado de tentar promover um golpe em favor da Alemanha em seu próprio país, a Noruega, entre 1942 e 1943.

A partir dessas duas figuras emblemáticas e da postura dos brasileiros quinta-colunistas, Jacinta constrói sua argumentação em busca de restaurar a verdade acerca da natureza das atividades das mulheres pela LBA, apresentando, para tanto, sua formação e seus objetivos junto à sociedade civil e às famílias dos soldados enviados à Itália, de maneira que sua linha argumentativa favorece o protagonismo das legionárias.

No último ponto levantado no texto, a escritora refuta veementemente a acusação de que a LBA seria uma organização “antifeminina”: “Todas as formas de atividades das legionárias são trabalhos para os quais as mulheres brasileiras e estrangeiras já demonstraram praticamente a sua capacidade. A quinta-coluna quer explorar, por essa forma, o preconceito dos pais, maridos, irmãos, filhos e das próprias mulheres sobre a condição feminina, como se o trabalho público não fosse o meio lógico de a mulher se realizar plenamente, porque adquire assim consciência de que é um elemento da comunidade nacional e universal.”

Esse trecho é representativo da atuação da escritora no jornalismo, em especial n’*O Imparcial*: evidenciar o trabalho de mulheres em diversas áreas de atuação, com destaque para as atividades laborais na retaguarda de guerra. O intuito de Jacinta é o de se afastar de uma proposta que associava a imagem feminina apenas aos trabalhos domésticos e à família. Essa iniciativa por parte da escritora ocorre em várias frentes, as quais passam por seu voluntariado na organização, por suas matérias da *Página Feminina* e por seus poemas. Ainda no intuito de promover a LBA, é também publicado este texto:

A mensagem das mulheres brasileiras

A mensagem que as mulheres brasileiras enviaram às mulheres das Nações Unidas por intermédio da Presidente da Legião Brasileira de Assistência, D. Darci Vargas, revela o alto sentido patriótico e humano que está orientando o trabalho das mulheres no presente momento histórico.

A sra. Darci Vargas, agradecendo a homenagem que a Federação Internacional das Mulheres, em Londres, prestou às mulheres do Brasil, respondeu: “a alma feminina do Brasil acompanha, ansiosa e emocionada, o sacrifício e a dedicação das mulheres da Grã-Bretanha e demais Nações Unidas, colaborando com os seus soldados para defender a pátria agredida, para salvaguardar o mundo ameaçado. As mulheres brasileiras vos enviam, por seu intermédio, a sua comovida saudação, a vós e a todas as mulheres das Nações Unidas, cujo heroísmo e bondade constituem uma das maiores reservas de energias morais com que se há de construir a Vitória.

Esse trecho da mensagem diz bem da exata compreensão que as mulheres brasileiras têm o papel que lhes cabe desempenhar ao lado das mulheres das Nações Unidas.

E por que lutam as mulheres das Nações Unidas?

Lutam porque esta guerra lhes interessa profundamente. Dos acontecimentos da guerra, da destruição do fascismo, de uma paz com a vitória dos povos ou de uma paz com a vitória do muniquismo, de tudo isso depende o mundo de amanhã e o lugar destinado à mulher, nesse mundo.

Os soldados das Nações Unidas defendem os povos contra o fascismo e o muniquismo, que é a tentativa para fazer sobreviver o fascismo sob novas formas. Os soldados das Nações Unidas defendem, para todos os povos, as liberdades garantidas pela Carta do Atlântico. A carta do Atlântico assegura para que cada homem e cada mulher o direito de pensar, o direito de crê, o direito de não morrer de fome e o direito de agir, sem temer a polícia política. Portanto, os soldados das Nações Unidas, defendendo as liberdades democráticas para todos os povos, defendem também para as mulheres a possibilidade de uma vida melhor e mais livre. É por essa razão que a guerra interessa virtualmente a todas as mulheres, e por isso que lutam mulheres de todos os povos livres e de todas as classes sociais. Lutam nas frentes de guerra e nas retaguardas, nas frentes subterrâneas dos novos escravizados, lutam como guerrilheiras, como enfermeiras, como forças auxiliares do Exército, da Marinha e da Aviação, e em todas as campanhas civis, de esforço de guerra. Não faz muito tempo que o mundo inteiro assistiu, com profunda admiração, se levantar no Senado americano uma voz feminina vinda do Oriente longínquo, pedindo armas e auxílio para sua pátria continuar resistindo ao invasor. Madame Chiang-Kai-Chek, essa figura admirável de mulher, ficará na história como um dos valores femininos pela sua ação nacional e internacional em prol do povo chinês. Na China ela organizou os movimentos femininos da “Nova Vida” e da “Mobilização Espiritual”, movimentos visando a unificação do povo chinês, atuou nas lutas ao lado do marido e resolveu muitas vezes, com seu fino tato diplomático, difíceis questões de divisão interna. Madame Kai-Check, filha de uma nação onde imperou, por muitos séculos, um regime de escravização total da mulher, é bem um símbolo da mulher dos nossos tempos que conquista, pelo trabalho e pela luta, o seu lugar no mundo de amanhã.

As mulheres brasileiras, através da mensagem de D. Darci Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, também estão ao lado dessas mulheres que combatem. Na Legião Brasileira de Assistência, na Cruz Vermelha, na Liga de Defesa Nacional e em todas as outras organizações patrióticas, elas estão lutando para garantir a todos os brasileiros, homens e mulheres, os direitos assegurados pela Carta do Atlântico. Estão lutando pela autodeterminação do povo brasileiro, pela sua independência de povo livre.

Todas essas vitórias do povo brasileiro serão conquistadas nos campos de luta pelo Corpo Expedicionário. É por isso que as mulheres brasileiras estão ao lado do Corpo Expedicionário. Mas de 140 enfermeiras voluntárias já se apresentaram no Rio e, nos outros Estados, também já começou a apresentação voluntária.

Em torno do Corpo Expedicionário deve guiar-se todo o trabalho das mulheres brasileiras – colaborando nas frentes de guerra, acompanhando os soldados e as famílias dos soldados, participando de todas as campanhas que visem ajudar o esforço de guerra do Brasil. O Corpo Expedicionário é a concretização maior desse esforço de guerra. (*O Imparcial*, 1943, p. 2)

Identifica-se que, no texto em questão, aparece, novamente, a dupla articulação mulher-trabalho, a qual atravessa todas as publicações de Jacinta nos jornais *O Imparcial* e *O Momento*, uma vez que seus textos têm como foco tratar das condições em que se desenvolve o pensamento sobre o feminino. Jacinta opta por fazer essa reflexão a partir de uma construção discursiva que, por um lado, busca afastar-se das imagens cristalizadas de “mãe” ou “esposa”, ambas muito contíguas ao ambiente doméstico, e que, por outro, aproxima-se da ideia de uma mulher trabalhadora, que estaria, naquele contexto, invariavelmente no espaço público, tal como ela própria o faz.

Essa nova mulher por ela proposta é forjada a partir da divulgação do protagonismo feminino e, no artigo, o trabalho pela LBA representa a possibilidade que ao menos um determinado grupo de mulheres teve de alterar sua realidade:

Foi por meio da questão social que as mulheres das classes privilegiadas participaram da esfera pública e, para muitas delas, o discurso do poder feminino parecia atraente, afinal, nem todas as mulheres reinavam soberanas em seus lares, felizes e dedicadas aos cuidados domésticos. Sair de seus lares, mesmo que fosse por algumas horas na semana para se dedicar às causas benemerentes, encontrar outras mulheres, dar parte de seu tempo para organizar e dispensar a assistência aos necessitados foi um movimento que envolveu mulheres no Ocidente, movimento este que carece de análises mais pormenorizadas que não se limitem à crítica elaborada às mulheres ricas, burguesas e ociosas, crítica presente até hoje. (MARTINS, 2015, p. 22).

Jacinta trabalhou no jornal *O Momento* de 1945 e 1946, período em que estava candidata a deputada federal pelo PCB. A edição do jornal era patrocinada pela legenda e, nele, Jacinta publicou alguns textos e a seguinte entrevista:

Só unidas as mulheres resolverão seus problemas⁶⁹

O Partido Comunista é o caminho para as trabalhadoras – Fala-nos a escritora Jacinta Passos.

⁶⁹ AMADO, 2010, p. 293-294.

As chapas do Partido Comunista do Brasil em todo o país apresentaram nomes de intelectuais, escritores e poetas, juntamente com operários, à Câmara Federal e ao Senado. Foi isto uma demonstração da confiança que o Partido do proletariado deposita nos intelectuais honestos, nos sinceros e decididos defensores dos apelos do povo, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Aydano do Couto Ferraz e José Geraldo Vieira, romancista de profundas tendências religiosas.

Entre estes candidatos pela Bahia está Jacinta Passos Amado, poetisa de imensa sensibilidade que soube dizer tão bem, no memorável comício “A Bahia a Yeddo Fiúza” aquelas palavras francas, de duro realismo, que soaram bem no fundo da grande massa de marmiteiros presentes na Sé, porque foram palavras dirigidas à miséria do pobre homem da rua, ao homem da marmita estranho aos oradores profissionais. Jacinta Passos Amado fala pouco e é sempre clara e objetiva em todas as suas respostas. [...].

– As mulheres estão demonstrando um interesse cada vez maior pelos acontecimentos políticos. Um fato que pude observar não somente aqui, mas em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio. É grande o número de mulheres que compareceram às últimas eleições. Eles participaram ativamente na campanha eleitoral, estiveram presentes no trabalho de organização dos partidos, nos comícios, nos jornais, nas chapas dos candidatos. Esse fato demonstra que as mulheres, no Brasil, estão adquirindo uma maior consciência política. É o resultado de um ressurgimento democrático que permitiu uma mobilização efetiva de todos os setores progressistas e revolucionários do povo. A mulher, e, sobretudo a mulher operária, vai tomando consciência de sua condição e vai compreendendo que não adianta lutar sozinha para resolver seus problemas fundamentais. Está compreendendo que seus problemas são os mesmos de milhões de outras mulheres e de outros homens. E que a solução desses problemas não depende apenas de cada um, mas está ligada ao processo de democratização do país, a um maior progresso econômico e político, que permita uma vida melhor para cada indivíduo.

A mulher operária

É por isso – continua Jacinta Passos – que as mulheres estão se interessando pelos acontecimentos políticos, pelas eleições, pelos fatos que vão influir tão diretamente em suas vidas. A mulher operária sente ainda mais diariamente esses problemas, porque a sua condição é a mais difícil; além de trabalhar em péssimas condições nas fábricas, para receber um salário que sustente ou ajude a sustentar sua casa e seus filhos, ela tem de resolver os problemas da casa, comparar os gêneros, zelar pela casa e criar os filhos. Ela não encontra creches em número e condições suficientes, nem restaurantes populares, nem lavanderias e passadeiras elétricas, pois isso só um alto desenvolvimento industrial poderá trazer para facilitar sua tarefa doméstica, de mãe de família e de dona de casa. A mulher operária trabalha nas fábricas e nas casas, nas mais duras condições, sentindo falta do mais necessário para o seu conforto. E nas fábricas quase sempre recebe um salário inferior aos dos operários.

É por isso que a mulher operária encontra, sem dificuldade, onde está a verdadeira saída para a sua situação. A sua entrada para a luta organizada no Partido do proletariado é um caminho não apenas lógico, mas instintivo, para defender seus interesses. É grande o número de mulheres comunistas participando da luta ao lado dos companheiros, em defesa de melhores dias para seus filhos. A candidata do Partido Comunista por S. Paulo, Carlota Vizoto, é uma operária que perdeu o marido, morto na prisão, e tomou seu lugar de militante do Partido.

A mulher burguesa

[...] Há um grande número de mulheres não operárias, sobretudo de pequena burguesia, que conseguiram uma independência econômica através do seu próprio trabalho, e que sentem os problemas os problemas femininos com mais agudeza. Algumas delas conseguem através do trabalho prático, uma

identificação maior com a classe revolucionária e também com o seu instrumento de luta, o Partido Comunista. Outras vão até determinado ponto: chegam a compreender a necessidade da luta organizada, da sua participação na vida política do país. Compreendem que do processo econômico e político do país depende uma melhoria de vida para todos, inclusive para as mulheres. Um exemplo dessas mulheres que podemos designar de progressistas, é a outra candidata do Partido Comunista de São Paulo, D. Luiza Camargo Branco, uma antiga professora que não é comunista, mas participou de vários movimentos populares. Concluindo, quero dizer que há um número de reivindicações femininas comuns a todas as mulheres e que, em torno dessas reivindicações é possível um trabalho unitário e organizado das mulheres. Mas é preciso levar em consideração um fato: a mulher brasileira não tem uma tradição de luta política; tem uma experiência pobre de organização, porque apenas começa a sair de um passado de opressão feudal.

As candidatas do PCB

[...] – O Partido Comunista foi o partido que indicou maior número de nomes femininos para a futura Assembleia Constituinte⁷⁰. É um fato lógico, porque o Partido Comunista é o partido da classe em ascensão no mundo atual. A presença dessas mulheres na Assembleia Constituinte garantirá uma lei justa em relação à proteção à maternidade e à infância, e a todas as reivindicações femininas.

Arte e política

Quando saímos da redação, levamos em mente uma pergunta séria a respeito dos artistas, da arte social e da relação existente entre essa arte e a política. Guardamos essa resposta para o fim. Os presentes a escutaram atentos e a artista do povo, a lírica e revolucionária Jacinta Passos Amado, como artista política, respondeu:

– Todo artista verdadeiro, isto é, todo artista que sente realmente a sua obra e procura realizá-la honestamente, faz arte social. Assim o grande poeta revolucionário Mário Quintana faz arte social, porque sua obra reflete todo o desespero e o fim de vida duma classe sem solução. Assim os romancistas revolucionários de 30 fizeram arte social, porque refletiram no romance uma parte da população brasileira, que começava a pesar na vida social: os explorados do campo, famintos da terra. Nos regimes democráticos, existe a arte reacionária e a arte revolucionária a arte revolucionária. No fascismo não há arte. Foi o que se viu na Itália, na Alemanha e no período de fascitização do Brasil.

Com o processo atual de redemocratização do país, estão sendo criadas novas condições para o artista produzir. A maioria dos nossos intelectuais são homens da classe média, não identificados com a sua classe, e que por isso não podem criar, dentro dela, uma arte que seria reacionária. Esses artistas revolucionários são homens que, para criar a obra de arte, necessitaram de um contato maior com o povo, através de setores mais revolucionários, organizados no Partido Comunista. O Partido está hoje ligado, realmente à massa, e representa as suas aspirações. Por esse motivo é que a maioria dos grandes artistas atuais está ingressando no Partido Comunista.⁷¹ É claro

⁷⁰ No Brasil, foram promulgadas sete constituições, e essa Assembleia Constituinte se refere à sexta, que foi debatida no Congresso em um contexto de redemocratização, em 1946, logo após um longo período de exceção – o Estado Novo. A “Constituinte de 1946 foi convocada apenas após a derrubada de Vargas em 29 de outubro de 1945. Sua convocação foi regulamentada pelas Leis n. 13 (15 de novembro de 1945) e n.15 (26 de novembro de 1945), decretadas durante o Governo Provisório de José Linhares. Essas leis estipulavam explicitamente que o Congresso (Câmara e Senado) a ser eleito em 2 de dezembro de 1945 teria a função precípua de elaborar a nova Carta Constitucional, embora durante os trabalhos constituintes permanecesse em vigor a Constituição de 1937.” (BRAGA, 1998, p. 36-37)

⁷¹ Outros escritores também se filiaram ao PCB e alguns foram candidatos pela legenda: Jorge Amado foi candidato a deputado federal em 1932; Cândido Portinari a senador em 1945; Graciliano Ramos se filiou

que não é apenas pelo trabalho partidário, mas pelas possibilidades que este trabalho dá ao artista de sentir como o povo vive, e como luta em defesa duma vida sem as restrições impostas pela sua condição de explorado.

A entrevista é mais uma forma de expressão do pensamento de Jacinta, que, nesse momento, em sua versão de ativista política, estava também candidata a um cargo público pelo Partido Comunista. Esse pertencimento ideológico, no entanto, não a afastou de sua compreensão do lugar que a mulher ocupava no mundo, o que busca demonstrar da forma mais abrangente quanto possível. Importante ressaltar, ainda, que a entrevista foi publicada em um veículo de comunicação da legenda soviética no Brasil na época, e o direcionamento da entrevista, bem como as respostas da escritora, são delineadas de maneira a privilegiar a dimensão do trabalho em relação aos diferentes grupos de mulheres aos quais se remete.

O primeiro importante aspecto a ser observado é o título dado ao texto, a saber, “Só unidas as mulheres resolverão seus problemas”, que é bastante significativo da trajetória que Jacinta tem no jornalismo e na política, pautada em uma postura feminista. Como vemos, ela centraliza a questão das mulheres nas próprias mulheres *a priori*. É nítido que tem a clareza de que as aflições femininas são mais complexas e abrangem toda a sociedade, inclusive aos homens, mas dirige-se, estrategicamente, ao grupo muito significativo de trabalhadoras, de forma a lhe indicar possibilidades de solucionar suas questões.

Para tanto, se coloca como um exemplo no campo político, e seu discurso é alinhavado pelas ideias de progresso social via emancipação da classe trabalhadora, que era propriamente a plataforma do PCB, o qual tinha a divisão de classes como um dos pilares para pensar a reprodução de opressões no interior das sociedades, o que já fora preconizado no *Manifesto Comunista*:

A história de toda sociedade até hoje é a história de luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação (*Umgestaltung*) revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta. (MARX, ENGELS, 2018, p.42)

em 1945 e permaneceu no partido até sua morte em 1953, Caio Prado Jr. foi também candidato a deputado federal em 1945 e já era filiado desde 1931, quando o PCB era ainda Partido Comunista do Brasil e Carlos Drummond de Andrade, candidato a deputado federal neste mesmo ano.

Jacinta Passos parece próxima dessa perspectiva e a transplanta para a luta das mulheres de modo a categorizá-las em “a mulher operária, a mulher burguesa, as candidatas do PCB”, ou seja, a escritora articula a emancipação da mulher como classe trabalhadora – no âmbito coletivo – e fomenta a emancipação da mulher enquanto sujeito político-histórico.

Ela destaca que as mulheres estavam se aproximando da cultura política do país e algumas, inclusive, interessavam-se pelo fazer político guiado pela filiação partidária. Ao pensar a condição das mulheres brasileiras a partir de bases teóricas defendidas no interior do Partido Comunista, Jacinta defende que as demandas levantadas por cada grupo poderiam ser atendidas por meio da criação de uma agência própria dessas mulheres em torno da participação na luta político-partidária.

A fala da escritora é suficientemente lúcida para compreender as especificidades das mulheres que ocupam socialmente lugares diferentes. Um desses exemplos reside na figura da mulher operária, que, para além da preocupação com a precariedade das condições de trabalho, tem atribuições com os filhos e depende do sistema quanto ao provimento de creches para deixar seus filhos.

A autonomia financeira e o trabalho dessas mulheres são um dos destaques na fala da então candidata, que, concernente às burguesas, aponta que a aproximação da política partidária seria uma forma prática de tentar interferir na realidade social e econômica do país, inclusive no atendimento às demandas das próprias mulheres. Para exemplificar, traz como exemplo Luiza Camargo Branco, também candidata pelo PCB por São Paulo, a qual atuou na resistência ao regime militar de 1964:

Enquanto representação e agente política, a mulher incomodava as classes dirigentes conservadoras interessadas em alimentar o modelo de mulher-mãe, dona do lar. Mulher rebelde – no estilo de algumas anarquistas como Maria Lacerda de Moura, Isabel Cerruti e Luiza Pessanha de Camargo Branco – não convinha aos homens no poder. (CARNEIRO; KOSSOY, p. 43)

Essa é mais uma das mulheres que a escritora convoca ao seu texto, ao seu depoimento. Isso porque é sempre o nome de mulher que interessa à agência que Jacinta Passos empreende na imprensa. Nomear, trazer dados referentes à vida e à atuação das mulheres no campo da luta profissional e/ou política foi a estratégia eleita para que a imagem dessas mulheres fosse reformatada – com ênfase no trabalho e na atividade política – e, ainda, permitisse que uma memória fosse resgatada no futuro.

Ao final da entrevista, a escritora reafirma a ideia a partir da qual vinha produzindo a sua obra até então: a concepção da arte como um objeto que interage com a realidade, seja para alterá-la ou para confirmá-la.

A arte, como já nos ensinou Georg Lukács, tipifica, por meio figurativos, “os elementos e tendências da realidade que se repetem segundo as leis regulares, embora modificando-se com as variações das circunstâncias”. Entretanto, em qualquer hipótese, faz-se preciso que a arte reflita a realidade, através da utilização da chamada metáfora do reflexo. Se assim não o fizer, o seu conteúdo será falso ou desprovido de qualquer importância. (MACEDO, 2001, p.13)

A literatura produzida por Jacinta dialoga, em grande medida, com a realidade, ora a reflete, quando das composições líricas que lembram os nomes de mulheres que ficaram pelo caminho em processos políticos de exceção, ora a recria, como em *A Coluna*, em que constrói uma imagem de herói para Prestes.

Neste capítulo, foi possível verificar como ocorreu a participação de Jacinta Passos na imprensa baiana, no sentido da produção de textos voltados ao público leitor feminino, sobretudo no âmbito do jornal *O Imparcial* e do suplemento *Página Feminina*, que esteve sob sua coordenação entre fevereiro de 1943 a março de 1944. Apesar de curta, a estada foi produtiva e significativa para as leitoras da época, porque alterou a forma como aquele conteúdo jornalístico para mulheres era produzido: antes, com poemas e matérias muito voltadas a uma imagem de mulher dona de casa, mãe e esposa; depois, passou a ter como foco a mulher trabalhadora, consciente e interessada por política internacional e guerra.

Uma transformação estrutural da sociedade requer, em qualquer contexto, uma grande capacidade de mobilização dos grupos que as demandam. À época de Jacinta, ela ocorria de maneira paulatina, tendo em vista que as especificidades das condições de trabalho de mulheres não brancas ainda requeriam – e requerem, até hoje – atenção, como no caso da situação do trabalho doméstico no Brasil, algo que atinge majoritariamente as autodeclaradas pretas e pardas.

Essa luta por transformação foi abraçada pela escritora baiana e exercida a partir de um lugar especialmente desestruturador da ordem vigente, passando pelo discurso e pelo meio com que se acionam mudanças a serem empregadas. A escritora altera o *locus* social do trabalho feminino de maneira a construir um antagonismo em relação ao modelo de jornalismo proposto para as leitoras de então, e, nessa direção, propõe novos diálogos, negocia entre fraldas, batons, perfumes, política e ativismo social.

A publicação de matérias, artigos, entrevistas, dentre outros gêneros textuais, sobre a atuação feminina durante a Segunda Grande Guerra foi, para Jacinta Passos, uma diretriz que norteou sua produção jornalística em todo o período em que esteve à frente da *Página Feminina*. O compromisso, a partir de 1943, era no sentido de reportar esse trabalho de modo a conferir-lhe a importância que teve, e tem, na história moderna. A atuação feminina em várias frentes através de um protagonismo poucas vezes visto em publicações da época foi o grande trunfo da escritora, poetisa, jornalista e ativista política Jacinta Veloso Passos, que fez de sua existência um farol para mulheres de gerações futuras que decidissem também ser escritoras comprometidas com seu povo, seu país, seu tempo, e, principalmente, a partir de uma perspectiva antifascista e feminista.

Jacinta pouco ou quase nada teorizou sobre feminismos ou movimentos de mulheres; ao contrário, a prática social foi o paradigma para sua escrita em jornais no tocante ao exercício político do feminino – ao menos dentro daquele espectro que representava, isto é, o perfil branco e de classe média.

5. O “eu-mulher” no mundo através do eu lírico

5.1 O fio da navalha que corta a alma: o liame e o limite entre a lucidez e a loucura

Maura Lopes Cançado, escritora que também passou pela experiência de ser considerada “louca”, afirmou o seguinte:

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco, possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. Diante da morte não sabia para onde voltar-me: inelutável, decisiva. Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte: cava, subterrânea, desintegração, fim. Que mais? Morrer é imundo e humilhante. O morto é náusea e, se observado, acusa alto a falta do que o distinguia. A morte anarquiza com toda a dignidade do homem. Morrer é ser exposto aos cães covardemente. Conquanto nos dois estados encontro ponto de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sois. Não sabendo situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno.

Estar internado num hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta é a luta que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o “Muro”, segundo Sartre. É a resistência. Também se

luta contra a morte, quando morrer talvez seja realizar-se. Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). Então encontramos doença, morbidez, imensa soma de deficiências que se recusa a abandonar. [...] (CANÇADO, 2015, p. 25)

Entre uma vida intensa de trabalho como escritora e filiada ativa de um partido político de esquerda perseguido no Brasil durante e após o Estado Novo, Jacinta Passos entrou e saiu de clínicas para tratamentos psiquiátricos. Somente a menção deste fato, em qualquer contexto em que seja enunciado, independentemente do indivíduo ao qual se esteja referindo, a própria forma cerimoniosa como cortejamos tocar no assunto já depõe contra nossa insegurança quanto à linha que separa os loucos dos lúcidos, geralmente denominados de “normais”.

É importante ressaltar, nesse caso, que não estamos propondo um elogio a transtornos mentais, os quais de fato requerem devido tratamento e acolhida social, o que, desde tempos imemoriáveis, e também nos de Jacinta, ainda não foi possível para as pessoas que sofrem desses males.

Feito o preâmbulo, acreditamos ser significativo, do ponto de vista literário, trazer alguns textos por ela produzidos durante esses momentos em que esteve encarcerada. Sim, os hospitais psiquiátricos são também uma forma de cárcere. É para lá que são enviados os “desviantes” da norma, ou da “normose”, a que nos adaptamos historicamente. Todo comportamento “aviltante” ou que cause embaraço à ideia de civilização é fortemente recalcado, e, por isso, a “necessidade” social de isolar os considerados loucos.

O que foi Jacinta no mundo? Qual “eu” de Jacinta lhe coube? De que maneira a civilização ocidental tem nos deixado constituir nossos “eus?” O primeiro impasse nesta proposta é a negação de um “eu”. Blaise Pascal parecia não apostar na possibilidade de constituição de indivíduos *stricto sensu*, pois não é viável viver com o nosso “eu” desnudo dos semblantes necessários às convenções sociais. Quanto mais próximos à ideia de civilidade, mais distantes do protótipo de um “eu” autêntico.

O autor traz uma ilustração dessa impossibilidade do “eu” quando da relação entre a “verdade” e a “mentira” socialmente praticadas. A partir do momento em que somos interpelados pela verdade que exigimos do outro, entramos em sofrimento, e isso, segundo o autor, nos distanciaria do ideal desse “eu”:

Nada é mais estranho na natureza do homem do que as contradições que nela se descobrem em relação a todas as coisas. Feito conhecer a verdade, deseja-a

ardentemente, procura-a, e, no entanto, quando trata de apreendê-la, deslumbra-se e se confunde de tal sorte que dá o motivo para que lhe disputem a posse dela [...] (PASCAL, 2019, p.398)

O autor assegura a improvável aceitação do peso da “verdade” sobre si e menciona que, diante do desafio de convívio com outros seres, que apelam a estratégias de sobrevivência ao contexto em que estão, sustentar o “eu” mediado pelas “máscaras” sociais necessárias à sobrevivência torna-se tarefa árdua para alguns indivíduos.

Essa brevíssima digressão a uma tentativa de detectar a forma como o “eu” se relaciona com o mundo externo, e que, essencialmente para Pascal, é uma invenção em três dimensões – um “eu para si”; um “eu para os outros”; e uma terceira versão, em que o “eu” “acredita que ele é” o “eu que o próprio inventou” –, faz-se produtiva para tentarmos entender de que maneira Jacinta Passos se desvencilha do uso de algumas dessas estratégias de trânsito social.

Essa “invenção” do “eu” se daria pela dúplice das qualificações que se quer recalçadas e por aquelas que se deixam aparecer, as “aceitáveis” e conformadas a uma ideia de “normalidade” aos olhos dos demais, uma vez que as imperfeições próprias não as quer em sua face, tal como rejeita a verdade sobre si quando confrontado com ela.

Não é, por certo, possível definir ou sequer se aproximar do “eu” que Jacinta Passos construiu para si em vida, o que seria, além de uma audácia e uma arrogância daquele que pesquisa, uma leviandade. Porém, considerando alguns traços que eladeixou em seu caminhar, tornam-se perceptíveis feixes de uma possível luz em torno de sua *persona*, conceito que tomamos de empréstimo da psicanálise para tentar traçar um perfil biobibliográfico da escritora, neste capítulo, no tocante aos textos produzidos nas clínicas em que esteve encerrada como “louca”:

[...] concebe-se que o arquétipo da *persona* é uma dimensão exterior do indivíduo, aspecto relacional da personalidade, uma máscara adotada para relacionar-se no dia-a-dia com as diversas pessoas que compõe a sociedade. (DALGALARRONDO, 2008, p. 261)

Perguntamos-nos até que ponto foi possível, para ela, sustentar sua *persona*, bem como a qual *persona* estaríamos nos referindo. À mulher sisuda, de vestimentas sóbrias, devotamente católica, depois devotadamente comunista? Seria esse o seu “eu”? Ou estaríamos diante da mulher que discursa a transeuntes na Central do Brasil em pleno 1951 com *Poemas políticos* embaixo do braço? Ou seria, ainda, aquela que migrou para Aracaju e, paupérrima, sustentou-se crente em sua ideologia, e, ao escrever em um

muro, em pleno 1964, “Abaixo à ditadura”, foi presa e, por a declararem louca, ao invés do cárcere policial, viu-se trancafiada em uma clínica para de lá não mais sair?

Estaria sua subjetividade mais próxima da noção de *existência autêntica*? O que o *ser-no-mundo* de Jacinta nos pergunta? Como se lança e se constitui em sua trajetória? O problema do “ser” foi colocado na filosofia ocidental há muito e a partir de diversos prismas. Martin Heidegger, um dos representantes da vertente existencialista, traz um conceito útil para esta análise.

Ele aponta que o homem “caminha para a morte” e que seu percurso é marcado pela angústia, angústia essa dada, segundo o filósofo, pelo simples fato de o homem ter sido lançado ao mundo: “Trata-se de um sentimento que, para Heidegger, não tem uma razão específica, simplesmente se manifesta como se o mundo perdesse o seu sentido [...] (NOGUEIRA, 1976, p. 248).

O *dasein*, ou o “ser-no-mundo”, é essencialmente um “ser-com”, não está isolado em si, mas dentro de uma cadeia de relações mais ou menos complexas, implicado necessariamente nas relações com os outros entes. Essa angústia referida por ele “suspende” o *dasein* – aquele que existe e tem em sua existência a possibilidade de encontrar os sentidos e as possíveis respostas a esse existir no modo relacional referido anteriormente. A angústia faz com que o ser se encontre em face de si mesmo:

Na presença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o *ser-livre para* a liberdade de escolher e acolher a si mesma. A angústia arrasta a presença para o *ser-livre para...*, para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade [...] A presença como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser. (HEIDEGGER, 2006, p. 254).

O autor defende, ainda, que, enquanto envolvido no mundo do “falatório” da vida cotidiana e das variadas trocas entre os entes, não há a possibilidade de o *ser* ter alguma autonomia em escutar-se, em voltar-se para sua interioridade e obter, a partir de sua consciência, dada autenticidade em sua existência. Esta última só lhe seria possível quando do distanciamento, ainda que momentâneo, desse mundo cotidiano: “Recuperar a escolha significa escolher essa escolha, decidir-se por um poder-ser a partir de seu próprio si-mesmo. Apenas escolhendo a escolha é que a presença possibilita para si mesma o seu poder-ser próprio” (*Idem*, 2006, p. 346).

Esse retorno ao *si-mesmo* em um mundo em que o *dasein* invariavelmente transitará entre o cotidiano e a possibilidade da “autenticidade” é que nos faz aventar a possibilidade de que a escritora Jacinta Passos, em seus últimos textos publicados e em

poemas de outros períodos, dava indícios de que tinha seus momentos de “suspensão” desse mundo do “blá, blá, blá”, ou do “falatório” e das relações impossíveis, sem que os entes assumissem todos e cada um os seus “semblantes”, para voltar-se à sua interioridade de modo a construir uma “busca de si”, um “tête-à-tête” no qual não há refúgio ou saída.

Certamente temos muito mais questões do que respostas. Talvez tenhamos mais abertura a interpretações outras do que conclusões ou análises fechadas, sobretudo em relação a aspectos verdadeiramente delicados, como os meandros percorridos pela mente humana. Esta é apenas uma pesquisa que tem um olhar próprio, parcial, incompleto, e que também foi mediada por outros discursos, de modo que o contraditório e a complementaridade estarão sempre em posse do leitor e da leitora deste texto. Como nos alerta Pierre Bourdieu em relação à ilusão de apreendermos uma biografia, temos:

[...] o fato de que uma vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de “projeto original” somente coloca de modo explícito o que está implícito nos “já” “desde então”, “desde pequeno”, etc. [...] Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica, que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. O relato, seja ele biográfico, ou autobiográfico, como o do investigado “que se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...] tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 2008, p. 183)

Assim, perseguimos a noção de que este trabalho não encerra nenhuma das discussões propostas, ao contrário, busca provocar outras tantas e dialogar com as que têm sido feitas ao longo dos últimos anos, a exemplo dos trabalhos de Dalila Machado, de Daise Pereira Machado Rocha e de Janaina Amado, respectivamente *A história esquecida de Jacinta Passos* (2000), *Jacinta Passos: encruzilhadas da poética e da militância humanista* (2011) e *Jacinta Passos: coração militante*, considerando, ainda, outros realizados recentemente com foco na vida e obra da autora baiana.

Sobre a loucura – termo que rondou o fim da vida de Jacinta, mas que não buscamos tornar um adjetivo para sua caracterização –, Michel Foucault tem um longo estudo que a problematiza sobre diversos aspectos. E o que mais se adequa à análise proposta nesta tese é o da similaridade do tratamento dispensado aos “loucos” e aos

criminosos, sem que houvesse, desde o princípio fundador, tanto do “tratamento” aos doentes quanto à penalidade àqueles que delinquem, o objetivo da cura ou de sua recuperação para o convívio social.

O autor remonta à era clássica para explicar as dinâmicas das internações a partir do século XVIII, as quais em muito se assemelham às práticas manicomiais, no restante do mundo, ainda no século XX:

A partir da criação do Hospital Geral, da abertura (na Alemanha e na Inglaterra) das primeiras casas de correção e até o fim do século XVIII, a era clássica interna. Interna os devassos, os pais dissipadores, os filhos pródigos, os blasfemadores, os homens “que procuram se desfazer”, os libertinos [...] A décima parte aproximadamente das prisões feitas em Paris, com destino ao Hospital Geral, diz respeito a “insanos”, “homens em demência”, pessoas “de espírito alienado”, entre estas e as outras, nenhum signo de diferença [...] Queremos crer que é por haveremos conhecido mal a natureza da loucura, permanecendo cegos a seus signos positivos, que lhe foram aplicadas as formas mais gerais e diversas de internamento [...] Furor [...] é o termo técnico da jurisprudência e da medicina. Mas no vocabulário do internamento ele diz muito mais e muito menos do que isso. Alude a todas as formas de violência que escapam à definição rigorosa do crime e à sua apreensão jurídica: o que visa é uma espécie de região indiferenciada da desordem – desordem da conduta e do coração, desordem dos costumes e do espírito –, todo domínio obscuro de uma raiva ameaçadora que surge aquém de uma possível condenação. Noção confusa para nós, talvez, mas suficientemente clara para ditar o imperativo policial e moral do internamento. (FOUCAULT, 1972, p. 124-125)

Foucault evoca um tempo em que o processo de se internar pessoas que tinham comportamentos considerados socialmente desviantes, portanto, lidos como dentro do espectro da “loucura”, ocorria de modo que não se diferenciavam os aspectos que individualizavam o sujeito, de maneira que internar alguém em um hospital psiquiátrico, à época, tinha como argumento anotado nas fichas dos “pacientes” o uso da palavra e do sentido “furor” para definir o motivo da conduta médica ou jurídica.

Para termos a noção de como essas dimensões se entrelaçam, reduz-se esse indivíduo a “louco” ou “criminoso” e o encarcera a fim de retirá-lo do convívio social, de tal maneira que o tratamento médico se transforma em uma ação punitiva que historicamente sabe-se ineficaz.

Quanto ao tratamento psiquiátrico em hospitais especializados, não adentraremos a este aspecto, pois caberia uma análise por demais aprofundada. Porém, como ficou explicitado pelo depoimento da própria historiadora Janaína Amado, esses espaços estavam longe de se constituírem como terapêuticos; os “sanatórios” não sanavam as questões físicas de seus “pacientes”, muito menos as da alma, e esses

indivíduos já não esperavam mais se reintegrar socialmente quando alocados nesses locais. Essa experiência foi vivenciada por Jacinta Passos, que perdeu a esperança em seus momentos finais:

Atendida pelo psiquiatra Isaiás Paim [...] Jacinta foi diagnosticada como “portadora de esquizofrenia paranoide, então considerada uma doença progressiva e irrecuperável, para a qual não existiam medicamentos nem terapias específicas. Durante essa internação e as seguintes, Jacinta foi tratada à base de eletrochoques, injeções de insulina e barbitúricos, procedimentos muito empregados à época, com o objetivo de manter os pacientes calmo. A violência do tratamento na verdade deixava os pacientes completamente atordoados, catatônicos, sem possibilidade de reação. (AMADO, 2010, p. 390)

Em depoimentos colhidos de familiares e profissionais da área médica da Clínica Santa Maria, em Aracaju, na qual a escritora esteve hospitalizada em seus últimos dias, uma dúvida nos ocorre sobre suas recorrentes internações: haveria mesmo necessidade de Jacinta Passos ser colocada nesses espaços? De que maneira esse afastamento abrupto do convívio familiar repercutiu em sua vida e em sua saúde mental?

Sabemos o quão desconfortável pode soar essa pergunta tendo em vista o contexto em que, muitas vezes, a própria família de pessoas que apresentam algum transtorno psíquico, não consegue, por diversas razões, lidar com essas questões. A primeira delas, e talvez a mais importante, diz respeito à ausência de conhecimento acerca desse mundo complexo dos afetos humanos. A segunda, e também recorrente em famílias brasileiras e de outras partes do mundo, é o nosso recalque social, aquilo que buscamos esconder por medo, vergonha ou porque é feio e destoa do “aceitável”, o que, de certa maneira, é também compreensível, dado que, inseridos em uma cultura, são necessárias as máscaras, ou o *semblante*:

[...] conceito [...] articulado por Lacan (1969) para pensar o discurso na teoria psicanalítica. Para o autor, o discurso seria uma forma específica de fazer laço social, sendo na estrutura de cada discurso que o sujeito ganha uma localização e uma função distinta. Nessa articulação do sujeito como efeito de discurso, ele traz para a psicanálise o semblante como lugar do agente que ordena o discurso, que o coloca a trabalhar, sempre em movimento. (STONA, 2018, p. 24)

Esse conceito é útil para pensar a questão da família – o repositório da loucura, segundo Freud –, que, em uma dimensão micro de nossa sociedade, trabalha para que seus membros sejam socialmente respeitados e, se for necessário, “o sujeito que destoa da fotografia de família, é elíptico” para que se mantenha uma “ordem” dentro da estrutura maior.

Como bem nos recorda o mesmo Lacan, “tudo o que foi recalcado⁷²aqui retornará em forma de sofrimento”. É possível depreender, da experiência de Jacinta no internato/prisão, tal como ela mesma nomeava em seus textos, que foi seu próprio corpo o repositório desse recalque e da colheita desse sofrimento, ainda que, através da potência da arte literária, a única ferramenta de que dispunha para comunicar-se com o mundo, ela tenha feito uma “ponte” entre esse universo da “loucura” em que fora encerrada e o mundo do real, com o qual buscava incessantemente estabelecer relações de sentido. A literatura foi para ela uma forma de ser ela mesma, de “ser” e fazer poesia, como nesta composição de 1942, que cabe ao momento em que Jacinta está em ponto de partida:

Eu serei poesia

A poesia está em mim e para além de mim mesma.
Quando eu não mais for um indivíduo,
eu serei poesia.
Quando nada mais existir entre mim e todos os seres,
os seres mais humildes do universo,
eu serei poesia.
Meu nome não importa.
Eu não serei eu, eu serei nós,
serei poesia permanente,
poesia sem fronteiras.

(PASSOS *apud* AMADO, p. 142)

Foi esse o eu lírico que Jacinta construiu para si e, encarcerada, conseguiu se libertar pelas palavras, que foram companheiras de uma vida: na infância e na juventude; na militância política; e no jornalismo combativo e feminista. Derradeiramente, também falamos de sua força para lembrar e cuidar de si, além de seu gesto de fazer ecoar, em outros tantos, os versos que carregam um lirismo que está de mãos dadas com a vida, com o real, mas também com o sonho, com as cantigas de roda do Recôncavo Baiano, com as cantigas de ninar Janaína, sua filha, com as “Cantigas das Mães”, com a “Canção da Liberdade”⁷⁴, com a música das “Américas”, e de todo o mundo que conseguiu reunir em si mesma e em sua literatura.

Cantiga das Mães

(Para minha mãe)

⁷² “[...] o recalque consiste em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância.” (FREUD, 2006, p. 152).

⁷⁴ “Nada eu tenho nesse mundo/sozinha! Eu só tenho a vida minha.” (AMADO, 2010, p. 265)

Fruto quando amadurece
 cai das árvores no chão,
 e filho depois que cresce
 não é mais gente, não.
 Eu tive cinco filhinhos
 e hoje sozinha estou.
 Não foi a morte, não foi,
 oi!
 foi a vida que roubou.

Tão lindos, tão pequeninos,
 como cresceram depressa,
 antes fossem meninos
 os filhos do sangue meu,
 que meu ventre concebeu,
 que meu leite alimentou.
 Não foi a morte, não foi,
 oi!
 Foi a vida que roubou.

Muitas vidas a mãe vive.
 Os cinco filhos que tive
 multiplicaram por cinco
 minha dor, minha alegria.
 Viver de novo eu queria
 pois já hoje mãe não sou.
 Não foi a morte, não foi,
 oi!
 foi a vida que roubou.

Foram viver seus destinos,
 sempre, sempre foi assim.
 Filhos juntinho de mim,
 berço, riso, coisas puras,
 briga, estudos, travessuras,
 tudo isso já passou.
 Não foi a morte, não foi,
 oi!
 foi a vida quem roubou.

(PASSOS *apud* AMADO, p. 75)

Canção da Liberdade

Eu só tenho a vida minha.
 Eu sou pobre, pobrezinha,
 tão pobre como nasci,
 não tenho nada no mundo,
 tudo que tive, perdi.
 Que vontade de cantar:
 a vida vale por si.

Nada eu tenho neste mundo,
 sozinha!
 Eu só tenho a vida minha.

Eu sou planta sem raiz
 Que o vento arrancou do chão,
 Já não quero o que já quis,
 livre, livre, o coração,

vou partir para outras terras,
nada mais eu quero ter,
só o gosto de viver.

Nada eu tenho neste mundo,
sozinha!
Eu só tenho a vida minha.

Sem amor e sem saúde,
sem casa, nenhum limite,
sem tradição, sem dinheiro,
sou livre como a andorinha,
tem por pátria o mundo inteiro,
pelos céus cantando voa,
cantando que a vida é boa.

Nada eu tenho neste mundo,
Sozinha!
Eu só tenho a vida minha.

(PASSOS *apud* AMADO, p. 121)

A constatação do eu lírico é a de que está só no mundo, sem posses, sem território, sem ligações afetivas: “Eu só tenho a vida minha./ Eu sou pobre, pobrezinha,/ tão pobre como nasci,/ não tenho nada no mundo,/ tudo que tive, perdi.”. No primeiro verso, uma redondilha maior, a voz poética já anuncia ser “só”, e no segundo, de igual classificação métrica, revela não ter riquezas materiais, “tudo o que tive perdi”. Uma sextilha, por sua vez, denota o sentimento de ruína e de fracasso do sujeito lírico na vida, mas já nos dois últimos versos da estrofe aparece a compensação dessa pobreza material: “Que vontade de cantar:/ a vida vale por si.”

A concretude da vida e do mundo não é o que lhe traz satisfação em aqui estar, mas sim a certeza de que a vida e o viver “valem por si”. A voz lírica reitera seu desapego em relação a qualquer símbolo que represente vínculo com o ideal de vida que teve no passado, talvez casa, família ou mesmo dinheiro: “Eu sou planta sem raiz/ Queo vento arrancou do chão,/ Já não quero o que já quis,/ livre, livre, o coração,/ vou partir para outras terras,/ nada mais eu quero ter,/ só o gosto de viver.”

Novamente o apreço pela vida em si mesma, pelo fato de estar viva e existir nesse mundo, relaciona-se com a noção de existencialismo de Heidegger, segundo a qual o ser é lançado ao mundo (o *dasein*) sem que haja para isso razão ou propósito. Há também a defesa da liberdade como uma essência desse próprio ser por parte da voz poética, de maneira que realiza que o “gosto de viver” é o que valerá ao fim e ao cabo de sua vida, e, para isso, partirá para outras terras, sem laços, sem fronteiras.

Esse poema foi escrito quando estava em processo de ruptura familiar e afastada das atividades políticas e profissionais. Os versos refletem a forma como o eu lírico se enxergava como indivíduo, pois já não mais acredita nos laços afetivos. Jacinta pressentia que, dali em diante, sua vida seria sua única ocupação, ainda que estivesse privada de liberdade física. A literatura e a possibilidade de fabulação de si e do mundo seriam os únicos direitos que lhe caberiam, como lindamente defende Antonio Candido em seu *O direito à literatura* (2011).

No século XVII, a lógica iluminista defendida por figuras como René Descartes apontava o homem como ser dotado da racionalidade, do domínio da ciência, pautando-se, para tanto, no desenvolvimento do seu método de observação do mundo e do próprio homem:

E porque há homens que se enganam quando raciocinam, até no que diz respeito aos mais simples assuntos de geometria, e aí cometem paralogismos, julgando eu que era tão sujeito a erros como qualquer outro, rejeitei como falsas todas as razões que anteriormente tomara como demonstrações. Finalmente, considerando que os mesmos pensamentos que temos quando acordados também nos podem acudir quando dormimos, sem que nenhum seja verdadeiro, resolvi, considerar fingir que todas as cousas que haviam penetrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões dos meus sonhos. Mas logo após percebi que, quando pensava que tudo era falso, necessário se tornava que eu – eu que pensava – era alguma cousa, e notando que esta verdade – penso logo existo – era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos cétricos não eram capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como primeiro princípio da filosofia que procurava. (DESCARTES, 2011, p. 50)

Essa premissa de que o ser estaria baseado em uma racionalidade que lhe explicaria e sustentaria suas faculdades mentais e físicas, bem como encontraria forma de explicar a natureza, tanto empírica como através da dedução (ou do método científico) por ele criada, vai ser desestabilizada quando do aparecimento de outro paradigma, o advento do inconsciente, explorado primeiramente na ciência médica, por Sigmund Freud, e a partir da noção de recalque no início do século XX.

Entram em cena as dimensões do sonho, do sintoma e do ato falho em contraponto a essa subjetividade marcadamente “racional”. O inconsciente, pensado inicialmente por Freud e sistematizado, depois, por Jaques Lacan

[...] possui [...] uma ordem, uma sintaxe; ele é estruturado [...] como uma linguagem. [...] Freud [assinala] que é nas lacunas das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. Essas lacunas vão trazer para o primeiro plano da investigação psicanalítica, aquilo que Lacan, seguindo Freud, chamou de “formações do inconsciente”: o sonho, o

lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 171-172).

A descoberta do inconsciente, desta parte que também é constitutiva do indivíduo, possibilita um contraponto à subjetividade cartesiana, mais autocentrada e autossuficiente, e nós é útil para pensar Jacinta como *mulher, escritora, ex-esposa, mãe, filha, irmã, militante comunista*, de modo que os rastros por ela deixados em seus textos tornem possível entender os meandros que a levaram a findar seus dias em uma clínica psiquiátrica.

A articulação entre o sujeito dotado de racionalidade *versus* aquele perpassado pelo inconsciente nos possibilita cogitar que é impossível precisar o grau de fragilidade mental de Jacinta Passos, ou, sob outra perspectiva, por esta mesma razão, para sermos cartesianos por um momento, dizer da lucidez da escritora quando nos voltamos aos textos produzidos em um espaço de clausura.

O que é a loucura? O que é a lucidez? Do latim *lux*, de acordo com o dicionário, qualidade ou estado de ser lúcido; (que apresenta) clareza de ideias e precisão de raciocínio; agudeza de espírito, perspicácia, sagacidade; o estado de quem tem mente sadia. Ora, em que limite encontra-se o ser? Em que linha se equilibram as palavras e as coisas que fizeram parte da vida de Jacinta Passos? Vejamos seus textos.

5.2 Tempo partido: rupturas, fundas dores

Coadunamos a afirmação do historiador e amigo de Jacinta e James, Luis Henrique Dias Tavares, de que “a história de Jacinta Passos não pode ser dissociada da história da repressão no Brasil” (AMADO, 2010, p. 390), de maneira que seu adoecimento configura, ao mesmo tempo, um sintoma individual e coletivo. O primeiro está, inclusive, manifesto em seu corpo por meio de uma força maior, representada pelo poder repressivo da mão violenta do Estado.

Nada mais sintomático do que desencadear uma crise nervosa, de ansiedade e/ou pânico, quando se tem a sensação de que a qualquer momento a polícia invadirá o local onde se está para levar o sujeito sob custódia. Em outros momentos do texto, já explicitamos em que contextos ocorreram essas prisões de Jacinta Passos, experiências significativas em sua vida.

De acordo com a principal biografia consultada, a primeira crise ocorre em 1949, após Jacinta e seu marido, James Amado, voltarem de um congresso do Partido Comunista do Brasil, ocorrido em Porto Alegre, em que houve rupturas internas por divergências quanto aos encaminhamentos e diretrizes da instituição política em questão:

Pouco mais de um mês após retornar de Porto Alegre, Jacinta sofreu uma séria crise nervosa no Rio de Janeiro, em seu apartamento. Junto com ela estavam o marido, a filha e Tomázia Ribeiro de Queirós, a Mazi, empregada dos Passos em Salvador, enviada ao Rio para tomar conta de Janaína, enquanto o casal viajava para o sul. James lembra-se: havia alguns dias, Jacinta mostrava-se particularmente ansiosa e irritada. De repente, numa atitude que não lhe era habitual, sem razão aparente, expulsou de casa, aos berros, o amigo e escritor Dalcídio Jurandir, que visitava o casal. Em seguida, muito nervosa, agitada e assustada, trancou todas as portas e janelas do apartamento, afirmando que a polícia estava do lado de fora, pronta para invadir a residência e prendê-la. Nenhum argumento a demoveu dessa ideia. Ao contrário, com o passar das horas, mostrou-se cada vez mais convencida da presença dos policiais. Aterrorizada, gritava, debatia-se e agredia fisicamente o marido e Tomázia. Mostrando força física incomum, impedia os dois de atenderem ao telefone e de saírem. Gritava coisas incompreensíveis, como se em delírio. Não dormiu. Manteve esse comportamento até o dia seguinte, quando um amigo do casal, que fora visitá-los, conseguiu entrar no apartamento e ajudar James a levá-la ao médico. (AMADO, 2010, p. 389)

De acordo com o depoimento que a biógrafa e filha de Jacinta Passos colhe do escritor James Amado, seu ex-marido, e de Tomázia Queirós, ficam perceptíveis alguns traços de um transtorno persecutório que encontraria lastro para seu surgimento na própria atividade política por ela desenvolvida, como anteriormente demonstramos.

Esse trecho em destaque traz também certa angústia, pois envolve toda a família, que, por certo, ainda não sabia como lidar com aquele novo desafio. De fato, imaginamos ser tarefa árdua para eles, naquele contexto histórico, em que, para além da questão do estigma quanto às doenças mentais – que ademais perdura até a atualidade –, havia talvez ainda o peso do desconhecimento e de uma ciência médica que buscava respostas mais apropriadas para essas questões.

Contemporaneamente, há uma luta antimanicomial tendo em vista que muitas famílias preferem deixar seus doentes em hospitais catatônicos, alienados e sem um tratamento que os humanize. Prefere-se, ao contrário, o tratamento ambulatorial, ou nos CAPS – Centros de Apoio Psicossocial, nos quais valoriza-se a arteterapia, dentre outras formas que não impõem uma camisa de força literal ou química às pessoas que tenham algum tipo de transtorno psíquico. Seria este o caso de Jacinta? Seria possível

tratar a sua sensação de estar sendo perseguida pela polícia (o que de fato ocorreu em um momento específico) de outra forma que não a encerrando em uma clínica para lá morrer afastada da família?

Ainda de acordo com Amado (2010, p. 389), Jacinta foi atendida pelo médico Isaías Paim e ficou internada em sua clínica de Botafogo, no Rio de Janeiro, sendo diagnosticada com esquizofrenia paranoide. Em 1953, ela apresentou outra crise e esteve internada, desta feita, na Clínica Psiquiátrica Charcot, em São Paulo, por intermédio de seu irmão, Manoel Caetano, que era médico.

Muitas idas e vindas ocorreram: Jacinta esteve entre Salvador e Rio de Janeiro durante essa década e, em 1958, segundo Amado (2010), a relação da escritora com sua família havia piorado muito. Após a separação, ela retornou à casa dos pais em Salvador, e os atritos se intensificaram. Segundo um de seus primos:

Nessa época, Jacinta foi alijada pela família, pelos tios, primos e irmãs. As irmãs não a amavam tanto. Ela não tinha espaço, por ser comunista. Jacinta enfrentou uma barra pesadíssima. Apoio, só tinha do irmão, mas nesta época Nelito estava longe, em São Paulo. Mas ela continuava firme em suas opiniões. (AMADO, 2010, p. 412)

A biógrafa cita uma das sobrinhas de Jacinta, que rememora um fato sobre a tia que deixa claro o constrangimento familiar quanto a algumas atitudes suas consideradas inapropriadas, e que expunham seus familiares ao escrutínio público:

As pessoas viam na rua tia Jaci discursando, fazendo discurso sobre política, comunismo, essas coisas, e avisavam meu avô. Uma vez, meu avô encontrou tia Jaci na Calçada [bairro pobre, situado na Cidade Baixa], sobre um caixotinho no meio da rua, fazendo discurso. [...]”. Manoel Caetano ficava muito constrangido quando lhe davam a notícia do comportamento público da filha. Nessas ocasiões, apressava-se em responder, voz seca e semblante sério a desestimular perguntas, que ela agia assim por sofrer das faculdades mentais. (AMADO, 2010, p. 413)

Todos esses fatos contribuíram sobremaneira para a “ruína” psíquica de Jacinta. É nesse momento, marcado por rupturas de toda ordem – separação amorosa, afastamento da única filha, conflito com os familiares, agravamento de suas crises nervosas – que o próprio Partido Comunista também ruía. Esse parece ser o rio que atravessa (na vida) – e ao qual se refere em *Poemas políticos* (1951) ao postular “Tantos rios como eu abrimos leito de pedras e pranto” – até seus últimos dias, na Clínica Santa Maria, em Maceió, para onde se mudaria mais adiante.

Em 1958, a família a internou novamente e, após esse período, Jacinta rompe definitivamente com eles, mudando-se, inicialmente, para Petrolina, em Pernambuco. Depois, “Em julho de 1962, Jacinta mudou-se para Sergipe [...] para Barra dos Coqueiros, pequena vila de pescadores [...]” (AMADO, 2010, p. 416). Continuou comunista em todos os lugares em que esteve, e em Sergipe não foi diferente, uma vez que “Entre militantes e dirigentes comunistas em Sergipe, Jacinta tornou-se figura respeitada pela cultura, capacidade de escrever bem, experiência de vida e militância em outros estados” (AMADO, 2010, p. 420).

Segundo depoimentos de pessoas que conviveram com a escritora, e também de seus familiares, ela era uma mulher de convicções firmes, temperamento forte, que não se deixava convencer facilmente por uma ideia contrária à sua, sempre fiel a seus ideais. Como vimos, fossem eles cristãos ou comunistas, ela não os abandonou em momento algum, mesmo quando foi surpreendida pela dureza dos anos 60, os quais se converteram em um verdadeiro pesadelo para todos que compunham o espectro da esquerda brasileira.

A gota d’água para sua derrocada pessoal foram as derradeiras prisões durante esse período. Uma das últimas ocorreu quando ela escrevia palavras contrárias ao regime recém-instaurado em um muro (de imóvel não identificado na fonte consultada):

Jacinta foi levada ao 28º Batalhão de Caçadores (BC) de Aracaju. A seguir, militares invadiram seu barraco em Barra dos Coqueiros, de lá levando todos os seus pertences: escritos, documentos, fotos, roupas, [...]. No 28º BC, Jacinta foi interrogada pelo tenente Rabelo, encarregado dos primeiros contatos com os supostos subversivos. Vinte e seis anos mais tarde, o tenente Rabelo concordou em relatar a Dalila Machado o seu encontro com Jacinta [...] Ao ser interrogada, pela primeira vez, sobre manifestações públicas pelo tenente Rabelo, ela [Jacinta] respondeu-lhe em versos. Surpreendido com esse depoimento poético, o tenente resolveu interrogá-la com mais cuidado. Observou que ela possuía porte, altivez e era uma mulher muito bonita, apesar dos 50 anos, alta e magra. Sustentava seus pontos de vista com firmeza. Possuía um ideal fixo, suas opiniões eram agressivas e partidárias. O tenente considerou consigo que ela parecia ser uma mulher revoltada, de tendências pró-comunistas, que incomodava as autoridades. Além de tudo, era exaltada, dizia que estava em Aracaju a serviço do PCB, mostrou fotografias com Marighella e João Amazonas, manuscritos com comentários, entremeados de poemas. O tenente recolheu o material para estudá-lo com cuidado. Ponderou-lhe que era perigoso envolver-se tanto com a política, ela era uma poetisa, uma intelectual, não devia expor-se daquela maneira. Era mulher de cultura, o que fazia numa comunidade como aquela, tão simples? Jacinta respondeu-lhe que tinha um plano de trabalho, que tinha sido orientada pelo Partido para doutrinar os habitantes daquele lugar, para prepará-los para a Grande Jornada. O tenente começou a considerar a

possibilidade de ela ser desequilibrada. Afinal, o prefeito de Barra dos Coqueiros havia dito que ela era anormal. (AMADO, 2010, p. 423)⁷⁵

O depoimento do tenente segue e, após o interrogatório, ele avaliou por bem chamar um médico para que fizesse uma avaliação da escritora. De acordo com Amado (2010, p. 424), o Dr. Hercílio Cruz solicitou sua soltura do 28 ° BC e o seu envio ao Hospital Aduino Botelho, o maior em Aracaju para “tratar” os que sofriam de doenças mentais, cujas condições de funcionamento, segundo a fonte de pesquisa, eram totalmente precárias.

Após contato com a família da escritora em Salvador, ela foi transferida para a Clínica Santa Maria, de propriedade do mesmo médico que a atendera no batalhão. Assim que deu entrada neste estabelecimento, lhe foi feita uma ficha médica:

Jacinta Passos
 Branca
 50 anos
 Casada, desquitada, escritora, natural de Cruz das Almas, Bahia
 Mãe viva sadia
 Nascida a termo de gestação e trabalho de parto normais
 Linguagem, dentição e marcha não sabe informar
 Tem uma filha de 17 anos
 Não usa tóxico
 Foi criada pelos pais em ambiente familiar. Sempre foi considerada como criança bem comportada, é a terceira na ordem dos filhos.
 Estudou o curso primário em São Félix, Bahia, e ao concluir seguiu para Salvador, onde fez o curso normal na Escola Normal, obtendo o diploma em dezembro de 1932. Em 1944 casou-se com o Sr. James Amado e viveu mais ou menos dez anos.
 Desde 1944 é comunista.
 Em 1950 foi presa no Rio de Janeiro por causa da literatura política, livros de poesia que publicou – “Poemas políticos”: por essa prisão e pela perseguição política ficou “nervosa” e foi internada em estabelecimento cujo nome não se recorda, seguindo para o Sanatório Charcot, em São Paulo, onde se submeteu ao último tratamento em 1955, e obtendo alta como curada, regressou à Bahia. De 1958 a 1961 residiu em Petrolina. Em julho de 1962 veio para Barra dos Coqueiros, porque achou Aracaju mais perto de Salvador. (MACHADO, 2000, p. 30-31)

Essas informações, de acordo com Dalila Machado, foram extraídas de uma conversa inicial do médico com a paciente. Há um liame entre a suposta loucura e os traços firmes da lucidez de Jacinta, tal como sua própria personalidade, rígida, lúcida, o que se percebe pelas respostas dadas ao médico.

Essa talvez tenha sido a condição de vida de Jacinta, um eterno “andar no fio da navalha”, entre a lucidez e a loucura, ainda que fragilizada emocionalmente por conta das crises pelas quais havia passado. Ela encontrou na escrita uma possibilidade de

⁷⁵ Depoimento que consta no livro, de Dalila Machado, *A história esquecida de Jacinta Passos*, p. 28.

tentar manter-se ativa, mesmo que toda a situação vivenciada lhe tenha causado muitos traumas. Janaina Amado (2010) diz que Jacinta não superou o fato de ter sido isolada nessas clínicas:

Matéria expansiva eu sou,
expansiva e comprimida
no fundo desta prisão,
palavra diminuída,
presa a ideia, presos os pés,
palavra diminuída,
os braços arrebatando [...]

(PASSOS apud AMADO, p. 426)

A sensação presente neste trecho do poema reflete o sentimento do eu lírico que tem sua existência suprimida pelo cárcere: ainda que possa se expandir, é impedido pelas amarras da prisão do seu corpo. As clínicas em que esteve poderiam configurar para ela um espaço em que pudesse receber um tratamento para o seu sofrimento, mas Jacinta não demonstra ter tido esse acolhimento. Assim, buscou acolher a si mesma através da força criadora que a escrita pôde lhe proporcionar.

5.3 Comprimidos poéticos: escrever para não morrer; escrever

Os textos que analisaremos foram escritos por Jacinta Passos por ocasião de sua última internação, entre 1967 e 1973, de acordo com Janaína Amado. Eles dão conta de seus últimos momentos em vida, momentos esses em que continuava a escrever, pensar sobre si e sobre as coisas do mundo.

A escrita foi crucial nesse momento de sua vida, por ter se configurado na única forma de identificação com o mundo, já que não conseguia mais “reconhecer” a própria família, pois alguns parentes relatam que, a certa altura, Jacinta afirma não saber quem são, mas a aposta é em um processo de inverso “não reconhecimento” por parte dela, em um contramovimento de rejeição, já que não há registros de que ela tenha padecido da memória.

A escrita foi uma instância de legitimação de sua identidade como mulher e, para ela, talvez um atestado de sua sanidade mental, de sua potência como escritora e do exercício de sua liberdade, ainda que cativa, por meio do processo de fabulação e elaboração do próprio sofrimento.

A prática da escrita literária se relaciona com várias instâncias de legitimação. O literário adquire nas sociedades o valor de forma autônoma, intrínseca, que estaria vinculada à ideia de sua autonomia artística e, também, a outros fatores, como a questão canônica – no interior das instituições acadêmicas – e o próprio questionamento desse cânone, ainda conferem àquela que a produz e a consome, prestígio.

Segundo Maingueneau (2000), a literatura, ao lado de outros discursos, como o religioso, o científico e o filosófico, faz parte do que se convencionou, na história dessas categorias e na forma como são estudadas há séculos, como discursos constituintes e que “possuem, com efeito, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (MAINGUENAU, 2000, p.6).

Ainda que a escritora Jacinta Passos tenha sido atravessada por questões complexas, como o seu adoecimento, a literatura, como essa instância fundadora, esse discurso que se quer constituinte, foi uma ferramenta de que dispôs para conferir algum sentido à vivência de seu sofrimento e isolamento social, já que dela nos valem, inclusive, para a produção desta análise.

Nesse sentido, mais do que uma prática discursiva de prestígio social, o literário constituiu um meio para sua sobrevivência enquanto sujeito, ainda que não dispusesse, nos momentos finais de sua vida, de autonomia para o exercício desta subjetividade. Assim, elaborou artisticamente o seu pesar:

Pudor é defesa do corpo e não da alma,
Teu próximo nem sempre é teu semelhante...

Que nome dar a esta prisão?
Reformatório familiar? Zadruga de proprietários?
Base trabalhista? Quantos nomes para
Uma coisa só: prisão.

Põem guardas na fronteira para a revolução não entrar...
(Um coro de risadas altas e numerosas)

Daquela unidade futura,
cidades façam arquitetos,
os centros de produção
nos centros dos seus projetos!

Teu olho vê o que teu coração quer.

Matéria morta: um fio do meu cabelo principia a morrer.
Criança não é propriedade – eis um princípio pedagógico.

Ver é operar.

A sabedoria da classe opressora é desumana.

Quem rouba trabalho, oprime, e quem oprime perde a capacidade de julgar.
 A luz existe antes dos teus olhos, e teus olhos existem por causa da luz.
 Até um anacoreta é um ser social por injunção da espécie.
 Morrer não é escolher.
 Cuba, ilha maior que um continente!
 Tu sabes mais medicina do que Hipócrates.
 Igualam-se cores pela escuridão, mas aos homens, não.

Heródoto fez história sem dialética.
 Hegel fez dialética sem história.

Nação nasceu com a burguesia e morrerá com a burguesia.

Toda produção é trabalho, mas nem todo trabalho é produção.
 Cabrito maltês também salta e é rês.

A beleza é para quem a merece e não para quem a paga.
 Fome, sede, morte, guerra não são fatalidades na Terra.

**Privação ou privilégio vem da propriedade privada e seu sortilégio.
 Logo não inventes nenhum deus, ó Mateus!⁷⁶**

Juízo contrário não é falta de juízo.
 Sociedade comunista, tu a verás se a fizeres também.
 Nunca separe dialética da história, inventando contradições ou
 Não contando toda a história.

Impossível tocar corneta no outro planeta.

Nunca suponhas que teu semelhante não possa ser mais capaz que tu.

Se falas e não fazes, és um parlapatão
 Se fazes e não pensas, é um autômato
 Se pensas e não queres, és um hipócrita.

Camponês seguiu burguês, mas isso
 ... era uma vez...

Ser funcionário e ser revolucionário
 excluem-se.

Formiga também faz caminho.

Há tanta diferença entre o socialismo burguês e o socialismo proletário
 Como entre um fim e um princípio.

Um supremo imóvel social mundial é burrice ideal de trabalhista.

Amor e opressão, num par coexistem? Não.⁷⁷

Nacionalismo é uma forma de concorrência entre um ladrão menos –
 nacional – e um ladrão maior – internacional.

– Por que Hitler ficou louco?
 – Por que o nacional-socialismo é um paradoxo!

Aliança da corrupção:

⁷⁶ Grifo nosso.

⁷⁷ Grifo nosso.

“Aliança para o progresso”, corrupção continental, és matéria de retrocesso e não um ser social.

Tiro ao alvo

Camponês de Naucahuazu lembrai-vos que estais nas costas e não defronte do alvo— o imperialismo voraz!

Estudos de lógica:

O sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?

A mulher está presa porque é comunista ou é comunista porque está presa?

O homem tem família porque tem propriedade privada ou tem propriedade privada porque tem família?

Este homem faz continência porque trabalha ou trabalha para fazer continência?

Os trabalhadores da arte trabalham para fazer figuração ou fazem figuração porque trabalham?

Eu faço arte porque sou artista ou sou artista porque faço arte?

– Casa e comida é detenção?

– Para gato, não!⁷⁸

O anarquismo acaba com os salários antes de acabar com os capitais...

O imperialismo não acaba com o latifúndio, subordina-o.

– Por que é que aquele bezerro vai atrás das tetas da vaca?

– Preguiça de comer capim...

– Ó esquerdista!

Não sois uma cabeça de esquerda, sois a esquerda de uma cabeça!

– Por que é que aquele cachorro, mais aquela cachorra,

Mais aqueles oito cachorrinhos não formam uma família?

– Porque não têm propriedade privada!

– Quem tirou a polícia de seu pensamento, o que é , o que é?

– Ou é policial, ou é imbecil...

– O tudo e o nada, duas cabeças de uma cobra...

– O niilista e o anarquista?

Democrata burguês

só na lei fila fez.

– Conte a história de uma frente popular

– Dez em dez anos, o ditador solta os presos da Frente Popular; então eles chegam à praça, dão três “Vivas” e vão presos outra vez.

Canção do obreirismo:

Jo como si Jo trabajo,

Si no trabajo, no como...

Carcereiro não educa preso, reforma-o.

Controle de trabalho por quem não está fazendo o mesmo trabalho ou

⁷⁸ Grifo nosso.

é concorrência ou é ócio.

Poliglota pode ser um homem que não pensa em muitas línguas...

Palavras são sinais.

– Um índio guaicuru do Paraguai pode governar o sertão da Bahia?

– Pode... Não Pode...

– Pode, se pular sete mil anos de história universal.

– **Um trabalhador deu ordem para todos os guerrilheiros varrerem casa todo dia.**

– **E daí?**

– **Todos os guerrilheiros morreram numa casa limpinha...**⁷⁹

– Qual a diferença entre leito e cama?

– A diferença é que o rio passa e o leito fica.

– Polícia se acaba? Todos ou um de cada vez?

– Veja as lições da história...

– **Ó trabalhador, por que não derrubas esta parede e passas?**

– **Porque eu não sei o que é que tem do outro lado...**⁸⁰

Sentimentalismo:

Oh! Que batente sofrido!

– **Para acabar com a dor, qual a receita?**

– **Extirpe os nervos...**⁸¹

Pensamento de uma beata:

É preciso que haja miseráveis para o senhor bispo ser bom.⁸²

Cientista ignorante:

– Índios, eu lhe dou colar...

Índio (de surpresa):

– Aqui não é Índia, eu sou é autóctone...

– Quem é aquele?

– É um sofisma andando...

Juízo de menino travesso

(depois de quebrar um pente em quatro pedaços):

– Quanto pente!

O homem que não ri...

Seria um gato?... ou um sábio onisciente?

Passando uma cabra e dois cabritinhos:

– A cabra pare dois cabritinhos porque tem dois peitos,

Ou tem peitos porque pare dois cabritinhos?

**Janaína é minha filha,
não é minha propriedade.**⁸³

⁷⁹ Grifo nosso.

⁸⁰ Grifo nosso.

⁸¹ Grifo nosso.

⁸² Grifo nosso.

⁸³ Grifo nosso.

Trabalhador deve ser substantivo e não adjetivo.

Uma gota d'água... é água.

Estrela serve?

A genética fatalista supõe que filho de nadador nasce sabendo nadar.

Preguiça é animal, ócio é social.

O ar e o homem formaram-se com o planeta Terra.

Cosmonauta é um homem dum tempo sem noite e sem dia.

(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 17-21).

O primeiro aspecto que pode ser observado nesses aforismos é que, a despeito de se encontrar em uma situação *sui generis*, Jacinta não trabalha uma autorreferência. Até seus últimos momentos, percebe-se que as metáforas construídas para analisar o mundo partem de uma concepção macroestrutural desse universo, isto é, ela não sai do particular para o geral, mas sim faz o contrário.

É genial a forma como ela se distancia de sua dor, não se sabe se por estratégia de sobrevivência, por distanciamento crítico, ou mesmo por uma espécie de alheamento, uma anestesia para suportar viver no ambiente hospitalar, que, apesar de ser uma “clínica particular”, estaria distante de representar uma localidade que lhe proporcionasse aconchego. A partir da leitura que é possível fazer de seu texto, vê-se que ela constrói análises precisas, irônicas, mordazes e de uma atualidade que ecoa em um Brasil que parece, em muitos aspectos, não ter saído dos anos 1950 e 1970.

Os primeiros aforismos dão conta de como a escritora estava a elaborar, através da linguagem, a situação em que se encontrava. Resignada, ou apenas tentando sobreviver ao impossível, Jacinta se questiona: “Que nome dar a esta prisão? Reformatório familiar? Zadruga de proprietários? Base trabalhista? Quantos nomes para uma coisa só: prisão.”

Ela tem consciência que, de fato, estava em uma prisão. E o dispositivo de uma clínica psiquiátrica, ou de um hospital maior com a mesma finalidade de atendimento, é este: aprisionar pessoas, pois ela estava interdita, dependia da autorização daqueles que seriam responsáveis por si, já que ela não poderia mais fazer uso da palavra em defesa própria. Afinal, é isso que socialmente ocorre com aqueles que, por alguma razão, padeceram ou padecem de algum mal da mente, ainda que não incapacitante.

É interessante notar que ela mescla uma série de pensamentos acerca da vida política de modo geral com questões que são de foro íntimo, mas a maior parte dos

escritos está associada a uma compreensão política de mundo, aquela que elegeu nos anos 1940 e manteve até 1973.

Nos trechos “Matéria morta: um fio do meu cabelo principia a morrer” e “Criança não é propriedade – eis um princípio pedagógico”, a escritora percebe a passagem do tempo em seu corpo que, pouco a pouco, perece, ainda que muito novo para morrer. Assim, os cabelos caem, já são matéria morta, já nascem mortos. Quando se refere ao fato da “não propriedade” parental das crianças, está a se referir à própria filha, como retomará em outra máxima logo adiante no texto. O léxico utilizado nos *Cadernos do Sanatório*, chamados também *Comprimidos poéticos*, pertence ao marxismo e é próximo do materialismo histórico, fundamental em suas leituras e essencial para a compreensão de sua luta como ativista política de extrema esquerda à época.

“Estudos de lógica:/ o sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?/ A mulher está presa porque é comunista ou é comunista porque está presa?/ O homem tem família porque tem propriedade privada ou/ tem propriedade privada porque tem família?”. Aqui, ela novamente dramatiza sua condição de internada, ou de “prisoneira”, já que se entendia assim, trazendo um “estudo de lógica” no qual o sarcasmo e a ironia refinam sua revolta e a forma como ela mesma se vê: ainda uma mulher comunista que está presa por motivos políticos.

Os próximos axiomas complementam a linha irônica que adota: “Os trabalhadores da arte trabalham para fazer figuração ou fazem figuração porque trabalham? Eu faço arte porque sou artista ou sou artista porque faço arte? – Casa e comida é detenção? – Para gato, não!”⁸⁴. Ela questiona o lugar dos artistas, se o fazer artístico estaria reduzido à figuração ou se esta seria em si a própria substância da arte naquele momento. Novamente, a ideia do aprisionamento emerge na analogia que unifica as necessidades que um animal domesticável tem com as de um ser humano.

O trabalho, aspecto central na luta empreendida pelo Partido, é também trazido à baila sob o prisma da questão da obediência *versus* rebeldia necessária aos trabalhadores: “– Um trabalhista deu ordem para todos os guerrilheiros varrerem casa todo dia. – E daí? – Todos os guerrilheiros morreram numa casa limpinha...”⁸⁵.

⁸⁴ Grifo nosso.

⁸⁵ Grifo nosso.

“– Para acabar com a dor, qual a receita? – Extirpe os nervos...⁸⁶”: essa é uma das máximas talvez mais cortantes que Jacinta registra em seu caderno. É como um pedido de ajuda a si mesma, como se quisesse pôr fim ao sofrimento apenas deixando de pensar, arranjando forma para anestesiá-la ou, quem sabe, de forma figurada, ausentando-se de sua consciência. Fato é que nem todos os tratamentos que vilipendiavam o corpo e a mente de Jacinta Passos, e de demais pessoas em sofrimento, não foram capazes de eliminar-lhe a capacidade de sentir, de elaborar pensamento.

O que segue é interessante sob o ponto de vista do seu total afastamento da crença religiosa: “Pensamento de uma beata:/ É preciso que haja miseráveis para o senhor bispo ser bom.”⁸⁷ Já não há mais salvadores, a caridade da Igreja já não é para curar os pobres, mas para fazer sentir gozo aquele que estende a mão e torná-lo célebre, importante nas causas humanitárias. Ela consegue ser mordaz, irônica, consegue “pedir socorro a si mesma” e, sem embargo, tecer uma crítica frontal às religiões.

“Janaína é minha filha, não é minha propriedade./ Trabalhador deve ser substantivo e não adjetivo.”: aqui ela retoma a ideia de não “possuir” a filha, o que pode ser lido em vários aspectos. A perspectiva de que Jacinta, de acordo com o próprio depoimento de Janaína Amado, era extremamente vigilante com a menina quando estavam juntas. A tentativa de manter a integridade física da criança fez com que sua filha tivesse a impressão, momentânea por certo, que a mãe fosse superprotetora.

Os próximos axiomas demonstram como a escritora estava conectada às temáticas sobre a história do Brasil, sobre a forma como o país-nação havia sido, e destacam a representatividade dos povos originários: “Cientista ignorante:/ – Índios, eu lhe dou colar.../ Índio (de surpresa):/ – Aqui não é Índia, eu sou autóctone...”. Parece ficar patente que a escolha e os modos de uso da linguagem e de seus objetos não é feita de forma aleatória. As palavras “índio” e “Índia” são ali colocadas como uma interpelação ao próprio processo da chegada dos europeus ao Brasil, que, por terem errado a rota de navegação, aqui aportaram e nomearam os que encontraram de índios.

Ela faz esse deslocamento até de forma simples, mas é através dessa aparente simplicidade que percebemos a profundidade de sua poética. Jacinta evidencia a relação de poder marcadamente díspar entre os que chegam e os autóctones, e um choque entre a vontade de domínio e a resistências desses povos.

⁸⁶ Grifo nosso.

⁸⁷ Grifo nosso.

“Amor e opressão, num par coexistem? Não. ” Nesse trecho, é possível inferir a ideia de liberdade aplicada também ao amor, uma vez que uma das marcas pessoais de Jacinta foi o exercício, quase sem concessão, de sua liberdade intelectual, e, ao que parece, também o foi no âmbito amoroso.

Alguns poemas escritos em outros contextos trazem a imagem dessa busca pela liberdade, ainda que, como sabemos, dificilmente ela tenha conseguido exercê-la na prática, de modo que fica patente na última assertiva descrita, que a fluência que inspira o sentimento do amor, seja em que instância for, não encontra conciliação com a dominação e com o autoritarismo que a opressão carrega consigo. Neste poema, podemos bem identificar essas premissas:

Canção do amor livre

Se me quiseres amar
não despe somente a roupa.

Eu digo: também a crosta feita de escamas de pedra
e limo dentro de ti,
pelo sangue recebida
tecida
de medo e ganância má.
ar de pântano diário
nos pulmões.
Raiz de gestos legais
e limbo do homem só
numa ilha.

Eu digo: também a crosta
essa que a classe gerou
vil, tirânica, escamenta.

Se me quiseres amar.

Agora teu corpo é fruto.
Peixe, pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
aí rija
cintura de potro bravo.

Teu corpo.

Relâmpago, depois repouso
sem memória, noturno.
(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p.157)

Um de seus mais belos poemas, “Canção do amor livre”, enseja primeiro a ideia de liberdade vinculada ao amor e, depois, o amor em sua forma concreta, realizado, satisfeito. Trata-se, nesse texto, de não se subordinar às convenções e aos arranjos

artificiais da vida cotidiana, em que são necessárias muitas camadas – como o eu lírico diz, “essa crosta” que reveste o ser – e de uma mecanicidade da vida ordinária, das contas, do sistema econômico, das relações sociais mediadas. Assim, a voz lírica insiste para que o amado se desfaça desse peso: “Eu digo: também a crosta/ feita de escamas depedra/ e limo dentro de ti/ pelo sangue recebida/ tecida/ de medo e ganância má [...] também a crosta/ essa que a classe gerou/ vil, tirânica, escamenta.”

Nessa estrofe, a voz lírica constrói uma belíssima imagem do “amor livre” a que tanto persegue: “Agora teu corpo é fruto./ Peixe e pássaro/ cabelos de fogo e cobre. Madeira/ e água deslizante/ fuga/a i rija/ cintura de potro bravo”. É o amor em ato carnal, é o amor frutífero e livre, pois, no corpo amado, é “água deslizante”, “fuga”. É o momento do “despir-se” de toda a vida “sintética” e lançar-se, então, livre de tudo o que aprisiona.

Por sua vez, “Janaína é minha filha, não é minha propriedade.” é uma afirmativa que parece ter sido construída pela autora ao longo de sua jornada reflexiva sobre o *maternar* que não pode exercer plenamente. Como foi comentado anteriormente, a própria Janaína, em depoimento, diz da aflição da mãe em querer protegê-la quando criança.

Não é difícil fazer um exercício de imaginação e nos transportarmos para a dolorosa experiência que ela passou distanciada da filha. A escritora buscou suplantar a aflição de não poder estar próxima à sua cria e, num gesto de generosidade e extrema lucidez, entende que a posse dela não é sua, e talvez de ninguém. Até nessa questão de foro íntimo e delicado, Jacinta fez conexões com as teorias que estudava, como a noção de propriedade e de posse, presentes na crítica marxista, à qual dedicou muito tempo de estudos em sua juventude. Para Janaína, Jacinta deixou inúmeras declarações de amor, dentre elas a “Canção para Jana”:

Riso de abril rompe a neblina,
rosa menina.

Crescei, ó cabelos de chama,
carne de rosa e pudim.

Cor de pitanga
boca miúda
riso, alfazema, patchuli.

(Água do rio
eu te darei
leite com mel

chapéu de rei
limão caixinha
e datacum.

Passearei
com ló-lô-ô
bilu-bilá
nane ninou.)

Flor buliçosa
rosa crescei.

Água dos mares da Bahia.

Na sombra aqui destas asas
até um dia.

(PASSOS *apud* AMADO, 2010, p. 156)

Publicado *Poemas políticos* (1951), que tem uma segunda parte intitulada *Canções líricas*, em que foram incluídos poemas escritos anteriormente, essa canção é significativa do ponto de vista do afastamento de mãe e filha, o que ocorre justamente no ano de lançamento da obra em questão. O axioma encontra ressonância no poema e vice-versa, pois o eu poético, em uma mescla de sentimentos, como o desejo de ver a filha crescer, de admirar sua beleza pueril, parece pressentir sua falta, seu distanciamento.

Fica novamente perceptível que o “deixar ir” e o “deixar ser” acabará sempre por definir o seu destino. O eu lírico quer as alegrias ao redor da menina – “Flor buliçosa”, “carne de rosa e pudim” –, mas sabe que a liberdade é o signo de sua existência e, assim, estende-a, dadivosamente, à sua filha: “Flor buliçosa/ rosa crescei./ Água dos mares da Bahia./ Na sombra aqui destas asas/até um dia.”

“Trabalhador deve ser substantivo e não adjetivo.” Por fazer parte do Partido Comunista Brasileiro e ter sua concepção de mundo imbuída de leituras marxistas, pautadas nas relações sociais do trabalho, no conceito de propriedade privada dos bens de produção e na relação patronato *versus* trabalhador, a palavra e o sentido de “trabalho” tiveram centralidade na obra de Jacinta Passos, mormente quando esse eixo perpassa a figura das mulheres e daqueles mais precarizados. Ela coloca o trabalhado no centro de debate porque este é o arquétipo simbólico da luta de classes, à qual dedicou parte da vida a fim de entendê-la e torná-la visível, teórica e poeticamente, para os seus leitores, vide o capítulo anterior e as imagens que acompanham as manchetes da *Página Feminina*.

Em suma, esses escritos de Jacinta estão conectados aos textos que havia produzido antes de passar pelo processo de ostracismo, o qual culminou em seu falecimento, em 28 de fevereiro de 1973, na Clínica Santa Maria, vítima de derrame cerebral.

PALAVRAS NUNCA FINAIS

Os quatro livros de Jacinta Passos, *Momentos de poesia* (1942), *Canção da partida* (1945), *Poemas políticos* (1951) e *A Coluna* (1957) possibilitaram a análise do que propusemos como tese: a questão da devoção em dois polos, a saber, o religioso e o partidário. No primeiro capítulo, retomamos alguns textos de sua primeira fase poética, que está basicamente vinculada às suas duas primeiras obras publicadas, nas quais é possível identificar uma voz lírica que remete aos signos da fé católica para elaboração de questões existenciais e até mesmo para tessitura de uma crítica social. Nesse sentido, estabelecemos um estudo comparativo entre a poesia católica de Jacinta Passos e as produções de Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima.

Dessa forma, viabilizamos os pontos de convergência presentes na poética dos escritores, que tinham como fator elementar e causal de sua poética Deus e toda a simbologia cristã que sustentava a crença em um aspecto metafísico totalizador e que seria ele mesmo a razão pela qual “o poeta canta”. Os primeiros poemas publicados pela autora habitam essa atmosfera devocional, como propusemos demonstrar no primeiro capítulo desta pesquisa.

Com sua aproximação em relação à militância política pelo PCB, verificou-se uma alteração em seus textos no tocante a essa relação com o sagrado, que, aos poucos cedeu lugar a uma lírica também devocional, a qual se transfigura em uma espécie de adoração ao todo simbólico do Comunismo no Brasil, desde a própria legenda criada em 1922 até as homenagens a figuras representativas desse segmento político, como Luís Carlos Prestes e Olga Benário. Dessa maneira, Jacinta Passos transfigurou sua poesia em um ativismo político partidário e fez dele sua nova profissão de fé, uma vez que ela guardou a mesma relação de hierarquia e obediência tanto com a Igreja Católica quanto com o Partido Comunista Brasileiro, como visto nas *Poemas políticos* e *A Coluna*.

O fator Segunda Guerra Mundial impactou fortemente sua produção literária e jornalística, o que nos levou a conferir destaque à sua participação no jornal *O Imparcial* por meio do suplemento semanal *Página Feminina*, no qual foi possível ratificar sua posição progressista em relação ao trabalho desenvolvido por mulheres na retaguarda de guerra de diversos países, inclusive no Brasil, a partir da Legião Brasileira de Assistência.

Considerando o conteúdo desse periódico, foi possível analisar a postura da escritora e da jornalista como feminista, uma vez que sua proposta para o semanário era justamente ter o trabalho feminino como elemento de destaque em detrimento da retórica comumente direcionada às leitoras naquela época.

Retomamos, para fins de análise, alguns textos publicados quando de seu processo de adoecimento, os quais foram reunidos postumamente no que Janaína Amado, filha da escritora, nomeou de *Comprimidos poéticos*. Tomou-se de empréstimo, para as interpretações formuladas, o conceito de escrevivência da escritora Conceição Evaristo. A escrita literária foi a única ferramenta de que Jacinta Passos dispôs para permanecer viva e produtiva, ainda que cativa, como ela mesmo demonstra nos textos.

Esse processo de dissolução e tentativa de despersonalização que o tratamento médico dispensado à Jacinta Passos causou foi suprido por ela através da potência criadora da arte literária, da poesia, do dom da linguagem elevada ao seu grau de excelência. Um caderno simples e um lápis foram seus últimos tesouros na terra, seu modo de transfiguração do sofrimento em resistência e reexistência. Nenhum “destino” a definiu.

Jacinta foi finalmente dela mesma. Cumpriu “A missão do poeta”⁸⁸, foi poetisa até o fim.

⁸⁸ Poema de sua autoria.

APÊNDICE

[...] *Menina, minha menina,
Carocinho de araçá,
Cante,
Estude,
Reze
Case
Faça esporte e até discurso,
Faça tudo o que quiser
Menina!
Não esqueça que é mulher.*

Jacinta Passos, 1945

À Jacinta (*in absentia*)

Jacinta,

peço licença para dedicar-lhe algumas linhas, agora em primeira pessoa e, invocando a sua memória como mulher, poetisa e jornalista tão importante que foras em seu tempo e em seu lugar.

O tempo é alguma coisa que promove essa lacuna entre nós, mas, entre sua *vidapoesia* e esse meu olhar, muito incipiente, eu diria, que sou uma das pessoas que pesquisam sobre ti.

Ainda assim, mimetizando a maneira com que você acessou, através de sua poesia Dade, Olga, Zélia e Angelina e, posteriormente, Matilde, Maria, Regina, Pourdes, Marcelina, Tomázia e Bernadete (empregadas domésticas da família Passos, por meio desta simples carta, busca interlocução com seus textos e com sua intensa e interessantíssima trajetória nesta vida. E como é linda a homenagem que você fez a elas:

Chiquinha

(Para Matilde, Maria, Regina, Lourdes, Marcelina, Tomázia e Bernadete)

Chiquinha
tão frágil
magrinha

.
Teu corpo miúdo

o tempo secou,
 as formas redondas
 o tempo gastou.
 Pareces criança.
 Chiquinha,
 magrinha,
 que doce esperança
 mais forte que tudo,
 mais forte que o tempo,
 cansaço,
 pobreza,
 mais forte que o medo,
 doença,
 tristeza,
 que doce esperança
 mais forte que tudo,
 a vida traz preso
 teu corpo miúdo?

Chiquinha
 Chiquinha
 não lutas sozinha.
 A doce esperança
 te vem como herança
 e a luta também,
 do fundo dos séculos,
 Chiquinha, te vem.
 Teu corpo cansado
 Lutou no Egito,
 As mãos, mãos escravas,
 Abanaram leques
 E teu corpo nu,
 teus seios morenos
 e teus pés pequenos
 dançaram lascivos,
 ligeiros, airosos,
 deleitando o tédio
 dos reis ociosos.
 Chiquinha,
 teu corpo,
 teu corpo cansado,
 foi corpo explorado
 na Mesopotâmia,
 na Pérsia e Turquia
 – haréns do sultão –
 foi párea na Índia
 na China e no Japão.

Teu corpo explorado
 foi mercadoria,
 espada e cavalo
 e vinho, foi orgia
 na Arábia lendária,
 de ardência e magia.
 já foi, ma Judeia,
 corpo apedrejado.
 Na Grécia, teu corpo
 vestido de túnica,
 foi Vênus olímpica,
 foi Deusa na Arte,

foi serva na vida.
No Império Romano,
teu corpo serviu
a César, guerreiros,
fidalgos patricios,
a flor da nobreza,
miséria e grandeza,
foi senhora-escrava,
matrona impoluta,
dama e prostituta.

Chiquinha
Chiquinha
durante séculos,
teu corpo fechado
nas torres feudais
de imensos castelos,
foi corpo arrancado
da terra, da vida,
corpo se raiz,
feito puro espírito,
mistério e tabu,
teu corpo arrancado
da terra, da vida,
corpo sem raiz,
feito puro espírito,
mistério e tabu,
teu corpo adorado,
foi corpo explorado.

E quando as Nações,
nos tempos modernos,
abriram caminhos
ao mundo futuro,
caminhos no mar
em busca de terras,
riquezas, escravos,
teu corpo apanhado
nas selvas da África
chegou ao mercado
vendido e comprado,
teu corpo de negra,
teus braços de serva,
teu sexo de fêmea,
teu ventre fecundo
produtor de escravos
dos donos do mundo.
Teu corpo apanhado
nas selvas da África,
nas terras indígenas,
nas tribos nativas
das ilhas no mar,
teu corpo ajudou
Europa a crescer. [...]

Busco acessar seu legado – sua literatura, suas ações – para continuar tentando entender o mesmo mundo que ainda não aprendeu a não matar as mulheres. Daqui do século XXI, retrocedemos décadas, elegemos o que há de pior no país desde o Golpe de

1964 e flertamos com essa atmosfera autoritária, misógina, racista, classista e desumana, a qual tanto duramente combatestes com a singeleza e beleza do cancionero popular:

Passa
passa
passará,
derradeiro ficará.

Bom vaqueiro
bom vaqueiro
Eh!
Dá licença de passar,
já não vou sozinha agora,
vou com Dade,
Benedito,
Pé de Anjo,
Com José,
vou com Camilo,
e com Tomázia,
não vou só,
Bernadete, Minervina,
Augusto Braço Cotó.
Território do Alasca,
vou virar um esquimó,
Me encontrar com Timochenko,
Ludmila Pavlinchencho,
minha irmã, minha irmãzinha,
que irmãzinha tenho eu,
vou ver a estrela d'alva
que no céu se acendeu. [...]

Quando a gente chegar lá,
Venâncio!
Não precisas mais de pinga,
Manuel nunca mais xinga,
Lampião deixa o cangaço,
Sinhá Anastácia
não precisa mais rezar. [...]
(PASSOS *apud* AMADO, p. 94)

Não sei se perdemos esse espírito de comunidade, se nunca o tivemos ou se ele está apenas nos versos de teu cantar. Gostaria muito de ter sido sua contemporânea em outro tempo, talvez em suspenso, nem o seu, nos anos 1940 e 1950, nem o meu, década de oitenta até aqui. Foram tempos difíceis para as mulheres. Mas em que tempo, então, se daria esse “encontro”?

Desde tempos imemoriáveis tem sido difícil para as pessoas que têm útero, mas, sinceramente, Jacinta, sabes de cor todas essas mazelas, humanas, femininas. Teu tempo foi marcado pelo signo da aspereza: “a trágica destruição do homem pela máquina poderosa que a sua inteligência criou” (PASSOS *apud* AMADO p. 56), como dizias.

Teria gostado muito de te observar ao longe em um sarau em que tu declamasses uma de suas composições; mas não foi possível.

Assim, deixaste uma herança para muitas gerações de mulheres e homens depois de ti. Tua poesia tem força, lirismo e beleza, és extremamente competente também para aqueles que amam a técnica, a métrica, e o mais belo em tudo isto é que conseguiste engajar tua poesia com uma visão de mundo, ainda que muito circunscrita ao seu tempo, creio ter sido a mais autêntica e justa que conseguiste.

Engajar-se, verbo gasto em searas políticas, mas fundamentalmente tua escolha. Leio que todo o teu movimento diante da vida e do viver foi um engajar-se em tentar transformar a realidade em revolucioná-la sem mesmo se dar conta dessa potência.

Não houve tempo, Jacinta. Fostes breve. Breve, frutífera e intensa foi tua existência. E, daqui do século XXI, mulheres continuam suas lutas: continuam a escrever, a fazer política, a denunciar as violências todas, e tem havido, paulatinamente, algumas mudanças. Desde lá tu dizias,

Mulher

Diante do teu sofrimento,
 Que vontade, amor, de ninar tuas mágoas,
 Como embala a mãe o seu filho pequenino.
 Quisera te amar com uma grande ternura compreensiva,
 A ternura das mães, apenas.
 Quisera não te querer com este ciúme primitivo e bárbaro
 Que irrompe do meu ser obscuro
 Como uma planta selvagem rasgando as entranhas da Terra.
 Este ciúme envolvente,
 Solícito,
 Tenaz,
 Que se enrola em ti como a roupa que protege o teu corpo.
 Ciúme do espaço onde estás sem que eu possa simultaneamente estar,
 Do tempo que te conheceu antes de mim
 E onde tua presença continuará,
 Talvez quando dele já estiver libertada.
 Ciúme
 Cujas nascentes se perde em ignotas origens remotíssimas,
 Grito lúcido do instinto milenário
 Exigindo o dom integral para integralmente se dar.
 (PASSOS *apud* AMADO, p. 64)

Elas são, por vezes, muito sutis. Por momentos, é realmente preciso “arrombar a janela dos Estudos Culturais” como uma vez disse Stuart Hall sobre nossa demanda no campo epistemológico, e sim, inclusive tu, que teu nome é ainda pouco conhecido na academia, tens sido estudada, e isto é já um movimento do mundo para aquelas que

estiveram esquecidas, como bem te lembrou Dalila Machado⁸⁹, que, tenazmente argumenta:

Como uma jovem, oriunda de família de aristocracia rural do interior da Bahia, evolui de católica, intimamente ligada ao clero baiano para comunista filiada ao PCB, torna-se escritora e, finalmente, deixa-se confinar em um sanatório para doentes mentais com o diagnóstico de esquizofrenia paranoide?

Para além do questionamento que pode ser feito acerca do “adoecimento mental” (segundo a psiquiatria) e da estigmatização do local para onde esses “doentes” são levados para tratamento, creio que Dalila nos mostra um interessante caminho de perguntas para as quais não sejamos ainda capazes de formular as respostas.

Foi esse fato uma nódoa em tua trajetória? Qual limite foi traçado entre a loucura e a lucidez? É, de fato, possível, ao pensarmos tua trajetória, identificarmos essa sintonia de que o seu adoecimento psíquico tenha anulado tua produção literária e/ou mesmo refutado seu talento nas Letras?

Não sei, Jacinta. Não tenho certezas, afirmações. Só posso falar a partir dos seus textos, da sua herança, e a única garantia que poderia dar a qualquer pessoa que te ler é que tu és muito talentosa, rigorosa com a linguagem, precisa, robusta em muitos textos que tiveram a orientação política como norte, mas igualmente leve e radiante como o sol em tua poesia inicial, aquela que produziste em Campo Limpo.

Tua filha, historiadora, também produziu uma coletânea fundamental para quem quer te conhecer. É um livro lindo, bem diagramado, com todos os teus poemas, fortuna crítica e demais textos publicados com ilustrações de Lasar Segall. Penso ser, antes de uma obra biobibliográfica, uma forma de homenagem, de amor. Ela te recorda quando da infância e, principalmente, do pouco tempo de convívio que tiveram, e te rememora para além da escritora, poetisa, jornalista, ativista política e feminista, como mãe:

[...] Nessas primeiras férias, a convivência com minha mãe foi boa. Ela gostava de conversar comigo, contava-me histórias, dava-me livros para ler, ensinava-me muitas coisas – geografia, política, matemática, português, história... –, ria das minhas perguntas e respostas, orgulhava-se dos meus acertos. Mamãe cuidava de mim, me dava banho e remédio, penteava meus cabelos. Falava-me de literatura, das poesias que estava escrevendo, dos seus livros – no Natal, me dedicou um exemplar de *Poemas políticos*, que guardo com carinho –, da importância das transformações sociais e das vantagens do comunismo. Eu a admirava, a achava inteligente e bonita. Estava muito feliz por reencontrá-la, e por descobrir que tinha toda aquela família [...] ⁹⁰

⁸⁹ *A história esquecida de Jacinta Passos*, 2000.

⁹⁰ AMADO, Janaína. In: AMADO, 2010, p. 399.

Ao ler sobre a sua história, torci para que o mundo à sua volta tivesse sido um pouco mais gentil, mas viver, como sabemos, Jacinta, não se trata estritamente de gentilezas que poderíamos encontrar no caminho, mas de como a história dos homens é feita. O tempo em que viveste foi marcado por asperezas, pelo signo da violência universal e particular, costurado com alguns momentos em que você pôde encontrar-se com a boniteza da vida – para usar uma palavra de Rubem Alves –, ainda em Cruz das Almas, quando nos revela a bucólica Campo Limpo, ou quando descreves tua filha pequena:

Canção da partida

[...] Campo Limpo,
 As tuas paisagens se identificaram
 Com todas as vibrações de minha vida amanhecendo.
 As tuas paisagens parecem humanas.
 Parece humano o murmúrio do vento nas tuas árvores seculares
 E a branca silhueta da velha casa antiga.
 Tuas paisagens revivem a minha vida já morta,
 Todos os instantes perdidos para sempre
 E que eu quisera integrados num momento eterno.
 Como a árvore que dá sombra e flor e fruto
 Esconde as raízes na terra de onde veio,
 Estão mergulhadas no teu solo
 As raízes mais profundas do meu ser.⁹¹

Jacinta Passos, 1939.⁹²

Canção para Jana

Riso de abril rompe a neblina,
 rosa menina.

Crescei, ó cabelos de chama,
 carne rosa e pudim.

Cor de pitanga
 boca miúda
 riso, alfazema, patchuli.

(Água do rio
 eu te darei
 leite com mel
 Chapéu de rei
 limão caixinha
 e datacum.
 Passearei
 com ló-lô-lô
 bilu-bilá
 nane ninou.)

⁹¹ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 53.

⁹² PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p.

Flor buliçosa
rosa cresci.

Água dos mares da Bahia.

Na sombra aqui destas asas
até um dia.

Não sou tão boa com as palavras nem com as coisas quanto você, não sei trazê-las à sua melhor versão, à sua forma de excelência que é a poesia, a literatura, mas, se pudesse, te diria algumas coisas de mulher para mulher, apenas, pois não sou escritora, nem poetisa, nem brilhante, nem corajosa, e muito menos revolucionária como você.

Te diria, copiando um trecho de uma música da cena pop rock do meu tempo, “nenhuma ideia vale uma vida.” Nenhum partido, nenhuma religião, nenhuma crença política, nem filhos, nem maridos valem uma vida. E por que, assim, busco humildemente dizer-te? Porque tu, juntamente com uma constelação de outras escritoras incríveis, de uma forma ou de outra, sucumbiram ao peso do mundo e ao da criação de arquétipos, os quais, muitas vezes, não “vestiram” tão bem a alma fugidia e rebelde que habitava seus corpos.

São muitas, Jacinta, não teria como citar todas, mas, se pudesse, iniciaria com Ingrid Jonker, escritora sul-africana nascida em 1933, tragicamente morta em 1965. Ela, como tu, foi também ponta de lança em seu tempo e seu lugar. Lutou bravamente contra o *apartheid*, foi destemida, libertária, influente, mas, infelizmente, as dores todas, do amor, do desamor, dos desencontros igualmente trágicos consigo mesma e com o mundo, mobilizaram-na a lançar-se às frias águas da Achor Bay para nunca mais.

Deixou um legado importantíssimo para as mulheres e os homens de agora: a luta por uma sociedade equânime quanto às suas incontáveis diferenças, que, em seu país, estavam circunscritas à cor da pele sua e de seus compatriotas. Sobre aquele contexto terrível, de dor e separação, em que, ao presenciar a morte de uma criança preta em uma manifestação na qual os não-brancos interditos em África do Sul queriam passar de um bairro a outro, escreveu, nesta que é uma tradução:

El niño matado de un tiro por los soldados em Nyanga

El niño no está muerto
el niño levanta el puño contra su madre
que grita África grita el aroma
de libertad y brezo
en barriadas de corazón acorralado

el niño levanta el puño contra su padre
 en el cortejo de generaciones
 que gritan África gritan el aroma
 de justicia y sangre
 en las calles de su orgullo en armas

El niño no está muerto
 ni em Langa ni en Nyanga
 ni en Orlando ni em Sharpeville
 ni em la comisaría de policía de Philippi
 donde yace com la cabeza traspasada por uma bala

el niño es la sombra de los soldados
 que hacen guardia con fusiles carros blindados y cachiporras
 el niño está presente em todas las asambleas y legislaciones
 el niño mira expectante por las ventanas de las casas y en los corazones
 de las madres

el niño que sólo queía jugar al sol em Nyanga está por todos lados
 el niño que se há hecho un hombre recorre toda África
 el niño que se há hecho um coloso va por todo el mundo
 sin um pase.⁹³

Jonker também escreveu para jornais e revistas importantes em seu país e, como tu, analisou criticamente as mazelas de lá, mas, cansada da luta, em um momento de fragilidade psíquica, que a qualquer vivente nesse mundo pode afetar, ruiu, sem amparo, sozinha, assim como tu.

Te evoco, Jacinta, em verbo, presença. Evoco também Virgínia Woolf (1882-1941), que nos disse ser necessário “ter um teto todo nosso”, ainda que esse teto seja nossa corporeidade, nossa (in)consciência, que, infelizmente, no caso de ambas findaram, respectivamente, nas águas do mar e na Clínica Santa Maria.

Virgínia escreveu muito sobre o feminino e foi uma das inúmeras pioneiras da história das mulheres no mundo. Pensou *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2012), e, de cara, nos disse:

Quando a secretária de vocês me convidou para vir aqui, ela me disse que esta Sociedade atende à colocação profissional das mulheres e sugeriu que eu falasse um pouco sobre minhas experiências profissionais. Sou mulher, é verdade; tenho emprego, é verdade; mas que experiências profissionais eu tive? Difícil dizer. Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás—por Fany Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot—; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos. Então quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta na perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesseis pences bastam para comprar papel para todas as peças de

⁹³ JONKER, Ingrid. *Humo y ocre*. Traducción: Agustín B. Sequeros. Medellín: Editorial Universidade de Antioquia, 2015.

Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo em outras profissões [...] (WOOLF, 2013, p. 5-6)

Em 28 de março de 1941, Virgínia se entregou às águas frias do Rio Ouse com os bolsos cheios de pedras. Imergir e não mais emergir. Mas sua obra, tributária de outras tantas como ela mesma faz questão de destacar, emerge de suas lúcidas considerações acerca do “nosso universo particular-universal”. Ela sabia das coisas, Jacinta, assim como tu e Ingrid, mas sem amparo, sozinha, triste, não aguentou o peso d’*As horas* (1999)⁹⁴.

Também Ana Cristina César, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1952, e lá morreu tragicamente, “Atirou-se de um edifício na ua Toneleiros”. Foi em 29 de março de 1983. Talentosa desde criança, Ana C. escreveu até um pouco parecido com o teu “Canção do amor livre”:

Tu queres sono: despe-te dos ruídos
e dos restos do dia, tira da tua boca
o punhal e o trânsito, sombras de
teus gritos, e roupas, choros, cordas e
também as faces que assomam sobre a tua
sonora forma de dar, e os outros corpos
que se deitam e se pisam, as moscas
que sobrevoam o cadáver do teu pai, e a dor, (não ouças)
que se prepara para carpir tua vigília, e os cantos que
esqueceram teus braços e tantos movimentos,
que perderam teus silêncios, ou os ventos altos
que não dormem, que olham da janela
e em tua porta penetram como loucos,
pois nada te abandona nem tu ao sono.

(CÉSAR, 2016, p. 45)

Poetisa perspicaz, o eu lírico também diz: “As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar os navios. Preciso voltar e olhar de novo dois quartos vazios.” Ana C. escreveu assim sobre uma “Conversa de senhoras”:

Não preciso nem casar
tiro dele tudo que preciso
não saio mais daqui
duvido muito
esse assunto de mulher já terminou
o gato comeu e regalou-se
ele dança que nem um realejo
escritor não existe mais

⁹⁴ CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

mas também não precisava virar deus
 tem alguém na casa
 você acha que ele aguenta?
 Sr. Ternura está batendo
 eu não estava nem aí
 conchavando: eu faço a tréplica
 armadilha: louca pra saber
 ela é esquisita
 também você mente demais
 ele está me patrulhando
 para quem você vendeu seu tempo?
 Não sei dizer: fiquei com o gauche
 não tem a menor lógica
 mas e o trampo?
 Ele está bonzinho
 acho que é mentira
 não começa

(CÉSAR, 2016, p. 22)

Não sei o que aconteceu dentro de Ana C., assim como não sei o que se passou dentro de você, de Ingrid e de Virgínia, não sei. Só sei que, segundo conta um professor muito querido, ela “passou condicionador por todo o corpo” e lançou-se da sacada do edifício. É difícil imaginar o tamanho da dor interna de Ana C. Talentosa, inteligentíssima, culta, mas também se desfez em ruínas.

Freud disse que somos “um ser para a morte”, e que a pulsão de morte, analisada a partir do princípio de prazer e desprazer que o “eu consciente” ou “pré-consciente” age na tentativa de manter os mecanismos psíquicos que resguardariam a noção de prazer e evitariam a de desprazer:

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um modo de trabalho *primário* do aparelho psíquico. [...] Sob a influência dos impulsos de autoconservação do eu, ele é substituído pelo princípio de realidade, que, sem desistir do propósito de um ganho final de prazer, exige e impõe o adiamento da satisfação, a renúncia a muitas possibilidades para tanto e a tolerância temporária do desprazer no longo desvio que leva ao prazer. O princípio de prazer ainda continua sendo por muito tempo o modo de trabalho dos dificilmente “educáveis” impulsos sexuais, e acontece repetidamente que, seja a partir destes últimos, seja no próprio eu, ele subjuga o princípio de realidade com prejuízo para o organismo inteiro. [...] Outra fonte de liberação de desprazer [...], resulta dos conflitos e cisões que ocorrem no aparelho psíquico enquanto o eu atravessa o seu desenvolvimento rumo a organizações de maior complexidade. [...] Os pormenores do processo por meio do qual o recalçamento transforma a possibilidade de prazer uma fonte de desprazer ainda não foram bem compreendidos ou não podem ser claramente apresentados, mas todo desprazer neurótico é certamente desse tipo, é prazer que não pode ser sentido como tal. [...] a maior parte do desprazer que sentimos é desprazer perceptivo: ou é a percepção do pressionar de impulsos insatisfeitos ou percepção externa, quer esta seja penosa em si mesma, quer suscite expectativas desprazerosas no aparelho psíquico [...] (FREUD, 2018, p. 46-50).

Desta elaboração de Freud, é possível identificar que somos indivíduos e que não estamos circunscritos apenas à esfera social de nossa existência, como, de forma reducionista, algumas teorias buscam nos enquadrar. Não somos somente trabalhadores, pertencentes a uma determinada classe social, com uma identidade civil, sexual, de gênero ou mesmo racial (esta última se quer é pensada a cargo do materialismo histórico, por exemplo). E nenhuma teoria social, antropológica, sociológica ou histórica é capaz de dar conta da complexidade da psique, da alma humana, que é demasiado complexa, Jacinta, isso é uma das poucas coisas de que posso concluir.

O autor defende que existe um mecanismo de defesa psíquica para lidar com a realidade que se nos apresenta, e que, a depender do contexto, das cisões com as quais este aparelho psíquico precisa lidar externamente, nos encontramos com a sensação de “desprazer” que o nosso inconsciente evita. Ainda citando Freud (2018, p. 47), “existe na psique uma forte tendência ao princípio de prazer, à qual [...] se opõem certas outras forças ou circunstâncias [...]”, ou seja, a autopreservação do ser esbarra na realidade frontal e, por vezes, violenta, que precisa enfrentar. Às vezes a luta é também contra as sombras internas.

Outra figura interessante dessa constelação é Sylvia Plath, norte-americana, de Boston, nascida em 27 de outubro de 1932. Autora do romance *A redoma de vidro* (1963), e de *Ariel* (1965), coletânea publicada postumamente, além de outros textos, foi mais uma dessas almas inquietas, questionadoras – e por que não dizer “angustiadas”? – , que trabalharam bem as questões do “eu” e do incompreensível em águas rasas.

Ela tratou do imponderável, da finitude, e se aproximou algumas vezes do abismo: “Como concha do mar./ Tiveram que chamar e chamar./ E tirar os vermes de mim como pérolas/ grudentas (PLATH *apud* LOPES, p. 60).

O flerte do eu lírico com o suicídio se confunde com a poetisa, que algumas vezes na vida esteve no limite de cometê-lo, como o trecho do poema enseja, e ficou presente em sua obra e vida. Segundo Amaral,

Essa tentativa foi a responsável por sua introdução aos tratamentos psiquiátricos e internamentos. Em *A redoma de vidro*, a protagonista Esther Greenwood nos relata sua tentativa de suicídio por ingestão de pílulas, assim como o fez Sylvia Plath aos vinte anos [...] Ambas escondem-se no porão de casa, mas a tentativa “falha”. (AMARAL, 2018, p. 250).

Esse “flerte” com o abismo, Jacinta, teve um desfecho trágico para Sylvia em 11 de fevereiro de 1963. Sabemos que a angústia e o desprazer por vezes a consumiam, e

que sua vivência do amor foi intensa e conflituosa. Mais uma estrela breve. Trinta anos e o legado de uma literatura extremamente sensível, complexa, que vai nas águas profundas desse “eu” a que tanto nos referimos. Nenhum “amor” vale uma vida, Jacinta.

Patrícia Galvão, a Pagu (1910-1962), foi comunista como tu e também não cometeu suicídio. Foi escritora ativa dentro e fora dos textos: engajou-se na vida e na política. Foi, também, amante das artes, das pessoas e da luta. Quis um mundo “ideal”, que não era possível. Publicou *Parque industrial* (1933), romance em que está presente a luta de classes e no qual o proletariado é protagonista. Lançou, com Oswald de Andrade, o jornal panfletário *O Homem do Povo*, de curta duração, que foi proibido de circular por ordem da polícia, após a ocorrência, nos dias 9 e 13 de abril, de graves incidentes com estudantes da Faculdade de Direito, segundo seu biógrafo Augusto de Campos. (CAMPOS, 2014, p. 132).

Artista múltipla, Pagu era escritora, poetisa, ilustradora, e também jornalista. Mais uma para a constelação. No jornal era responsável, dentre outras, pela polêmica seção “A Mulher do Povo”, em que criticava, de um ponto de vista marxista, “as feministas de elite” (CAMPOS, 2014, p. 132). Veja sua ironia e humor mordazes:

O retiro sexual

Evohé! Já tá na hora. O pessoal já está prontinho da silva. O enxoval do sai e da noite já está arrumadinho nas malas. O retiro abre os braços porque é semana santa, a semana da farra. “Donec mihi satisfaciam”. O padre Bremmond diz que os retirantes podem ficar em qualquer posição contanto que venham “lês consolations lês larmes et le rest”... Parece Freud, mas não é. É um trechinho do velho livro místico: “O espelho da alma”, citado pelo acima citado padre Bremmond, grande esteio da Academia Francesa. E no seu livro sobre a “conquista mística” continua ensinando pra gente uma porção de coisas que a gente não sabe. É muito engraçada a história da consolação sensível e dos “contentos” da espanhola D. Thereza de Jesús, que chega a sentir a presença da força de deus. Eis aqui o que escreve a este respeito um dos grandes místicos do século XIX: “Deus toma toda a alma segurando a fraqueza de sua natureza. Ela se expande nos sentidos e habituada a receber suas impressões pelos sentidos só se vive pelos sentidos. Isto tudo está na “Conquista Mística” do acadêmico francês. (volume 4. O livro “Le sentiment religieux em France”). O misticismo está desmoronando evidentemente com a decadência das morais de controle e a Santa Therezade antes tinha muito mais importância sexual do que a Therezinha de agora que não passa de uma pequena datilógrafa que faz as suas farras de domingo, portanto sem misticismo exagerado. Entretanto o fenômeno da sublimação embora em muito menor escala aparece ainda hoje nos retiros onanistas de semana santa e carnaval. Os sublimados explosivos ao primeiro contato, se reúnem para o gozo permitido e ajudado pelo padre. O jejum masoquista auxilia o prazer físico e o transporta para uma loucura desenfreada os histéricos dos dois sexos. Antes, a história do Ovalinho que é melhor porque este ao menos mandou o retiro às favas e traiu os santos com uma mulata chamada Berta Lux. Os fenômenos que elucidam os delírios histéricos dos santos e freiras nas experiências de hipnose com que ele

começou seus estudos...Constata-se cada vez mais que o misticismo só aparece nas civilizações recalçadas e doentias. Agora, que nós caminhamos embora muito devagar para uma época sem recalque e de moral biológica racionalizada, onde não existirão mais desvios sexuais nem retiros físicos, Freud e o Padre Manfredo podem pedir demissão.⁹⁵

É de se orgulhar mesmo de nossas escritoras, Jacinta. Foi destemida como tu: enfrentou prisão, repressão, falou “indignada no palanque”, e também escreveu poesia, como está intitulada “Canal”:

Nada mais dou que um canal
seria verde se fosse o caso
sou um canal
sabem vocês o que é um canal?
apenas um canal?

Evidentemente um canal tem as suas nervuras
as suas nebulosidades
as suas algas
nereidazinhas verdes, às vezes amarelas
mas por favor
não pensem que estou pretendendo falar
em bandeiras
isso não

gosto de bandeiras alastradas ao vento
bandeiras de navio
as ruas são as mesmas.
O asfalto com os mesmos buracos,
Os inferninhos acesos,
O que está acontecendo?
É verdade que está ventando noroeste,
há garotos nos bares
há, não sei mais o que há.
Digamos que seja a lua nova
que seja esta plantinha voacejando na minha frente.
Lembranças dos meus amigos que morreram
lembranças de todas as coisas ocorridas
há coisas no ar...
Digamos que seja a lua nova
iluminando o canal
seria verde se fosse o caso
mas estão mortas todas as esperanças
sou um canal⁹⁶

A despeito de sua visão utópica de mundo, ela conseguiu realizar “que todas as esperanças estão mortas”, Jacinta. Ela teve tempo de fazê-lo. Teve tempo de maturar conceitos, o que, definitivamente, não tivestes. Pagu também foi mulher de seu tempo e

⁹⁵ *O Homem do Povo*, n. 3, terça-feira, 31 de março de 1931. In: CAMPOS, Augusto. (org.). *Pagu: vida e obra*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁹⁶ *Ibidem*, 2014, p. 335. De acordo com o autor, “Canal” e “Nothing”, publicados, respectivamente, em 27 de novembro de 1960 e 23 de setembro de 1962, na página dominical de *A Tribuna* (Literatura Artes Cultura) [...].

de seu lugar, como tu o foste. Foi vanguardista, artista de múltiplos talentos e múltiplos nomes artísticos: Solange Sohl, Zazá, King Shelter, Mara Lobo, Irmã Paula, G. Léa, K.B. Luda.

Pode ser que tenha sido panfletária, de fato, como tu foste em alguns momentos. Mas quem milita por um partido sem o sê-lo? Por que é mais fácil chamar uma escritora de panfletária quando todos são, homens e mulheres, militantes de uma legenda como o PCB? Não sei responder às perguntas, Jacinta, não sei nem se consegui formulá-las bem. Pagu ainda ficou conhecida como “Musa dos Modernistas”. Essa alcunha geralmente é atribuída ao feminino: os românticos assim escreviam de forma corriqueira. Mas, sim, ela foi musa inspiradora para muitas mulheres e homens em seu tempo e ainda agora também o é, assim como tu foste, assim como foram Ingrid, Ana C., Virgínia e Sylvia.

Gostaria de te dar notícias sobre os atuais movimentos de mulheres, mas não há espaço suficiente neste trabalho para fazê-lo. O que posso te assegurar, Jacinta, é que tu, juntamente com outras companheiras brancas, oriundas da elite econômica e cultural, de famílias mais ou menos estruturadas – ao menos financeiramente –, pois sabemos que família é, como reproduz a psicanalista Maria Homem, “o lugar da loucura”, iniciaram um caminho no que foi considerado o princípio do Movimento Feminista no Ocidente.

Hoje, são muitas as que fazem parte da constelação de outras mulheres que estão no espectro dos Movimentos de Mulheres, ou do Movimento Feminista. Não conseguirei falar de todas, pois são muitas, mas começo por uma escritora mineira chamada Conceição Evaristo (1946), que é um dos faróis do nosso tempo no campo literário e também no debate público sobre o lugar da escrita de mulheres negras.

Evaristo construiu um conceito muito importante para as escritoras negras, que é a noção de *escrevivência*. Olhe que palavra bonita, carregada de sentido, um neologismo útil e aplicável não apenas à empresa de escritoras acadêmicas negras, mas um conceito daquelas que escrevem a partir de suas vivências pessoais, que escrevem “para não morrer”, que creio que tenha sido o teu caso quando dos *Cadernos do sanatório* e *Comprimidos poéticos*. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, ela disse: “Se houvesse um monumento à memória negra, deveria ser construído no fundo do mar, em homenagem àqueles que se perderam na travessia”.

Nascida em Belo Horizonte, cresceu numa favela, e diz na entrevista que lia muito gibis quando pequena. Sua mãe a ajudava a construir enredos para as ilustrações

das revistinhas. Elas imaginavam, fantasiavam, criavam. É disso que se faz literatura, não é, Jacinta? Ambas trabalharam como empregadas domésticas, inclusive a mãetrabalhou para o escritor Otto Lara Rezende e para a escritora Alaíde Lisboa, assim arremata o texto do jornal.

Conceição Evaristo tornou-se escritora e professora, assim como tu foste, Jacinta. Tem publicado muito: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014), dentre outros livros. Ela diz na entrevista que “tudo o que escrevo é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra brasileira”, e creio que essa fala explica o conceito *escrevivência*. Ela é muito pesquisada, e isto é maravilhoso em vários aspectos: é uma escritora e intelectual negra brasileira viva. Ela conclui dizendo que:

Acreditar na capacidade de escrita das mulheres negras, acreditar que são mulheres pensantes, intelectuais, que criam situações de aprendizagem, que somos donas do conhecimento é mais difícil.⁹⁷

Esta é uma questão sintomática do nosso tempo, porém, escritoras e intelectuais negras têm avançado. Veja este poema “Eu-mulher”, como é lindo. E não só lindo, não é mesmo?

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma macha de sangue
me enfeita as pernas.
Meia palavra mordida
me foge pela boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.

Antes – agora– o que há de vir.
Eu fêmea-matriz
eu-mulher
abrigo da semente
motor-contínuo
do mundo.⁹⁸

⁹⁷ EVARISTO, Conceição. *As escrevivências de Conceição Evaristo*. [Entrevista concedida a Francesca Angiolillo et al]. São Paulo (colocar o restante)

⁹⁸ EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Antes dela veio Carolina Maria de Jesus (1914-1977), outra potência de nossa literatura, também mineira que, ademais, nasceu no mesmo ano que tu, e viveu em São Paulo, na favela do Canindé, tendo uma vida difícil. Creio que ela e Conceição Evaristo se retroalimentaram literariamente pelo cordão umbilical que talvez liga todas as escritoras negras desse país: a escrita iminentemente a partir do lugar da experiência da corporeidade e das questões dela advindas, como a classe social, as condições econômicas etc. Carolina publicou *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), obra fundamental para entender o *locus* da escrita desta mulher que foi traduzida para cerca de 13 idiomas e é vendida para mais de 40 países, segundo a *Folha de São Paulo*. Foi também foi empregada doméstica e se apaixonou pela leitura na biblioteca de um dos seus patrões, durante seus dias de folga.

“Eu sou negra, a fome é amarela e dói muito.” Isso é forte, Jacinta. Em um país que, de acordo com o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as “mulheres representam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, das quais mais de 65% são negras”⁹⁹, essas terem furado a bolha da elitização do cânone literário nacional e se colocarem no debate público como intelectuais, escritoras, produtoras de conhecimento e de um tipo de arte “refinada” como a literatura, foi uma grande vitória para outras mulheres negras vindas depois delas. Para as que vieram antes também. Vejamos um trecho do livro:

15 de julho de 1965

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei três litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me o pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.¹⁰⁰ (JESUS, 1960, p. 9)

É uma literatura tipo “soco no estômago”, Jacinta. Não há ornamentos. Não havia tempo para literatura imanente, autorreferenciada. A referência é a vida, a

⁹⁹Trabalho doméstico no Brasil. DIEESE/IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) – Dados dos 4º trimestres de 2019 e 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

¹⁰⁰ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1960.

realidade nua e crua da extrema pobreza e da exclusão social frutos de nossa tão vilipendiada história.

Carolina, Conceição, Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Karla Akotirene são estrelas dessa constelação que estava encoberta por outros astros. Foram são nomes importantes para entender como se constituíram a literatura, a crítica literária e outros campos do saber por mulheres no Brasil. Essas todas são negras, mas há indígenas, mulheres transgênero, travestis e outros lugares de enunciação importantes para o nosso cenário artístico cultural.

Lélia González, por exemplo, também mineira, filósofa, antropóloga, professora, militante do Movimento Negro e feminista, alerta-nos sobre a situação da mulher negra brasileira desde a década de 1960 até 1980:

O desempenho das mulheres na formação do movimento negro no Rio de Janeiro, por exemplo, foi da maior importância. [...] Vejamos o que nos diz a antropóloga Maria Berriel [...]: *Foi sobretudo percebendo as dificuldades dos alunos negros (por força da expansão do capitalismo, nós começamos a receber alunos negros na universidade); ocorreu que muitos dos nossos alunos com dificuldades no mercado de trabalho. [...] resolvi fazer uma pesquisa para avaliar os artificios e as estratégias que impediam o aproveitamento do negro na esfera ocupacional. [...] dali houve um contato com a Candido Mendes, que passou a organizar congressos, ou melhor, encontros. E esses encontros sobretudo por iniciativa da professora Maria Beatriz Nascimento que, já desde 1972, encontrava-se à frente da Semana de Cultura Negra, realizada na UFF. [...] E fato da maior importância (comumente “esquecido” pelo próprio movimento negro) era justamente o da atuação das mulheres negras, que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações dos movimentos de mulheres se reuniam para discutir o seu cotidiano, marcado, por um lado, pela discriminação racial, e, por outro, pelo machismo não só dos homens brancos, mas dos próprios negros [...]*¹⁰¹(GONZALEZ, 2020, p. 103)¹⁰²

Observemos os muitos atravessamentos na vivência da mulher negra, que, além de transpor as barreiras consideradas “naturais” para qualquer intelectual, têm as questões de raça, gênero e classe para lidar. Quem bem articula esse pensamento é a nossa conterrânea Carla Akotirene. Esta é uma mulher talentosa, jovem e preta, que publicou pela coleção “Feminismos Plurais”, coordenada pela também sagaz, jovem e preta Djamila Ribeiro, o título *Interseccionalidade*, em que analisa esse termo conceitual:

¹⁰¹ Grifo nosso. GONZALEZ, Lélia.

¹⁰² GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org.: Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

[..] cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw. [...] A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo, e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas apenas às experiências do homem negro. (AKOTIRENE, 2019, p. 13)¹⁰³

Observe que interessante, Jacinta! Tenho certeza que você seria uma interlocutora extremamente atenta, respeitosa e estudiosa do assunto. Você, desde muito jovem, observou as particularidades da vida de mulheres negras no Recôncavo Baiano, em Cruz das Almas, vide Dade, que trabalhou para a sua família. E você o fez de maneira muito consciente, seria muito sensível a essas discussões.

Jacy (desculpe a intimidade, mas é que você também assinou assim seus primeiros poemas), teria tantos mais exemplos para colocar nesta simples carta, mas o espaço e o tempo não permitem. Obrigada por sua existência, por sua obra, por seu legado como mulher, escritora, feminista e humanista. Creio muito na afirmação de Rosiska Darcy de que “não existe pecado original”, não há nada que impeça uma mulher negra pesquisar uma branca e vice-versa; só precisamos estar atentas a esses lugares de enunciação, que, nem imaginas, Jacinta, só em falar nesses termos, já penso nas polêmicas em torno deles.

Gostaria de te dizer novamente: “nenhuma ideia vale uma vida”. Assim como nenhum homem, nenhum filho, nem a academia, muito menos “o sucesso”, o “reconhecimento”, a militância político-partidária, os textos, as obrigações o valem. Nada valeria a vida tão preciosa de vocês mulheres estelares que escreveram, interferiram na política, foram audazes, *avant-garde*, mas, em maior ou menor medida, sucumbiram ao mundo dos homens. Quero terminar lembrando um de teus poemas:

Mensagem aos homens

– Eu te esperei longo de terrível solidão.
Através dos meus anseios, das minhas lutas,
dos meus cansaços e das minhas esperanças,
através do meu fundo desalento
e da minha ainda mais funda alegria de existir,
através das incessantes mutações da vida,

¹⁰³ AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

do céu, da terra, das águas, dos outros e de mim mesma,
eu te esperei.
inteira, pura e livre como a livre luz das alvoradas.

– Oh! Por que me trazes um coração diminuído
como um seixo levado pelo rio, um seixo que muitas águas rolaram?

Jacinta Passos, 1941.¹⁰⁴

Obrigada por tudo o que você foi e escreveu,

com carinho e respeito,

Beatriz.

¹⁰⁴ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 61.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo, editora da UNESP, 1998.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução: Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMEIDA, M. S. de. *J'accuse como fato literário: uma leitura da carta aberta de Émile Zola*. Non Plus, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 71-89, 2017. DOI: 10.11606/issn.23163976.v6i12p71-89. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/133673>>. Acesso em: 6 nov. 2021.>.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Ruben. *O que é religião*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. Biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/3056/biografia>. Acesso em: 21 fev. 2022. (biografia de Jorge Amado ver forma de fazer a referência).

AMARAL, Lara Luíza Oliveira. *A arte de morrer: a poética do suicídio em Sylvia Plath*. Revista Estação Literária- Universidade Estadual de Maringá. Londrina, vol. 20, p. 244-257, Marc. 2018.

AMES, José Luiz. *Religião e política no pensamento de Maquiavel*. Rev. Kriterion, Belo Horizonte, n.113, Jun. 2016.

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. *Festa e o modernismo*. Rev. Linguagem- Estudos e Pesquisas, vol. 15, n. 1, jan/jun 2011.

ARAÚJO, Laís Correia de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia e correspondência*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

ARMENI, Ritanna. *As bruxas da noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo durante a Segunda Guerra Mundial*. Colaboração: Eleonara Mancini; Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Seoman, 2019.

AZEVÊDO, Eliane S. *Populações da Bahia: Genética e História* In UNIVERSITAS: Revista de cultura da Universidade Federal da Bahia. N.º 1 (set./dez. 1968). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

BARBOSA, Júlia Monnerat. *Graciliano Ramos e Jorge Amado: escritores comunistas*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2013, Natal. Anais. Natal: ANPUH, 2013.

BASSANEZI, Carla Pinsky; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

BEAVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada: edição pastoral*. São Paulo: Paulus Editora, 1990.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da história oral*. Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

BUONICORE, Augusto. *Comunistas, cultura e intelectuais entre os anos de 1940 e 1950*. Portal Vermelho, 2013. Disponível em: < <https://vermelho.org.br/2013/03/07/comunistas-cultura-e-intelectuais-entre-os-anos-de-1940-e-1950/>>. Acesso em: 11 nov.2020.

BRAGA, Sérgio Soares. *Quem foi quem na Assembleia Constituinte de 1946: um perfil socioeconômico e regional da Constituinte de 1946*. V. 1. Brasília: Editora da Câmara dos Deputados, 1998.

BUENO, Luís. Divisão e unidade no romance de 30. In: *Literatura brasileira: 1930*. Andréa Sirihal Werkema...[et.al.] (organizadores). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP, 2006.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é deus, diário 1: o sofredor do ver*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo, Duas Cidade, 1995.

CAMPOS, Augusto (org.). *Pagu: vida e obra*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAPELATO, M. H. R. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In:_. DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. *A imprensa confiscada pelo DEOPS:1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *Forças armadas e política no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2019.

CARVALHO, Meire. A invenção *das vivandeiras: mulheres na marcha da Coluna Prestes – a trajetória silenciada*. Dissertação. (Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História) Goiânia: UFG, 2001.

CARVALHO, Raimundo. Jorge de Lima: a fé e a febre da poesia. In: *Literatura brasileira: 1930*. Andréa Sirihal Werkema [at.al.] (Orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 1. ed. Digital. São Paulo: Golbal Editora, 2012.

CASTRO, Yêda Antonita Pessoa de. *Notícia de uma pesquisa em África*. Rev. Afro- Ásia. Salvador, n. 1,p. 41-56, nov. 1965. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20231/13022>. Acesso em: 09 out. 2021.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. *O surrealismo na lírica de Jorge de Lima. Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*. Ano I, n.2, 2008

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: < <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/essencialismo/> >. Acesso em: 16 jul. 21.

CÉSAR, Ana Cristina. *A teus pés*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica*. Cadernos Pagu-fazendo história das mulheres, nº 4, 1995.

CHILCOTE, Ronald H. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Tradução: Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Alceu Amoroso Lima*. Recife: Editora Massangana, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

D'ARAÚJO, Antonio Luiz. *1937 o golpe que mudou o Brasil: o estado novo*. 1.ed.-Rio de Janeiro: Quarteto, 2016.

D'ARAÚJO, Maria Celina. 2000. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. <<https://pt.scribd.com/document/462779022/Maria-Celina-D-Araujo-O-Estado-Novo#>>.

DAR O BRAÇO. *Fon-Fon, Ano IV, N.9, 26 de dezembro de 1910*.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECARTES, René. *Discurso do método*. Tradução: João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias de gente brasileira. volume 3: República –Memórias (1889-1950)*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

DÖBLIN, Alfred. *A construção da obra épica e outros ensaios*. Florianópolis. Trad.: Celeste Ribeiro de Souza, Alceu João Gregory. Editora UFSC, 2007.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da Reforma Agrária*. 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1996.

DORIA, Pedro. *Tenentes: a guerra civil brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

DRUMMOND, José Augusto. *O Movimento Tenentista: a intervenção política dos oficiais jovens: 1922- 1935*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal-RN: UFRN, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FALCÃO, João da Costa. *A história da revista A Seiva: primeira revista do partido comunista do Brasil – PCB*. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2008.

FALCÃO, Kátia. *A propaganda na Era Vargas: a propaganda oficial de um regime (1930- 1945) que saiu da vida e entrou para a história*. Niterói-RJ: Itapuca, 2018.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. V. 1. São Paulo, 2008.

FERNANDES, Mateus. *A Coluna Prestes e seus impactos nas relações internacionais no Brasil*. Rev. Crítica Histórica, ano. V, n.9, jul., 2014.

FERREIRA, Adínia Santana. Sob o poder disciplinar: vigilância, controle e normalização das condutas no Convento da Soledade. *Revista Projeção e docência*. V. 2, mar. 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Estudos, 1978.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: problemas atuais e suas fontes*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

_____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org.: Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1960.

JONKER, Ingrid. *Humo y ocre*. Traducción: Agustín B. Sequeros. Edición bilingüe, poesía. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2015.

KONDER, Leandro. *História das ideias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LECHERBONNIER, Bernard; BRUNEL, Pierre; RINCE, Dominique; MOATTI, Christiane. *Littérature – textes et documents. XXe. Siècle. Collection dirigée par Hemri Mitterand; avec la collaboration de Olivier Barabarant...* [et al.]. Paris: Nathan, 1994.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultriz, 2019.

LIMA, A. A. *Tristão de Athayde, teoria, crítica e história literária*. Seleção e organização de Gilberto Mendonça Teles. INL/MEC, 1980.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e vanguardas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n. 64, ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p296-309>>. Acesso: 16 jul. 2021

LIMA, Jorge de. *Melhores poemas*. Seleção de Gilberto Mendonça Teles. 3. ed. São Paulo: Global, 2006.

LIMA, Jorge de. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

LÖWY, Michael. “A contrapelo”: a concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Revista Lutas Sociais*. São Paulo, n. 25/26, 2. sem. 2010 e 1. sem. 2011.

MACEDO, Dimas. *Marxismo e crítica literária*. Florianópolis: Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, 2001.

McCANN JR, Frank D. *A Aliança Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1995.

MACHADO, Dalila. *A história esquecida de Jacinta Passos*. Salvador: EGBA, 2000.

MACHADO, Luiz Toledo. *Formação do Brasil e unidade nacional*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Difusão Cultural, 1980.

MAINGUENEAU, D. *Analisando discursos dominantes*. Revista do GELNE, v. 2, n. 2, 2000.

MALIN, Mauro. *Armênio Guedes: um comunista singular*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2018.

MARX, Karl. ENGELS, Frederich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Marcos Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 2018.

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2015.

MEIRELES, Cecília. *Poesias completas*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MENDES, Murilo. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. *A poesia em pânico*. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural Guanabara, 1937.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

MIRANDA, Luciana Lilian de. *Intelectuais e modernismo brasileiro: nos rastros do Grupo Festa, anos de 1920*. XXIX Simpósio Nacional de História: contra os preconceitos: história e democracia. Brasília/UNB, 2017.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira, vol. III: desvairismo e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes: marchas e combates*. 3.ed. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1979.

MOREIRA, Regina Luz. In: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Partido Republicano Rio-Grandense (verbete-temático). CPDOC – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>> Acesso em: 29 dez. 2020.

_____. In: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Pacto de Pedras Altas. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PACTO%20DE%20PEDRAS%20ALTAS.pdf>>. Acesso: 14 nov. 2020.

MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado. A poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2016.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 34, p. 91-115, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2223/1362>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MUZARTE, Zahidé Lupinacci. *Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, n. 11, 225-233, jan-jun, 2003. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ref/a/QFg3mNfZzjCK3B4YJSNF7vs/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 out. 2021.

NASCIMENTO, AD; HETKOWSKI, TM., orgs. *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-02.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

NATAL, Caion Meneguello. O sagrado e o profano na poesia de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n.72, jan-abr. 2019.

NERUDA, Pablo. *Canto Geral*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Círculo do Livro, 2010.

NOGUEIRA, J. C. *Heidegger ou os novos caminhos da Filosofia*. Campinas: Revista Reflexão. V.1, n. 03, set, 1976.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias: 1889-1934*. Trad. Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. [online] Lebooks Editora, 2019.

PASSOS, Jacinta. *Canção da partida*. 2 ed. Salvador: Fundação das Artes, 1990.

PEDRO, Vanessa. *A cobertura da imprensa brasileira conta a história da guerra no Século XX: o documentário e o livro-reportagem contam mais*. In: Seminário Internacional de História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, Anais, 2011.

PEGORARO, R. F.; CALDANA, R. H. L. Sobrecarga de familiares de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 3, p. 569-577, set./dez. 2006.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *Murilo Mendes: melhores poemas*. São Paulo: Editora Global, 2012.

PINHO, Adeílton Manoel. *Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. v. 1, Porto Alegre, 2008.

PLATH, S. *Ariel*. Tradução: Rodrigo Garcia Lopes, Maria Cristina Lenz Macedo. 2 ed. São Paulo: Versus Editora, 2010.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. *Suerdieck epopeia do gigante: história completa do fabricante internacionalmente famoso, que foi o maior produtor mundial de charutos feitos à mão*. Salvador: Marques Porto Comunicação, 2011.

PRESTES, Luis Carlos. *Luis Carlos Prestes*. Entrevista concedida a Edgard Carone. *Revista Novos Rumos*, Rio de Janeiro, n. 33, p.19, 1982.

PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RABELLO, Ivana Ferrante; RODRIGUES, Valéria Daiane S. Colagens poéticas: guerra e fragmentação em Drummond e Pablo Picasso. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 18, n.2, jul./dez. 2014.

REIS, Daniel Aarão. *Luis Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. *Revista Alceu*, V. 3, n.5, dez. 2002. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n5_Santiago.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. 3 ed. Barueri: Manole, 2003.

SCHMIDT, Augusto Frederico. À procura do Natal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1º Caderno, p. 10. 22 dez. 1956.

_____. *Poesia completa: 1928-1965*. Rio de Janeiro: Topbooks; Faculdade da Cidade, 1995.

SILVA, Ana Karina. *Estética da angústia: uma leitura do romance A luz no subsolo de Lúcio Cardoso*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre.

SILVA, H. *1922: sangue na areia de Copacabana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. *1926: a grande marcha*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, Roberto Gama E. *O entreguismo dos minérios: a quinta-coluna no setor mineral*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes: análise e depoimentos*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1982.

SOUZA, Auta de. *Horto*. [online] Ed. Coleção Raízes: LeBooks Editora, 2019.

SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental. 1780-1945*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

STANCIK, Marco Antonio. A ama de leite e o bebê: reflexões em torno do apagamento de uma face. *História*, São Paulo, v. 28, n. 02, (p. 659-682), jun. 2009.

STONA, José. *Semblante e a identidade de gênero: uma articulação possível?* In: GOMES, Lígia. *Sexualidades II*, Correio Appoa, n. 274, mar. 2018. Disponível em: <https://appoa.org.br/correio/imprimir/edicao=274>.

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. 2 ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Publisher Brasil, 2009.

Trabalho doméstico no Brasil. DIEESE/IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) – dados dos 4o trimestres de 2019 e 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 15 nov. 21.

TRINDADE, João. *A Coluna Prestes em Piancó*. [online]. Disponível em: <http://www.pianco.com.br/2017/01/a-coluna-prestes-em-pianco-cordel.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

VAIA, Sandro. *Armênio Guedes: sereno guerreiro da liberdade*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.

VIEIRA, Pe. António. *Os sermões do padre António Vieira*. Vol.6. Coleção Clássicos da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Montecristo. 2012.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2013.

ZOLA, Émile (1840-1902). *Eu acuso! O Processo do Capitão Dreyfus*. Org. e trad. Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2007.

P A G I N A

AS MULHERES BAIANAS E A GUERRA

Procurando ouvir o pensamento da mulher baiana sobre a guerra contra o nipo-nazi-fascismo-integralismo, a Página Feminina inicia hoje uma enquete entre elementos femininos. Fala hoje a comerciária Dolores Costa, elemento representativo de sua classe onde já se impôs pelas suas qualidades de trabalho e de inteligência. Na próxima semana falará a advogada Alda Amorim. Depois ouviremos uma artista, uma professora, uma operária, uma escritora e outros elementos.

1.º — Até que ponto, nesta guerra, se decidem os interesses vitais da mulher?

Penso não ser justificável a vida fora do sentido da comunidade. Creio que todos, homens e mulheres, deveriam unir-se, momentaneamente na hora que passa, num amplexo de confiança e compreensão recíprocas, e viverem em perfeita harmonia de pontos de vista, trabalhando como bons companheiros, pelo bem coletivo, sem preocupação de superioridade de sexo. Caso contrário, "não se alcançará nunca a plenitude de um entendimento cordial, que seria aconselhável nas relações entre homens e mulheres."

Infelizmente, o desenvolvimento desse sentimento de companheirismo tem sido bastante lento aqui no Brasil. Muitos há ainda que, afeiroados áqueles costumes passadistas, das serenatas ao luar e do amor á Pierrot, acham que os afazeres da mulher



MARIA DOLORES COSTA

os povos oprimidos do domínio de Hitler?

E' preciso, pois, que as mulheres não emudeçam ao chamado da pátria e prestem um auxílio concreto ao Brasil e a todos quantos se batem pelos princípios sagrados do Direito, da Justiça e da Liberdade.

3.º — Que pensa da participação direta do Brasil na guerra?

Sendo o Brasil, como é, um país essencialmente democrático, jamais poderia assistir, impassível, ao desenrolar dessa luta em

entre sonhos de glória e sede de justiça, deseja combater as forças nazistas, ombro a ombro com os soldados aliados. Os jovens brasileiros compreendem que, para esmagar alemães, não há fronteiras e nem distancias geográficas. Deve-se ir a qualquer parte onde estejam, para aniquilá-los totalmente.

4.º — Como deve a mulher colaborar para o esforço de guerra do Brasil?

As circunstancias o exigem. O setor de ação da mulher deve ser determinado pelas necessidades do momento. Bater-se e sacrificar-se por uma causa justa, que assegure aos homens a liberdade de escolherem o seu trabalho, de externarem os seus pensamentos, enfim, de traçarem a sua própria vida não é somente dever dos homens. As obrigações são comuns e os interesses recíprocos. Geralmente é o campo da enfermagem o preferido e o mais indicado. Mas aquelas que, por qualquer razão, não têm possibilidade de ingressar nos cursos de samaritanas, não devem ficar inertes. Qualquer trabalho é útil e de valor inestimável, quando a pátria está em perigo e reclama a abnegação e coragem de seus filhos. O que vale é o sentimento de patriotismo que a anima.

5.º — A mulher deve preparar-se logo para ocupar os lugares que ficarão vagos com a convocação em grande escala de nossos reservistas?

Esse é um problema de importância capital, presentemente. O bom andamento do trabalho nas repartições, escritórios e fábricas, é de interesse vital para o país. E' preciso que, com a convocação em massa dos nossos reservistas, o trabalho, em todos os ramos de atividade não sofra descontinuidade que venha prejudicar os tra-

ANEXO B- O Imparcial "Página Feminina", 26 de fevereiro de 1943.

que certos preconceitos... Assim se verificou antes da guerra de 14. Antes daquela época, as mulheres, quando não eram consideradas como escravas o eram como um "biscuit", uma figura de ornamentação, mas nunca como um ser que pudesse pensar e emitir as suas opiniões livremente.

tureza, um povo pacato e retraído. Nunca interferimos na politica interna de país algum. Sempre cremos mais no valor da diplomacia do que no poder das armas. Mas quando um grave perigo ameaça "o futuro de toda a espécie humana e os interesses

Amanhã um instante no tempo, em que, na terra conquistada, os homens, todos os homens, como nós, minhas puras criancinhas, receberão a vida, a vida simplesmente, como o dom supremo.

IACINTA PASSOS

O MUDO — "Charge de Nassara"



O PAPAGAIO — Vamos meu "fuehrer", algo qual-quer coisa..."

Modas Femininas
Sugestões para o
tratamento das
unhas

DE PATRACIA LINDSAY

(Copyright da "Inter-American")
Acreditamos que a maioria das mulheres americanas estão convencidas de que as unhas cuidadosamente cortadas do tamanho médio podem ajudar-nos a trabalhar com maior eficiência do que as unhas rompidas e descuidadas. E quando sabemos que um estado de mau-humor custa tão pouco, vemos que não merecemos perdê-lo as mulheres que negligenciam o tratamento de suas unhas.

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

A mão é uma estrutura complicada de vinte e sete pequenos ossos ligados por uma rede de músculos. Ela a razão porque os exercícios dos dedos e as massagens são tão importantes para a beleza das mãos.

As unhas são na realidade um espelho da saúde. As unhas finas que se quebram facilmente, denotam deficiência de cálcio. As manchas brancas indicam geralmente um temperamento nervoso. As unhas amareladas nos alertam contra má circulação do sangue. As unhas saudáveis são róseas e curvas, dotadas de um brilho natural.

Não limpe nunca as unhas com objetos de metal. Use uma escova, sabão e água.

A água quente amolece as unhas e as torna facilmente quebráveis. Não deixe suas unhas muito tempo dentro d'água e nunca passe a lima nas unhas quando estas se encontram molhadas ou úmidas.

Lime as unhas somente nas extremidades e não deixe que o corpo da lima toque na pele em torno da unha ou no canto dos dedos.

São necessários duas camadas de esmalte para dar um bom aspecto às unhas, mas só aplique a segunda camada depois que a primeira tenha secado completamente.

As unhas graciosas e bonitas aumentam muito o seu encanto pessoal. Por que, então não tratar carinhosamente delas?

espiritual e físicos da Mulher brasileira, como na solidariedade de todos os que amam o BRASIL.

elhor esp... do Com... deper... s que se... quências... herdica... espécie... ar, onde... não fal... tem por... ovalida... Solda... de reu... sadios... com a... necess... algumas... na nos... Socor... ta será... a. Os... o suces... voluntá... estuda... "ar... que vem... vel effi... elévo... parte, 12 pos... Costit... ária de... feres... correto... do, nós... natu... a com... ntes a... passo, equer... na vi... preen... ser pe... stitui... mulhe... mais... s Pu... lo, e... alhos... de e... apa... toras... Fát... giro... da, a... a ú... e...

Deseja, certamente, encontrar um caminho sem urzes para cumprir seu programa. Mas o Programa será cumprido — acrescenta ela — sejam quais forem os entraves que surgirem.

O Plano de ação fundamental urgente, consiste no recrutamento de todas as compatriotas bonicasas devendo ocorrer de logo, as que não são ainda, legionárias, para alistamento imediato

Esse é, no momento, o problema preferencial da Legião. Para sua solução ela pretende contar e de certo contará, com a boa vontade, a simpatia, a lealdade e a dedicação sem limites.

Nossa Pátria se alistou entre os grandes povos que dão combate aos inimigos da Civilização da Liberdade, da Democracia e da Fé

Só uma grande coordenação internacional de forças resolutas, convergentes, prontas a todos os sacrifícios, poderá vencer a ferocidade nazi-fascista que pretende desabar o mundo.

A ação da L. B. A. nas frentes interna e externa — será de inestimável valor, no campo que lhe fica adstrito.

Mulheres em lugar de homens

WASHINGTON — (Inter Americana) — As autoridades militares dos Estados Unidos acabam de anunciar que o Corpo Auxiliar Feminino do Exército terá atribuições em pelo menos, 23 funções que eram anteriormente exercidas por soldados.

Dentre os encargos femininos, destacam-se os de padeiras, costureiras, dactilografas, pagadoras, despachantes, motoristas de auto-caminhões e radio-telegrafistas.

Fortalecendo moral e materialmente a retaguarda, colabora, a seu modo, na luta contra o inimigo interno, embora saiba caber o seu extermínio aos poderes governamentais.

Por todos os títulos a L. B. A. é, assim também, uma organização patriótica, de trabalho, eminentemente feminina, e que não só encontrará o "caminho" nas frentes

ANEXO C- Charge de Nassara: "O mudo"


O IMPARCIAL — Sexta-feira, 26 de Fevereiro de 1943

ALJUDANDO A LEGIAO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA. ESTAIS AJUDANDO A VITORIA DAS NAÇÕES UNIDAS!

PAGINA FEMININA

DIRECCAO DE JACINTA PASSOS

AS MULHERES BAIANAS E A GUERRA



As mulheres baianas, desde o começo da guerra, têm desempenhado um papel importante na vida social e econômica do Estado. Muitas delas trabalham em fábricas, lojas e escritórios, contribuindo para o esforço de guerra. Além disso, muitas delas são mães de soldados que lutam na frente de batalha. Apesar das dificuldades, elas mantêm a moral alta e o espírito de luta sempre vivo.

O TRABALHO DAS MULHERES NA MOBILIZACAO DA RESERVA NACIONAL

As mulheres da Reserva Nacional estão desempenhando um papel fundamental no treinamento e na preparação das tropas. Elas atuam como enfermeiras, cozinheiras, enfermeiras e em outras funções essenciais para o bem-estar dos soldados. Seu trabalho é árduo e requer muita dedicação e habilidade.

Mensagem às Crianças do Mundo

Queridas crianças do mundo, a guerra é uma coisa terrível, mas não devemos nos deixar vencer pelo medo. Nós, as crianças do Brasil, estamos lutando ao lado dos nossos pais e dos nossos irmãos de outras nações. Vamos continuar lutando até a vitória final, quando todos poderão viver em paz e harmonia.

Semana de Propaganda da L. B. A. PALESTRA DA LEGIÃO Nº 101, ED. LINA SUPERVISORA DA L. B. A. R. SEMANA DE PROPAGANDA

A L. B. A. está realizando uma semana de propaganda através da palestra da Ed. Lina, supervisora da L. B. A. R. A programação inclui várias palestras e atividades para promover a causa da guerra e a importância das mulheres.

- DIA 22 — 21 Nôva Meses — Companhia da Novidade Educadora.
- DIA 23 — 21 Edna de Lima — "Nôva profª das atividades da L. B. A. na Bahia."
- DIA 24 — 21 Georgette Costa Pereira — Companhia da vida da sua infância.
- DIA 25 — 21 Eulina Chirachian — Atividades da guerra.
- DIA 26 — 21 Lourdes Alvim — Companhia da Verdadeira Beleza.
- DIA 27 — 21 Marcelina Lina Reis — Atividades da Verdadeira Beleza.
- DIA 28 — 21 Adla Sacramento — Nascimento da L. B. A. no sul do país.
- DIA 29 — 21 Rêgina Chirachian — Atividades da guerra.
- DIA 30 — 21 Edna de Lima — "Nôva profª das atividades da L. B. A. na Bahia."
- DIA 31 — 21 Georgette Costa Pereira — Companhia da vida da sua infância.

Palœstra da legião nº 101, Ed. de Lima

Uma palestra será realizada na noite desta sexta-feira, com a presença de Ed. Lina, supervisora da L. B. A. R. O tema da palestra é "A importância das mulheres na guerra". A palestra será realizada no salão da Legião nº 101, às 8 horas da noite.

Mulheres em luz de homens

As mulheres estão desempenhando um papel cada vez mais importante na sociedade. Elas não apenas trabalham fora de casa, mas também estão assumindo responsabilidades que antes eram exclusivas dos homens. Isso demonstra a força e a capacidade das mulheres em todos os aspectos da vida.

O MUNDO — "Charge de Navarra"



Uma charge satirizando a situação política e social do mundo durante a guerra. Mostra figuras representando diferentes países e grupos, com diálogos que refletem as tensões e conflitos da época.

Modas Femininas

As modas femininas estão mudando rapidamente devido à influência da guerra. As mulheres estão adotando roupas mais práticas e funcionais, mas também mantendo um toque de elegância. As tendências incluem vestidos mais curtos, mangas compridas e cores mais sóbrias.

ANEXO D- O Imparcial, "Página Feminina", 26 de fevereiro de 1943

tramento.
se e produ
foças (5
pr 16
com tel-

compreendido que não permaneceremos na defensiva. Teremos que passar à ofensiva. E nesse sentido a semana terá uma certa importância no seio da sociedade que,

podemos mesmo ser feitos nos escritórios comerciais ou alhures, em horas previamente estabelecidas, sem nenhum compromisso de remuneração para as firmas.

as mulheres brasileiras ajudem a educar o povo, ajudem a alertar a consciência brasileira ajudem a dizer a todos os brasileiros, nos lares, na rua, na imprensa, no rádio, nos comícios, ajudem a dizer que estamos em perigo e precisamos trabalhar e agir se não quisermos ser escravizados pelo tipo nazi-fascismo-integralismo

Reserva em 1943

folher com o de a menta do aos p- onsequen- os novos aceitar-se diferença de, a ati- mlisteres ermitidos

guerra, a maneira vida se ãe. O valoriza- lhor re- mas de tidados uns o- maior omísti- com os ção de , e ou- o com- es os quita- s imo- uma vida países, o exti-

deve penas deve terra, par- ca- e es- que eco- lo o ever para par- ser dxp a

Semana de Propaganda da L. B. A.

PALESTRA DA LEGIONARIA EDLA DE LIMA, SUPERVISORA DA L. B. A. NA SEMANA DE PROPAGANDA

A L. B. A. está realizando uma Semana de Propaganda através a Rádio Sociedade da Baía, diariamente, às 19,30 horas. A Semana de Propaganda está obedecendo ao seguinte programa:

- DIA 22** — 1) Sílvia Moacir — Campanha da Merenda Escolar.
2) Edite Brito — Atividades dos Postos Distritais.
- DIA 23** — 1) Edla de Lima — Visão geral das atividades da L. B. A. na Baía.
2) Georgina Costa Ferreira — Campanha da ajuda aos soldados.
- DIA 24** — 1) Eunice Cavalcanti — Atividades de costura.
2) Noemí Oliveira — Campanha das Visitadoras Sociais.
- DIA 25** — 1) Leonor Gordilho — Atividades da Cantina do Combatente.
2) Marcelina Lino Rosário — Atividades das Voluntárias de Alimentação.
3) Ada Nascimento — Movimento da L. B. A. no sul do país.
- DIA 26** — 1) Heloisa Carneiro da Rocha — Atividades de Defesa Passiva.
2) Gilda Araújo Góis — Atividades das Samaritanas Socorristas.
- DIA 27** — 1) Elvira Celestino — A L. B. A. e a Guerra
2) Jacinta Passos — Campanha de Propaganda da L. B. A.

Palestra da legionária Edla de Lima

"A Legião Brasileira de Assistência"

dejar, sendo os frutos colhidos os melhores e mais belos. As conquistas do século, nos imensos domínios do amparo social, — acham por sua vez, em

Em pouco tempo, os principais serviços da L. B. A. foram se instalando em todo o território nacional logo entrando a produzir. Mas o esforço supremo a que, sobretudo nos estarmos dedicando agora de toda a alma, com todo o coração e a inteligência feminina, é o mesmo supremo esforço da Pátria estremecida: a guerra contra os assassinos de nossos irmãos, os agressores dos fracos, os demolidores da fé cristã e da honradez dos lares, os destruidores da moral mais digna e das liberdades mais puras.

Em seus traços gerais, a organização parte de um quadro que se poderia chamar federal, abrangendo toda a mapta territorial brasileiro representando em cada Estado e em cada Município por órgãos de esfera regional e local, que seguem, rigorosamente, a mesma orientação, e cumprem as finalidades básicas, traçadas nos seus estatutos legais.

Na Baía, a L. B. A., tem na senhora Ruth Vilabolm Pinto Aleixo, digníssima esposa do exmo. sr. general interventor do Estado — uma dirigente entusiasta, dedicadíssima. Foi coincidência venturosa que uma tão brava e afeiçoada legionária se encontrasse na figura da presidente egreja da L. B. A., no Estado da Baía.

E assim, já se acham vários setores a trabalhar em suas atividades

rem todas as ajudas, melhor espontaneas do que compulsórias.

Os serviços da Cantina do Combatente constituem outro departamento de alta eficiência.

Centenas de homens que se aprestam para as consequências últimas de uma batalha heróica, acham, na Cantina, uma espécie de prolongamento do lar, onde o conforto e a estima não faltam.

O setor de Recreação, tem por fim, levar a alegria, a jovialidade, o sorriso, á alma dos Soldados do Brasil, através de reuniões, festas e espetáculos ríadios. As criaturas que enfrentam a morte a cada instante, necessitam mais que todas, de algumas horas de contentamento.

Possuímos, igualmente, as nossas valorosas Samaritanas Socorristas cuja atuação nunca será excessivamente enaltecida. Os cursos para creá-las serão sucessivos.

Não menos nobres, as Voluntárias de Alimentação, que estudaram e aprenderam em outras aulas.

O setor de Propaganda que vem desenvolvendo uma notável eficiência, merece especial relevo.

Já se acham, por sua parte, em pleno funcionamento, 12 postos distritais do setor de Costura, com distribuição diária de roupas internas e hospitalares.

Cuidaremos ainda, das corres-

O MU



O Pa

Deseja, um camil prir ser grama a centa ela entaves

O Pia urgente, to de t nistracão, as nária

Charge de Nassara



meu "fuehrer", algo qual
sa..."

Mulheres em lugar
de homens

WASHINGTON — (Inter Americana) — As autoridades militares dos Estados Unidos acabam de anunciar que o Corpo Auxiliar Feminino do Exército terá atribuições em pelo menos, 33 funções que eram anteriormente exercidas por soldados.

Dentre os encargos femininos, destacam-se os de padeiras, cozinheiras, dactilografas, pagadoras, despachantes, motoristas de auto-caminhões e radio-te-

Modas Femininas
Sugestões para o
tratamento das
unhas

DE PATRÁCIA LINDSAY

(Copyright da "Inter-Americana")
Acredito que a maioria das mulheres americanas estão convencidas de que as unhas cuidadosamente cortadas do tamanho médio podem ajudar-nos a trabalhar com maior eficiência do que as unhas rombudas e descuidadas. E quando sabemos que um estófo de manicure custa tão pouco, vemos que não merecem perdão as mulheres que negligenciam o tratamento de suas unhas

O QUE TODAS AS MULHERES
DEVEM SABER

A mão é uma estrutura complexa de vinte e sete pequenos ossos ligados por uma rede de músculos. Eis a razão porque os exercícios dos dedos e as massagens são tão importantes para a beleza das mãos.

As unhas são na realidade um espelho da saúde. As unhas finas que se quebram facilmente, denotam deficiência de cálcio. As manchas brancas indicam geralmente um temperamento nervoso. As unhas amareladas nos alertam contra má circulação do sangue. As unhas saudáveis são róseas e curvas, dotadas de um brilho natural.

Não limpe nunca as unhas com objetos de metal. Use uma escova, sabão e água.

A água quente amolece as unhas e as torna facilmente quebráveis. Não deixe suas unhas muito tempo dentro d'água e nunca passe a lima nas unhas quando estas se encontram molhadas ou úmidas.

Lime as unhas somente nas extremidades e não deixe que o corpo da lima toque na pele em torno da unha ou no canto dos dedos.

São necessários duas camadas de esmalte para dar um bom as-

DO A VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS:

FEMININA

ISSOS

NA MOBILIZAÇÃO NACIONAL Mensagem às Criações do Mundo

Criações do mundo, minhas puras criatinhas,
guardai esta mensagem,
Escondida entre os vossos brinquedos,
entre a bola, o boneco, o automóvel de corda,
entre pedacinhos de creta, o corado de pau e o barco de jornal,
crianças do mundo, guardai esta mensagem
até o dia em que vossos olhos descobrirem
que não é apenas um papel rebolado ou uma fita difícil de soletrar.

Crianças da Ásia, a vossa escrava leandrina,
que embalou o berço dos primeiros homens do mundo,
crianças da Ásia, a vossa escrava leandrina
de hoje não escreve a vossa história como um leito proibido
que os outros homens do mundo arrastam da boca dos seus filhos.
Crianças chinesas, repetidas vezes de olhos oblíquos,
na vossa história da vossa ser-
fice, impresse o heróico dos pais que vos geraram,
o heróico cotidiano da resistência
que há se tornou uma forma de vida da vossa povo, crianças da China.

Crianças da Europa,
da França, Polónia, Itália, Bélgica, Suécia,
vossas mães entregaram-se do mundo
como mulheres que se entregam com medo, sem amor,
vossas mães são escravas silenciosas, crianças da Europa.

Crianças alemãs,
fabrilizadas,
mecanizadas,
estatizadamente iguais como soldadinhos de chumbo,
que aprendem somente a obediência,
que não conhecem um brinquedo,
crianças sem infância, não são só as mesmas, crianças da Alemanha.

Crianças russas, vossas mães continuam a sofrer,
sob os pés palmam as mesmas mãos assassinas
que depredaram, como há dois mil anos, na Judéia,
centenas de cabeceiras infantis e risonhas como as vossas, crianças judias

Crianças da Rússia, a vossa misteriosa
cujo rebelde os donos do mundo ocultavam
como os antigos repletos das tesouros que os bandeirantes, doidos, buscaram,
crianças da Rússia, a vossa misteriosa
cujo espírito Stalinizado resplandecia no mundo.

Crianças nortistas das ilhas oceânicas,
vossas mães descobrem
que para além das molas onde os coqueiros se erigem, não existe apenas o mar,
vossas mães ensinam, assustadas,
as grandes aves marítimas e os monstros marinhos carregados de homens,
homens dos continentes distantes que vêm matar e morrer nas vossas ilhas oceânicas.

Crianças da África, dessa África que, no deserto e nas selvas,
luta há milhões de anos para ser, luta elementar e silenciosa
contra o sol, o vento, as donas, as feras brutas e o homem branco.

Crianças da América, como um rio nascendo de muitas águas diversas,
mestica e livre é vossa mãe
crianças da América, a mulher nova e livre
que conhece Juárez, Castro Alves, Whitman e Bolívar.

Crianças do mundo, guardai esta mensagem
para transmitir aos vossos filhos e aos filhos dos vossos filhos —
mas horas, terríveis como esta, em que a luta é maior do que a esperança.

Para além desta hora terrível,
as coisas simples e eternas permanecem,
Para além desta hora terrível,
o céu,
o fogo,
a água,
a terra, lutam,
o ar,
as alegrias elementares pelas quais os homens
permanecem.

Para além desta hora terrível,
para além das dores e dos ódios milenares,
para além de todas as coisas,
para além do bem e para além do mal,
permanece a vida, permanece.

Para além desta hora terrível,
haverá um instante no tempo
em que a vida vai recomeçar na face da terra e a terra a todos os homens,
como na primeira instante quando Deus criou.

Para além desta hora terrível,
haverá um instante no tempo
em que a palavra a moral, as leis e todas as coisas accidentais
serão inúteis para a comunidade humana
como os remédios para um organismo que recuperou a saúde.

Para além desta hora terrível,
haverá um instante no tempo
em que, na terra conquistada, os homens, todos os homens, como nós, minhas puras criatinhas,
receberão a vida, a vida simplesmente, como o Deus supremo.

JACINTA PASSOS

ANEXO F- O Imparcial, "Página Feminina", 26 de fevereiro de 1943

O BRASILEIRO DE ASSISTÊNCIA, ESTÁIS AJUDANDO A VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS!

PÁGINA FEMININA

DIREÇÃO DE JACINTA PASSOS

MULHERES E A GUERRA



POSTA
caminho de
lante-
chamado
auxílio
todos
princi-
a Jus-

entre sonhos de glória e sede de justiça, deseja combater as forças malignas, contra a sombra dos soldados aliados. Os jovens brasileiros compreendem que, para esmagar alemães, não há fronteiras e nem distâncias geográficas. Devem ir a qualquer parte onde estejam, para arqui-lá-los totalmente.

4º - Como deve a mulher colaborar para o esforço de guerra do Brasil?

Em as circunstâncias o exis-tem. O setor de ação da mulher deve ser determinado pelas ne-cessidades do momento. Inter-esse e sacrificá-la por uma causa justa, que assegure aos homens a liberdade de escolherem o seu trabalho, de estenderem os seus pensamentos, enfim, de traparem a sua própria vida não é somente dever dos homens. As obriga-ções são comuns e os interesses recíprocos. Geralmente é o cam-po a sofrerem o preferido e o mais indicado. Mas aquelas que, por qualquer razão, não têm possibilidade de ingressar nos cursos de semestres, não de-vem ficar inertes. Qualquer tra-balho é útil e de valor inestimá-vel, quando a pátria está em perigo e reclama a abnegação e coragem de seus filhos. O que

O TRABALHO DAS MULHERES NA MOBILIZAÇÃO DA RETAGUARDA NACIONAL

As Nações Unidas, nações que lutam heroicamente pela sua liberdade, resistem e lutam porque todo o povo foi mobilizado. Na China, na Inglaterra, na Rússia, nos Estados Unidos, união nacional é alguma coisa concreta, real, objetiva. União Nacional é a mobilização de todo o povo e não apenas de grupos nacionais. Não são apenas os soldados chineses, russos, ingleses, americanos que lutam. Luta o povo chinês, russo, inglês e americano. Cada cidadão, homem ou mulher, participa efetivamente, diariamente, pela ação, pelo trabalho, na união nacional para a vitória.

O caminho do Brasil é o mesmo das Nações Unidas. Para tornar a Unidade brasileira, alguma coisa real e sólida é preciso que cada brasileiro, homem ou mulher, conciente de que defende aquilo que é seu, tome um posto de combate no esforço diário de guerra. Ao governo compete orientar e decidir a ação. Mas no povo compete sugerir iniciativas, oferecer suas energias, unir e colaborar com o governo. O governo e o povo devem estar unidos. Foi assim que fizeram os grandes povos que lutam contra o nipo-nazi-fascismo.

E que tarefa cabe às mulheres nessa mobilização da retaguarda nacional?



Mensagem às Criações do Mundo

Crianças do mundo, minhas puras criancinhas, guardai esta mensagem.

Escondai entre os vossos brinquedos, entre a bola, a boneca, o automóvel de corda, entre pedaços de revista, o cano de pau e o barco de jornal, crianças do mundo, guardai esta mensagem até o dia em que vossos olhos descobrirem que não é apenas um papel rabiscado ou uma fita difícil de soletrar.

Crianças da Ásia, a velha escrava lendária, que embalou o berço dos primeiros homens do mundo, crianças da Ásia, a velha escrava lendária de cujo seio corre a riqueza como um leite precioso que os outros homens do mundo arrancam da boca dos seus filhos. Crianças chinesas, povos heróis de olhos oblíquos, na célula inicial do vosso ser

fois impregnado o heróismo dos pais que vos geraram, o heróismo celtiano da resistência que lá se tornou uma forma de vida do vosso povo, crianças da China.

Crianças da Europa, da França, Polónia, Itália, Bélgica, Suécia, todas pátrias entrepararam-se ao lutador como mulheres que se entregaram com vida, sem amor, vossos pátrias são escravos silenciosos, crianças da Europa.

Crianças alemãs, fabriladas, mecanizadas,

entramente locais como soldadinhos de chumbo, que aprendem somente a odiar, que não conhecem um brinquedo, crianças sem infância, vós não sois vós mesmas, crianças da Alemanha, crianças fúrias, vosso povo continua a sofrer, sobre vós pairam as mesmas mãos assassinas que depolaram, como há dois mil anos, na Judéia, centenas de cabeceiras infantis e risonhas como as vossas, crianças judias

Crianças da Rússia, a pátria misteriosa cujo rofeto os demos do mundo ocultaram

Anexo G- O Imparcial, Página Feminina, 26 de fevereiro de 1943.

A FEMININA

DIREÇÃO DE JACINTA PASSOS

GUERRA

de glória e sede de
de combater as fôr-
ombro a ombro com
aliados. Os jovens
aprendem que, pa-
ar alemães, não há
nem distâncias geo-
ve-se ir a qualquer
stejam, para aniqui-
mo deve a mulher
a o esforço de guer-

circunstancias o exi-
de ação da mulher
terminado pelas ne-
momento. Bater-
se por uma causa
segura aos homens
e escolherem o seu
externarem os seus
enfim, de traçarem
vida não é somen-
tomens. As obriga-
as e os interesses
talmente é o cam-
gem o preferido e
do. Mas aquelas
ser razão, não têm
de ingressar nos
eritimas, não de-
tes. Qualquer tra-
de valor inestimá-
pátria está em
na a abnegação e
us filhos. O que
mento de patrio-
sima.

lher deve prepa-
a ocupar os luga-
vagos com a con-
de escola de nos-

blema de impor-
presentemente. O
do trabalho nas
tórios e fábricas,
itel para o país,
om a convocação
casos reservistas
odos os ramos de
fra descontinua-
rejudicar os in-
s. Para evitar
qualquer desequi-
solutamente in-
as mulheres se-
cursos de pre-
stituírem os ho-
que estes forem
este não há

O TRABALHO DAS MULHERES NA MOBILIZAÇÃO DA RETAGUARDA NACIONAL

As Nações Unidas, nações que lutam heroicamente pela sua liberdade, resistem e lutam porque todo o povo foi mobilizado. Na China, na Inglaterra, na Rússia, nos Estados Unidos, união nacional é alguma coisa concreta, real, objetiva. União Nacional é a mobilização de todo o povo e não apenas de grupos nacionais. Não são apenas os soldados chineses, russos, ingleses, americanos, que lutam. Luta o povo chinês, russo, inglês e americano. Cada cidadão, homem ou mulher, participa efetivamente, diariamente, pela ação, pelo trabalho, na união nacional para a vitória.

O caminho do Brasil é o mesmo das Nações Unidas. Para tornar a Unidade brasileira, alguma coisa real e sólida é preciso que cada brasileiro, homem ou mulher, consciente de que defende aquilo que é seu tomou um posto de combate no esforço diário de guerra. Ao governo compete orientar e decidir a ação. Mas ao povo compete sugerir iniciativas, oferecer suas energias, unir e colaborar com o governo. O governo e o povo devem estar unidos. Foi assim que fizeram os grandes povos que lutam contra o nipo-nazi-fascismo.

E que tarefa cabe às mulheres nessa mobilização da retaguarda nacional?



Madame Roosevelt, grande figura feminina dos nossos tempos, mobilizando, pela palavra, o povo lanque, para a luta contra o fascismo

As mulheres brasileiras representam uma reserva poderosa de energia. Enquanto se preparam para os postos avançados de combate, para as trincheiras, para a enfermagem auxiliar das forças armadas,

Mensagem

Crianças do mundo, minhas guardai esta mensagem. Escondida entre os vossos lábios, entre a bola, a boneca, o brinquedo, guardai até o dia em que vossos olhos não é apenas um papel

Crianças da Ásia, a velha que embalou o berço dos vossos pais, a velha de cujo seio escorre a vida que os outros homens da Ásia, os vossos pais, viveram, nasceu na célula inicial do vosso povo, ficou impresso o heroísmo o heroísmo cotidiano da vida que já se tornou uma tradição. Crianças da Europa, da França, Polónia, Itália, vossas pátrias entregaram-se aos vossos pais, os vossos pais são escravos, Crianças alemãs, fabricadas, mecanizadas, exatamente iguais como as que aprendem somente a guerra, não conhecem um brinquedo sem finalidade, crianças judias, vossos pais sobre vós natam as mãos que degolaram, como as centenas de cabeças

Crianças da Rússia, a cujo roteiro os donos do mundo, como os antigos roteiros, crianças da Rússia, a cujo seio se cria a vida, Crianças nativas das ilhas, vossos olhos descobrem que para além das montanhas, vossos olhos veem as grandes aves metálicas, homens dos continentes, Crianças da África, de luta há milênios, luta contra o sol, o vento. Crianças da América, mestica e livre é vossa pátria, crianças da América, que concebeu Juarez, Crianças do mundo, para transmitir aos vossos pais, nas horas, terríveis e

Para além desta hora, as coisas simples e para além desta hora, o pão, o fogo, a água, a terra, o ar,

as circunstâncias o estí-
 motor de ação da mulher
 é determinado pelas ne-
 cessidades do momento. Ba-
 terificam-se por uma causa
 de assegurar aos homens
 de escolherem o seu
 de externarem os seus
 e, enfim, de traçarem
 a vida não é somente
 dos homens. As obriga-
 ções comuns e os interesses
 . Geralmente é o cam-
 termagem o preferido e
 indicado. Mas aquelas
 qualquer razão, não têm
 de de ingressar nos
 samaritanas, não de-
 merites. Qualquer tra-
 de e de valor inestimá-
 to a pátria está em
 sistema a abnegação e
 de seus filhos. O que
 sentimento de patrio-
 a alma.

A mulher deve prepa-
 para ocupar os luga-
 rios vagos com a con-
 grande escala de nos-
 tas?

o problema de impor-
 tal presentemente. O
 ento do trabalho nas
 escritórios e fábricas,
 se vital para o país.
 in, com a convocação
 os nossos reservistas,
 em todos os ramos di-
 o sofre discontinui-
 nha prejudicar os in-
 duais. Para evitar-
 qualquer desequilí-
 absolutamente in-
 te às mulheres se-
 dos cursos de pre-
 substituírem os ho-
 tas que antes foram
 ados, pois não há
 mulheres é que te-
 as vagas nos esta-
 Seria, portanto,
 interessante e pro-
 benos para as casas
 elas já tivessem
 práticos dos ser-
 rios em geral, tais
 nento, arquivo, fi-
 cendência, porque
 trabalho e tempo
 designados para
 conhecimentos.
 reparação deve ser
 sossos e entendidas
 uso não haja in-
 dencia mesmo ser
 glórios comerciais
 horas previamente
 ou nenhum con-
 tração para as

de que defende aquilo que o seu tom
 de que defende aquilo que o seu tom
 no esforço diário de guerra. Ao governo compete orientar e
 decidir a ação. Mas ao povo compete sugerir iniciativas,
 oferecer suas energias, unir e colaborar com o governo. O
 governo e o povo devem estar unidos. Foi assim que fizeram
 os grandes povos que lutam contra o nipo-nazi-fascismo.

E que tarefa cabe às mulheres nessa mobilização da re-
 taguarda nacional?



Madame Roosevelt, grande figu-
 ra feminina dos nossos tempos,
 mobilizando, pela palavra, o
 povo tanque, para a luta
 contra o fascismo

As mulheres brasileiras representam uma reserva pode-
 rosa de energia. Enquanto se preparam para os postos avan-
 çados de combate, para as trincheiras, para a enfermagem
 da guerra, para os serviços auxiliares das forças armadas,
 para as fábricas de armamento, é preciso que as mulheres
 brasileiras trabalhem na mobilização da retaguarda nacio-
 nal. É preciso que trabalhem todas as mulheres e não ape-
 nas grupos de mulheres. É preciso que trabalhem todas as
 mulheres convencidas de que defendem a sua terra e os
 seus filhos, a sua própria dignidade de companheira do ho-
 mem. É preciso que compreendam bem o que é União Na-
 cional e trabalhem para que seus filhos e maridos tomem
 um posto de combate nesta hora. É preciso que conheçam
 bem o que é quinta-coluna, como é organizado o seu tra-
 balho sinistro que faz descer nossa bandeira no fundo dos
 mares, que já destruiu centenas de vidas brasileiras, que
 informa ao "eixo" as notícias mais traiadoras, que se infil-
 tra em todos os lugares para sabotar, pelo boato, pelo ridi-
 culo, pelo derrotismo, toda a mobilização do povo brasileiro,
 inclusive o trabalho das próprias mulheres. É preciso que
 as mulheres brasileiras ajudem a mobilizar o povo, todo o
 povo, ajudem a alertar a consciência brasileira, ajudem a
 dizer a todos os brasileiros, nos lares, na rua, na imprensa,
 no rádio, nos comícios, ajudem a dizer que estamos em pe-
 rigo e precisamos trabalhar e agir se não queremos ser es-
 tralizados pelo nipo-nazi-fascismo-interraliema

o heróismo
 que já se te
 Crianças da
 da França
 como milh
 vossas pátri
 Crianças ab
 fabricadas
 mecanizada
 exatamente
 que acent
 que não os
 crianças
 crianças t
 sobre vós
 que deoob
 centenas

Crianças
 cujo rote
 como os
 crianças
 cujo seg
 Crianças
 vossos ol
 que part
 vossos ol
 as grand
 homens
 Crianças
 luta há
 contra o
 Crianças
 mestica
 crianças
 que con
 Crianças
 para tra
 nas hor

Para al
 as cous
 Para al
 o não,
 o fogo,
 a água,
 a terra
 o ar.
 as aleg
 perman
 Para a
 para a
 para t
 para t
 perma
 Para
 hassen
 em a
 como
 Para
 haver
 em a
 serão
 como
 Para
 haver
 em e
 receb

Depósito Catedral

Rua Carlos Gomes, 3-A
FONE: 5364
N. 286 (P.)

Para o Carnaval

O FOTO-PAX, á praça da Sé, n. 7, 1.º andar, previne aos publicos que a honra com as suas preferencias, que se acha aparelhado para a entrega de retratos coloridos e artisticos, durante os tres dias do Carnaval, com a devida reducao de preços.

ALERTA FOLIOES!

Alerta folioes,

A ROYAL FOTO, á Misericórdia 5, em frente ao Forum, estara aberta dia e noite, nos tres dias do Carnaval, com grande reducao de preços.

Todos a ROYAL FOTO para guardar uma lembranca do Carnaval.

N. 273 (10 v.)

Asas para alagar Banco de Administracao

SECCOES NA REDUZIDOS DE PRECO COM O DECRETO-LEI FEDERAL N. 4.638 DE 20 DE ABRIL DE 1932

RUEIRAS DA CIDADE, n. 7, rua dos Ocos, n. 27, loja 6, rua Visconde da Pedra 1 (Baixa do Bonfim), dunga 390,00; rua da Alegria do Casvel, n. 30, \$250,00; Portas de n. 31, grande sobrado para etc., \$450,00; rua Visconde Beral (Amaral) para venda \$600; rua Nilo Pecanha (Bom da Calçada) loja de bondes, oradia e negocio, \$200,00; Al-Currais (Barbalho), perto do Normal portão 44, casa 1, Avenida Caires (Politeama) casinhas, cada uma, \$58,00; Espino (José Visco, linha C - Brotas - Piangueiras), n. 95; Avenida Colgate (Porto 10), casinhas, cada uma, \$ARA COMERCIO: rua Silva (Taboão), n. 56, grande pa-térreo com portas de aço

IAS INDUSTRIAL FABRILADORA LTD.

Fabrica de vassouras e do Norte do país. - "FRAS FIEL". - Rua Vitorino, 49 - Fone Cza. Postal 566 - End. lico: "Fibrasil" - Baia. 156-(30v.)

MULHERES INGLESAS TRABALHANDO NO ESFORÇO DE GUERRA

O recente registo na Grã-Bretanha de todas as mulheres para os serviços da nação e a noticia da formacao de um Exército Operário Feminino de duas fileiras, para trabalhar nas colheitas no outono e nas fabricas no inverno, voltando ás lavouras na primavera, focaliza mais uma vez o magnifico esforço de guerra da Mulher Britanica. O fato da Grã-Bretanha convocar mulheres para as forças é exemplo frisante da Mobilização TOTAL que se realizou na Frente Interna Britanica.

O Ato do Parlamento que autorizou esta convocação entrou em vigor em Março de 1941, mas a corrida para o alistamento voluntário foi tão grande que não houve chamada até Dezembro de 1941. Outrossim, existe ainda um Exército Feminino do Solo de mais de 30.000 recrutadas. Esta é uma das tarefas mais penosas. As mulheres trabalham em serviços de tempo inteiro nas lavouras, aumentando assim a produção de mantimentos para a pátria e poupando precioso espaço na marinha mercante.

Além dessas tarefas, há um imenso exército de 1.020.000 mulheres ocupada nos Serviços Voluntários Femininos. Competentes tomarem conta das cantinas de emergência para fornecimento de alimentos durante os ataques aéreos, encarregarem-se dos fornecimentos de roupas para as vítimas de bombardeio, e do alojamento dos que ficam sem lar, etc. É somente por causa desta esplêndida mobilização na Frente Interna para a guerra total, que a produção aérea britanica ignora o ultrapressa da Alemanha e que o total de sua produção de armamento se aproxima á do Reich. Outra nota interessante do esforço de guerra das Mulheres Britanicas é o tributo que lhes é prestado pelos homens das fabricas britanicas em toda parte pelo seu elevado moral e sua concentracao absoluta em alcançar a vitória. Referindo-se ás mulheres com obrigacoes casieras que fazem trabalho de meio-tempo nas fabricas, um gerente disse ultimamente: "Estas mulheres casadas são extraordinarias. Não é pelo dinheiro que elas trabalham, porque esse é bem pouco. É por lealdade e puro patriotismo." Num fabrica da costa do nordeste da Inglaterra, mulheres trabalham hoje em usinas de ferro e aço e também como estivadoras. Seus capatazes dizem que elas são tão efficientes quanto os homens. No condado de Lancashire elas hoje trabalham na su-

perficie das minas de carvão em vez dos homens.

Já em Junho de 1942 7.500.000 mulheres estavam desempenhando serviços de tempo completo em algum ramo do esforço nacional. Esta cifra não incluye aquelas que servem no Exército, na Marinha, na RAAF, ou no Exército do Solo (trabalhadoras da terra), e tampouco abrange as que trabalham nos Serviços Voluntários Femininos. Destas 7.500.000 que trabalham nas indústrias, bem mais de um e meio milhão até Julho de 1942 tinham sido aproveitadas na Produção de Munições e Avioes e outras semelhantes produções essenciais de guerra. Além deste estupendo esforço na industria, grandes levadas alistaram-se nas três armas do Exército. No Exército, as mulheres trabalham em mais de 50 officios, incluindo estafetas, motoristas de caminhões, manejo de telémetros de artilharia, rádio-localização de aviação e nas provas de novos tipos de munições. Até servem junto aos artilheiros dos canhões anti-aéreos nos postos de tiro em plena operação. Na Marinha Real alistaram-se 23.000 mulheres, o bastante para substituírem o número de marinheiros necessários para tripular 8 ou 10 encouraçados. O número

de mulheres na WAAF (Co-Auxiliar Feminino da Força Aerea) é mantido em segredo, eleva-se a muitas centenas milhares, todas elas recrutadas luntárias. Estas WAAFs fazem serviços de mecanicos de avião, armadores, meteorologos, marceneiros de bombas e operarias de balões de barragem, etc.

A Baía por dent

Recebemos a seguinte carta de "SANTO INACIO, 3 de fevereiro de 1943. - Timó, sr. Editor do "O IMPARCIAL" Baía. - Teitor assíduo e respeitadissimo do seu app. Jornal, venho pelas colunas mesmo levar ao conhecimento exmo. sr. generel Inte Renato Aleixo, o que se passou no termo da administração do feito deste município de Inácio, capitão da Polícia Lau Reis de Souza.

Autoridade judiciaria: mente este Termo está sofrendo a falta desta autoridade, por imposição do prefeito no governo obrigou que aquela autoridade se ausentasse do Termo visto não ter querido e que aquela autoridade se desretiva, o subornasse, a paralização até o momento feitos judiciarios deste plo, com manifesto prepartes, pois os habitantes prospero municipio, e se privados de solicitar dências ao poder Judicial Termo; das injustiças mente cometidas pelo prefeito.

Administração desastrosa da renda do município excedido consideravelmente esta orçada com a gdução de cristal de y mesma criminosamente em cousas inúteis com relatar: Cêrca de criminosos empregados em materia para a instalação pública e particular da cidade e apesar dação festiva da Inácio continua as as máquinas antes de uso, tornaram-se como mara irremediável os técnicos que nas imprestáveis e no Brasil peças que necessitam para o memento.

A construção do municipal ultimamente localizada numa cidade, antiga residência dos meus dignos p

BOM NEGÓCIO

"Vende-se um prédio, local comercial Barão de Cotegipe n.º 9. Tratar na mesma Rua n.º 267 com Leal, pela manhã ás 8 horas, ás 12, e ás 18 horas em diante.

N.º 311

GRANDE BALAO

O Balalo em beneficio dos Festejos de N. S. dos Navegantes, a correr com os três finais da Loteria Federal do dia 27 de Fevereiro, por força maior será transferido para o dia 31 de Março de 1943.

N.º .

ENTRE AMIGOS

Em vista de estar a data do sorteio marcada para o dia 28 de Fevereiro de 1943, por erro de imprensa e não ter sido possível avisar a todos os possuidores dos coupons, fica o mesmo transferido para o dia 15 de Março do corrente ano.

N... (2 v.)

Informações gerais



Anexo L- O Imparcial, Página Feminina, 5 de março de 1943.

...tudo, toda estérco e um, ter-
 mente quando prestado com de-
 dicação, interesse, e patriotismo.
 Não está a lição que nos tem
 dando a mulher inglesa, ameri-
 cana da norte, russa e chinesa?

V — Necessariamente, se bem
 a isso que chamamos colaboração
 com a constituição íntima a fi-
 delidade, contribuindo na medida do pos-
 sível.

Se, no tempo de sua vida, a
 mulher é considerada como o homem
 das responsabilidades, não há a que
 se queira, por uma vida de serviço patri-
 ótico, em outras palavras, de abnega-
 ção, entregando a vida de modo
 ao serviço da Pátria, e não a si mesma.
 A mulher da Pátria, como a
 mulher brasileira, não se preocupa
 com a sua vida, mas com a do Brasil,
 e não com a sua vida, com dis-
 tinto do seu.

L. B. A.
OLIVEIRA

corajosamente à tarefa de
 lutar e socorrer aos pais des-
 tidos, mulher e filhos do campo.

Quando a família dos recursos
 não pelo trabalho do chefe,
 foi chamada de filhas, seria
 humilhação que estender a mão
 à vida pública, nem sempre
 se não compare com o
 de a pátria da Leslie Bristle
 de Aristocrata.

...tudo da vida e para a pessoa
 maior dificuldade do que era
 para a família. Além
 do material, ou seja, a
 aquisição de víveres, fornece a
 roupa, assistência médica,
 e remédios. Ainda os
 para a Pátria. Coloca-se
 em em casos de caridade,
 as empresas remuneradas
 os rapazes e raparigas.

...a esse obra é realizada com
 um de bondade e tolerân-
 cia humilhação para o so-
 ciedade, antes como estímulo, em
 que o resultado dessa jami-
 naria humanitária depende pre-
 sente de dedicação da vi-
 da, de sua contribuição va-
 defesa da pátria.

...tanto o irmão ou o noivo se
 e vestindo a farda do nos-
 tro exército, para servir
 em um setor, ela, e mu-
 lher, igualmente cónsua
 responsabilidade, traba-
 lha no campo, em prol do



...as mulheres levam a todos os centros de produção ou de defesa
 das Nações Unidas, sua ajuda material nos campos que exerce-
 ram o mais poderoso grupo de bandidos da história. Em grande parte, a
 humanidade deve à mulher britânica, russa, chinesa, norte-americana ou
 jugoslava, a resistência de seus países ao assalto brutal dos nazi-ale-
 maneses, resistência que torna possível, hoje o desencadear da ofen-
 siva geral que nos conduzirá à vitória. Na gravura acima vemos, no alto,
 uma ex-jogadora de polo, de Londres, mobilizada para o serviço de liga-
 ção do Almirantado Britânico. Exímia amazona em tempo de paz, ela se
 transformou em motociclista para as tarefas de guerra. Em baixo, uma
 mulher do Exército Territorial Inglês transportando pesado volume de
 munição de boca para os homens de guarda nos postos de defesa da
 grande capital.

(NOTAVEL CRITICA)
LIVRO "A BATALHA"

A marcha desta noite
 é das nossas noções de
 vel e do impossível. N
 nove por cento dos per-
 fizes, consideram uma
 ofensiva russa; e ela se
 há pouco tempo ainda
 pensava numa invasão
 do ocidente da Europa.
 tazio?

É atualmente — no
 esta guerra — a primeira
 reação que se faz. Te-
 ra da sorte da França,
 nha, da Itália, da I
 Holanda, do Escandina-
 vianismo, como também
 de milhões de europeus.
 Tratava-se verdade-
 mente de criar um
 frente, isto é, de pô-
 um dia de serviço pa-
 trótico, toda a vida
 Ocidental, ocupada t
 nha, partindo do Orie-
 téria anglo-americana
 em face, após um
 que

Or e dezembro
 a — considerado co-
 mais difícil operação.
 A defesa da costa é a
 fácil. Os defensores
 que a defesa da lin-
 deira para a zona
 flutuante de costa
 de que a d
 para o assessor l
 ou o mais comp
 nção. Ela deve le
 terra, apolando-se
 for, o que vem do

Frequentemente
 trágica experiência
 los em 1915. Lemb
 que durrite a gue
 nha, os franquistas
 ram efetuar a desc
 rio republicano. E
 só foi possível na
 vassão alemã graç
 fraqueza e falta d
 defesas norueguesas.

Entretanto, esse
 longe estão de exp
 tão fundamental,
 que, considerado
 isolada, é difícil
 Mas a invasão da
 e pelo ocidente t
 concebida como o
 A Alemanha pod

Senheritas e senhoras
 Os novos cremes e tónicos para a

Anexo O - O Imparcial, 5 de março de 1943.

depende pre-
ação da vi-
tribuição va-
ria.

o o noivo se-
arda do nos-
para servir
r, ela, a mu-
ente cõnsa-
dade, traba-
em prol do

são pouco
ivamente es-
das visita-
os. Continua
tarido. Ao
a convidar
er parte da
que tãdas,
am o Brasil
rir, que é a
e da liber-
grupos, cada
nte, alistar-
ão Brasilei-
que esse ba-
legionárias
ça, por ou-
do, distribu-
famílias dos

seleiras!
mo pa-
mulheres
sia, In-
Unidos
cia das
ade do

leiras!
uarda
a - 5.^a
nazi-
eno.

uma ex-jogadora de polo, de Londres, mobilizada para o serviço de liga-
ção do Almirantado Britânico. Exímia amazona em tempo de paz, ela se
transformou em motociclista para as tarefas de guerra. Em baixo, uma
mulher do Exército Territorial Inglês transportando pesado volume de
munição de boca para os homens de guarda nos postos de defesa da
grande capital

Senheritas e senhoras

Os novos cremes e tônicos para a
pele YAZÉ do laboratório T. B. conser-
vam a maciez e tiram as rugas de seu
rosto.

SEJA BELA Os olhos belos tor- nam as mulheres mais fascinantes

Por PATRICIA LINDSAY
(Copyright da INTER-AME-
RICANA)

Os olhos bonitos tornam as mu-
lheres mais fascinantes, porque
dão maior expressão à beleza femi-
nina. São mais sutis e mais
eloquentes do que as palavras.
Refletem os sentimentos da pes-
soa com maior intensidade do
que qualquer modulação de voz.
Os olhos espilham o temperamen-
to de cada pessoa, porque nos
mostram o nosso interlocutor e
expansivo ou reservado, se está
alegre ou triste. Essa é a opinião
de Miss Irene Wecker, a famosa
Rainha do Rádio, a jovem fasci-
nante e atraente que tem pro-
porcionado momentos de alegria
a milhões de crianças, nos últi-
mos anos.

Os olhos de miss Wicker refle-
tem sua versatilidade e são seu
mais valioso capital na sua tarefa
de criar um mundo maravilhoso
para a criança americana.

"Sempre que narro uma histó-
ria", — disse miss Wecker —
"observo que meus jovens ouvintes

mantêm-se presos a meus
olhos. Pois, dramatizar uma histó-
ria, significa vivê-la, e, incons-
cientemente, os olhos registram
todos os detalhes da emoção."

A jovem e encantadora Rainha
do Rádio, cuja arte lhe conquista-
rou mais de 10 prêmios, e a in-
clusão no "Who's Who", vela car-
inhosamente para que seus olhos
se conservem sempre formosos.

"Uma simples escova pode dar às
suas sobrancelhas um aspecto
gracioso mais eficientemente do
que as pinças usadas para extrair
os cabelos. Não se deve nunca
desviar a curva natural das so-
brancelhas. Deve-se, apenas, sa-
lutar sua beleza com um lápis,
acentuando levemente as sombras
e aumentando seu comprimento."

Afim de conservar seus olhos
brilhantes, miss Wicker os banha
diariamente com uma solução de
ácido bórico e água morna. Quan-
do toma banho de sol, protege-os
com óculos pretos ou uma peque-
na almofada de algodão embabi-
chada em água fria. Se os olhos es-
tão fatigados, miss Wicker faz
uma rápida massagem com al-
godão embebido numa solução de
ácido bórico.

Dessa forma, os olhos são con-
servados sempre limpos e for-
mosos, dando um vigor novo a
beleza feminina.

vasso acen-
fraqueza e fr-
defesas noru

Entretanto,
longe estão de
tão fundamen-
que, consider-
islada. é d
Mas a invest-
e pelo ocide-
concebida cor-
A Alemanha
a costa euro-
Atenas; mas
com tal ext-
Acrescenta-se
ta: mediterr-
parte da Itá-
fortificadas.
Unidas com
terraneo e
das bases na
Europa Mer-
menos á sua
as costas a-
mais da Eur-
defendidas;
ela o está

A DEFESA

A defesa
vasio depen-
ropa, isto é
mã. As
exército ate-
e empenha-
e Ca a di-
mais de enf-
mano-fas-
fiel é a su-
ta, tanto m-
dessa cos-
oingo amer-
Os alem-
escastres
grad. F
por mês
Verdun d

Quando
exército
manha
Europa.
servas d
minuem
norte e

UMA FRENTE INTERNA, SOLIDA E CONFIANTE!

FEMININA

DIREÇÃO DE JACINTA PASSOS

ALHER PARA

VARSOVIA

A madrugada tristonha rompera...
Soldados repunham as armas nos ombros,
Varsóvia agora não era,
mais que ruído e escombros.
Milhares de mortos, feridos,
cobriam a grande Trincheira
e os tanques dos inimigos,
dominavam a cidade inteira.
Hitler, canibal faminto,
a minha cidade assolara,
aqui um arranco, um grito,
infâmia, injustiças, clamara!

Com o peito sangrando,
fitei a terrível matança,
a boca de sangue amargando,
gritei: Vingança, Vingança.

Porém uma voz escutei,
uma voz que profetizava:

"A vingança tarda mas chega
era o que alguém murmurava.
Há de levantar-se um povo
de homens valentes e fortes
vindo de um campo novo
vingar cada uma das mortes.
Homens, mulheres, crianças,
lutarão por tua terra.
Eles gritarão vingança,
exterminando para sempre a fera.
Deixa-lhes a nobre luta,
a luta pelo teu povo,
deixa-lhes a grande disputa,
Eles te darão um solo novo.
Ninguém ousará teu solo pisar,
o solo do teu heróico povo,
dos seus campos, trigos vão brotar,
liberdade eterna de novo..."

MIRA YUCHT

IMPOSSIVEL A INVASÃO DA
EUROPA?

Anexo Q. O Imparcial, Página Feminina, 5 de março de 1943.

AJUDAI A LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA, GARANTIA DE UMA FRENTE INTERNA, SOLIDA E CONFIANTE

PÁGINA FEMININA

DIREÇÃO DE JACINTA PASS

As Mulheres Baianas e a Guerra FALA A ADVOGADA ALDA AMORIM

A Página Feminina, continuando na sua programação de maior e mais interessante de mulher baiana sobre a guerra, apresenta Alda Amorim, advogada, falando sobre a contribuição das mulheres baianas para a guerra.

- PREGUNTAS:**
- 1 — Até que ponto, neste guerra, se decidem as vitórias das mulheres?
 - 2 — Até que a mulher deve ser considerada, no campo, indistintamente, com o homem?
 - 3 — Que forma de participação dá a mulher na guerra?
 - 4 — Como deve a mulher trabalhar para o esforço de guerra do Brasil?
 - 5 — A mulher deve trabalhar no front para ocupar os lugares que foram ocupados por homens em virtude da mobilização em virtude da guerra?

RESPOSTAS:

1 — A guerra atual, com o seu caráter de guerra e militar, oferece oportunidade para a mulher trabalhar para a vitória e a liberdade do Brasil, com a mobilização da mulher para a guerra e a participação da mulher na guerra. Participando, em virtude da mobilização e no âmbito das atividades civis e militares, as mulheres baianas, com a sua participação na guerra, contribuem para a vitória e a liberdade do Brasil.

2 — Em geral, a mulher deve ser considerada, no campo, indistintamente, com o homem, em virtude da mobilização e do caráter de guerra e militar da guerra atual.

3 — A mulher deve trabalhar no front para ocupar os lugares que foram ocupados por homens em virtude da mobilização em virtude da guerra.



Em a guerra atual, com o seu caráter de guerra e militar, oferece oportunidade para a mulher trabalhar para a vitória e a liberdade do Brasil, com a mobilização da mulher para a guerra e a participação da mulher na guerra.

1 — Até que ponto, neste guerra, se decidem as vitórias das mulheres?

2 — Até que a mulher deve ser considerada, no campo, indistintamente, com o homem?

A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER PARA A VITÓRIA



A mulher baiana, com o seu caráter de guerra e militar, oferece oportunidade para a mulher trabalhar para a vitória e a liberdade do Brasil, com a mobilização da mulher para a guerra e a participação da mulher na guerra.

VARSOVIA

A mulher baiana, com o seu caráter de guerra e militar, oferece oportunidade para a mulher trabalhar para a vitória e a liberdade do Brasil, com a mobilização da mulher para a guerra e a participação da mulher na guerra.



Por MAX WERNI

É possível a invasão da Europa? A mulher baiana, com o seu caráter de guerra e militar, oferece oportunidade para a mulher trabalhar para a vitória e a liberdade do Brasil, com a mobilização da mulher para a guerra e a participação da mulher na guerra.

Semana de Propaganda da L. B. A.
DIRETORA DA LEGIÃO NOEMIA OLIVEIRA

Anexo S. O Imparcial, Página Feminina, 05 de março de 1943

... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...

... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...

... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...
 ... a União Nacional para a Vitória do Brasil. O curso...

CURIOSIDADES

Você sabia que...

... a agricultura constitui o modo de vida de 75% da população do Índia?
 ... o recorde mundial de distância em 100 de planador pertence a aviador russo Olga Klenkova, que voou instantaneamente 465 milhas e meia, isto é, pouco menos de 863 quilômetros?
 ... em algumas escolas da Suíça, existe o ensino obrigatório do andar, pois desde cedo, segundo a escola pedagógica suíça, constitui um excelente exercício para o cérebro?
 ... a Rússia, criou a sua produção canheira de menos de trinta milhões de toneladas, em 1913, para mais de 140 milhões, em 1940?

CARNAVAL

Um povo surgiu, surgiu não sei donde, dançando, cantando, um povo surgiu.
 "Você me conhece?" Não conhece não.
 E o seu se perde na multidão.
 Eu sou a Bala,
 o Brasil nasce aqui,
 "Viva o Rio Branco!" hoje é seu dia.
 Chora a menina,
 com mágoa do mundo,
 "Lá sem o coração"
 Bate o batique
 e o batique bate.
 Negro preto,
 ch'ô do bote,
 bate o batique
 e o batique bate.
 Negro é rei
 no carnaval,
 tem manto, tem mitra
 e o chapéu de sol
 é pália real!
 Gritos humanos, interjeições,
 lança-perfume, desejo sem rumo, grito, com gosto de mar,
 um cheiro forte de fadas as roupas,
 vibram no ar,
 Uma massa humana,
 todas as cores,
 todos os poros,
 todas as classes,
 em confusão.
 De que sub-voce trompeu, informe, a nuq,
 essa nova realidade sem nome que dança na rua?
 A rua Chile?
 a rua graxina,
 cadê os donos da rua-dalá?
 — A madame ultra-chic que tem três amantes.
 — O burguês graúdo,
 os copabundos elegantes,
 — Os literatos de academia,
 carro oficial,
 rodas de porca de confeitaria
 que resolvem o momento internacional
 Cadê a gente de todo dia,
 cadê os donos da rua-salão?
 Passa uma "dama" de setim vermelho
 que mora dos lados do Pão-Queimado.
 Ondas humanas que vão e que vêm,
 ritmo de samba até no andar.
 Um honro estrangeiro que samba também.
 "Olha a mulata de seu Manoel Português".
 Passa no carro gorda, imponente,
 com um chaparinho de chitão.
 Bloco do Chamo-Chamo. O bonde vem cheio. O doutor da Vitória quer tomar.
 "Segue o bonde, não hi mais lugar",
 "Você me conhece?" "Não conhece não".
 E o seu se perde na multidão.
 Um povo surgiu, surgiu não sei donde
 dançando, cantando, um povo surgiu.
 Os homens do mundo estão no meu sangue
 No meu sangue,
 as raças,
 os poros,
 diluam-se.
 Eu sou a raça cósmica.
 Eu sou a Bala,
 o Brasil nasce aqui.

JACINTA PASSOS Mar. 1942.

Modas Femininas



A moda feminina também sofre a influência da guerra. A vestimenta da mulher que trabalha e luta ao lado dos homens na terra atual, vai se tornando mais simples, apesar de conservar as linhas elegantes, vai se tornando mais adequada às suas novas atividades. O clichê reproduz no modelo feminino usado por uma americana. O tipo de vestimenta sugere o patriotismo da jovem elegante da Norte América.

Anexo U. O Imparcial, Página Feminina, 12 de março de 1943.

Na guerra atual de todos os povos livres contra o nipo-nazi-fascismo, há muitas formas de lutar pela liberdade do mundo. A palavra escrita é uma arma poderosa de combate. Essa tem sido a arma de Dorothy Tompson, a grande escritora norte-americana que presta um serviço inestimável á causa das Nações Unidas, orientando com a sua palavra clara, segura, com a sua visão nítida e compreensiva dos acontecimentos, um numeroso público internacional.

MULHERES BAIANAS! AJUDAI O ESFORÇO DE GUERRA DO BRASIL, INSCREVENDO-SE NO CURSO DE MONITORAS AGRÍCOLAS

A Legião Brasileira de Assistência continua realizando o seu programa de trabalhar para a Vitória do Brasil. O curso de Monitoras Agrícolas que vai ser iniciado no Campo Experimental de Ondina e no Aviário da Granja Santa Cruz é uma grande ajuda á batalha da produção. Produzir o máximo — eis o lema que a guerra impõe a todos os brasileiros que desejam um Brasil independente e livre. As mulheres baianas, demonstrando praticamente o seu patriotismo, vão colaborar para a solução do problema da produção brasileira. Tôdas as mulheres que se inscreverem no Curso para Monitoras Agrícolas, cujas matrículas estão abertas de 12 a 25 de Março corrente, no Gabinete Português de Leitura, das 9 1/2 ás 13 1/2, estão participando realmente, efetivamente pelo trabalho diário, na União Nacional para a Vitória do Brasil.

Ajudai a Legião Brasileira de Assistência, Fator da Unidade Nacional

PAGINA FEMININA

DIREÇÃO DE JACINTA VARGAS

Aqui Passaram os Nazi-Fascistas...



Foto americana de um soldado alemão que caminha sobre as cinzas de um campo de batalha destruído durante a guerra.

Semana de Propaganda da L. B. A.

Trabalho da pedestra da Legião Brasileira de Assistência

Fausto Cavalcanti
Uma coisa se ficou ouvindo nos corredores e salas de aula e também nos salões e nos jardins das escolas: "Trabalho da pedestra da Legião Brasileira de Assistência".
Foi no dia 19 de março que se realizou a primeira semana de propaganda da L. B. A. em São Paulo. A iniciativa foi do Departamento de Educação e Cultura do Estado de São Paulo, sob a direção de Fausto Cavalcanti.

Para trabalhar
Londres ... 100
Paris ... 100
Berlim ... 100
Washington ... 100
Moscou ... 100
Nova York ... 100
São Paulo ... 100
Rio de Janeiro ... 100
Belo Horizonte ... 100
Porto Alegre ... 100
Recife ... 100
Salvador ... 100
Vitória ... 100
Brasília ... 100
Goiânia ... 100
Foz de Iguaçu ... 100
Manaus ... 100
Natal ... 100
Porto Velho ... 100
Roraima ... 100
Teresopolis ... 100
Vilhavelândia ... 100

Para trabalhar
Londres ... 100
Paris ... 100
Berlim ... 100
Washington ... 100
Moscou ... 100
Nova York ... 100
São Paulo ... 100
Rio de Janeiro ... 100
Belo Horizonte ... 100
Porto Alegre ... 100
Recife ... 100
Salvador ... 100
Vitória ... 100
Brasília ... 100
Goiânia ... 100
Foz de Iguaçu ... 100
Manaus ... 100
Natal ... 100
Porto Velho ... 100
Roraima ... 100
Teresopolis ... 100
Vilhavelândia ... 100

Para trabalhar
Londres ... 100
Paris ... 100
Berlim ... 100
Washington ... 100
Moscou ... 100
Nova York ... 100
São Paulo ... 100
Rio de Janeiro ... 100
Belo Horizonte ... 100
Porto Alegre ... 100
Recife ... 100
Salvador ... 100
Vitória ... 100
Brasília ... 100
Goiânia ... 100
Foz de Iguaçu ... 100
Manaus ... 100
Natal ... 100
Porto Velho ... 100
Roraima ... 100
Teresopolis ... 100
Vilhavelândia ... 100

Obreiras da Vitória



As operárias da fábrica de produtos químicos em Vitória, Espírito Santo, trabalhando em suas máquinas.

As operárias da fábrica de produtos químicos em Vitória, Espírito Santo, trabalhando em suas máquinas. A imagem mostra um grupo de mulheres vestidas com roupas simples, algumas segurando ferramentas ou peças de trabalho. O ambiente parece ser uma oficina ou fábrica com máquinas e equipamentos visíveis ao fundo.

Anexo W. O Imparcial, Página Feminina, 19 de março de 1943.

a-
A.
ária

Obreiras da Vitória



Neste grupo de operárias, na ocasião de mostrarem seus cartões de identificação à entrada de uma fábrica de aeroplanos, nos Estados Unidos, vêem-se quasi tanto mulheres quanto homens. Miss Bobby Frase, que está passando pelo portão, bem caracteriza a mulher que agora se dedica ao trabalho de guerra.

s menores
informe a
dos mes-
das Le-
toras que
tentar es-
ros da Le-

Legio-
sem ces-
crianças
teiramen-
enham o
que pos-
dos filhos,
is dessas
estrutur de-
se que a
seu lar.
ção for-
necessá-
feridos.
ência. A
a dar as-
reção. a
em tó-
des.
sugestões
costuras
momen-

seiro lu-
antidade
res que
pcuran-
e cá-
tal en-
timento
e médi-
entarão
vando
o do da
alar de
cia pa-

meios
empre-
so sen-
tais as
saída-
spitais.
ões e
nos
im de
traba-
a que
e não
pode-

Dos lares, escolas e colégios e da indústria civil, nos Estados Unidos, o elemento feminino está afluindo aos milhões, para os labores bélicos de que o país necessita. Nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições, a mulher se encontra atualmente como diligente operária, trabalhando em máquinas rebitando, soldando e inspecionando as armas destinadas às tropas nas cidades como nos campos. Nos serviços de transportes e comunicações, assim como em hospitais, na defesa civil, na administração federal e estadual e nas próprias forças armadas, a mulher está assumindo encargos de responsabilidade.

Hoje, mais de 3.500.000 mulheres trabalham nas fábricas que fazem tanques, aviões, canhões, granadas e suprem os estaleiros que constroem navios de guerra para as Nações Unidas. Ao fim de 1943, mais de um quinto dos 36.000.000 de operários que agora trabalham nas indústrias de guerra — ou sejam 6.500.000, aproximadamente — serão mulheres que de "overalls" e gorros protetores, irão impulsionar a produção bélica.

guerra encontram na mulher uma auxiliar excelente para qualquer trabalho, exceto aqueles que demandam grande força física. A operária é ágil especialmente em trabalhos leves, mas que exigem precisão de movimentos e aguda observação.

Quanto ao trabalho de máquina, não é necessário muito tempo para instruir eficientemente qual quer operária, em seu manejo. Nas fábricas de aviões mulheres estão construindo seções de asas, fuselagens, montando trens de aterrissagem, e fábricas de munições, trabalham como rebitadoras e soldadoras.

Em algumas indústrias, 75 por cento do trabalho é feito por operárias. Em um caso realizado no país, verificou-se que das 623 ocupações mecânicas, apenas 97 eram completamente impróprias para mulheres.

Em engenharia, algumas mulheres têm alcançado lugares de grande profeção. Uma se destaca como desenhista de destróieres para a marinha dos Estados Unidos. Outra desenha aviões. Um das mais hábeis pilotos de prova é uma mulher, assim como é ainda outra mulher, de 28 anos de idade, que se tem especializa-

do em estabelecer rotas de vôo. Também feminino, para serviço ativo nas linhas da retaguarda. No exército e armada, o serviço de mensageiros, telefonistas e radio-telegrafistas, motoristas de caminhões e outros afazeres nas repartições militares, estão sendo confiados a mulheres. Cada uma delas, nesses postos, representa um homem a mais que pode incorporar-se às forças combatentes.

Quanto à defesa civil, há corpos auxiliares femininos para atender ao serviço de bombeiros, policiamento e de vigias contra assaltos aéreos.

Muitas mulheres dirigem ambulâncias e têm se preparado para as emergências dos primeiros socorros. Tanto na Cruz Vermelha, como no Serviço Voluntário de Mulheres Americanas, Liga Feminina de Segurança Nacional e outras organizações cívicas, as voluntárias alistam-se para o serviço permanente ou operas para parte do tempo.

Trabalham como enfermeiras, motoristas, secretárias e auxiliares. Em algumas dessas organizações, as voluntárias devem ser boas condutoras e saber dirigir caminhões de 712 toneladas. Uma delas incorporada, recebeu o primeiro prêmio militar de

repa-
L. B. A.

Obreiras da Vitória

legionária
nti

e os filhos menores
ocados conforme a
tamanho dos mes-
indicação das Le-
Visitadoras, que
derão orientar es-
os serviços da Le-

s demais Legio-
balham sem ces-
que as crianças
s verdadeiramen-
adas, tenham o
amparo que pos-
s próprios filhos,
os pais dessas
ssam partir des-
ertos de que a
á pelo seu lar.
tais, serão for-
oupas necessá-
rto dos feridos,
emergência. A
ha para dar as-
ndo preciso, a
leiros, em tô-
ualidades.

is as sugestões
o das costuras
as no momen-

primeiro lu-



Neste grupo de operários, na ocasião de mostrarem seus cartões de identificação à entrada de uma fábrica de aeroplanos, nos Estados Unidos, vêem-se quasi tanto mulheres quanto homens. Miss Bobby Frase, que está passando pelo portão, bem caracteriza a mulher que agora se dedica ao trabalho de guerra.

Dos lares, escolas e colégios e da guerra encontram na mulher uma lidar, também feminino, para ser-
indústria civil nos Estados Uni quellas excelentes para qualquer



Neste grupo de operários, na ocasião de mostrarem seus cartões de identificação à entrada de uma fábrica de aeroplanos, nos Estados Unidos, vêem-se quasi tanto mulheres quanto homens. Miss Bobby Frase, que está passando pelo portão, bem caracteriza a mulher que agora se dedica ao trabalho de guerra.

Dos lares, escolas e colégios e da indústria civil, nos Estados Unidos, o elemento feminino está afluindo aos milhões, para os labores bélicos de que o país necessita. Nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições, a mulher se encontra atualmente como diligente operária, trabalhando em máquinas rebitando, soldando e inspecionando as armas destinadas às tropas nas cidades como nos campos. Nos serviços de transportes e comunicações, assim como em hospitais, na defesa civil, na administração federal e estadual e nas próprias forças armadas, a mulher está assumindo encargos de responsabilidade.

Hoje, mais de 3.500.000 mulheres trabalham nas fábricas que fazem tanques, aviões, canhões, granadas e suprem os estaleiros

guerra encontram na mulher uma auxiliar excelente para qualquer trabalho, exceto aqueles que demandam grande força física. A operária é útil especialmente em trabalhos leves, mas que exigem precisão de movimentos e aguda observação.

Quanto ao trabalho de máquina, não é necessário muito tempo para instruir eficientemente qualquer operária, em seu manejo. Nas fábricas de aviões, mulheres estão construindo secções de asas, fuselagens, montando trens de aterrissagem e fábricas de munições, trabalham como rebitadoras e soldadoras.

Em algumas indústrias, 75 por cento do trabalho é feito por operárias. Em um censo realizado no país, verificou-se que das 623 ocupações mecânicas, apenas 57 eram completamente impróprias para mulheres.

Em engenharia, algumas mu-

liar, também feminino, para se viço ativo nas linhas da retaguarda. No exército e armada, o serviço de mensageiros, telefonistas e radio-telegrafistas, motoristas de caminhões e outros afazeres nas repartições militares, e sendo confiados a mulheres, da uma delas, nesses postos, apresenta um homem a mais pode incorporar-se às forças batentes.

Quanto à defesa civil, há postos auxiliares femininos atender ao serviço de bom policiamento e de vigias assaltos aéreos.

Muitas mulheres dirigem lanchias e têm se preparado as emergências dos primeiros socorros. Tanto na Cruz Vermelha como no Serviço Voluntário das Mulheres Americanas, a menina de Segurança Nacional e outras organizações com

Anexo Z. O Imparcial, Página Feminina, 19 de março de 1943.

sia, desde os jardins da Noruega até os campos da Grécia, desde os templos da Índia até os templos da Itália infelicitada, se repetem cenas como esta fixada pelo fotógrafo do "Life", na frente leste da guerra: mães que, nos braços do velho espóso, soluçam pelos filhos que os assassinos nazi-fascistas mataram para saciar a sua insaciável sede de sangue e de crimes.

Mas o pranto das mães não ficará sem vingança. Os exércitos das Nações Unidas e dos povos livres limparão a uni-verso da degradante presença do nazi-fascismo e das suas quintas-colunas. E jamais cenas como esta, de tanta dor, se repetirão no mundo libertado!

doras que, desempenhando a sua missão abnegada, irão de porta em porta visitar os lares daqueles que forem chamados para o cumprimento do seu dever.

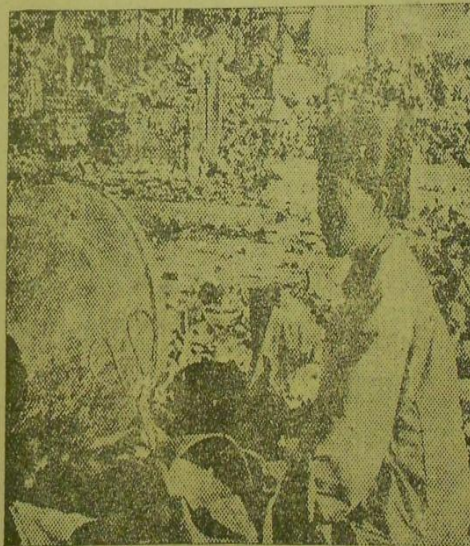
Serão distribuídas as rou-

A Primeira Frente da Democracia: a China

por MADAME CHIANG-KAISHEK

Uma antiga lenda chinesa conta que o rio Amarelo que nasce na remota Sinkiang, entra pela terra quando chega ao misterioso lago Lobnor. Depois de atravessar desconhecidos canais subterrâneos, reaparece como o poderoso rio Amarelo, que depois de passar pelo Norte da China desemboca no oceano.

Durante a quarta década do século XI, os ferozes Tanguts arrazaram a parte noroeste da China. Nas cercanias de Tunhuang, havia um convento budista com uma valiosa biblioteca. Os Tunguts não respeitavam o saber ou a palavra escrita, mas os monges-budistas ficaram satisfeitos com a morte se pudessem preservar os ensinamentos da sua época para as gerações futuras. Desta maneira foi cavada uma pequena gruta na rocha das cavernas conhecidas como "Tumbas dos Mil Budas", e a biblioteca da escola foi ali encerrada. Em seguida a gruta foi fechada e recomposta a parede para esconder o local. Todos os monges devem ter morrido guardando o segredo, pois a biblioteca só foi descoberta em 1900. Vieram, então, à luz documentos escritos entre o ano de



ESTA MULHER chinesa, no meio das ruínas do seu lar, bem sabe a significação das conquistas japonesas e da "nova ordem" que eles pretendem impôr a ferro e fogo a todos os povos, não somente da

Ásia como da Oceania

bito ocidental tanto em pensamento como em costumes. Levamos livros atrasados, escrevemos

Esperamos ter uma organização que evitará as calamidades que sempre surgem no este dos

er empregada na província de Kiangsi, mas logo que os jornais começaram a explicar seus objetivos, propagou-se rapidamente por todo o país.

Durante vários anos, grupos de abnegados têm estado educando, calma e eficientemente, milhares de homens e mulheres nas ciências, nas artes e nos trabalhos manuais do mundo ocidental.

A China tem lutado e tem contado com o apoio de povos amigos. Mas, tudo de que dispomos é pouco ainda para a vitória. Precisamos de contar com o auxílio contínuo dos verdadeiros amigos da democracia e da liberdade. A nossa luta é a luta por estas duas coisas.

Militarmente temos nos mantido na luta e dela não desertaremos. Com superioridade de armamento e de equipamento, o inimigo pode vencer batalhas, mas cada dia aumentarão as suas linhas de comunicações, enquanto nós, se tivermos munições e armas, poderemos ir envolvendo seus exércitos para destruir a força inimiga e desfechar-lhes o golpe final.

O nosso sofrimento tem beneficiado milhões de pessoas em ou-

PÁGINA FEMININA

Náufragos As Mulheres Conquistam a Vitória

O "Alfonso Pena" foi mais uma vítima brasileira do fascismo. Não foi a primeira, nem será a última. Centenas de vidas brasileiras jazem no fundo do mar. Crianças, mulheres e homens, irmãos nossos, sofreram as mais horríveis torturas, lutaram contra a água, peixe, fome, frio, os ferimentos, o náuseo, o cansaço, o pavor da morte e dos monstros fascistas. Mulheres brasileiras ultrajadas, feridas, exangues, preferiram a morte à escravidão fascista. Esse gesto heroico e definitivo é um grito de guerra para os brasileiros e para as brasileiras. Como continuaremos nós em nossas cômodas posições quando matam brasileiras e uma ameaça de escravidão paira sobre o Brasil inteiro? Não temos o direito de possuir aquilo que não defendemos. Se o Brasil é nosso, se é de todos os homens e mulheres brasileiras, se é de todo o povo, todo o povo deve lutar, diariamente, pelo trabalho, pela ação organizada, para a destruição do fascismo.

Tudo o povo, unido ao governo, deve participar realmente no esforço de guerra, deve lutar na frente interna contra a quinta-coluna e na frente externa, na 2ª frente que extinguirá o nazi-fascismo-integralismo da face da terra.

Palestra radiofônica de Jacinta Passos na Semana de Propaganda da Legião Brasileira de Assistência

A semana das atividades da Legião Brasileira de Assistência, a partir desta sexta-feira, foi marcada em grande parte através da propaganda organizada de Dr. Góes de Sá, a direção de Propaganda da Legião Brasileira de Assistência, por que se realizou no sábado e no domingo, a semana de propaganda quando aconteceu a palestra a qual teve como

o tema "Como lutar contra o fascismo". A palestra foi dada por Jacinta Passos, a qual falou sobre a importância da propaganda e da organização da Legião Brasileira de Assistência, e sobre a necessidade de se lutar contra o fascismo em todas as frentes.

As mulheres, em todos os países livres do mundo, pelo trabalho diário, pela participação real no esforço de guerra, conquistam a Vitória contra o fascismo. As mulheres sabem que na "Nova Ordem", tirania universal de um povo, a sua posição é ser escrava dos homens. Na própria Alemanha e nos países dominados, a experiência da mulher tem sido a mais dolorosa. Mas com esta experiência ela tem, hoje, a certeza de que o fascismo é o seu maior inimigo e por isso luta contra ele, com todas as suas energias femininas.

BRASIL

ESTADOS UNIDOS



As mulheres tanques participam ativamente na lista do seu povo para defender a liberdade dos povos. Shirley Ingalls e Martha Potter verificam as condições meteorológicas antes de pilotarem o seu avião-escola. Mulheres pilotos estão participando do patrulhamento aéreo a cargo da aviação militar e naval. As mulheres tanques estão portanto lutando pelos supremos ideais da América, esse Novo Mundo "cujo trilho Colombo abriu nos mares como um iris no pélogo profundo".

RUSSIA

Anexo A 2. O Imparcial, Página Feminina, 26 de março de 1943.

FEMININA

DIREÇÃO DE IACINTA PASSOS

Estam a Vitória

ndo, pelo trabalho diário, pe-
um a Vitória contra o fascis-
cia universal de um povo,
a Alemanha e nos países
ris dolorosa. Mas com esta
mo é o seu maior inimigo e
femininas.

DOS UNIDOS



ques participam ativamente na lista
defender a liberdade dos povos. Shir-
Artha Potter verificam as condições
antes de pilotarem o seu avião-escola.
estão participando do patrulhamen-
da aviação militar e naval. As mu-
estão portanto lutando pelos supre-
macia, esse Novo Mundo "cujo trilho
nos mares como um iris no pélagos



AS MULHERES BAIANAS E A GUERRA

FALA A PROFESSORA LIGIA LEMOS

A "Página Feminina", procura-
ndo ouvir o pensamento da
mulher baiana sobre a guerra,
está entrevistando mulheres de
todas as classes e profissões. Já
falaram uma comerciante e uma
advogada. Hoje fala uma profes-
sora, Ligia Lemos, elemento mul-
to conhecido e admirado em
nosso meio educacional pela sua
capacidade de educadora compe-
tente e esclarecida.

— 1.º — Até que ponto, nesta
guerra, se decidem os interesses
vitalis da mulher?

Até o ponto em que nela se de-
cidem os interesses vitais da hu-
manidade. Para a mulher, como
para o homem, esta guerra vai
solucionar velhos problemas, en-
tre outros, o problema da dis-
tribuição das riquezas e o pro-
blema da liberdade que são, em
resumo, o problema da vida.

Em relação ao homem, no que
diz respeito a direitos, a mulher,
estando em situação inferior, es-
perará conquistar os direitos que
sempre lhe foram negados. Será
uma conquista justa, porque a
mulher dela será merecedora pe-
los sacrifícios que está a fazer no
altar da Vitória: o sacrifício do
seu trabalho, do seu sangue e do
sangue dos seus filhos, o sacrifi-
cio da vida enfim.

Se esta guerra não é simples-
mente uma guerra de interesses;
se é uma guerra de idéias se
houver depois dela uma revisão
profunda nas leis que regem os
povos; a mulher poderá ver re-
solvidos problemas de interesse
vital para ela. A mulher reivin-
dicará o direito ao pão para os
seus filhos, e para ela o direito
de vê-los crescer como seres hu-
manos e não como feras treina-
das para a matança; o direito de
ver no amor um motivo de fel-
icidade, e na família um dever
para com a sociedade, que per-
mitiu a sua constituição e manu-
tenção.

Se esta guerra for a guerra que
nós esperamos que ela seja, não
será mais possível que um Adolfo
Hitler reuna mulheres em reba-
nho, nos campos de repouso, e
lhes ordene que grem soldados
para a próxima guerra. O exter-
mínio do nazismo é de interesse
vital para a mulher, porque



PROFESSORA LIGIA LEMOS

do escravo que chegou a tal con-
dição porque sentiu mádo e não
lutou.

Se a Polónia vencida merece
respeito, é porque, mesmo fraca,
não cedeu e resistiu aos bárba-
ros que a assaltaram, e lutou até
cair exangue, e ainda continua a
lutar com as armas dos vencidos.

O povo brasileiro não pode ser
espectador numa luta em que o
seu destino está em jogo, tanto
quanto o destino do povo inglês
ou do povo russo.

— 4.º — Como deve a mulher
colaborar para o esforço de guer-
ra do Brasil?

Em primeiro lugar deve orga-
nizar-se. A mulher brasileira não
tem nenhuma experiência do tra-
balho feminino de guerra. Sem
direção, ela quasi nada poderá
fazer de útil. Dentro de uma or-
ganização, todo esforço será apro-
veitado, cada mulher realizará
o trabalho para o qual estiver
preparada e tudo marchará com
regularidade, acôrto e eficiência.

A Legião Brasileira de Assis-
tência é a organização que di-
rige, no Brasil, o esforço da guer-
ra das mulheres. Toda mulher
conciente deve ser um membro
ativo da L. B. A.

A mulher deve prestar a sua
colaboração nos seguintes

Anexo A 3. O Imparcial, Página Feminina, 26 de março de 1943.

...va, tende a crescer e se expandir. O trabalho de propaganda deve consistir apenas em ajudar esse crescimento natural. É um trabalho de alimentar um organismo em crescimento. Para realizar essa tarefa, como deve agir a propaganda? Fazendo participar nas atividades da Legião um número cada vez maior de mulheres brasileiras. O meio para conseguir isso, é tornar conhecida a Legião. É divulgar pela imprensa, rádio, cartazes, folhetos, conversas, por todos os instrumentos de publicidade, os movimentos da Legião. É dizer às mulheres, e todas as mulheres, sem distinção de cor e condição social, que precisam lutar pela sua própria dignidade de mulheres, contra o fascismo, e que a Legião Brasileira de Assistência é um meio de luta organizada. A propaganda, para ser eficiente, precisa dizer exatamente o grau de desenvolvimento da Legião. Nem mais, nem menos. A propagandista que acompanha o rumo das atividades da Legião, vê que um grande esforço já foi realizado mas que ainda muito resta a fazer. Para integrar a Legião no esforço de guerra do Brasil, é necessário que, ao lado desse trabalho de propaganda que aumente o número de legionárias militantes, novos setores comecem a funcionar. E comecem imediatamente, porque o tempo não espera e o Brasil está ameaçado. O trabalho de auxílio às famílias dos convocados é uma obra imensa e que vai apresentando problemas urgentes pedindo solução. Problemas de conhecimento das condições reais da família do convocado. É a tarefa da Visitadora Social. Problemas de reajustamento econômico por meio de empregos para pessoas da família do convocado. Problemas educacionais e morais

...o serviço de Propaganda, não basta saber escrever. É preciso a propagandista acompanhar os trabalhos, estar presente em tudo que for realizado para conhecer, realmente, o que existe e depois divulgar. O trabalho de Propaganda feito em casa, longe do movimento concreto da Legião, será sempre, por mais bem imaginado que seja, um trabalho irreal, morto, sem vida. Todos nós sabemos, falamos e ouvimos falar da batalha de Stalingrado, a cidade heróica da Rússia Soviética, cujo povo resistiu contra o invasor com uma bravura que jamais a História do mundo conheceu. Nós sabemos que os ... 500.000 habitantes de Stalingrado lutaram em plena rua, fizeram de cada edifício uma fortaleza, transformaram os escombros e as ruínas em esconderijos para as armas, lutaram corpo a corpo, sofreram terrivelmente e venceram. Nós sabemos tudo isso. Mas poderemos descrever exatamente o que se passou como pode alguém que assistiu esta tragédia gloriosa? Não, nós não vimos as cabeças decepadas, os gritos de horror, o sangue escorrendo, os corpos apodrecendo.

Para conhecer e divulgar os serviços da Legião, as propagandistas devem estar presentes, assistindo e participando. Para esse serviço, a L. B. A. convida todas as mulheres conscientes de que necessitam lutar, luta pela sua terra e seus filhos, pela sua própria dignidade de companheira do homem. Luta nos lares, na rua, na imprensa, no rádio, nos comícios, em toda parte, para que os brasileiros não sejam escravizados pelo nipo-nazi-fascismo-integralismo.

Bala - 27 - 2 - 43.

MULHERES
BRASILEIRAS

As mu
das, pe
Exércit
Serviço
comun
C H

Essas
nand
ataq
Kun
Chia
dern
res
viag
a C
nipo
A

Anexo A 5- O Imparcial, Página Feminina, 26 de março de 1943

física agressores, uma vez vencidos, pelos estabelecimentos universitários de todos os países do mundo, e, se possível, até mesmo pelos estabelecimentos de instrução secundária. A finalidade de sua experiência de de n co e não pel con com for a es o criti mti Dest- tódar s de

SC

1/n il da ba sa ur ao ea de sa-

passado. CC a um pouco mais de prática poderão auxiliar eficientemente o trabalho nos estúbulos, nas hortas, nos aviários e nos demais serviços das fazendas.



PHYLLIS DAMON, de 22 anos, de Nova York, faz a continência militar, com um sorriso, depois de alistar-se como oficial do Corpo Auxiliar do Exército. Antes, ela era ajudante de enfermeira num hospital, e provavelmente continuará em idêntico trabalho no Exército

Anexo A 6. *O Imparcial*, Página Feminina, 09 de julho de 1943.